



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO**  
**INSTITUTO DE CULTURA E ARTE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**  
**MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**SUEWELLYN CASSIMIRO SALES**

**MULHERES NEGRAS EM JORNAIS:**  
**UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DOS PERIÓDICOS O POVO**  
**E DIÁRIO DO NORDESTE (2003 A 2020 EM FORTALEZA-CE)**

**FORTALEZA**

**2023**

SUEWELLYN CASSIMIRO SALES

MULHERES NEGRAS EM JORNAIS:  
UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DOS PERIÓDICOS O POVO  
E DIÁRIO DO NORDESTE (2003 A 2020 EM FORTALEZA-CE)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestra em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Práticas Socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas  
Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

S155m Sales, Suelly Cassimiro.

Mulheres negras em jornais : uma análise interseccional dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste (2003 a 2020 em Fortaleza-CE) / Suelly Cassimiro Sales. – 2023.  
314 f. : il. color.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Instituto de cultura e Arte, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Fortaleza, 2023.

Orientação: Profª. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima.

1. Narrativas jornalísticas. 2. O Povo. 3. Diário do Nordeste. 4. Imagens de controle. 5. Mulheres negras. I. Título.

CDD 302.23

---

SUEWELLYN CASSIMIRO SALES

MULHERES NEGRAS EM JORNAIS:  
UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL DOS PERIÓDICOS O POVO  
E DIÁRIO DO NORDESTE (2003 A 2020 EM FORTALEZA-CE)

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação do Instituto de Cultura e Arte, da Universidade Federal do Ceará, como requisito para obtenção do Título de Mestra em Comunicação.

Área de concentração: Mídia e Práticas Socioculturais.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima.

Aprovada em: 08/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

---

Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Profa. Dra. Fernanda Ariane Silva Carrera (Membra externa)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

---

Profa. Dra. Juliana Fernandes Teixeira (Membra interna)  
Universidade Federal do Piauí (UFPI)

A todas as mulheres negras, ancestrais e contemporâneas.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Agradeço a minha mãe Céu Cassimiro e minha esposa Viviana Mesquita, pelo apoio emocional e financeiro, pois, sem elas, não seria possível dar continuidade aos estudos. Aqui, agradeço ainda a minha avó Inêz Liberato, ao meu pai Anselmo Braga, a minha irmã Ana Beatriz Cassimiro, ao meu irmão Anselmo Júnior, a minha cunhada Estephane Melo e às primas Nathália Rodrigues, Karen Liberato e Kátilen Liberato pela compreensão de minhas ausências em datas especiais e pelo constante incentivo para escrever e finalizar a dissertação.

A minha orientadora, professora Maria Érica, pela disponibilidade em me orientar na temática da representação midiática de mulheres negras, pelas dicas valiosas e pelo estímulo permanente a contribuir para os estudos em comunicação. Ademais, agradeço às membras da minha banca, as professoras Fernanda Carrera e Juliana Teixeira, que se disponibilizaram a trazer contribuições também imprescindíveis para o andamento deste estudo.

Às amigas Patrícia Nunes, Natalia Magalhães, Tamara Lopes, Alice Andrade, Polita Sousa, Stela Queiroz, Elisabeth Barbosa, Ana Lucas, Marciley Maia e Evelyn Ferreira por serem mulheres incríveis e diversas que, mesmo chegando em minha vida em momentos diferentes, me marcaram, inspiram e alegram.

Aos amigos Antonino Condorelli, Antonio José Sarubby, Ricardo Guilherme, Abner Moabe, Rogério Maia, Thiago Rocha, Leandro Bulhões, José Silas, Ravij Castro e Jonas Guedes pelo carinho e cuidado.

A Alexandrina Oliveira, Secretária do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM/UFC), pelo profissionalismo e por apontar caminhos durante a minha caminhada de mestranda, colaborando para o sucesso dessa missão.

Às bibliotecárias e aos bibliotecários da Biblioteca Estadual do Ceará (BECE) e do SESC Fortaleza, assim como do SESC Natal e da Biblioteca Orlando Teixeira da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA) em Mossoró, no Rio Grande do Norte (RN), que me acolheram e orientaram em seus ambientes de trabalho.

A Elza Soares, que musicalmente me acompanhou e me acompanhará sempre.

“A moça, que me ensinou a ler, me ensinou outras coisas, mas nunca me perguntou nada sobre o tempo antes de eu chegar ali. Eu tinha um desejo enorme de falar de minha terra, de minha casa primeira, de meus pais, de minha família, de minha vida e nunca pude”

(Evaristo, 2020, p. 47)

## RESUMO

Os jornais, junto a instituições dominantes como Escola, Estado e Igreja, têm o poder de definir valores sociais e influenciar ideias, inclusive sobre a condição das mulheres negras (Collins, 2019). A partir dessa reflexão, o objetivo geral deste trabalho é estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, objetos desta pesquisa, principais veículos de comunicação e periódicos de maior circulação da cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Os objetivos específicos são: 1. Identificar Imagens de Controle – *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; jezebel, prostituta ou *hoochie*; *mammy* moderna; e *pretty baby* (Collins, 2019; Bueno, 2020) – e opressões interseccionais; 2. Identificar novas categorias; e 3. Interpretar o *corpus*, textos do O Povo e do Diário do Nordeste, com assinatura da redação, de 2003 a 2020, resultado da pesquisa exploratória com os descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca de seus respectivos portais. As metodologias aplicadas são as da Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977) e da Roleta Interseccional, de Fernanda Carrera (2021). Adoto ainda a noção de escrevivência de Conceição Evaristo (2008), compreendendo que é possível me inserir no texto, mesclando experiências de vida com acontecimentos sociais. O aporte teórico aciona pensadoras feministas negras, a partir de Lélia Gonzalez (1984), Djamila Ribeiro (2017, 2019), Patricia Hill Collins (2019), Winnie Bueno (2020) e Carla Akotirene (2021), recorrendo sobretudo às noções de Imagens de Controle, interseccionalidade e lugar de fala. Como resultados, identifiquei no *corpus*: todas as Imagens de Controle, com recorrência predominante da dama negra, da matriarca e da *mammy*, nesta sequência; a reprodução das opressões interseccionais do classismo, racismo, sexismo e xenofobia, nesta ordem; duas novas categorias: hastes iluminadas e opressões interseccionais, pensadas a partir da Roleta Interseccional; a ausência da iluminação das hastes de deficiência e peso; a confirmação das hipóteses, que dialogam com a identificação das Imagens de Controle predominantes; e linearidade no discurso sobre mulheres negras, que reiteradamente nos representa como pessoas pobres, exploradas – Imagens de Controle da matriarca e da *mammy* – ou como mulheres que estão em constante, porém lento avanço social, a partir de um discurso de superação – imagem de controle da dama negra. Considero, por fim, que os objetos de pesquisa, nas narrativas jornalísticas do *corpus*, pouco contribuíram para a superação das desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras e reproduziram conteúdos negativos a nosso respeito.

**Palavras-chave:** narrativas jornalísticas; O Povo; Diário do Nordeste; imagens de controle; mulheres negras.

## RESUMEN

Los periódicos, junto con las instituciones dominantes como la Escuela, el Estado y la Iglesia, tienen el poder de definir los valores sociales e influir en las ideas, incluida la condición de las mujeres negras (Collins, 2019). A partir de esta reflexión, el objetivo general de este trabajo es estudiar cómo son representadas las mujeres negras en los periódicos *O Povo* y *Diário do Nordeste*, objetos de esta investigación, principales medios de comunicación y publicaciones periódicas de mayor circulación en la ciudad de Fortaleza, capital de Ceará. Los objetivos específicos son: 1. Identificar Imágenes de Control - *mammy*; matriarca; madre dependiente del Estado; reina del bienestar; dama negra; jezebel, prostituta o *hoochie*; *mammy* moderna; y *pretty baby* (Collins, 2019; Bueno, 2020) – y opresiones interseccionales; 2. Identificar nuevas categorías; y 3. Interpretar el *corpus*, textos de *O Povo* y *Diário do Nordeste*, firmados por la redacción, de 2003 a 2020, resultado de una investigación exploratoria utilizando los descriptores “*mulher negra*” y “*mulheres negras*” en las herramientas de búsqueda de sus respectivos portales. Las metodologías aplicadas son el Análisis de Contenido de Laurence Bardin (1977) y la Ruleta Interseccional de Fernanda Carrera (2021). También adopto la noción de *escrevivência* de Conceição Evaristo (2008), ya que me doy cuenta de que es posible insertarme en el texto, mezclando experiencias de vida con acontecimientos sociales. El marco teórico se basa en pensadoras feministas negras como Lélia Gonzalez (1984), Djamila Ribeiro (2017, 2019), Patricia Hill Collins (2019), Winnie Bueno (2020) y Carla Akotirene (2021), utilizando las nociones de Imágenes de Control, interseccionalidad y *lugar de fala*. Como resultado, identifiqué en el *corpus*: todas las Imágenes de Control, con una recurrencia predominante de la dama negra, la matriarca y la *mammy*, en esta secuencia; la reproducción de las opresiones interseccionales del clasismo, el racismo, el sexismo y la xenofobia, en este orden; dos nuevas categorías: *hastes iluminadas* y opresiones interseccionales, pensadas a partir de la Ruleta Interseccional; la ausencia de iluminación de los tallos de la discapacidad y del peso; la confirmación de las hipótesis, que dialogan con la identificación de las Imágenes de Control predominantes; y la linealidad en el discurso sobre las mujeres negras, que nos representa repetidamente como personas pobres y explotadas – Imágenes de Control de la matriarca y la *mammy* – o como mujeres que avanzan socialmente de forma constante pero lenta, a partir de un discurso de superación – imagen de control de la dama negra. Por último, creo que los objetos de investigación de las narrativas periodísticas del *corpus* contribuyeron poco a la superación de las desigualdades a las que nos enfrentamos las mujeres negras y reprodujeron contenidos negativos sobre nosotras.

**Palabras clave:** narrativas periodísticas; *O Povo*; *Diário do Nordeste*; imágenes de control; mujeres negras.

## ABSTRACT

Newspapers, along with dominant institutions such as School, the State and the Church, have the power to define social values and influence ideas, including the status of black women (Collins, 2019). Based on this reflection, the general objective of this work is to study how black women are represented in the newspapers *O Povo* and *Diário do Nordeste*, the objects of this research, the main media outlets and most widely circulated periodicals in the city of Fortaleza, capital of Ceará. The specific objectives are: 1. To identify Controlling Images – mammy; matriarch; mother dependent on the state; welfare queen; black lady; jezebel, prostitute or hoochie; modern mammy; and pretty baby (Collins, 2019; Bueno, 2020) – and intersectional oppressions; 2. Identify new categories; and 3. Interpret the *corpus*, texts from *O Povo* and *Diário do Nordeste*, signed by the editorial staff, from 2003 to 2020, the result of exploratory research with the descriptors “*mulher negra*” and “*mulheres negras*” in the search tools of their respective portals. The methodologies applied are Content Analysis by Laurence Bardin (1977) and Intersectional Roulette by Fernanda Carrera (2021). I also adopt Conceição Evaristo’s (2008) notion of *escrevivência* as a way of inserting myself into the text, mixing life experiences with social events. The theoretical framework draws on black feminist thinkers such as Lélia Gonzalez (1984), Djamila Ribeiro (2017, 2019), Patricia Hill Collins (2019), Winnie Bueno (2020) and Carla Akotirene (2021), using the notions of Controlling Images, intersectionality and *lugar de fala*. As a result, I identified in the *corpus*: all the images of control, with a predominant recurrence of the black lady, the matriarch and the mammy, in this sequence; the reproduction of the intersectional oppressions of classism, racism, sexism and xenophobia, in this order; two new categories: *hastes iluminadas* and intersectional oppressions, thought up from the Intersectional Roulette; the absence of illumination of the disability and weight stems; confirmation of the hypotheses, which dialogue with the identification of the predominant images of control; and linearity in the discourse on black women, which repeatedly represents us as poor, exploited people – Controlling Images of the matriarch and mammy – or as women who are constantly but slowly advancing socially, from a discourse of overcoming – controlling image of the black lady. Finally, I believe that the objects of research, in the journalistic narratives of the *corpus*, contributed little to overcoming the inequalities faced by black women and reproduced negative content about us.

**Keywords:** journalistic narratives; *O Povo*; *Diário do Nordeste*; controlling images; black women.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Lélia Gonzalez, intelectual e ativista negra brasileira.....	31
Figura 2 – Roleta Interseccional como proposta metodológica para estudos em Comunicação .....	98
Figura 3 – <i>Print</i> do Texto 1 no site do DN.....	109
Figura 4 – Dorte Verner, economista do Banco Mundial.....	110
Figura 5 – <i>Trendy green</i> (verde moderno, em tradução livre) – cor resultado do Texto 1 .....	115
Figura 6 – <i>Print</i> do Texto 4 no site do DN.....	119
Figura 7 – <i>Shadow</i> (sombra, em tradução livre) – cor resultado do Texto 4 .....	125
Figura 8 – Representação do sertão nordestino no jogo <i>Árida</i> .....	129
Figura 9 – <i>Print</i> do Texto 11 no site do DN.....	130
Figura 10 – Cícera, a personagem negra protagonista de <i>Árida</i> .....	131
Figura 11 – <i>Tuscany</i> (toscana, em tradução livre) – cor resultado do Texto 11.....	133
Figura 12 – <i>Print</i> do Texto 1 no site do OP .....	137
Figura 13 – Kamilah Brock, bancária norte-americana que teve carro de luxo apreendido e foi internada em hospital psiquiátrico pela polícia de Nova Iorque.....	138
Figura 14 – <i>Fruit salad</i> (salada de frutas, em tradução livre) – cor resultado do Texto 1 .....	141
Figura 15 – <i>Print</i> do Texto 2 no site do OP .....	144
Figura 16 – <i>Domino</i> (dominó, em tradução livre) – cor resultado do Texto 2.....	146
Figura 17 – <i>Print</i> do Texto 7 no site do OP .....	150

Figura 18 – “Elegerei o próximo presidente do Brasil”: imagem de executiva canadense é indevidamente utilizada como personagem em campanha eleitoral bolsonarista.....	151
Figura 19 – <i>Avocado</i> (abacate, em tradução livre) – cor resultado do Texto 7.....	154

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Padrões de beleza segundo a lógica do binarismo.....	59
Quadro 2 – <i>Corpus</i> Diário do Nordeste – apenas títulos assinados pela empresa .....	92
Quadro 3 – <i>Corpus</i> O Povo – apenas títulos assinados pela empresa .....	93
Quadro 4 – Diário da coleta de dados do <i>corpus</i> .....	94
Quadro 5 – Resultado final: hastes iluminadas, opressões interseccionais identificadas e Imagens de Controle reproduzidas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste .....	102
Quadro 6 – Opressões interseccionais por recorrência.....	104
Quadro 7 – Análise percentual das Imagens de Controle.....	104
Quadro 8 – Análise percentual de hastes iluminadas .....	105
Quadro 9 – Análise percentual de opressões interseccionais .....	106
Quadro 10 – Texto 1 - Diário do Nordeste.....	108
Quadro 11 – Cores de opressão identificadas no Texto 1 do DN .....	114
Quadro 12 – Texto 4 - Diário do Nordeste.....	117
Quadro 13 – Cores de opressão identificadas no Texto 4 .....	124
Quadro 14 – Texto 11 - Diário do Nordeste.....	128
Quadro 15 – Cores de opressão identificadas no Texto 11 .....	132
Quadro 16 – Texto 1 - O Povo .....	136
Quadro 17 – Cores de opressão identificadas no Texto 1 do OP .....	141
Quadro 18 – Texto 2 - O Povo .....	143
Quadro 19 – Cores de opressão identificadas no Texto 2 .....	146

Quadro 20 – Texto 7 - OP .....	148
Quadro 21 – Cores de opressão identificadas no Texto 7 .....	153
Quadro 22 – Narrativas jornalísticas em datas comemorativas feministas e negras ....	179

## LISTA DE TABELA

Tabela 1 – Pesquisas com afinidade temática .....	284
---	-----

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Análise de Conteúdo
ALAIC	Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CCB/UFC	Casa de Cultura Britânica da Universidade Federal do Ceará
CCH/UFC	Casa de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará
CIJOII	Congresso Internacional Jornalismo, Inovação e Igualdade
COMPÓS	Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação
CULTNE	Acervo Digital de Cultura Negra
DN	Diário do Nordeste
EcoPós-UFRJ	Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro
EDUFRN	Editora da Universidade Federal do Rio Grande do Norte
EMERGE	Centro de Pesquisa e Produção em Comunicação e Emergência
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FAAC-UNESP	Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista
IC	Imagem(ns) de controle
ICA	Instituto de Cultura e Arte
IFCE	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
Intercom	Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
Ipea	Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada
JOII/UFPI	Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Inovação e Igualdade da Universidade Federal do Piauí
LGBTQIAP+	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais/Transgêneros/Travestis, <i>Queers</i> , Intersexuais, Assexuais, Pansexuais
OAB	Ordem dos Advogados do Brasil
OI	Opressões interseccionais
OP	O Povo
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPGC/UFPB	Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba
PPGCOM	Programa de Pós-Graduação em Comunicação
PPGS	Programa de Pós-Graduação em Sociologia
RI	Roleta Interseccional
SVM	Sistema Verdes Mares
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UFC	Universidade Federal do Ceará
UFG	Universidade Federal de Goiás
UFOP	Universidade Federal de Ouro Preto
UFPI	Universidade Federal do Piauí
UFRN	Universidade Federal do Rio Grande do Norte

## SUMÁRIO

1	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	26
2	<b>RACIALIZAR PARA DAR SOM À PRÓPRIA VOZ</b> .....	31
2.1	<b>Você sabe o que é lugar de fala?</b> .....	34
2.2	<b>Meu lugar de fala</b> .....	38
2.3	<b>Escrevivência como experiência étnica</b> .....	40
2.4	<b>Pensamento feminista negro: sabedoria ancestral e contemporânea produzida por mulheres negras</b> .....	42
2.5	<b>Feminismo negro: as mulheres negras no centro da análise</b> .....	47
3	<b>ESTRATÉGIAS DE SUBJUGAÇÃO E MECANISMOS DE RESISTÊNCIA</b> .....	51
3.1	<b>Matriz de dominação: hierarquia social, esferas de poder e opressões interseccionais</b> .....	51
3.2	<b>Imagens de Controle: diz-me ser uma mulher negra e eu te direi quem és</b> .....	54
3.2.1	<i>Imagens de Controle da condição de mulher negra</i> .....	56
3.3	<b>Autodefinição: “a verdade sobre mim eu mesma posso dizer”</b> .....	62
3.4	<b>Epistemologia feminista negra: uma alternativa à “epistemologia mestra”</b> .....	65
3.5	<b>Interseccionalidade: ferramenta teórico-metodológica do feminismo negro</b> .....	69
4	<b>MÍDIA E MULHERES NEGRAS NO BRASIL: UM DEBATE ESTRUTURAL</b> .....	74
4.1	<b>“Mercado de mídia”</b> .....	74
4.2	<b>Breve contextualização sociopolítica</b> .....	75
4.3	<b>Representação midiática de mulheres negras</b> .....	77

<b>5</b>	<b>PANORAMA METODOLÓGICO.....</b>	<b>80</b>
<b>5.1</b>	<b>Percurso epistemológico.....</b>	<b>80</b>
<b>5.2</b>	<b>Descrição dos objetos de pesquisa.....</b>	<b>83</b>
<i>5.2.1</i>	<i>O Povo.....</i>	<i>85</i>
<i>5.2.2</i>	<i>Diário do Nordeste.....</i>	<i>87</i>
<b>5.3</b>	<b>Contexto da pesquisa.....</b>	<b>88</b>
<i>5.3.1</i>	<i>Percurso inicialmente empreendido.....</i>	<i>89</i>
<i>5.3.2</i>	<i>Aspectos gerais.....</i>	<i>90</i>
<i>5.3.3</i>	<i>Definição do corpus de análise e limitações metodológicas.....</i>	<i>91</i>
<i>5.3.4</i>	<i>Período de coleta.....</i>	<i>94</i>
<i>5.3.5</i>	<i>Problema de pesquisa.....</i>	<i>95</i>
<i>5.3.6</i>	<i>Objetivo geral e objetivos específicos.....</i>	<i>96</i>
<i>5.3.7</i>	<i>Hipóteses.....</i>	<i>96</i>
<b>5.4</b>	<b>Métodos de interpretação de dados.....</b>	<b>96</b>
<i>5.4.1</i>	<i>Análise de Conteúdo.....</i>	<i>97</i>
<i>5.4.2</i>	<i>Roleta Interseccional.....</i>	<i>98</i>
<b>6</b>	<b>COMO AS MULHERES NEGRAS SÃO REPRESENTADAS NOS JORNAIS O POVO E DIÁRIO DO NORDESTE: RESULTADOS QUANTI-QUALITATIVOS.....</b>	<b>101</b>
<b>6.1</b>	<b>Análise quantitativa.....</b>	<b>102</b>
<b>6.2</b>	<b>Análise qualitativa.....</b>	<b>106</b>
<i>6.2.1</i>	<i>Textos do Diário do Nordeste.....</i>	<i>108</i>
<i>6.2.1.1</i>	<i>Mulheres nordestinas e negras sofrem mais.....</i>	<i>108</i>
<i>6.2.1.1.1</i>	<i>Hastes iluminadas.....</i>	<i>114</i>
<i>6.2.1.1.2</i>	<i>Opressões interseccionais.....</i>	<i>116</i>
<i>6.2.1.1.3</i>	<i>Imagens de Controle.....</i>	<i>116</i>
<i>6.2.1.2</i>	<i>Mulher, negra, africana... ..</i>	<i>117</i>
<i>6.2.1.2.1</i>	<i>Hastes iluminadas.....</i>	<i>124</i>
<i>6.2.1.2.2</i>	<i>Opressões interseccionais.....</i>	<i>126</i>
<i>6.2.1.2.3</i>	<i>Imagens de Controle.....</i>	<i>126</i>

6.2.1.3	<i>Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista</i> .....	128
6.2.1.3.1	Hastes iluminadas .....	132
6.2.1.3.2	Opressões interseccionais .....	134
6.2.1.3.3	Imagens de Controle.....	134
<b>6.2.2</b>	<b><i>Textos d'O Povo</i></b> .....	<b>136</b>
6.2.2.1	<i>Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico</i> .....	136
6.2.2.1.1	Hastes iluminadas .....	141
6.2.2.1.2	Opressões interseccionais .....	142
6.2.2.1.3	Imagens de Controle.....	142
6.2.2.2	<i>Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras</i> .....	143
6.2.2.2.1	Hastes iluminadas .....	146
6.2.2.2.2	Opressões interseccionais .....	147
6.2.2.2.3	Imagens de Controle.....	147
6.2.2.3	<i>Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo</i> .....	148
6.2.2.3.1	Hastes iluminadas .....	153
6.2.2.3.2	Opressões interseccionais .....	154
6.2.2.3.3	Imagens de Controle.....	155
<b>7</b>	<b>RESULTADOS E DISCUSSÃO</b> .....	<b>156</b>
<b>7.1</b>	<b>Recapitulação das etapas de trabalho</b> .....	<b>156</b>
<b>7.2</b>	<b>Pesquisa na prática</b> .....	<b>157</b>
<b>7.3</b>	<b>Principais ideias de cada capítulo</b> .....	<b>161</b>
<b>7.4</b>	<b>Descobertas ao longo da escrita</b> .....	<b>165</b>
<b>7.5</b>	<b>Limitações de apreciação do <i>corpus</i></b> .....	<b>167</b>
<b>7.6</b>	<b>Resultados quantitativos</b> .....	<b>167</b>
<b>7.7</b>	<b>Análise percentual por categoria</b> .....	<b>168</b>
<b>7.8</b>	<b>Resultados qualitativos</b> .....	<b>170</b>
<b>7.9</b>	<b>Verificação das hipóteses e resposta ao problema de pesquisa</b> .....	<b>176</b>

7.10	Resultados surpreendentes, inesperados ou inconclusivos .....	178
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	181
	REFERÊNCIAS .....	187
	APÊNDICE A – <i>CORPUS</i> DIÁRIO DO NORDESTE – INTEGRAL	198
	APÊNDICE B – <i>CORPUS</i> O POVO – INTEGRAL .....	202
	APÊNDICE C – PESQUISA EXPLORATÓRIA – O POVO E O DESCRITOR <i>MULHER NEGRA</i> .....	206
	APÊNDICE D – PESQUISA EXPLORATÓRIA – O POVO E O DESCRITOR <i>MULHERES NEGRAS</i> .....	207
	APÊNDICE E – PESQUISA EXPLORATÓRIA – DIÁRIO DO NORDESTE E O DESCRITOR <i>MULHER NEGRA</i> .....	208
	APÊNDICE F – PESQUISA EXPLORATÓRIA – DIÁRIO DO NORDESTE E O DESCRITOR <i>MULHERES NEGRAS</i> .....	209
	APÊNDICE G – IMAGENS DE CONTROLE DA CONDIÇÃO DE MULHER NEGRA EM COLLINS (2019).....	210
	APÊNDICE H – IMAGENS DE CONTROLE DA CONDIÇÃO DE MULHER NEGRA EM BUENO (2020) .....	212
	APÊNDICE I – ESTEREÓTIPOS DA MULATA, DOMÉSTICA E MÃE PRETA EM GONZALEZ (1984).....	214
	APÊNDICE J – TEXTOS POR IMAGEM DE CONTROLE – DN E OP .....	215
	APÊNDICE K – TEXTOS POR IMAGEM DE CONTROLE – DN .	218
	APÊNDICE L – TEXTOS POR IMAGEM DE CONTROLE – OP ..	220
	APÊNDICE M – RESULTADO POR TEXTOS – DN .....	221
	APÊNDICE N – RESULTADO POR TEXTOS – OP .....	223

<b>APÊNDICE O – <i>ETHOS</i> INTERSECCIONAL – DN.....</b>	<b>224</b>
<b>APÊNDICE P – <i>ETHOS</i> INTERSECCIONAL – OP .....</b>	<b>241</b>
<b>APÊNDICE Q – VISÃO GERAL – COM IDENTIFICAÇÕES INDIRETAS .....</b>	<b>250</b>
<b>APÊNDICE R – RESUMO DAS NOTÍCIAS – DN .....</b>	<b>251</b>
<b>APÊNDICE S – RESUMO DAS NOTÍCIAS – OP .....</b>	<b>252</b>
<b>APÊNDICE T – IMAGEM DE CONTROLE POR NARRATIVA JORNALÍSTICA – DN .....</b>	<b>253</b>
<b>APÊNDICE U – IMAGEM DE CONTROLE POR NARRATIVA JORNALÍSTICA – OP .....</b>	<b>259</b>
<b>APÊNDICE V – OPRESSÕES INTERSECCIONAIS POR NARRATIVA JORNALÍSTICA – DN.....</b>	<b>261</b>
<b>APÊNDICE W – OPRESSÕES INTERSECCIONAIS POR NARRATIVA JORNALÍSTICA – OP.....</b>	<b>268</b>
<b>APÊNDICE X – ANÁLISE QUANTITATIVA PERCENTUAL POR IMAGEM DE CONTROLE – DN.....</b>	<b>271</b>
<b>APÊNDICE Y – ANÁLISE QUANTITATIVA PERCENTUAL POR IMAGEM DE CONTROLE – OP .....</b>	<b>273</b>
<b>APÊNDICE Z – RELATÓRIO DE ATIVIDADES .....</b>	<b>274</b>
<b>APÊNDICE Z-1 – MAIS ACHADOS DA REVISÃO DE LITERATURA: PESQUISAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO RELACIONADAS A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS.....</b>	<b>283</b>
<b>ANEXO A – E EU NÃO SOU UMA MULHER? ÍNTEGRA DO DISCURSO DA ABOLICIONISTA NEGRA SOJOURNER</b>	

<b>TRUTH NA CONVENÇÃO DOS DIREITOS DA MULHER, NA CIDADE DE AKRON, OHIO, ESTADOS UNIDOS, EM 1851 .....</b>	<b>286</b>
<b>ANEXO B – ESTRUTURA DOS GRUPOS MUDIÁTICOS DO CEARÁ E A INFLUÊNCIA POLÍTICO-MUDIÁTICA .....</b>	<b>287</b>
<b>ANEXO C – CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO O POVO.....</b>	<b>288</b>
<b>ANEXO D – <i>CORPUS</i> FINAL – DN.....</b>	<b>289</b>
<b>ANEXO E – <i>CORPUS</i> NA ÍNTEGRA – OP .....</b>	<b>305</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Aprendi com as pensadoras negras, feministas expressas e tácitas, intelectuais acadêmicas e populares, brasileiras e estrangeiras, que devemos fazer uso da nossa própria voz. Conheci o poder da consciência discursiva e racial com Lélia Gonzalez (1984), Carla Akotirene (2021), Winnie Bueno (2020), Patricia Hill Collins (2019), quando falam em primeira pessoa e assumem a responsabilidade por suas falas: isso porque o feminismo negro dá espaço para que nossas experiências sejam consideradas como critério de credibilidade para a produção de conhecimento.

Quem conhece nossas vivências e realidades melhor do que nós mesmas? Quem conhece minhas vivências e minha realidade melhor do que eu mesma? Já trouxe a pista: nesta pesquisa, irei também falar em meu próprio nome, escrevendo na primeira pessoa do singular. Faço isso para ser coerente com as teorias e principais referências trazidas neste estudo e para me desimpregnar de artifícios coloniais, na intenção legítima de quebrar cristalizações acadêmicas e me apropriar ainda mais deste trabalho.

Dito isso, vou explicar brevemente como eu cheguei até aqui: escolhi estudar como as mulheres negras são representadas midiaticamente por este tema estar atrelado a minha trajetória. Em meu trabalho de conclusão de curso da graduação em Comunicação Social - Jornalismo, investiguei a representação das mulheres na revista *Via-Láctea* (1914-1915), publicação impressa e produzida por mulheres em Natal, no Rio Grande do Norte. Após essa etapa, e ao passar por minha primeira experiência como profissional de comunicação, iniciei meu processo de racialização enquanto mulher negra e decidi que minha pesquisa de mestrado deveria ser, e é, racializada.

Com esse propósito, neste estudo, analiso como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste – principais meios de comunicação e jornais de maior circulação da cidade de Fortaleza, capital do estado do Ceará, na região Nordeste do Brasil. Meu objetivo principal é estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, objetos da pesquisa. Os objetivos específicos são: 1. Identificar Imagens de Controle e opressões interseccionais a partir de categorias previamente definidas (Collins, 2019; Bueno, 2020); 2. Identificar novas categorias após análise detalhada; e 3. Interpretar o *corpus* com apoio da Roleta Interseccional (Carrera, 2021). Como também me valho da categoria analítica das

Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020) e da escrevivência (Evaristo, 2008), tenho, assim, quatro metodologias de suporte na realização do estudo: Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020), Roleta Interseccional (Carrera, 2021) e escrevivência (Evaristo, 2008).

Resultado da pesquisa exploratória com os descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca de seus respectivos portais, meu *corpus* definitivo é composto por 10 textos do O Povo e 18 do Diário do Nordeste, com assinatura da redação, de 2003 a 2020. Inicialmente, o *corpus* era de 91 textos, 49 do O Povo e 42 do Diário do Nordeste. Contudo, por limitações metodológicas justificadas no capítulo Panorama Metodológico, reduzi este quantitativo para 28 textos.

A proposta de estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, uma pesquisa interseccional que mobiliza as categorias de raça, gênero, classe e geolocalização, é relevante para desvelar e compreender o processo jornalístico de criação de imagens e estereótipos sobre as mulheres negras na mídia, neste caso escrita e digital, e na sociedade cearense, em especial. A propósito, quando falo em imagens, não me refiro especificamente a fotografias, a imagens fotográficas, mas a imagens construídas em narrativas textuais jornalísticas, representações imagéticas; e, quando menciono estereótipos, me refiro a visão de estereótipos para Patricia Hill Collins (2019), que os utiliza como sinônimo de conteúdos negativos.

Essa análise é necessária porque a mídia – incluindo os jornais O Povo e Diário do Nordeste – possui o poder de influenciar (n)o processo de elaboração do imaginário coletivo, de criar visões e opiniões de mundo, pois “[...] a abordagem dada numa narrativa jornalística pode contribuir para a mobilização social em prol do combate à violência [de gênero, raça, classe, assim como] pode estimular a naturalização da violência” (Reis; Leite; Matos, 2019, p. 7). Desse modo, meus objetos de pesquisa participam ativamente da e na construção social da imagem das mulheres negras para as e os cearenses.

Além disso, pesquisar a representação das mulheres negras nos principais jornais em circulação de Fortaleza é uma oportunidade de contribuir para os estudos interseccionais no jornalismo cearense e para a Universidade Federal do Ceará (UFC). A presente dissertação se enquadra, assim, nos objetivos da Linha de pesquisa 02 – Mídia e Práticas Socioculturais do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFC, pois investigou as práticas socioculturais e o seu vínculo com a mídia na sociedade

contemporânea, considerando as condições e formas pelas quais estes agentes – as práticas socioculturais e os meios de comunicação – refletem na relação cotidiana com este mesmo sistema e suas formas simbólicas.

Como forma de alcançar o objetivo geral, estabeleci duas hipóteses: A. Quando se pesquisa pelos descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca dos *sites* do jornal O Povo ou Diário do Nordeste, irão aparecer notícias de cunho negativo, policiaisco ou de dados estatísticos que afirmam a desigualdade racial, de gênero e social de mulheres negras no Ceará e no Brasil, como evidência da histórica escravização e do racismo estrutural e institucional; e B. A pesquisa pelos termos “mulher negra” e “mulheres negras” resultará ou em notícias de recorte de classe, em que se fala de mulheres negras pobres e marginalizadas, ou com abordagem superativa quanto às suas conquistas, pelas dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras para garantir espaços, empregos, garantias e direitos.

No que diz respeito ao aporte teórico, nesse estudo, aciono sobretudo as obras de Lélia Gonzalez, em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984); Djamila Ribeiro em *O que é lugar de fala?* (2017) e *Pequeno Manual Antirracista* (2019); Patricia Hill Collins, em *Pensamento Feminista Negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento* (2019); Winnie Bueno, em *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins* (2020); e Carla Akotirene, em *Interseccionalidade* (2021). Meu contato inicial com essas produções se deu durante meu processo de racialização, enquanto buscava subsídio para compreender a nossa realidade de mulheres negras. Carla Akotirene (2021), Winnie Bueno (2020) e Patricia Hill Collins (2019) conheci após trocas acadêmicas com a amiga pesquisadora em comunicação e publicitária Patrícia Nunes.

A partir dessas leituras, a pesquisa foi ganhando corpo, se movimentando. Reflexo disso é a mudança do título inicial, *Representação da mulher negra no jornalismo cearense: análise dos jornais O Povo e Diário do Nordeste para Mulheres negras em jornais: uma análise de imagens de controle e opressões interseccionais nos periódicos O Povo e Diário do Nordeste* e, por fim, *Mulheres negras em jornais: uma análise interseccional dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste*. Explico: assim como aprendi que não há uma mulher universal, também não há uma mulher negra que responda por todas as mulheres negras. Logo, nesta investigação, não estudo sobre uma mulher negra, mas sobre e com as mulheres negras, grupo social e racialmente constituído. Ademais,

este suporte epistemológico me ajudou a compreender a influência dos meios de comunicação sobre a condição social das mulheres negras.

Agora, apresento as seções que constituem esta dissertação. O segundo capítulo, *Racializar para dar som à própria voz*, a seguir, é dedicado a expor conceitos e noções que orientam a pesquisa, interligando, sempre que possível, ao campo da comunicação. São eles: mito da democracia racial (Gonzalez, 1984); ideologia do branqueamento (Gonzalez, 1988a apud Gonzalez, 1988b); lugar de fala (Ribeiro, 2017, 2019); inclusão das mulheres negras no centro do debate (Collins, 2019; Bueno, 2020); interseccionalidade (Akotirene, 2021); escrevivência como experiência étnica (Evaristo, 2013) e reflexões acerca do classismo, sexismo e racismo (Jesus, 2004).

No Capítulo 3, *Estratégias de Subjugação e Mecanismos de Resistência*, trago conceitos que mostram de que forma os grupos dominantes subjugam as mulheres negras, a exemplo da noção de matriz de dominação (Collins, 2019; Bueno, 2020); de opressões interseccionais (Collins, 2019; Bueno, 2020; Akotirene, 2021) e a categoria analítica das *Imagens de Controle* (Collins, 2019; Bueno, 2020). Como forma de se contrapor a essas estratégias dominantes, apresento três mecanismos de resistência das mulheres negras: a autodefinição, compreendida como o principal modo de resistir às *Imagens de Controle* (Collins, 2019), a epistemologia feminista negra (Collins, 2019) e a interseccionalidade ou teoria interseccional (Akotirene, 2021; Crenshaw, 1989; Bueno, 2020).

Em *Mídia e Mulheres Negras no Brasil: um debate estrutural*, Capítulo 4, abordo a noção de “mercado de mídia”, desenvolvida pelo comunicólogo e professor Venício Lima (2009), bem como faço uma contextualização sociopolítica, uma vez que trago dados estatísticos que constam nas pesquisas do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea, 2009), no Atlas da Violência de 2021 e no *Dossiê Mulheres Negras - retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil* (2013), publicação do Ipea em conjunto com órgãos governamentais e realizo uma revisão de literatura sobre o tema da representação midiáticas das mulheres negras no País.

Na sequência, trago o *Panorama Metodológico*. Este quinto capítulo, como o próprio título sugere, é dedicado às questões metodológicas da pesquisa. Ao longo do tópico, informações e dados mostram o caminho epistêmico-metodológico percorrido, detalhando, entre outros pontos: a descrição dos objetos de pesquisa; o contexto do

estudo; a definição do *corpus* de análise; as limitações metodológicas; o período de coleta e os métodos de interpretação de dados, abordando as metodologias às quais recorro.

Já no Capítulo 6, Como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste: resultados quanti-qualitativos, apresento a análise do *corpus* a partir de dados quantitativos e qualitativos. A análise quantitativa é feita com base na técnica da análise categorial, referente à metodologia da análise de conteúdo (Bardin, 1977), da categoria analítica das Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020) e da Roleta Interseccional para análises em comunicação (Carrera, 2021). Nela, mostro resultados da pesquisa em percentual e por recorrência em relação às três categorias de análise – hastes iluminadas, opressões interseccionais e Imagens de Controle, assim como apresento dados e estimativas de todo o *corpus*, do total de ambos os jornais. A análise qualitativa é feita com o apoio das metodologias descritas anteriormente, com o acréscimo da metodologia da escrevivência de Conceição Evaristo (2008).

Em Resultados e discussão, Capítulo 7, primeiro recapitulo as etapas do trabalho. Explico os motivos de ter escolhido os tipos de pesquisa que utilizei, informo como os coloquei em prática; como fiz para conseguir os dados; o que esperava descobrir e como eles me conduziram a uma resposta para o problema; resgato os objetivos e informo a finalidade do referencial teórico. Em seguida, mostro os principais dados encontrados em cada capítulo, comparo esses dados verificando as diversas relações entre eles, checo se as hipóteses são confirmadas ou refutadas e apresento uma resposta para o problema. Como complemento, informo as limitações das descobertas, resultados surpreendentes, inesperados ou inconclusivos e sugestões para mais pesquisas.

No Capítulo 8, Considerações finais, retomo o objetivo geral e os objetivos específicos; trago os achados da pesquisa de forma resumida; reconheço as limitações da pesquisa; com base na análise do *corpus*, reflito sobre a atuação dos jornais O Povo e Diário do Nordeste e, finalmente, compartilho reflexões, sentimentos e experiências marcantes que tive ao longo do estudo.

## 2 RACIALIZAR PARA DAR SOM À PRÓPRIA VOZ

Dou início ao capítulo epistemológico com a pioneira nos estudos sobre cultura negra no Brasil, a intelectual e ativista negra também brasileira Lélia Gonzalez (1984). Ela questionava à sociedade e à academia, em especial, quanto aos privilégios sobre o “sexo” – a categoria gênero não era tão usual quanto nos debates atuais –, a raça e a classe. É de se entender o motivo de ser tão desconhecida para o público em geral, inclusive nas universidades: é mulher negra (vide Figura 1), de pele preta, filha de mãe e pai pobres – Urcinda Serafim de Almeida, uma trabalhadora doméstica descendente de indígenas, e Acácio Joaquim de Almeida, um operário negro. Detalhe que pode passar despercebido, seu sobrenome é uma homenagem ao marido Luiz Carlos Gonzalez, homem branco que, por conta da pressão familiar sofrida por se casar com Lélia de Almeida, acabou por tirar a própria vida. Lélia Gonzalez conta que é nesse momento que se percebe mulher negra, se racializa<sup>1</sup> e se aprofunda nos estudos sobre racismo e sexismo.

**Figura 1 – Lélia Gonzalez, intelectual e ativista negra brasileira<sup>2</sup>**



Fonte: Brasil de Fato, 2018.

Respeitada intelectual e feminista, Lélia Gonzalez ilustra em *Cumê que a gente fica?*, epígrafe de *Racismo e sexismo na cultura brasileira* (1984), a importância de assumirmos o nosso lugar de fala, a nossa posição social no discurso, para evitar os perigos da identificação do dominado e da dominada com o dominador. Lélia Gonzalez, em didática estratégica, nos conta a história de um lançamento de livro de brancos sobre

<sup>1</sup> Conforme Collins (2019), “a racialização consiste na atribuição de um significado racial a uma relação, prática social ou grupo que antes não eram categorizados em termos raciais” (2019, p. 144).

<sup>2</sup> Mais em: <https://www.gov.br/palmares/pt-br/assuntos/noticias/personalidades-negras-2013-lelia-gonzales>.

negros, em que estes últimos, os objetos de estudo, são convidados para o evento e, lá, arrumam confusão, pois supostamente não sabem se comportar.

Convencidos por “brancos muito legais”, “finos” e “educados”, sob o pretexto de que a festa também era para eles e elas, o “crioléu” comparece à “festa deles” – dos brancos. No entanto, o clima inicial de cordialidade dá espaço a uma série de opressões simultâneas – racismo, machismo, classismo – quando os convidados reclamam da festa e, sobretudo, quando uma “neguinha atrevida” pega o microfone para denunciar os incômodos do seu grupo. Acalorando a situação, um deles critica a companheira de raça e classe e faz defesa da classe dominante, pela qual demonstra admiração. Para situar com mais detalhes, transcrevo, a seguir, a epígrafe na íntegra:

[...] Foi então que uns **brancos muito legais** convidaram a gente prá uma **festa deles**, dizendo que era prá gente também. **Negócio de livro sobre a gente**, a gente foi muito bem recebido e tratado com toda consideração. **Chamaram até prá sentar na mesa** onde eles tavam sentados, fazendo discurso bonito, dizendo que a gente era oprimido, discriminado, explorado. Eram todos **gente fina, educada, viajada** por esse mundo de Deus. **Sabiam das coisas**. E a gente foi sentar lá na mesa. Só que tava cheia de gente que não deu prá gente sentar junto com eles. Mas **a gente se arrumou muito bem**, procurando umas cadeiras e **sentando bem atrás deles**. Eles tavam tão ocupados, ensinado um monte de coisa pro crioléu da platéia, que nem repararam que se apertasse um pouco até que dava prá abrir um espaçozinho e todo mundo sentar ju[n]to na mesa. **Mas a festa foi eles que fizeram, e a gente não podia bagunçar** com essa de chega prá cá, chega prá lá. **A gente tinha que ser educado**. E era discurso e mais discurso, tudo com muito aplauso. Foi aí que **a neguinha que tava sentada com a gente, deu uma de atrevida**. Tinham chamado ela prá responder uma pergunta. Ela se levantou, foi lá na mesa prá falar no microfone e **começou a reclamar por causa de certas coisas que tavam acontecendo na festa**. Tava armada a quizumba. A negrada parecia que tava esperando por isso prá bagunçar tudo. E era um tal de falar alto, gritar, vaiar, que nem dava prá ouvir discurso nenhum. Tá na cara que **os brancos ficaram brancos de raiva e com razão**. Tinham chamado a gente prá festa de um livro que falava da gente e a gente se comportava daquele jeito, catimbando a discurseira deles. Onde já se viu? Se eles sabiam da gente mais do que a gente mesmo? Se tavam ali, na maior boa vontade, ensinando uma porção de coisa prá gente da gente? Teve um[a] hora que não deu prá agüentar aquela zoada toda da **negrada ignorante e mal educada**. Era demais. Foi aí que um branco enfezado partiu prá cima de um crioulo que tinha pegado no microfone prá falar contra os brancos. E **a festa acabou em briga...** Agora, aqui prá nós, **quem teve a culpa? Aquela neguinha atrevida, ora**. Se não tivesse dado com a língua nos dentes... Agora ta queimada entre os brancos. Malham ela até hoje. Também **quem mandou não saber se comportar?** Não é a toa que eles vivem dizendo que “preto quando não caga na entrada, caga na saída” [...] (Gonzalez, 1984, p. 223, grifo próprio).

No prólogo, é possível perceber uma hierarquia social, racial e de gênero: os homens brancos com *saber* falam e os negros e as negras *pobres* ouvem – se entendem é outro assunto. Isso pois, se bem compreendessem, os convidados não se sentiriam lisonjeados com um discurso em que são chamados de “oprimidos”, “discriminados” e “explorados”. Além de se sentarem “bem atrás deles”, os donos da festa. A “negrada” tem voz livre para elogiar, reconhecer a “boa vontade” branca: a crítica da “neguinha atrevida” foi lida como falta de educação e respeito, já que os brancos ensinam “uma porção de coisa pra gente da gente” e sabem da gente “mais do que a gente mesmo” (ibidem).

Para Lélia Gonzalez, isso acontece porque o mito da democracia racial teve ampla aceitação e divulgação: vende-se, aqui e no mundo, a ideia de que no Brasil todas as raças vivem em harmonia, que todas e todos somos iguais, humanos e filhos de “Deus”. Essa narrativa busca ocultar o histórico de violências ocorrido durante o processo de miscigenação forçada no período colonial, como, por exemplo, o estupro de negras escravizadas pelos senhores de engenho. Tratadas como mercadoria e objeto sexual, essa realidade histórica evidencia não apenas as opressões vividas pela população negra no país, mas o fato de que o mito da democracia racial exerce violência simbólica principalmente sobre as mulheres negras. Para Gonzalez, o racismo é a sintomática que caracteriza a neurose cultural brasileira. Esse conceito é amparado na psicanálise de Sigmund Freud e Carl Gustav Jung:

[...] ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalçamento. [...] no momento em que fala alguma coisa, negando-a, ele se revela como desconhecimento de si mesmo (Gonzalez, 1984, p. 232).

Assim, Lélia Gonzalez (1984, p. 232) nos faz entender que o racista pouco tem a dizer sobre negros e negras, “exatamente porque ele lhes nega o estatuto de ser humano. Trata-os sempre como objeto”. E um dos efeitos colaterais do racismo é a ideologia do branqueamento. Isso porque o mito da superioridade branca – amparada na crença de que as classificações e os valores do Ocidente branco são únicos, verdadeiros e universais – produz o desejo de embranquecer, “de limpar o sangue” e que, perversamente, “é internalizado com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura” (Gonzalez, 1988a apud Gonzalez, 1988b, p. 73). Isso pode ser visualizado na fala da epígrafe, em

que a “neguinha atrevida” é criticada por alguém do seu grupo por contestar as atitudes dos brancos.

O histórico colonial violento reitera hierarquias como a que vimos na festa relatada por Gonzalez: aos brancos, o lugar de dominação, de sujeito, de humano; aos negros e às negras, o lugar de subserviência, de objeto, de coisa. Contudo, rejeitando o *status* externo coisificado, nós, negras e negros, também temos nosso repertório, nossos pontos de vista. E, como alerta Lélia Gonzalez (1984, p. 224) “o lugar [social] em que nos situamos determinará nossa interpretação sobre o duplo fenômeno do racismo e do sexismo”. Por isso, é preciso falar de *lugar de fala*.

## 2.1 Você sabe o que é lugar de fala?

Para a filósofa e intelectual brasileira Djamila Ribeiro (2017), em seu livro *O que é lugar de fala?*, é recorrente a confusão entre as noções de lugar de fala e de representatividade. Ela exemplifica: “uma travesti negra pode não se sentir representada por um homem branco cis, mas esse homem branco cis pode teorizar sobre a realidade das pessoas trans e travestis a partir do lugar que ele ocupa” (p. 47). Indo direto ao ponto: a travesti negra e o homem branco cis têm lugar de fala, todo mundo tem lugar de fala, mas cada um fala, conforme a autora, a partir de sua localização social.

Em *Pequeno Manual Antirracista*, obra em que Djamila Ribeiro reflete sobre temas como racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos, é explicado que

O conceito de lugar de fala discute justamente o *locus* social, isto é, de que ponto as pessoas partem para pensar e existir no mundo, de acordo com as suas experiências em comum. É isso que permite avaliar quanto determinado grupo – dependendo do seu lugar na sociedade – sofre com obstáculos ou é autorizado e favorecido (Ribeiro, 2019, p. 35).

Sou prova viva do equívoco que o conceito de lugar de fala – na realidade, o seu desconhecimento – pode causar. Embora me seja desagradável, julgo necessário compartilhar uma experiência pessoal não muito distante. Era junho de 2019 e eu estava encerrando, após uma longa jornada de privações, o ciclo da minha graduação em Comunicação Social - Jornalismo na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, em Natal.

Em breve preâmbulo contextualizo que eu, mulher negra pobre, aos vinte e poucos anos, era moradora da residência universitária e sobrevivia com uma bolsa de apoio técnico de 400 reais, que teoricamente deveria me amparar por todo o mês. Usava boa parte deste dinheiro para pagar o transporte para o *campus* e para a Editora Universitária (EDUFRN), onde respectivamente estudava e exercia atividade de bolsista. E, quando dava, me pagava alguns poucos lanches como agrado por horas a fio de estudo.

Não me envergonho por lembrar disso, eu tenho orgulho da minha trajetória. Inclusive fui laureada e reconhecida como a melhor concluinte do curso de Comunicação Social à época. O que me entristece é recordar uma situação que, de tão absurda, a memória guarda para não repetir e, ao mesmo tempo, a racionalidade questiona se de fato aconteceu. Era próximo do meio-dia, *slides* prontos para a defesa da minha monografia e eu, como forma de compartilhar o que aprendi, convidei algumas pessoas presentes na Editora da UFRN para assistir a uma prévia da apresentação.

Uma destas pessoas, funcionária da instituição, questionou o motivo de eu exibir, ao final dos *slides*, uma imagem da vereadora negra assassinada e símbolo internacional de luta Marielle Franco, e do Lula, atual presidente da república e preso político naquele período. A questionadora disse que aquela era uma atitude “antiacadêmica” e que “não cabia” em uma apresentação científica, que aquilo “estava estragando o todo”. Respondendo à sua indagação, disse que eu tinha, sim, liberdade acadêmica e política para enaltecer minhas referências. Ela, nitidamente ofendida com a resposta, disse que eu a estava “silenciando” e negando seu lugar de fala. Abalada, pois prestes a participar da minha própria defesa de monografia, e em busca de um consenso, digo a ela que reconheço seu lugar, mas que tenho também direito falar a partir da minha posição no discurso. Agressiva e chorosa, diz que meu trabalho “é um lixo” e que a minha apresentação “não vale nada”. Ela era uma mulher branca jovem de família rica.

A experiência que acabo de partilhar tem nomes: racismo e classismo, apenas para começar. A pessoa em questão, por esvaziar a teoria e possuir privilégio social e branco<sup>3</sup>, utilizou lugar de fala como sinônimo de *deixa eu falar*<sup>4</sup>. No entanto, o conceito tem

---

<sup>3</sup> A psicóloga, ativista e escritora Cida Bento (2022), na obra *O pacto da branquitude* fala a respeito do que ela denomina como *pacto narcísico da branquitude*, um acordo não verbalizado, mas que mantém pessoas, em geral um grupo masculino e branco, nos lugares de poder, de decisão, em todo tipo de instituição. Podemos entender esse fenômeno social como *privilégio branco*.

<sup>4</sup> Divido o crédito do pensamento com minha amiga de mestrado em Comunicação na UFC, a fotógrafa e pesquisadora negra Tamara Lopes.

fundamentação complexa. Djamila Ribeiro (2017, p. 32) utiliza a noção foucaultiana de discurso, ou seja, a ideia de que este não se resume a um “amontoado de palavras ou concatenação de frases que pretendem um significado em si, mas como um sistema que estrutura determinado imaginário social, pois estaremos falando de poder e controle”. Além disso, Djamila se inspira no sentido dado para lugar de fala pelo campo da comunicação.

Em *Lugares de fala: um conceito para abordar o segmento popular da grande imprensa*, de Márcia Franz Amaral (2005), o conceito de “lugares de fala” é definido como “[...] instrumento teórico-metodológico que cria um ambiente explicativo para evidenciar que os jornais populares ou de referência falam de lugares diferentes e concedem espaços diversos à[s] falas das fontes e dos leitores” (2005, p. 105 apud Ribeiro, 2017, p. 33). Sendo assim, o aporte proposto como lugares de fala “reconhece as implicações das posições sociais simbólicas do jornal e do leitor e incorpora a noção de mercado de leitores a partir da ideia de que, para explicar o discurso, é preciso conhecer as condições de constituição do grupo no qual ele funciona” (Amaral, 2005, p. 104 apud Ribeiro, 2017, p. 33).

Após assentar suas bases, Djamila Ribeiro explica que,

Para além dessa conceituação dada pela comunicação, é preciso dizer que **não há uma epistemologia determinada sobre o termo lugar de fala especificamente**, ou melhor, a origem do termo é imprecisa, acreditamos que este surge a partir da tradição de discussão sobre *feminist stand point* – em uma tradução literal “ponto de vista feminista” – diversidade, teoria racial crítica e pensamento decolonial (2017, p. 33, grifo próprio).

Há estudiosos que pensam lugar de fala a partir da psicanálise, analisando obras de Michel Foucault, de estudos de Linda Alcoff, filósofa panamenha, e de Gayatri Spivak, professora indiana, como em *Uma epistemologia para a próxima revolução e Pode o subalterno falar?*, respectivamente. Aqui, [em *O que é lugar de fala?*], pretendemos pensar a partir das últimas autoras e, principalmente, de Patricia Hill Collins, a partir do *feminist standpoint*, e Grada Kilomba, em *Plantations Memories: Episodes of Everyday Racism* (2017, p. 34).

A teoria do ponto de vista feminista ou *feminist standpoint theory* permite “falar de lugar de fala”, é o que pensa Ribeiro (2019). O ponto de vista feminista reivindica diferentes pontos de análise, marca o lugar de fala de quem os propõe e, conforme Bueno (2020, p. 68-69), se alicerça em três bases centrais:

1. O conhecimento é socialmente situado;
2. Grupos marginalizados estão localizados em posições que lhes possibilitam um maior conhecimento dos fatos sociais, produzindo questionamentos de forma mais acurada do que grupos privilegiados;
3. A pesquisa, principalmente aquela voltada a analisar o poder, deve refletir aspectos da vida das pessoas marginalizadas.

Desse modo, a teoria do ponto de vista feminista é um movimento que ultrapassa a ação individual, pois adentra também no campo coletivo: “como explica Collins, quando falamos de pontos de partida, não estamos falando de experiências de indivíduos necessariamente, mas das condições sociais que permitem ou não que esses grupos acessem lugares de cidadania” (Ribeiro, 2017, p. 35). Logo, como afirma Djamila, o *feminist standpoint* torna possível “falar de lugar de fala” por objetivar uma diversidade de experiências e rechaçar uma visão universal de mundo. Quer dizer,

uma mulher negra terá experiências distintas de uma mulher branca por conta de sua localização social, vai experienciar gênero de uma outra forma. [...] Segundo Collins, a teoria do ponto de vista feminista precisa ser discutida a partir da localização dos grupos nas relações de poder. Seria preciso entender as categorias de raça, gênero, classe e sexualidade como elementos da estrutura social que emergem como dispositivos fundamentais que favorecem as desigualdades e criam grupos em vez de pensar essas categorias como descritivas da identidade aplicada aos indivíduos (Ribeiro, 2017, p. 35).

Em outras palavras, a posição social no discurso vai influenciar diretamente a vivência de gênero, raça, classe, sexualidade, geolocalização, religiosidade. Essa vivência é experienciada individualmente mas, também, coletivamente. É um debate estrutural, como lembra Djamila Ribeiro:

Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. É aí que entendemos que é possível falar de lugar de fala a partir do *feminist standpoint*: **não poder acessar certos espaços acarreta em não se ter produções e epistemologias desses grupos nesses espaços; não poder estar de forma justa nas universidades, meios de comunicação, política institucional, por exemplo, impossibilita que as vozes dos indivíduos desses grupos sejam catalogadas, ouvidas**, inclusive, até de quem tem mais acesso à internet. O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social (2017, p. 37, grifo próprio).

Mas quem pode falar? Quem diz o que é acadêmico? Quem diz o que é científico? Quem silencia e quem é silenciado? Quem tem liberdade para reverenciar e demonstrar

emoção? Eu, mulher negra pobre, fui tratada pela funcionária branca rica como a *neguinha atrevida* na  *festa dos brancos*, relatada por Gonzalez (1984, p. 223), que ousou falar e, por isso, arrumou confusão. “Se [eu] não tivesse dado com a língua nos dentes...”.

Neste momento, em que possivelmente posso ser classificada como *identitária*<sup>5</sup>, encontro respaldo em Patricia Hill Collins, socióloga, escritora e feminista negra estadunidense (2019, p. 203) quando diz que “longe de ser uma preocupação narcisista e trivial, posicionar o *eu* no centro da análise é fundamental para a compreensão de uma série de outras relações”. Mencionando a pensadora negra estadunidense Alexis De Veaux, Collins (ibidem) salienta que “temos de entender qual é o nosso lugar como indivíduo e qual é o lugar da pessoa que está perto de nós. Precisamos entender o espaço entre cada um, antes de entendermos grupos mais complexos ou maiores”.

Digo isso para ressaltar que essa dissertação é pessoal, e ao mesmo tempo é coletiva, já que reflete sobre uma coletividade, sobre a realidade e a condição das mulheres negras. O fato de ser pessoalizada não aniquila nem enfraquece o aspecto coletivo, muito pelo contrário. As experiências das mulheres negras se conectam em diversos momentos, mostrando que nossas vivências, em diversas searas, muitas vezes, não são tão particulares assim. Aproveitando o ensejo, apresento o meu lugar de fala.

## 2.2 Meu lugar de fala

Sou Suellyn Cassimiro Sales, mulher racializada negra, antirracista, anticolonialista, lésbica, revisora de textos acadêmicos, jornalista formada e laureada pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, pesquisadora em comunicação na Universidade Federal do Ceará, moradora de bairro popular e eu nasci e cresci na periferia da cidade de Fortaleza.

Nordestina e de origem pobre, tenho pais separados e dois irmãos, o primogênito Anselmo Júnior, negro, e uma irmã caçula, Ana Beatriz, branca. Assim como muitas crianças brasileiras, fui criada apenas por minha mãe, dona Maria do Céu, mulher branca – professora do município de Fortaleza – e minha avó, dona Inêz, mulher também branca – à época, copeira de escola pública estadual. Ambas as presenças foram significativas para, em certa medida, ajudar a aplacar a ausência de uma figura paterna.

---

<sup>5</sup> *Identitário*, conforme o Dicionário Michaelis, é um adjetivo relativo às características próprias de uma pessoa. Ou seja, que faz referência à identidade.

Fui bolsista nas escolas privadas onde estudei e, com as políticas pensadas para a democratização do acesso ao Ensino Superior no Brasil, no Governo Luiz Inácio Lula da Silva, acessei pelo Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM uma universidade pública federal, a UFRN. Negra numa família materna de pessoas majoritariamente brancas, conheço, desde pequena, a dor do racismo, o estigma social, as opressões e as violências contra nós mulheres negras.

Conforme dito antes, escolhi estudar a representação das mulheres negras por este tema estar atrelado a minha trajetória. Já participei ativamente de movimentos sociais e feministas, assim como de política partidária e, em meu trabalho de conclusão de curso (TCC), escrevi uma monografia que abordou a representação das mulheres na *Via-Láctea* (1914-1915), a primeira revista impressa, produzida e editada por mulheres em Natal<sup>6</sup>, no Rio Grande do Norte.

Como se pode observar, nesta monografia não me atentei ao viés de raça como categoria de análise e, ao elencar espaços de militância, não menciono o movimento negro. Só desenvolvi uma consciência racial quando iniciei a minha primeira experiência como profissional na área de jornalismo, quando fui comunicadora popular de uma organização feminista. Nesta instituição, contraditoriamente, sofri racismo, classismo, lesbofobia e outras formas de opressão e discriminação.

Foi neste momento em que de fato me racializei. Dei-me conta de que mesmo sendo uma mulher parda<sup>7</sup>, ou seja, negra de pele em tom menos escuro, onde quer que eu vá, a minha cor chega primeiro, e o tratamento dispensado a mim terá a cor negra como parâmetro. Por ser atravessada por mais de um modo de discriminação e dominação – as avenidas identitárias –, como define a intelectual negra Carla Akotirene (2021), enxergo e desenvolvo esta pesquisa a partir de uma visão interseccional.

Minha visão de mundo e de produzir ciência mudou radicalmente após estudar a fundo a teoria da interseccionalidade, que é uma “sensibilidade analítica” usada para

---

<sup>6</sup> Mais em *Via-Láctea*: de Palmyra e Carolina Wanderley: Natal, 1914-1915, livro das escritoras Constância Lima Duarte e Diva Maria Cunha Pereira de Macêdo (2003).

<sup>7</sup> Conforme convenção do IBGE, no Brasil, negro é quem se autodeclara preto ou pardo, pois a população negra é o somatório de pretos e pardos. No *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, publicação do Ipea, explica-se que “essa junção não é casuística e tem origem na análise comparada dos indicadores sociais para cada um dos grupos individualmente. Estes se comportam sempre de maneira muito semelhante quando se observam os dados para pretos e pardos e radicalmente distintos quando se consideram estes dois grupos em comparação ao de brancos” (Marcondes *et al.*, 2013, p. 19).

explicar fenômenos sociais, partindo do pressuposto de que não há hierarquias entre sistemas interligados de opressão, dominação e discriminação, mas, sim, uma colisão de estruturas, uma interação simultânea das avenidas identitárias, interseccionais (Akotirene, 2021), e que explico de forma esmiuçada no terceiro capítulo, quando elenco a teoria interseccional como mecanismo de resistência das mulheres negras aos grupos dominantes. Ainda sobre meu lugar de fala, eu estou de pé, corpo e alma presentes nas avenidas interseccionais de gênero, raça, classe e sexualidade. E, como diz Conceição Evaristo (2008), essa não é uma experiência particular, é uma experiência histórica.

### 2.3 Escrevivência como experiência étnica

Assim como Conceição Evaristo em *Becos da Memória*, busco construir um texto mesclando “escrita e vida, ou melhor dizendo, escrita e vivência” (2013, p. 11). Essa forma de escrever, proposta pela linguista e escritora negra brasileira, se denomina escrevivência. O que se quer com isso, conforme a autora<sup>8</sup>, é “romper com a lógica da opressão e o lugar de subalternidade”, impostos principalmente contra as mulheres negras. Por esse motivo, metodologicamente, continuarei recorrendo à noção de escrevivência de Evaristo (2013), me implicando na escrita e inserindo minhas percepções sobre o conteúdo considerando que, além de receptora, também sou atravessada por essa produção.

E essa não é minha primeira experiência com a escrevivência. Ao longo do mestrado, exercitei essa metodologia de apoio na escrita e na publicação de artigos, na apresentação de trabalhos, em geral bem avaliados. A escrevivência é sobre narrativas atravessadas por marcadores interseccionais de raça, gênero e classe, conforme diz Evaristo, é um “lugar de experiência étnica”, é “ter direito a contar as próprias histórias”, é o “movimento de escrita como movimento da própria vida”.

Um exemplo é o artigo *Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia*, que escrevi em parceria com a Patrícia de Souza Nunes<sup>9</sup>, pesquisadora, doutoranda em Comunicação na

---

<sup>8</sup> LEITURAS Brasileiras. Conceição Evaristo - Escrevivência. Youtube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/QXopKuvxevY>. Acesso em: 30 jan. 2022.

<sup>9</sup> A Patrícia Nunes está presente em minha vida acadêmica desde 2017, quando foi monitora da cadeira de Pesquisa em Comunicação, ministrada pela profa. Dra. Kênia Maia, minha orientadora de monografia. Elas, solícitas e ciosas, me deram suporte irrestrito na formulação do pré-projeto de pesquisa que resultou no meu trabalho de conclusão de curso.

Universidade Federal de Pernambuco e publicitária branca. Neste estudo, publicado em 2021 nos anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, aprendemos com Conceição Evaristo que

[...] através da escrita autoral é possível mesclar os acontecimentos, as visões e experiências de vida no texto. Damos, assim, voz própria para nossas narrativas, colocando-nos como autoras de nossas próprias histórias de vida. Essa perspectiva possibilita que vozes apagadas da história reescrevam as narrativas, rompam silenciamentos e produzam novas maneiras de existência (Sales; Nunes, 2021, p. 3).

Considerando o meu *lugar de fala*, minha *localização social*, minha escrita é marcada por minhas experiências de mulher negra, pobre, lésbica, periférica. E, embora esse *lócus* me atravesse particularmente, visto em uma perspectiva estrutural, está presente ainda em outras vivências, em outros corpos de mulheres negras. Por isso repito que, como afirma Conceição Evaristo, a escrevivência não é uma experiência individual, mas uma experiência histórica.

Para Winnie Bueno, jurista e ativista social, assim como para Collins, é imprescindível que as mulheres negras estejam no centro do debate. Contudo,

isso não significa que o pensamento feminista negro e as lutas por justiça para mulheres negras devam ser informados exclusivamente por mulheres negras. “Significa apenas que a responsabilidade pela definição da realidade de cada um cabe sobretudo a quem vive essa realidade, a quem realmente passa por essas experiências” (Collins, 2009, p. 39 apud Bueno, p. 72).

Como Carla Akotirene (2021), sou movida pela escrevivência de Evaristo e proponho “cantiga decolonial por razões psíquicas, intelectuais, espirituais, em nome d’águas atlânticas” (p. 21) e, por isso, “defendemos a validade das experiências como conhecimentos situados constituintes do projeto intelectual emancipatório [feminista negro]” (p. 86). Segundo Patricia Hill Collins (2019), a experiência das mulheres negras e dos grupos subalternizados é, sim, um critério de credibilidade social, acadêmica, científica. E mesmo jogadas *na lata de lixo da história*, como dizia Lélia Gonzalez, ecoaremos nossa voz.

E o risco que assumimos aqui é o do ato de falar com todas as implicações. Exatamente porque temos sido falados, infantilizados (infans é aquele que não tem fala própria, é a criança que se fala na terceira pessoa, porque falada pelos adultos) que neste trabalho assumimos nossa própria fala. Ou seja, o lixo vai falar, e numa boa (Gonzalez, 1984, p. 225).

Na próxima seção, mostro que nossos passos vêm de longe, que as mulheres negras, no Brasil e no mundo, há muito denunciam as opressões de raça, gênero, classe, e reivindicam condições de igualdade e justiça social.

#### **2.4 Pensamento feminista negro: sabedoria ancestral e contemporânea produzida por mulheres negras**

Após ler e ouvir Lélia Gonzalez (1984, 2020), Conceição Evaristo (2008, 2011, 2013), Djamila Ribeiro (2017, 2019), Carla Akotirene (2021), Winnie Bueno (2020), bell hooks (2020), Audre Lorde (2020), Grada Kilomba (2021), Carolina Maria de Jesus (2004), Patricia Hill Collins (2017, 2019, 2021, 2023), Kimberlé Crenshaw (1989), Cida Bento (2002), Fernanda Carrera (2020, 2021, 2021b), Fernanda Carrera e Denise Carvalho (2019) e tantas outras pensadoras feministas negras, conheci relatos históricos que evidenciam que, de fato, nossos passos de mulheres negras vêm de longe.

Esperança Garcia, em 1770, no Brasil, e Sojourner Truth, em 1851, nos Estados Unidos, são dois grandes exemplos que comprovam essa afirmação (Bueno, 2020). Apesar da diferença de geolocalização, ambas contrariaram o sistema escravista em que se encontravam e denunciaram as opressões de raça, gênero e classe a qual elas e outras mulheres negras estavam submetidas. No caso de Esperança Garcia, mulher negra escravizada,

[ela] formulou uma petição, a próprio punho, endereçada ao governador da Província do Piauí, pela qual denunciou os abusos e as restrições de direito que estavam sendo impingidas a ela e aos outros escravizados e escravizadas que trabalhavam para o administrador das fazendas de gado da Coroa de Portugal no Piauí. A narrativa de Esperança Garcia, que utiliza sua voz, seu ponto de vista e uma estratégia política para buscar direitos não apenas para si mesma, mas para a comunidade na qual estava inserida, pode ser lida como uma ação política feminista negra (Bueno, 2020, p. 33).

Esta denúncia de maus tratos e abusos sofridos por Garcia, seus filhos e seus companheiros escravizados e escravizadas rendeu à autora, em 5 de dezembro de 2022, portanto muito recentemente, os títulos de primeira advogada do estado do Piauí e do Brasil, reconhecidos pelo Conselho Pleno da Ordem dos Advogados do Brasil, pois a carta que escreveu em 1770 se tratava de uma petição: “Peço a Vossa Senhoria pelo amor de Deus ponha aos olhos em mim ordinando digo mandar ao procurador que mande para

a fazenda aonde me tirou para eu viver com meu marido e batizar minha filha [...]”<sup>10</sup>  
(OAB Piauí, 2022, n. p.).

No contexto histórico estadunidense, Sojourner Truth, mulher negra escravizada e codinome para Isabella Baumfree, é conhecida por seu discurso *E eu não sou uma mulher?*, apresentado em 1851 na Convenção dos Direitos da Mulher, na cidade de Akron, nos Estados Unidos. Conforme conta Djamila Ribeiro (2017), a fala de Sojourner teve sua primeira versão registrada por Marcus Robinson, em 21 de junho de 1851, e publicada no jornal *The Anti-Slavery Bugle*. De forma improvisada, a abolicionista afro-americana denunciava as discriminações que sofria por ser uma mulher negra escravizada:

Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? [...] (Ribeiro, 2017, p. 13).

Além de reivindicar igualdade racial e de classe, Truth, em seu discurso, reivindica equidade de gênero, pois evidencia que não é contemplada pelo feminismo hegemônico, que universaliza a categoria gênero sem considerar as experiências raciais e étnicas. Assim, vemos que Esperança Garcia, em 1770, e Sojourner Truth, em 1851, lutaram para que elas e seus companheiros e companheiras negros sejam reconhecidos enquanto humanos e sujeitos de direito. Por esses motivos, podem e devem ser consideradas como pensadoras e intelectuais feministas negras.

Pode-se ver, portanto, que produzimos pensamento, teoria, método, praticamos ação, nos articulamos, formulamos e discutimos projetos, reivindicamos direitos no campo popular e tradicional. E nos alinhamos para além das fronteiras de nossos países de origem, não por acaso. Hill Collins (2019) evidencia isso quando diz que

---

<sup>10</sup> OAB Piauí. O reconhecimento de Esperança Garcia como a primeira advogada do Brasil. 2022. Disponível em: <https://www.oabpi.org.br/o-reconhecimento-de-esperanca-garcia-como-a-primeira-advogada-do-brasil/>. Acesso em: 20 mar. 2023.

[Nós mulheres negras] temos muito a aprender umas com as outras no que diz respeito à maneira como os sistemas interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade se informam mutuamente em nossas respectivas configurações nacionais. [...E] o feminismo afro-brasileiro é fundamental para esses diálogos. [...Há] conexões cada vez mais visíveis entre os feminismos (p. 11).

Antes de citar autoras que são referência quando se discute feminismo amefricano<sup>11</sup>, acredito que é imprescindível explicar que, quando estou falando de pensamento feminista negro, estou falando de um saber subjugado, considerado inferior por ser produzido por um grupo historicamente oprimido. O pensamento feminista negro é a prova de que as mulheres negras podem ser, conforme salienta Collins (2019), agentes de conhecimento de sua própria realidade.

Pensando o contexto brasileiro, temos pensadoras feministas negras nacional e internacionalmente reconhecidas como Lélia Gonzalez, Luiza Bairros, Carolina Maria de Jesus, Djamila Ribeiro, Sueli Carneiro, Conceição Evaristo, Beatriz Nascimento, Carla Akotirene, Cida Bento. Como forma de ativismo intelectual, cada uma delas produz seus trabalhos de modo criterioso, “alicerçado em princípios, visando colocar o poder de nossas ideias a serviço da justiça social” (Collins, 2019, p. 11).

Dessas pensadoras nasceram conceitos fundamentais para pensar as condições das mulheres negras no Brasil, alguns já trabalhados anteriormente, como lugar de fala, mito da democracia racial, neurose cultural brasileira, escrevivência, pacto narcísico da branquitude. Cada um desses conceitos foi desenvolvido em campos específicos como Sociologia, Direito, Comunicação, Psicologia, Literatura, História, Antropologia, Filosofia, Linguística e até mesmo em âmbito popular, como na Favela do Canindé, em São Paulo, onde Carolina Maria de Jesus escreveu sobre a sua condição de mulher negra pobre catadora de materiais recicláveis, sobre a insistente fome, miséria e o sonho de uma vida digna em *Quarto de Despejo: diário de uma favelada* (1960).

Há quem pense que uma mulher negra pobre não “entende das coisas”, não pensa. Mas Carolina Maria de Jesus consegue fazer refletir a respeito do classismo, do sexismo, do racismo:

---

<sup>11</sup> Lélia Gonzalez (1988), em *A categoria político-cultural de amefricanidade*, ressalta que “o Brasil, país de maior população negra do continente, e a região caribenha apresentam grandes similaridades, no que diz respeito à africanização do continente” (p. 75). Refletindo a respeito, desenvolveu a categoria de amefricanidade, que é a ideia de que a nossa região é uma grande América Ladina, e complexificou ainda mais a crítica ao mito da democracia racial.

[...] É quatro horas. Eu já fiz o almoço – hoje foi almoço. Tinha arroz, feijão e repolho e linguiça. Quando eu faço quatro pratos penso que sou alguém. Quando vejo meus filhos comendo arroz e feijão, o alimento que não está ao alcance do favelado, fico sorrindo atoa. Como se eu estivesse assistindo um espetáculo deslumbrante (Jesus, 2004, p. 44).

[...] Quando eu era menina, o meu sonho era ser homem para defender o Brasil porque eu lia a História do Brasil e ficava sabendo que existia guerra. Só lia os nomes masculinos como defensor da pátria. Então eu dizia para a minha mãe: - Por que a senhora não faz eu virar homem? (Jesus, 2004, p. 48).

[...] Eu escrevia peças e apresentava aos diretores de circos. Eles respondia-me: - É pena você ser preta. Esquecendo eles que eu adoro a minha pele negra, e o meu cabelo rústico. [...] Se é que existe reencarnação, eu quero voltar sempre preta (Jesus, 2004, p. 58).

Esses relatos não ficcionais e não acadêmicos podem ser pensados interdisciplinarmente, dentro e fora das universidades, e são valiosos para nos ajudar a compreender o contexto político, social e histórico em que nós, mulheres negras, nos encontramos. Djamila Ribeiro, parafraseando Linda Alcoff, filósofa panamenha, nos alerta para a necessidade de desconolizar o conhecimento:

[...] precisamos nos ater à identidade social, não somente para evidenciar como o projeto de colonização tem criado essas identidades, mas para mostrar como certas identidades têm sido historicamente silenciadas e desautorizadas no sentido epistêmico, ao passo que outras são fortalecidas (Ribeiro, 2017, p. 19).

À ação de apagar, invisibilizar e silenciar conhecimentos e produções desenvolvidos por mulheres negras e grupos subalternizados denominamos epistemicídio. “Para o pensador decolonial [Ramón] Grosfoguel, genocídio e epistemicídio são estruturas modernas inseparáveis, tais quais sexismo e racismo” (Akotirene, 2021, p. 39). Certamente, como assinala Collins (2019, p. 11), “as mulheres negras estão longe de ser as únicas que enfrentam problemas sociais produzidos por raça, gênero, classe, sexualidade, idade, capacidade, nacionalidade e sistemas semelhantes de opressão”. É por isso que “a identidade do pensamento feminista negro como teoria social ‘crítica’ reside em seu compromisso com a justiça, tanto para as estadunidenses negras como coletividade quanto para os grupos oprimidos” (p. 43).

Collins (2019) ressalta que as mulheres negras não são “super-heroínas destemidas capazes de conquistar o mundo, nem vítimas oprimidas que precisam ser salvas”. E o diz compreendendo que, a partir da geolocalização, nossas experiências ganham novas feições. É importante explicar que, embora o pensamento feminista negro

seja uma teoria social crítica das estadunidenses negras, Collins não conceitua as experiências das afro-americanas como uma verdade universal. Nesse contexto, Carla Akotirene nos ajuda a pensar as contribuições das parceiras feministas negras estadunidenses (2021):

Antes de serem estadunidenses, as feministas são negras e refletem experiências pós-coloniais nas águas atlânticas como nós, suas irmãs de barco, noutra América. Uma vez que a água para as mulheres negras é fundamento epistemológico, não sendo à toa, por identidade ancestral, sermos todas chamadas de ialodês – título consagrado a Oxum, senhora das águas e mensageira política das reivindicações das mulheres, na Nigéria – vale considerar que, distante do feminismo branco com “místicas femininas”, em alusão representativa da prisão feminina no espaço privado – Oxum representa aquela que tem autoridade no espaço público-privado para reivindicar em nome da comunidade, como marcam os pontos de vistas de Jurema Werneck e Sueli Carneiro (Akotirene, 2021, p. 32).

Para pensar o pensamento feminista negro no Brasil, temos ainda a contribuição de Winnie Bueno em *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins*. Bueno trabalha, entre outros conceitos, a categoria das *imagens de controle*, proposta por Collins, e estabelece um comparativo brasileiro em relação ao contexto estadunidense. Márcia Lima, que assina a apresentação da obra, afirma que

O livro de Winnie nos permite avançar no fortalecimento do pensamento feminista negro brasileiro, na medida em que propõe uma leitura do ponto de vista brasileiro, de uma das mais renomadas intelectuais negras do mundo. O diálogo proposto pela autora é uma importante contribuição para os estudos sobre as e das mulheres negras brasileiras (Bueno, 2020, p. 21).

Para Winnie Bueno (2020, p. 27), o pensamento feminista negro “é a consequência das estratégias de resistências de mulheres negras, de um pensamento situado e posicionado”. Conforme leio seu livro, vou compreendendo os motivos pelos quais as teorias que mobiliza me parecem um chamado, uma convocação: assim como para Bueno, “esse legado [do pensamento feminista negro] informa quem eu sou, o movimento de mulheres negras do qual vim, além da coletividade compartilhada por essas mulheres nos mais variados espaços” (ibidem).

Devido ao racismo epistêmico e científico – entre outros modos de apagamento ou invisibilização de conhecimentos produzidos por grupos subalternizados, neste caso específico os saberes produzidos por mulheres negras –, o pensamento feminista negro, anterior ao feminismo negro, pode parecer uma novidade. Isso porque as disputas

acadêmicas tendem a legitimizar apenas os saberes produzidos por homens brancos cisheteropatriarcais cristãos do norte global. Mas nós mulheres negras, que produzimos conhecimento ancestral, contemporâneo e também oral – como música, poesia e outros meios de linguagem –, falamos há muito tempo.

## 2.5 Feminismo negro: as mulheres negras no centro da análise

A primeira vez em que parei para ler e ouvir sobre feminismo negro foi por volta de julho de 2019. Eu trabalhava como comunicadora popular em uma instituição de mulheres majoritariamente brancas e, numa tarde, durante meu intervalo, comecei a assistir a uma entrevista com Djamilia Ribeiro que falava sobre esse tema. Minha concentração é quebrada por uma companheira branca de trabalho que me critica pela escolha: “feminismo negro? Isso é tão sectarista! Por que você não lê Silvia Federici<sup>12</sup>, Heleieth Saffioti<sup>13</sup>? Estou lendo *Calibã e a Bruxa*<sup>14</sup>”. Seu comentário me deixou constrangida. Mas por que eu deveria me sentir assim? Por ainda não compreender o processo de racialização, naquele momento, fui atravessada pela opressão do racismo sem conseguir nomeá-lo.

Lendo o prefácio de *Interseccionalidade*, obra da Coleção Feminismos Plurais, Djamilia Ribeiro me fez entender que eu não era a única a ser chamada de intolerante por considerar a possibilidade de um feminismo que não fosse o hegemônico, branco. Segundo a escritora,

ainda é muito comum se dizer que o feminismo negro traz cisões ou separações, quando é justamente o contrário. Ao nomear as opressões de raça, classe e gênero, entende-se a necessidade de não hierarquizar opressões, de não criar, como diz Angela Davis, em *Mulheres negras na construção de uma nova utopia*, “primazia de uma opressão em relação a outras” (Akotirene, 2021, p. 13).

Levando em consideração a data de meu relato, dois anos se passaram até eu conhecer Lélia Gonzalez. Segundo registro na rede social Instagram, isso aconteceu em uma sexta-feira, dia 2 de julho de 2021. Este momento é um divisor de águas, pois é quando me reencontro com o feminismo negro através do documentário *Lélia Gonzalez*

---

<sup>12</sup> Silvia Federici é uma filósofa branca italiana. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, Corpos e Acumulação Primitiva* é uma obra sua, publicada em 2004, que fala sobre a execução de “bruxas” no começo da Era Moderna e o surgimento do capitalismo no mesmo contexto.

<sup>13</sup> Heleieth Saffioti é uma socióloga branca brasileira. Professora e marxista, faleceu em 2010.

<sup>14</sup> De acordo com o dicionário *Oxford Languages*, sectarismo é um substantivo que se refere a espírito limitado, estreito, de seita; a estado de espírito ou atitude sectária; intransigência; intolerância.

- *Feminismo Negro no Palco da História* (2017), produzido pela CULTNE – acervo digital de cultura negra. Na produção audiovisual,

[...] a autora, em toda sua força e lucidez, fala sobre a imposição de valores brancocêntricos<sup>15</sup> para as mulheres negras e a objetificação de seus corpos; sobre a necessidade de enxergar este sistema racista e sexista pela perspectiva dessas mulheres [negras] e pelo reconhecimento de seu trabalho e de sua luta, pois estão “[...] movimentando seus corpos porque seus filhos precisam de escola, precisam de comida e precisam de muitas coisas”. Para Gonzalez (2017), as mulheres negras são as heroínas desconhecidas da nossa história (Sales; Nunes, 2021, p. 2).

Com a descoberta dessa referência intelectual e feminista negra, percebo que não sou uma inculta por não ler ou não conhecer ou não acompanhar todas as leituras feministas brancas<sup>16</sup> nem uma traidora do movimento de mulheres por me aproximar do feminismo negro. Com esse preâmbulo, minha intenção é que se entenda que falar de feminismo negro é pensar a partir das mulheres negras.

Mas, afinal, o que é feminismo negro? Qual o seu propósito? Posso começar com uma definição de Ana Angélica Sebastião, mais conhecida como Angélica Basthi, jornalista negra, escritora e mestra em Comunicação e Cultura, parafraseada por Djamilia Ribeiro, para quem o feminismo negro é

[...] um movimento político, intelectual e de construção teórica de mulheres negras que estão envolvidas no combate às desigualdades para promover uma mudança social de fato; não seriam mulheres preocupadas somente com as opressões que lhe atingem, mulheres negras estariam discutindo e disputando projetos (2017, p. 29).

Ribeiro (2017) destaca, nesse contexto, uma característica peculiar das feministas negras brasileiras e internacionais: para além de teóricas, elas são também ativistas e militantes. E isso está atrelado ao surgimento do feminismo negro: ele nasce a partir da necessidade de pensar a experiência racializada de gênero, de uma condição de exclusão, por conta do “fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo” e por “igualmente, o movimento negro falha[r] pelo caráter machista,

---

<sup>15</sup> No documentário *Lélia Gonzalez - Feminismo Negro no Palco da História* (2020), Lélia utiliza a expressão *white values* para retratar as imposições culturais brancas sobre as mulheres negras. Em tradução livre e neologista, adotamos a expressão valores brancocêntricos. Essa mensagem de Lélia é dita na Conferência Internacional sobre Negritude, Identidade e Culturas Africanas, realizada na *Florida International University* (FIU), em 1987.

<sup>16</sup> Nesse período, eu já havia lido obras de feministas e teóricas brancas como Simone de Beauvoir, Judith Butler, Michelle Perrot, Mary del Priore, Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, mobilizadas sobretudo no desenvolvimento da minha monografia de graduação em Comunicação Social - Jornalismo.

oferece[ndo] ferramentas metodológicas apenas reservadas às experiências dos homens negros” (Akotirene, 2021, p. 19). Essa situação, a qual Lélia Gonzalez denomina de dupla militância das mulheres negras contra o racismo e o sexismo, já era debatida entre os anos 1970 e 1980 no Brasil com outros nomes do feminismo negro brasileiro, como Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro e Luiza Bairros.

Adentrando no contexto estadunidense, Patricia Hill Collins (2019) nos explica que o feminismo negro não é um feminismo branco em *black face*. Referência no tema, ela se dedica a pensar *Feminismo negro, conhecimento e poder* na Parte III de *Pensamento Feminista Negro*. Nesta seção, nos fala sobre o feminismo negro e as mulheres negras em um contexto transnacional, sobre a pobreza das mulheres negras, a necessidade de compor grupos, coalizões e uma política transversal, assim como outros assuntos. Para Collins,

O feminismo negro estadunidense deve, em particular, se dar conta dos pontos comuns que unem as mulheres de ascendência africana, bem como das diferenças que surgem de nossas histórias nacionais diversas. Ainda que esta edição mantenha o foco nas estadunidenses negras, aborda também questões sobre o modo como elas se posicionam em relação ao feminismo negro global (2019, p. 23).

Constantemente articulado com o feminismo negro brasileiro<sup>17</sup>, o feminismo negro estadunidense proposto por Collins reforça a ideia de que a justiça social defendida pelas mulheres negras deve ser para todas, todos e todes. Carla Akotirene (2021) demonstra essa relação entre teoria, ativismo e militância feminista negra quando interrelaciona feminismo negro e opressões interseccionais:

O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo. O letramento produzido neste campo discursivo precisa ser aprendido por lésbicas, gays, bissexuais e transexuais [LGBTQIAP+], pessoas [com deficiência], indígenas, religiosos do candomblé e trabalhadoras. Visto isso, não podemos mais ignorar o padrão global basilar e administrador de todas as opressões contra mulheres, construídas heterogeneamente nestes grupos, vítimas das colisões múltiplas do capacitismo, terrorismo religioso, cisheteropatriarcado e imperialismo (p. 23).

Logo, o feminismo negro oferece ferramentas teórico-metodológicas não apenas para lutar por justiça social para e pensar a condição social das mulheres negras, mas

---

<sup>17</sup> Patricia Hill Collins (2019) é amplamente citada por Winnie Bueno (2020), Djamila Ribeiro (2017) e Carla Akotirene (2021), por exemplo.

também de outros grupos subalternizados. Isso porque a visão humanista é um princípio orientador do feminismo negro, conforme nos lembra Collins (2019) e ressalta Akotirene (2021, p. 24): [o feminismo negro] “não socorre as vítimas do colonialismo moderno prestando atenção à cor da pele, ao gênero, à sexualidade, genitália ou língua nativa. Considera, isto sim, humanidades”.

Retomando a situação social das mulheres negras, ressalto que travamos uma luta constante para resistir a uma matriz de dominação que conta com o apoio da mídia de massa. Nas palavras de Patricia Hill Collins, é preciso lembrar que “a vulnerabilidade das mulheres negras a agressões no ambiente de trabalho, na rua, em casa e nas representações feitas pelos meios de comunicação tem sido um dos fatores que instigam esse legado de luta [feminista negro] (2019, p. 69). Lutamos diariamente para resistir às definições externas, pois “aqueles que controlam os currículos escolares, os programas de televisão, as estatísticas do governo e a imprensa fazem prevalecer seu ponto de vista como superior ao dos outros” (p. 89), neste caso, superior às nossas produções racializadas negras.

A resistência e o enfrentamento das mulheres negras aos grupos dominantes objetiva empoderamento individual e coletivo, dentro de um contexto, como dito anteriormente, de matriz de dominação. Mas o que seria essa matriz de dominação? De que forma ela atua? Como é possível resistir às suas investidas aparentemente sutis? É o que irei tratar no próximo capítulo.

### 3 ESTRATÉGIAS DE SUBJUGAÇÃO E MECANISMOS DE RESISTÊNCIA

#### 3.1 Matriz de dominação: hierarquia social, esferas de poder e opressões interseccionais

O termo matriz de dominação caracteriza uma “organização social geral da qual as opressões interseccionais se originam, se desenvolvem e estão inseridas” (Collins, 2019, p. 368). As opressões interseccionais de raça, classe, gênero, sexualidade, capacidade, religião, etnia, entre outras, ocorrem porque há, globalmente, um grupo dominante que faz uso do poder que possui para controlar ideologicamente grupos que, por não ocuparem o topo da hierarquia social, branca – ou ocuparem a base dela, como é o caso das mulheres negras – são considerados inferiores e, por isso, subalternizados e dominados. Esse grupo dominante é formado por homens brancos cisheteropatriarcais cristãos do norte global.

Para Winnie Bueno (2020), a matriz de dominação consiste em “organizações específicas de relações sociais hierárquicas de poder”. Bueno, que traz o termo no plural, entende que:

as matrizes de dominação seriam caracterizadas, por um lado, por um arranjo específico de sistemas sobrepostos de opressão, tais como “raça”, estrato social, gênero, sexualidade, estatuto de cidadão, etnia e idade; e, por outro, por uma organização específica de suas esferas de poder (Bueno, 2020, p. 67).

Esse controle ideológico da matriz de dominação se dá por meio de quatro domínios, aos quais Hill Collins elenca como sendo os poderes estrutural, disciplinar, hegemônico e interpessoal. A escritora afirma que “esses domínios estabelecem espaços específicos por meio dos quais as opressões de raça, classe, gênero, sexualidade e nação se constroem mutuamente (2019, p. 332). Kerner e Tavorari (2012, p. 56 apud Bueno, 2020, p. 67-68) listam e exemplificam essas quatro esferas de poder:

1. Esfera estrutural: arenas tais como ocupação profissional, governo, educação, direito, economia e moradia, na qual o poder é exercido por meio de leis e políticas públicas;
2. Esfera disciplinar: o exercício do poder se dá por meio de hierarquias burocráticas e de técnicas de controle e vigilância;
3. Esfera hegemônica: as ideias e ideologias atuam no sentido de despolitizar opiniões discrepantes, ou também em que grupos sociais se controlam mutuamente;
4. Esfera interpessoal: abarca o racismo cotidiano, as experiências cotidianas de discriminação e as reações de oposição e de resistência a esses atos.

Nos Estados Unidos, essa dominação se materializa a partir da escola, da moradia, do emprego, de políticas governamentais e de instituições sociais como a imprensa (Collins, 2019). Estas esferas “regulam os padrões concretos de opressão interseccional com os quais as mulheres negras deparam” (p. 368). A esse respeito, é preciso compreender que a matriz de dominação não é uniforme, mas, sim, dinâmica, situada no tempo e no espaço. A cada contexto de dominação, há diferentes combinações de opressões interseccionais, matrizes de dominação e formas de ativismo:

Por exemplo, como apontam feministas senegalesas, feministas negras estadunidenses e feministas negras britânicas, as opressões interseccionais de raça, classe, gênero e sexualidade estão presentes nas instituições sociais do Senegal, dos Estados Unidos e do Reino Unido. No entanto, as relações sociais nesses três Estados-nação são distintas umas das outras: a dominação é estruturada de formas diferentes no Senegal, nos Estados Unidos e no Reino Unido (Collins, 2019, p. 369).

Ao mesmo passo que há matrizes de dominação especificamente situadas, localizadas em uma região específica, existe uma matriz de dominação que afeta as mulheres negras afrodescendentes no mundo inteiro, já que as opressões interseccionais são um fenômeno global. Desse modo,

mulheres negras na Nigéria, em Trinidad e Tobago, no Reino Unido, em Botsuana, no Brasil e em outros Estados-nação se situam de maneira similar. Elas deparam com os contornos dos movimentos sociais locais, as políticas de seu Estado-nação e a mesma matriz global de dominação na qual as mulheres negras estadunidenses estão inseridas (Collins, 2019, p. 374).

Assim, é possível inferir que uma mulher negra pobre lésbica brasileira que sai do Brasil, por exemplo, será atravessada pelas opressões interseccionais do racismo, sexismo, machismo, lesbofobia e xenofobia – que operam na matriz global de dominação – a partir de contornos específicos locais, que são dinâmicos e se alteram “em resposta às ações humanas” (Collins, 2019). Outra prova de que o conteúdo da matriz de dominação não é uniforme nem estático é que “a segregação racial persiste, mas não sob as formas que tinha em momentos históricos anteriores, de modo que os próprios contornos da dominação se alteram” (p. 368). O fato é que “raça, gênero, classe, condição de cidadania, sexualidade e idade definem o lugar social dos grupos na matriz transnacional de dominação” (p. 394).

Justamente por conta da dinamicidade das estruturas que compõem a matriz de dominação, e o perigo que essa característica contém, Akotirene (2021, p. 19) declara que “é imperativo aos ativismos, incluindo o teórico, conceber a existência duma matriz

colonial moderna cujas relações de poder são imbricadas em múltiplas estruturas dinâmicas, sendo todas merecedoras de atenção política”. A pensadora negra nos convida a refletir o conceito de matriz de dominação desenvolvida por Collins a partir de uma atualização histórica, a qual ela chama de “matriz colonial moderna”. Para Carla Akotirene (2021, p. 37-38), nesse contexto, as opressões interseccionais exigem dos vitimados e das vitimadas nas avenidas identitárias:

1. Instrumentalidade conceitual de raça, classe, nação e gênero;
2. Sensibilidade interpretativa dos efeitos identitários;
3. Atenção global para a matriz colonial moderna, evitando desvio analítico para apenas um eixo de opressão.

Pensar a matriz de dominação a partir de uma escala global de análise, para Collins (2019, p. 374) “revela novas dimensões das experiências das mulheres negras estadunidenses numa matriz de dominação” e “lança luz sobre os desafios específicos que uma matriz transnacional de dominação pode apresentar para as afrodescendentes” mundo afora.

A ideologia geral de dominação reverbera na vida das mulheres negras também a partir de definições externas criadas pelos grupos dominantes para subjugar-las, inferiorizá-las e discriminá-las. Entre as instituições com poder para nomear fatos sociais, temos os meios de comunicação, como os jornais, que, insistentemente, retratam a condição de vida das mulheres negras de forma estereotipada, preconceituosa, universalizada. E essas organizações, conhecidas e respaldadas socialmente, fazem com que suas ideias circulem entre nós, se consolidando e conquistando *status* de “verdade”, de “fato”.

É a partir das instituições como o Estado, a Igreja e Mídia, por exemplo, que se consolida a matriz de dominação que estrutura o poder hegemônico e cumpre o papel de legitimar, e se organizam as formas como as opressões irão controlar determinados grupos subordinados. Bueno (2020) esmiúça essa ideia ao trazer como exemplo o sistema escravocrata, no sentido de que o fato do sistema ter sido encerrado não significou o fim da dominação racial. Na realidade, o que aconteceu foi uma substituição dessa forma de opressão, em que outras instituições assumem a função e passam a refletir os interesses dos grupos dominantes em manter a subordinação das mulheres negras (Sales; Nunes, 2021, p. 6).

Criar, reproduzir e atualizar Imagens de Controle da condição de mulheres negras é transferir a responsabilidade social e nos culpar pela situação de pobreza, violência e

desigualdade em que vivemos<sup>18</sup>. Essas definições externas são denominadas por Collins (2019) como Imagens de Controle, categorias de análise intimamente ligadas ao conceito de matriz de dominação. Conhecer e entender o que são as Imagens de Controle é fundamental pois, com elas, os grupos dominantes definem valores sociais e manipulam ideias sobre a nossa condição de mulheres negras.

### **3.2 Imagens de Controle: diz-me ser uma mulher negra e eu te direi quem és**

Em 2020, produzindo o pré-projeto de pesquisa deste trabalho, me deparei com a categoria das Imagens de Controle no artigo *Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras*, publicado em 2019, e de autoria das jornalistas negras Alane Reis, Naiara Leite e Daniela Matos. Coincidentemente, foi neste período que tomei conhecimento da produção intelectual de Patricia Hill Collins, ao ver suas ideias mencionadas também em *A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais*, de 2019, artigo da professora e publicitária negra Fernanda Carrera, e *Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais*, também de 2019, de autoria de Fernanda Carrera em parceria com a professora e socióloga negra Denise Carvalho.

Seguindo o rito da Revisão Sistemática de Literatura (Sampaio; Lycarião, 2021), ao buscar subsídio para compreender o que molda a representação de mulheres negras na mídia, encontro em Collins (2019) uma categoria analítica que dá suporte para investigar, identificar e refletir acerca da condição das mulheres negras não apenas nos meios de comunicação, mas também nas escolas, nos postos de trabalho, nas manifestações religiosas, nas universidades, nos movimentos sociais, na política institucional, enfim, em todos os espaços, globalmente falando. É uma descoberta catártica e potente.

Reis, Leite e Matos (2019), introduzindo o pensamento de Collins (2019), explicam que as Imagens de Controle compõem uma categoria de análise que permite

---

<sup>18</sup> Além disso, reforça a ideia de que o “lugar natural” das pessoas negras é a pobreza e, das pessoas brancas, a riqueza, o conforto social, econômico. Isso ampara uma outra ideia falaciosa, que é a de as pessoas brancas são generosas por “cuidarem” de pessoas negras, “dividindo” sua renda e seu tempo. A esse fenômeno nós, do movimento negro e grupos militantes, chamamos de “complexo do branco salvador”, “mito do branco salvador”, “mito da branca salvadora”, entre outras denominações. Veja mais em: <https://noticiapreta.com.br/o-mito-do-branco-salvador-exalta-a-generosidade-da-branquitude-e-a-miserabilidade-da-negritude/>.

abordar os estereótipos utilizados para se referir às mulheres negras na mídia hegemônica, contudo, vale ressaltar que, nesse caso, o conceito de Imagens de Controle “se diferencia das noções de representação e estereótipo a partir da forma com que as mesmas são manipuladas dentro dos sistemas de poder articulados por raça, classe, gênero e sexualidade” (Bueno, 2020, p. 21). Por esse motivo, quando falar em estereótipo, sua ideia será unicamente associada às Imagens de Controle (Collins, 2019), a uma série de imagens negativas utilizadas para retratar a condição social das mulheres negras.

Segundo Collins, idealizadora do conceito, (2010 apud Reis; Leite; Matos, 2019, p. 8), essas imagens são utilizadas para “mascarar o racismo, o sexismo, a pobreza e outras injustiças sociais, fazendo-os parecer natural, normal e parte inevitável do cotidiano”, além de que “essas imagens, representações esparsas e fragmentadas da totalidade social, acabam construindo um todo coerente, o imaginário social”. Além disso,

Patricia Hill Collins (2019) considera que as imagens de controle fazem parte de uma ideologia generalizada de dominação, em que se opera a partir de uma lógica de poder que nomeia, caracteriza e manipula significados sobre as vidas de mulheres negras que são dissonantes daquilo que elas enunciam sobre si mesmas. Os grupos dominantes recorrem a essas imagens para propagar padrões de violência e dominação para permanecerem no sistema de poder. [...] **A mídia se apresenta, nesse sentido, como instituição que consolida as imagens de controle, sendo um dos principais mecanismos de atualização e redefinição** (Bueno, 2020 apud Sales; Nunes, 2021, p. 5-6, grifo próprio).

Com essa consciência, eu e Patrícia Nunes (2021) buscamos refletir criticamente a respeito das imagens as quais a mídia recorre quando pretende representar as mulheres negras. Fizemos isso articulando o pensamento de Collins (2019), Bueno (2020) e Gonzalez (1984) com objetos midiáticos, no artigo *Mulheres negras nas imagens de controle*. Os objetos de análise foram os filmes *Que horas ela Volta?* e *Histórias Cruzadas*, a novela *Êta Mundo Bom* e a publicidade do *Carnaval da Globo*.

Neste estudo de 2021, mobilizamos a categoria de Imagens de Controle de Collins (2019) com as noções de mãe preta, doméstica e mulata de Gonzalez (1984) e concluímos que a mídia colabora para a construção do imaginário racista na cultura, ao propagar estereótipos negativos que estigmatizam as mulheres negras em papéis subordinados e, assim, perpetuam a violência sobre esses corpos.

Aprofundando o conteúdo, Patricia Hill Collins (2019) nos apresenta as Imagens de Controle da *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado (*welfare mother*); rainha

da assistência social (*welfare queen*); dama negra (*black lady*); e da jezebel, prostituta ou *hoochie*. Winnie Bueno (2020) elenca mais duas Imagens de Controle de Collins, não especificadas na edição de 2019 de *Pensamento Feminista Negro*, a *mammy* moderna e a *pretty baby*. Estabelecendo um paralelo com a produção feminista negra brasileira, Lélia Gonzalez (1984) identifica os estereótipos da mulata, doméstica e mãe preta.

Essas imagens negativas e estereotipadas são reproduzidas ou redefinidas pelos grupos dominantes, como a mídia hegemônica, “dado que a autoridade para definir valores sociais é um importante instrumento de poder [e, por isso, os] grupos de elite no exercício do poder manipulam ideias sobre a condição de mulher negra” (Collins, 2019, p. 135).

Matriarca, castradora e mamãe gostosa. Às vezes mana, gracinha, tiazinha, *mammy* e menina. Mãe solteira, dependente do Estado e sacoleira de centro pobre. A Mulher Negra Americana teve de admitir que, embora ninguém tivesse noção dos problemas que ela enfrentava, todo mundo, de seu irmão a seu cachorro, achava que era qualificado para explicar quem ela era, até para ela mesma (Harris, 1982, p. 4 apud Collins, 2019, p. 135).

Hazel Carby, conforme Collins (2019, p. 135-136), diz que o objetivo dos estereótipos “não é refletir ou representar uma realidade, mas funcionar como um disfarce ou mistificação de relações sociais objetivas”. Trocando em miúdos: para os grupos dominantes, a culpa do machismo é das mulheres; a culpa do classismo é dos pobres; a culpa do racismo é dos negros; a culpa da homofobia é dos homossexuais, e por aí vai.

### ***3.2.1 Imagens de Controle da condição de mulher negra***

Após definir e apresentar os objetivos das Imagens de Controle, irei expor a seguir as suas principais características. Recapitulando, as Imagens de Controle da condição de mulher negra são a *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; *mammy* moderna; jezebel, prostituta ou *hoochie*; e *pretty baby* – extraídas dos capítulos *Mammies, matriarcas e outras imagens de controle*, de Collins (2019), e *O conceito de imagens de controle em Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment*, de Bueno (2020).

Destaco, em itálico, expressões literais. Esta escolha se deu pensando na leitabilidade, pois extraí palavras e expressões referentes a características específicas de cada imagem de controle no conteúdo na íntegra dos dois capítulos mencionados

anteriormente. Esta ação se dará apenas neste tópico. Trago também, nos Apêndices G, H e I, as informações descritas logo abaixo em formato de quadros. Acrescento que as Imagens de Controle, conforme Collins (2019), variam em grau e não em tipo e, por esse motivo, muitas vezes, se interligam, se conectam.

A primeira imagem de controle é a da *mammy*, a mãe negra boa. Representa a *figura da mãe negra nas famílias brancas*: uma *serviçal fiel e obediente* que, apesar da autoridade simbólica, conhece *seu lugar*, sabe que não é da família. Supostamente *aceita sua subordinação e está satisfeita* com isso. Encarna em si o *comportamento materno ideal*, pois é *calorosa, carinhosa e inofensiva*. *Assexuada* e de características africanas, é a *mãe substituta* de rosto negro. Pelas características que possui, é uma *parceira sexual inadequada* para os homens brancos.

A matriarca, mãe negra má, é a segunda imagem de controle. Representa a *figura materna nas famílias negras*: *trabalha fora*, passa muito tempo no serviço, *não supervisiona os filhos e não cumpre com os deveres femininos tradicionais*, e, por isso, é considerada como responsável não só pelo fracasso da sua comunidade, mas também por resolver todos os seus problemas, já que é teoricamente culpada por eles – Collins (2019) denomina esse fenômeno como a tese do matriarcado negro. A matriarca é ainda retratada como *agressiva, excessivamente forte*, e por isso *castradora de amantes e maridos*. Por se recusar a ser dócil, passiva, é tida como uma *mammy* fracassada.

Já a mãe dependente do Estado ou *welfare mother*, terceira imagem de controle, está *vinculada ao acesso às políticas de bem-estar social*, como fala Collins. Versão atualizada da imagem da *mulher procriadora*<sup>19</sup>, tem *viés de classe* e retrata a mulher negra pobre da classe trabalhadora. Ela faz *uso de benefícios sociais* e é vista como *acomodada, preguiçosa e satisfeita com os auxílios* que recebe do governo. De *fecundidade desnecessária e perigosa, foge do trabalho* e transmite valores negativos aos filhos e filhas. É, por isso, responsável pelo fracasso de seus descendentes e da comunidade negra.

Evolução da imagem de controle da mãe dependente do Estado, a rainha da assistência social ou *welfare queen* é descrita como uma mulher *economicamente*

---

<sup>19</sup> Conforme Collins (2019), durante a escravidão, a imagem da *mulher procriadora* retratava as mulheres negras como mais adequadas para ter filhos que as brancas. Isso fornece justificativa ideológica, por exemplo, para o alto índice de violência obstétrica contra mulheres negras no Brasil, que se reflete na negação à anestesia em cirurgias e partos e na falta ou negação de garantias aos direitos sexuais e reprodutivos deste grupo. Mais em: Nas maternidades, a dor também tem cor. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/nas-maternidades-a-dor-tambem-tem-cor>. Acesso em: 10 ago. 2021.

*dependente, sem emprego e sem renda; materialista, dominadora e sem parceiro.* Também conhecida como *rainha negra do bem-estar*, é considerada uma aberração moral, um *peso econômico para o Tesouro Nacional*, já que é *casada com o Estado*.

Na sequência, a imagem de controle analisada é a da dama negra ou *black lady*. Profissional negra de classe média, de acordo com Collins, ela se baseia nas imagens anteriores – *mammy*, matriarca, mãe dependente do Estado e rainha da assistência social. É *diligente, sem tempo para homens, bem-sucedida ao ingressar na classe média, altamente instruída*, pouco feminina e muito assertiva. Apesar da competência comprovada e de sua qualificação, é constantemente contestada. Aparentemente assexual e com menos chances de ter filhos, *não consegue homem para casar* e é considerada responsável pela condição social de desigualdade dos homens negros.

Para Bueno (2020), a *mammy* moderna é a atualização da imagem da *dama negra*. Isso porque ela *sacrifica sua vida pessoal* por sua “lealdade inabalável ao chefe ou à instituição” em que trabalha. Com raiz na *mammy* tradicional, ela é vista como *facilmente explorável e submissa*.

A última imagem de controle retratada por Collins na edição de 2019 de *Pensamento Feminista Negro* é a jezebel, prostituta ou *hoochie*. Representando a forma desviante da sexualidade feminina negra, remete ao período da escravidão, quando a mulher negra era considerada como uma *ama de leite sexualmente agressiva*. Segundo esta imagem mobiliza, a jezebel tem *apetite sexual excessivo*, é uma *malandra, cachorra, gostosa, do gueto*. *Voraz* e vista como uma *aberração*, ela é *masculinizada, busca sexo da mesma forma que um homem*, tem *ambições materialistas e práticas sexuais desviantes e aberrantes*. Quando jovem, é classificada como *hoochie*: promíscua e que se veste de forma sexualmente provocante. Por conta dessas características, jezebel, prostituta ou *hoochie* ocupa o “outro polo do binômio normal versus desviante”.

Como complemento a imagem de controle da jezebel, prostituta ou *hoochie*, a *pretty baby*, descrita por Bueno (2020), mobiliza a questão etária, pois, neste caso, retrata crianças e adolescentes negras. A *pretty baby*, associada a jezebel, é uma menina negra *sexualmente ativa e sexualmente irresponsável desde a tenra infância*.

Trazendo um ponto de vista sul-americano, Lélia Gonzalez (1984) articula em *Racismo e sexismo na cultura brasileira* as noções de mulata, doméstica e mãe preta, três estereótipos recorrentes no contexto brasileiro destinados às mulheres negras. A mulata

diz respeito às mulheres negras aclamadas apenas no carnaval, passistas e rainhas de escolas de samba que perdem o anonimato na passarela; doméstica é a trabalhadora negra responsável pelas tarefas do lar, por suprir a falta de afeto do filho da patroa, cuidando como sua cria; e a mãe preta (ou Bá) representa a “boa mãe” nos lares brancos. É preciso dizer, enfim, que essas imagens são articuladas com base em estereótipos que visam determinar o lugar das mulheres negras na cultura: um lugar de inferioridade, servidão e subalternidade.

Após a descrição das principais características das Imagens de Controle da condição de mulher negra (Collins, 2019; Bueno, 2020) e dos estereótipos brasileiros acerca das mulheres negras (Gonzalez, 1984) é importante frisar que as mulheres negras são consideradas como o oposto da “verdadeira condição de mulher” e do “ideal tradicional de família” (Collins, 2019): enquanto as mulheres brancas são consideradas como exemplos de feminilidade, sexualidade, responsabilidade, por serem meigas, doces e modestas, as mulheres negras são tidas como promíscuas e predadoras sexuais (Collins, 2019; Bueno, 2020).

Isso acontece porque as Imagens de Controle se sustentam em uma lógica binária, que, conforme Bueno (2020, p. 81), é o “sustentáculo da objetificação das mulheres negras como o outro da sociedade<sup>20</sup>, o que irá balizar a justificativa ideológica que organiza as opressões de raça, gênero e classe”. Para o pensamento binário, uma categoria existe apenas em relação a outra. Nessa “lógica de opostos” (Bueno, 2020), as mulheres brancas ocupam o polo positivo e, as mulheres negras, o polo negativo, como exibe em quadro exemplificativo a seguir.

**Quadro 1 – Padrões de beleza segundo a lógica do binarismo**

PENSAMENTO BINÁRIO	
Mulheres brancas	Mulheres negras
Polos opostos	

<sup>20</sup> Como explicam Djamilia Ribeiro e Grada Kilomba, a mulher negra, na prática, pode ser considerada como o Outro do Outro. Isso porque fomos “postas em vários discursos que deturpam nossa própria realidade: um debate sobre o racismo onde o sujeito é homem negro; um discurso de gênero onde o sujeito é a mulher branca; e um discurso sobre a classe onde ‘raça’ não tem lugar” (Kilomba, 2012, p. 56 apud Ribeiro, 2017, p. 23). Logo, a categoria gênero é representada pela mulher branca e a categoria raça é representada pelo homem negro. Como a mulher negra não é mulher branca nem homem negro, ela é o Outro do Outro.

características do norte global: pele branca loiras magras olhos azuis cabelo liso	características tipicamente africanas: pele escura nariz largo lábios carnudos cabelo crespo
---	--

Fonte: Elaboração da autora (2023), adaptado de Collins (2019).

A despeito da comparação entre as Imagens de Controle da condição de mulher negra e das Imagens de Controle de mulheres brancas, julgo imprescindível destacar que as Imagens de Controle

são destinadas às mulheres negras, mas também às brancas, segundo Bueno (2020). O problema maior não se resume ao conteúdo dessas imagens, embora seja importante identificá-lo, mas, sim, aos sistemas de poder que as usam para construir outras realidades (Sales; Nunes, 2021, p. 6).

Há inclusive Imagens de Controle de homens negros. Carla Akotirene (2021, p. 54), fazendo menção a pensadora negra estadunidense bell hooks<sup>21</sup>, alerta que os homens negros são social e midiaticamente retratados como “fracassados, psicologicamente fodidos, perigosos, violentos, maníacos sexuais cuja insanidade é informada por sua incapacidade de cumprir seu destino masculino falocêntrico em um contexto racista”. Para piorar, são caracterizados ainda como “não humanos, macacos, engaiolados pelo racismo epistêmico” (p. 36-37).

Consequentemente, as Imagens de Controle são prejudiciais e afetam também outros grupos, mas são potencialmente pioradas quando se relacionam a grupos racializados, como é o caso das mulheres negras e dos homens negros. Desse modo, pela complexidade conceitual que mobilizam, as Imagens de Controle podem ser consideradas como uma categoria de análise, como um modelo analítico. Bueno (2020) nos explica:

A leitura das imagens de controle enquanto uma categoria de análise permite compreender as práticas que caracterizam a matriz de dominação na qual as opressões operam. Ao estudar a maneira com que essas imagens são formuladas, reconstituídas e utilizadas historicamente, fica evidente que retratar mulheres negras a partir de figuras organizadas pelas imagens de controle é uma estratégia para obstaculizar os processos de subjetivação de mulheres negras, pois, a partir dela, o empoderamento político dessas mulheres, bem como a

<sup>21</sup> bell hooks optou por grafar suas iniciais em letras minúsculas para deslocar o foco da figura autoral para suas ideias (hooks, 2020).

constituição de sua autonomia, se dá de forma incompleta (Bueno, 2020, p. 114-115).

A partir da compreensão das Imagens de Controle como um modelo analítico, podemos investigar e compreender as práticas de grupos dominantes, que desfrutam da hierarquia social que ocupam e utilizam o poder que possuem como ferramenta para dominar grupos subalternizados. Entre as instituições que utilizam seu poder ideológico para nomear a realidade social de mulheres negras, elencadas por Collins (2019), Bueno (2020), Ribeiro (2017, 2019), Gonzalez (1984) e Akotirene (2021), temos a mídia<sup>22</sup>. Ela é citada pelas autoras com variantes como “imprensa”, “mídia global”, “meios de comunicação”, “programas de televisão”, “imprensa ‘livre’”, “impérios midiáticos”, “mídia impressa e de radiodifusão”, “instituições de comunicação”, “mídia popular”, “fotojornalismo”, “mídias televisivas”, “elite político-midiática”, “programas jornalísticos” e “mídias tradicionais”.

Integrante do grupo dominante, a mídia, por meio da formulação, reprodução e atualização das Imagens de Controle da condição de mulheres negras, cria empecilhos para resistirmos a essas definições externas, uma vez que esse conteúdo circula massiva, diária e globalmente. Mas isso não quer dizer que, por sermos e nos afirmarmos mulheres negras, muitas vezes pobres e atravessadas por outras avenidas identitárias, somos o que dizem de nós.

É por isso que a autodefinição é a principal forma de resistir às Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020), de modo que nós, mulheres negras, conforme Winnie Bueno (2020, p. 154), criamos “estratégias para articular pontos de vista autodefinidos a partir de [nossas] próprias experiências” como “forma de recuperação da nossa própria história”.

---

<sup>22</sup> Aqui, valho-me do conceito de mídia para Venício Lima, professor de Ciência Política e Comunicação, pois, ao falar de mídia, estou me “referindo à indústria da cultura, isto é, às emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), aos jornais, revistas e ao cinema, portadores do que se chama de comunicação de massa. [...] A mídia, plural latino de *medium*, meio, é entendida aqui como o conjunto das instituições que utiliza tecnologias específicas para realizar a comunicação humana. Vale dizer que a instituição mídia implica sempre na existência de um aparato tecnológico intermediário para que a comunicação se realize. A comunicação passa, portanto, a ser uma comunicação midiaticizada” (Lima, 2009, p. 17).

### 3.3 Autodefinição: “a verdade sobre mim eu mesma posso dizer”<sup>23</sup>

Aprendi que autodefinição é nomear a minha própria realidade, ser sujeita da minha história e, assim, não permitir que definições externas mobilizadas por grupos dominantes tenham poder também sobre minha consciência. Conforme Collins (2019) e Bueno (2020), é preciso sobreviver para resistir e lutar para garantir nossa sobrevivência. E, nesse contexto, a autodefinição é o principal mecanismo de resistência às Imagens de Controle, pois “quando a sobrevivência da mulher negra está em jogo, criar autodefinições independentes é essencial” (Collins, 2019, p. 203).

O conceito de autodefinição é desenvolvido nos tópicos *O poder da autodefinição*, em *Pensamento Feminista Negro* (Collins, 2019) e *A resistência às imagens de controle a partir do ponto de vista autodefinido*, em *Imagens de controle* (Bueno, 2020). Para Winnie Bueno, a autodefinição pode ser entendida como “definições próprias, constituídas a partir de lutas que partem da possibilidade de essas mulheres [negras] serem sujeitas de suas próprias narrativas” (p. 34) e, para Collins (p. 184), é o “conhecimento constituído do eu”, é “aprender a falar com uma voz única e autêntica”, “se lançar para fora dos enquadramentos e dos sistemas fornecidos pelas autoridades e criar seu próprio enquadramento”.

Consigo ver esse movimento de busca por autonomia e autodefinição no livro *Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano*, da escritora e feminista negra portuguesa Grada Kilomba, quando diz que sua obra pode ser entendida como “um modo de ‘tornar-se um sujeito’ porque nesses escritos eu procuro trazer à tona a realidade do racismo diário contado por mulheres negras baseado em suas subjetividades e próprias percepções” (Kilomba, 2012, p. 12 apud Akotirene, 2021, p. 15). Esta atitude me recorda Lélia Gonzalez (1984) quando diz que “o lixo vai falar, e numa boa” e Djamila Ribeiro no prefácio de *Interseccionalidade* (Akotirene, 2021), quando afirma que “estamos falando em nosso nome”. Bueno (2020) também ressalta seu movimento de autodefinição na introdução de *Imagens de controle*, quando assinala que

[...] Apesar de ser um livro de teoria feminista, ele é escrito quase integralmente na primeira pessoa. Essa escolha é parte de um aprendizado do estudo do pensamento de Patricia Hill Collins. Escrevo em primeira pessoa como forma de assumir a responsabilidade completa pela minha escrita. Também optei em produzir teoria em

<sup>23</sup> Esta frase é de Winnie Bueno (2020), título do último capítulo de *Imagens de controle* após desenvolver o conceito de autodefinição.

primeira pessoa como forma de nomear minha própria experiência (p. 27).

A nossa autodefinição enquanto mulheres negras é, de fato, uma ferramenta de resistência e sobrevivência, pois, como nos lembra Winnie:

Sempre existe um outro sujeito, com maior autoridade, para falar sobre as experiências de mulheres negras no lugar delas próprias. [Isso porque] o saber das mulheres negras, suas próprias experiências, os sentidos que suas vivências adquirem na particularidade e na vida coletiva não bastam para que as mesmas possam nomear a própria história (Bueno, 2020, p. 79).

No contexto acadêmico, por exemplo, nós mulheres negras pesquisadoras sofremos com o fato de termos nossos saberes e nossas produções constantemente questionados, colocados em xeque, pois a validação do conhecimento no âmbito científico se dá por meio de critérios brancocêntricos. E, por conta da circulação das Imagens de Controle da condição de mulher negra, inclusive nas universidades, muitas vezes, somos vistas como inferiores, intrusas, invasoras, atrasadas, vitimistas, burras.

Trazendo o debate para o Brasil, por exemplo, a própria Lélia Gonzalez (1984) pensou a respeito dos entraves entre o que se considera culto e popular ao trazer para o centro da análise a linguagem do povo africano no país: “[Lélia constatou que] as pessoas que falavam ‘errado’, dentro do que entendemos por norma culta, eram tratadas com desdém e condescendência” (Ribeiro, 2017, p. 17). E, para escancarar as contradições aparentes, nomeou como “pretuguês” a língua africana falada por escravizados no Brasil, recordando que:

É engraçado como eles [sociedade branca elitista] gozam a gente quando a gente diz que é Framengo. Chamam a gente de ignorante dizendo que a gente fala errado. E de repente ignoram que a presença desse *r* no lugar do *l* nada mais é do que a marca linguística de um idioma africano, no qual o *l* inexistente. Afinal quem é o ignorante? Ao mesmo tempo acham o maior barato a fala dita brasileira que corta os *erres* dos infinitivos verbais, que condensa você em *cê*, o *está* em *tá* e por aí afora. Não sacam que tão falando pretuguês (Gonzalez, 1984, p. 238 apud Ribeiro, 2017, p. 17-18).

Além do “pretuguês” de Lélia Gonzalez, que mostra forte resistência do povo negro às Imagens de Controle, me recordo da noção de “dupla consciência”, do sociólogo negro estadunidense William Edward Burghardt Du Bois (Bueno, 2020), em que aborda a subjetividade das pessoas negras. De acordo com Du Bois, nós, enquanto grupos subalternizados, temos uma dupla consciência – uma que atua na esfera pública e outra

na esfera privada – que, para Winnie (2020, p. 125), “é importante para compreender como Patricia Hill Collins localiza a autodefinição como uma política importante de resistência para as mulheres negras”.

Segundo a noção de dupla consciência, nós podemos “apresentar, ao mesmo tempo, a linguagem do opressor como força de resistência e sobrevivência nos espaços inscritos nos sistemas de dominação, como é o caso da esfera pública, e manifestar um ponto de vista próprio nos espaços onde podem[os] de fato apresentar uma ‘verdadeira consciência de si’” e isso é uma prova de que “somos capazes de perceber a complexidade que essas imagens [de controle] nos imprimem” (Bueno, 2020, p. 126). Isso pois,

de um lado, elas representam a marca de subjugação que o opressor (individual e institucional) projeta sobre nós e todas as violências materiais e simbólicas que dela decorrem. De outro, é na disputa por autodefinição em relação a essas mesmas imagens que temos construído agendas políticas e processos de resistência que podem possibilitar alternativas de liberdade, justiça social e exercício concreto da democracia (ibidem).

A luta das mulheres negras por autodefinição e contra a subjugação dos grupos dominantes se dá inclusive nas universidades, como vimos com a produção de Lélia Gonzalez e a noção de pretuguês. Essa visão-além do pensamento acadêmico tradicional se dá porque, de acordo com Collins (2019), Lélia Gonzalez e as acadêmicas negras, somos *outsiders* internas. Conforme explica Winnie Bueno,

[...] a autora propõe a categoria de *outsider within* para demonstrar como as experiências de grupos marginalizados são relevantes para a academia. O conceito de *outsider within* é considerado central para os estudos feministas na atualidade, embora ainda seja pouco disseminado no contexto brasileiro [...]. Não obstante, a noção de *outsider within* tem sido utilizada para descrever locais sociais ou espaços fronteiriços ocupados por pessoas oriundas de grupos sociais caracterizados pela desigualdade em termos de poder (Bueno, 2020, p. 69).

Claudia Pons Cardoso, historiadora e intelectual negra, corrobora com o pensamento de que as mulheres negras são *outsiders* internas na universidade. Contudo, para a pensadora, essa situação pode ser usada a nosso favor, pois ser *outsider within* “permite às pesquisadoras negras constatar, a partir de fatos de suas próprias experiências, anomalias materializadas na omissão ou observações distorcidas dos mesmos fatos sociais” (2012, p. 85 apud Bueno, 2020, p. 69).

Neste momento, a autodefinição pode ajudar, também, nós acadêmicas negras a virarmos a chave da constante validação do conhecimento apenas por meio de critérios

brancocêntricos, pois é quando nos reafirmamos enquanto agentes de conhecimento validando também os saberes negros, uma vez que as nossas experiências de mulheres negras, segundo Collins (2019), podem e devem ser consideradas como critério de credibilidade na produção de conhecimentos e saberes.

Indo ao encontro desses pensamentos, a comunidade acadêmica negra pode ser considerada como “um lugar passível de tensionar os padrões vigentes e constituir marcos de validação do pensamento teórico que estejam alicerçados em critérios que tenham por centro as dimensões do pensamento de mulheres negras” (2019 apud Bueno, 2020, p. 27). E é aí que entra em cena a epistemologia feminista negra.

### **3.4 Epistemologia feminista negra: uma alternativa à “epistemologia mestra”**

Como alternativa às epistemologias eurocêtricas, temos a epistemologia feminista negra, obras produzidas com e nas experiências coletivas das mulheres negras e que nos permite, conforme Collins (2019), questionar o “conteúdo atualmente reconhecido como verdade”. Para a escritora, há uma sabedoria coletiva de um ponto de vista das mulheres negras e “quem compartilha essas experiências pode acessar uma série de princípios para avaliar reivindicações de conhecimento”. Esses princípios passam a integrar uma sabedoria das mulheres negras em âmbito mais geral” (p. 410), que a autora chama de epistemologia feminista negra:

Essa epistemologia alternativa usa padrões diferentes, que são consistentes com os critérios das mulheres negras quanto ao conhecimento fundamentado e com nossos critérios de adequação metodológica. Decerto essa alternativa epistemológica feminista negra foi desvalorizada pelos processos dominantes de validação do conhecimento, e não são muitas as afro-americanas [e afrodescendentes pelo mundo] que podem reivindicá-la (ibidem).

Algo que me chama a atenção é o fato de que, por mais que a orientação geopolítica de Patricia Hill Collins possa dar a ilusão de um superpoder a sua produção, já que é estadunidense, Carla Akotirene (2021, p. 31-32), pensadora negra brasileira, nos traz o ponto de vista feminista negro para recordar que as intelectuais estadunidenses negras são tidas como “saberes periféricos do lado sul-nortista”: “norte porque, dos Estados Unidos, vivem sob a batuta supremacista-imperialista de publicação, difusão e tradução de conhecimento ao resto do mundo, e sul, pois sofrem racismo e sexismo epistêmicos impostos pela geografia do saber Norte Global”.

Após essa observação sobre o lugar geográfico da produção de mulheres teóricas negras norte-americanas, Akotirene (2021) afirma que os desafios epistêmicos enfrentados por essas intelectuais – e por tantas outras pensadoras negras no Brasil e no mundo – se devem ao “colonialismo moderno”. No entanto, e citando Bernardino Costa e Grosfoguel, pensadores sul-americanos, ela nos lembra que não é porque “alguém [está] situado socialmente no lado oprimido das relações de poder [...] que vai pensar epistemologicamente a partir do lugar epistêmico subalterno (Akotirene, 2021, p. 79).

Ou seja, não é porque o grupo de mulheres negras é subalternizado<sup>24</sup> que pensa de modo inferior, que não tem parâmetros alternativos aos quais recorrer. A epistemologia feminista negra, neste contexto, dá suporte para refletirmos sobre temas como trabalho, família, política sexual, maternidade e ativismo político (Collins, 2019), compreendendo que estas pautas se assentam em opressões interseccionais. “Expressar esses temas e paradigmas, contudo, não é fácil, porque as mulheres negras têm de fazer frente ao modo como os homens brancos interpretam o mundo” (p. 401-402). Logo, “se o poder como dominação se organiza e opera por meio de opressões interseccionais, então a resistência deve demonstrar uma complexidade comparável” (p. 331).

No âmbito acadêmico, são nítidas a reprovação e a resistência às experiências de nós mulheres negras enquanto critério de credibilidade no processo de elaboração de conhecimento. Isso pois, nas universidades, devemos seguir os critérios eurocêntricos, produzir ciência de modo supostamente imparcial, desprovido de subjetividades e inclinações e, assim,

seguindo regras metodológicas rígidas, os cientistas buscam se distanciar dos valores, interesses e emoções gerados por sua classe, sua raça, seu sexo ou sua situação específica. Ao se retirar do contexto, eles supostamente assumem uma posição desimplicada como observadores e manipuladores da natureza (Collins, 2019, p. 408).

Para Lélia Gonzalez, mencionada por Djamila Ribeiro (2017, p. 16), este modelo de ciência brancocêntrico se vale do privilégio epistêmico desfrutado por grupos ideológicos dominantes, que hierarquizam saberes a partir da “classificação racial da

---

<sup>24</sup> Nós mulheres negras não somos subalternas, este não é nosso lugar natural. Por conta das *opressões interseccionais* e de uma *ideologia geral de dominação*, o racismo estrutural incluso, temos sido subalternizadas, alocadas em um lugar social de inferioridade e servidão. Acerca do racismo estrutural, conceito importante desenvolvido pelo filósofo e professor negro Silvio Almeida, atual ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania do Brasil, vide obra de nome idêntico ao conceito publicada pela primeira vez em 2018 pela Coleção Feminismos Plurais.

população”. Desse modo, “quem possui o privilégio social possui o privilégio epistêmico, uma vez que o modelo valorizado e universal de ciência é branco”. Essa hierarquização racial resultou em sérios danos, um deles é o fato de que

legitimou como superior a explicação epistemológica eurocêntrica conferindo ao pensamento moderno ocidental a exclusividade do que seria conhecimento válido, estruturando-o como dominante e, assim, inviabilizando outras experiências do conhecimento (ibidem).

E assim, por serem considerados como saberes subjugados, o pensamento feminista negro e “as experiências de mulheres negras estadunidenses, e de todas as afrodescendentes, foram sistematicamente distorcidas ou excluídas do que conta como conhecimento” (Collins, 2019, p. 401), inclusive porque, ao recorrermos às nossas experiências e a epistemologias alternativas, nosso trabalho “não constituiria uma pesquisa com credibilidade” (p. 406). Esta é uma violência simbólica recorrente, uma vez que “muitas de nós, mulheres negras, somos vistas como testemunhas não confiáveis de nossas próprias experiências” (p. 408) e, por acionarmos outras mulheres negras, podemos ser “vistas como suspeitas”.

O ensino superior e os meios de comunicação, conforme Collins (2019) e Bueno (2020), têm se tornado campos imprescindíveis para a atividade intelectual feminista negra. Exemplo disso é que, em 2021, circulou nacionalmente a notícia<sup>25</sup> de que nós, mulheres negras brasileiras, compúnhamos em 2019 o maior grupo nas universidades públicas do país, segundo estudo da Unicamp<sup>26</sup> que analisa dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) Contínua Anual, respondendo a 27% dos estudantes do ensino superior público do Brasil no período. O percentual considerou o conjunto de autodeclaradas pretas e pardas. Em seguida, os dados mostraram as mulheres e os homens brancos, 25% cada grupo e um percentual de 23% para os homens negros.

“Nesses novos espaços sociais, o pensamento feminista negro vem ganhando visibilidade, ainda que, curiosamente, continue subjugado, mas de uma maneira diferente” (p. 402). Contudo, ao mesmo tempo que avançamos, devemos ter atenção redobrada em relação aos processos e interesses dos grupos dominantes, pois eles, sob

---

<sup>25</sup> Mais detalhes em: [https://cultura.uol.com.br/noticias/35440\\_levantamento-mostra-que-mulheres-negras-sao-maioria-nas-universidades-publicas-brasileiras.html](https://cultura.uol.com.br/noticias/35440_levantamento-mostra-que-mulheres-negras-sao-maioria-nas-universidades-publicas-brasileiras.html).

<sup>26</sup> Universidade Estadual de Campinas.

pretexto de saber universal, generalizado, podem ser manuseados por outros grupos raciais e étnicos, como o de mulheres negras. A esse respeito, Collins nos explica que,

ainda que projetados para representar e proteger os interesses de homens brancos poderosos, nem as escolas, nem o governo, nem a mídia, nem outras instituições sociais que abrigam esses processos, nem as epistemologias que eles promovem precisam ser manejados pelos próprios homens brancos. Mulheres brancas, homens e mulheres afro-americanos e outras pessoas de cor podem ser recrutados para reforçar essas ligações entre as relações de poder e o que conta como verdade. Além disso, nem todos os homens brancos concordam com essas relações de poder que privilegiam o eurocentrismo (2019, p. 404-405).

Retomando a questão dos processos de validação do conhecimento por “homens brancos de elite” e “qualquer outro grupo excessivamente homogêneo”, como é o caso da mídia, em *Pensamento Feminista Negro* aprendi que estes processos são atravessados por dois critérios políticos (Collins, 2019, p. 405) manejados para suprimir o pensamento feminista negro, logo também as nossas epistemologias. Pensando a partir do contexto norte-americano, a escritora reflete que:

1. As reivindicações de conhecimento são avaliadas por um grupo de especialistas que passou por uma série de experiências sedimentadas as quais refletem o lugar de seus grupos nas opressões interseccionais. Ninguém que se dedica à produção acadêmica passa ao largo de ideias culturais e de sua localização nas opressões interseccionais de raça, gênero, classe, sexualidade e nação. [...] isso significa que um acadêmico que reivindica um conhecimento deve convencer uma comunidade acadêmica controlada por cidadãos estadunidenses homens, brancos, de elite e que se declaram heterossexuais de que determinada reivindicação se sustenta;
2. Cada comunidade de especialistas é responsável por sua credibilidade, definida pela população na qual ela se situa e da qual advêm seus conhecimentos básicos, que são tomados como certos. Isso significa que as comunidades acadêmicas que questionam as percepções básicas da cultura estadunidense em geral serão consideradas menos confiáveis que aquelas que apoiam ideias populares. Por exemplo, se as comunidades acadêmicas se afastarem demais das percepções amplamente difundidas sobre a condição da mulher negra, elas correm o risco de serem desacreditadas.

É por isso que urge o reconhecimento de saberes subalternizados, de mulheres negras, de parteiras, povos originários, povos colonizados, a escrita de si na primeira pessoa contra o domínio do regime discursivo, conforme nos lembra Linda Alcoff, filósofa panamenha (2016). E provoca: “é realístico acreditar que uma simples

‘epistemologia mestra’ possa julgar todo tipo de conhecimento originado de diversas localizações culturais e sociais?<sup>27</sup>”.

### 3.5 Interseccionalidade: ferramenta teórico-metodológica do feminismo negro

Retomando o conceito epistemológico pincelado ao final da seção *Meu lugar de fala*, no segundo capítulo, a interseccionalidade é uma “sensibilidade analítica” usada para explicar fenômenos sociais partindo do pressuposto de que não há hierarquias entre os sistemas interligados de opressão, dominação e discriminação, mas, sim, uma colisão de estruturas, uma interação simultânea das avenidas identitárias – é o que nos ensina a obra *Interseccionalidade*, da pesquisadora e feminista Carla Akotirene (2021). Na visão interseccional, as avenidas identitárias podem ser entendidas como eixos de identidade como gênero, raça, classe, geolocalização, capacidade, orientação sexual, religião e idade que interagem, muitas vezes, de forma simultânea e entrecruzada.

Este quadro pode ser usado para entender como a injustiça, as opressões e as desigualdades – sociais, raciais, epistêmicas, sistêmicas e estruturais – ocorrem em uma base multidimensional, sem serem suprimidas ou hierarquizadas. A interseccionalidade sustenta que as conceituações clássicas de opressão dentro da sociedade – tais como racismo, sexismo, classismo, colonialismo, patriarcalismo, machismo, capacitismo, xenofobia, bifobia, homofobia e a transfobia e intolerâncias baseadas em crenças – não agem independentemente umas das outras, mas que essas formas de opressão se inter-relacionam, criando um sistema de opressão que reflete o “cruzamento” de múltiplas formas de discriminação (Interseccionalidade, *In*: Wikipedia, n. p.).

O trecho citado anteriormente foi extraído do verbete *Interseccionalidade*<sup>28</sup>, em considerável parte escrito por mim, Suelly Cassimiro Sales (2021)<sup>29</sup>, e publicado na Wikipedia<sup>30</sup> como requisito de avaliação final da disciplina de Cultura, Política e Mídia do PPGCOM da UFC. As fontes deste fragmento, além de Akotirene (2021), são a socióloga negra e escritora Flávia Rios (2020), no vídeo *O que é interseccionalidade e qual a sua importância para a questão racial?* e Kimberlé Crenshaw (1989), jurista e teórica negra, no artigo *Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black*

<sup>27</sup> (Alcoff, 2016, p. 131 apud Ribeiro, 2017, p. 16).

<sup>28</sup> Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Interseccionalidade#cite\\_note-N%C3%A3o\\_nomeado-xwAe-1-2](https://pt.wikipedia.org/wiki/Interseccionalidade#cite_note-N%C3%A3o_nomeado-xwAe-1-2). Acesso em: 20 mar. 2023.

<sup>29</sup> Desde a publicação, em 2021, o verbete vem sendo atualizado por outros usuários e usuárias.

<sup>30</sup> Na aba “Ver histórico”, no topo direito da página, é possível visualizar as inserções no verbete. “SueCassimiro UFC CeP” é o meu nome de usuária.

*Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics*. É neste texto que Crenshaw inaugura o termo interseccionalidade e apresenta uma sistematização do conceito a partir da análise da violência contra mulheres negras (Bueno, 2020).

Dois anos depois, portanto em 1981, a expressão reaparece no artigo *Mapeando as margens: interseccionalidade, políticas de identidade e violência contra mulheres de cor* quando Crenshaw a utiliza “para descrever a localização interseccional das mulheres negras e sua marginalização estrutural, aportada à teoria crítica da raça e conceito provisório de interseccionalidade” (Akotirene, 2021, p. 58-59). Logo, pensada como teoria crítica de raça e paradigma teórico-metodológico, a interseccionalidade vem “promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, o sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras” (p. 59).

Collins (2019), Bueno (2020) e Akotirene (2021) reforçam que a interseccionalidade, antes mesmo de adentrar no campo acadêmico, surge e ganha força na luta dos movimentos sociais estadunidenses por leis antidiscriminatórias e pela visibilidade da categoria gênero racializada. Entre as organizações envolvidas na luta pelo pensamento interseccional, havia o Coletivo Combahee River, originado em 1974. Representado pelas irmãs Barbara Smith e Beverly Smith, em Boston, Massachussets, no ano de 1977, o Coletivo ficou conhecido por apoiar a publicação editorial de mulheres negras lésbicas e teóricas feministas.

No contexto estadunidense, portanto, o pensamento interseccional é defendido e difundido no campo dos movimentos sociais – ao menos do ponto de vista da história escrita, documentada – 12 anos antes da publicação do texto acadêmico de Crenshaw, no campo jurídico, em 1989. É por isso que se diz que, embora a autora tenha cunhado o termo e o desenvolvido como teoria crítica de raça na academia, a interseccionalidade tem raízes longas.

Estabelecendo novamente um comparativo com a publicação de Kimberlé Crenshaw, feita já próxima a década de 1990, a ideia de um sistema interligado de opressões de gênero, raça e classe já fazia parte do repertório intelectual e discursivo das mulheres negras brasileiras desde os anos 1970 (Freitas; Rodrigues, 2021). Neste período, intelectuais e ativistas como Lélia Gonzalez, Beatriz Nascimento, Sueli Carneiro, Matilde Ribeiro, Tereza Santos e tantas outras se articularam e se uniram em uma dupla militância,

denunciando a prática racista no feminismo hegemônico e o machismo no movimento negro, consolidando a prática feminista negra no Brasil. Desse modo, já refletiam sobre relações intragênero e intergênero articulando interseccionalidade a partir da tríade gênero, raça e classe.

Por isto, Sueli Carneiro diz: “Quando Crenshaw chegou com esse debate da interseccionalidade, eu já estava com essa concepção consolidada de feminismo negro. Mas essa geração está agregando conceitos. Eu sou filhote da Lélia Gonzalez. Eu sou uma feminista negra antirracista que em determinado momento, na estruturação do instrumento político de luta que eu, com outras mulheres, concebi o GELEDES, pensava o que era ser mulher negra no contexto do feminismo branco hegemônico da época” (Akotirene, 2021, p. 103).

Assim, podemos ver que a teoria interseccional é uma luta antiga das mulheres negras, nacional e internacionalmente, fora do ambiente acadêmico e dentro dele. E é preciso ressaltar que a visão interseccional é, além de complexa, socialmente consciente. Em um “sistema de opressão interligado” (Collins, 2019), compreendo que a interseccionalidade, intimamente ligada aos princípios do feminismo negro, não oferece ferramentas para examinar e compreender apenas a realidade das mulheres negras – ela busca justiça social e oferece amparo analítico e metodológico para todos, todas e todes que sofrem nas e com as opressões interseccionais; para todos aqueles e aquelas acidentados nas avenidas identitárias. Isso porque “embora seja tentador afirmar que as mulheres negras são mais oprimidas que qualquer outro [grupo] e, portanto, possuem o ponto de vista ideal para compreender os mecanismos, os processos e os efeitos da opressão, não é esse o caso” (Collins, 2019, p. 430-431).

Carla Akotirene relembra o pensamento de Audre Lorde, feminista negra que nos ensina a ressignificar o uso da raiva, de modo a fazermos dela mola propulsora para transformação social, e afirma que “não existe hierarquia de opressão. Eu não posso me dar ao luxo de ir contra uma forma de opressão apenas. Não posso me permitir acreditar que ser livre de intolerância é um direito de um grupo particular” (2021, p. 43). E isso vai de encontro a consubstancialidade, teoria desenvolvida pela socióloga francesa Daniele Kergoat que “escolhe ler tripla dimensão da realidade histórica: divisão sexual do trabalho, controle sexual reprodutivo das mulheres e racismo” (ibidem).

[...] a epistemologia feminista negra [, interseccional,] coloca em xeque a análise aditiva da opressão, segundo a qual as mulheres negras teriam uma visão mais clara da opressão, em comparação com outros grupos. Essas abordagens sugerem que a opressão pode ser quantificada e

comparada, e que o acréscimo de camadas de opressão poderia produzir um ponto de vista mais claro (Collins, 2019, p. 430-431).

Por não conceber hierarquia entre opressão, discriminação e dominação, Akotirene (2021) nos explica que

em vez de somar identidades, analisa-se [na teoria interseccional] quais condições estruturais atravessam corpos, quais posicionalidades reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz de opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas (p. 43-44).

Desse modo, embora tenha sido pensada por mulheres negras para responder a uma lacuna experienciada por mulheres negras, como o racismo vivido nos movimentos de mulheres e o machismo sofrido no movimento negro, a interseccionalidade é “alimento político [também] para os Outros”: lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, pessoas LGBTQIAP+ e com deficiência, indígenas, religiosos do candomblé, trabalhadoras, pobres (Akotirene, 2021).

Quem já viu socorro prestado olhar as características fenotípicas da pessoa vitimada? Avaliar se é “mulher de verdade” – e neste caso, se tem vagina, ou qual sua língua, se nativa ou estrangeira? O feminismo negro está interessado em socorrer considerando os sentidos: se a pessoa está responsiva aos estímulos lésbicos, se sofreu “asfixia racial”, se foi tocada pela polícia, se está escutando articulações terceiro-mundistas. A única cosmovisão a usar apenas os olhos é a ocidental e esses olhos nos dizem que somos pessoas de cor, que somos Outros (p. 24).

A interseccionalidade está interessada nas desigualdades geradas pela matriz de opressão, é por isso que Akotirene insiste que precisamos “utilizar analiticamente todos os sentidos para compreendermos as mulheres negras e ‘mulheres de cor’ na diversidade de gênero, sexualidade, classe, geografias corporificadas e [outras] marcações subjetivas” (p. 48). É preciso, no entanto, ter atenção a um possível mau uso do conceito. A partir de uma perspectiva epistemológica, “a interseccionalidade não é um mero encontro de cruzamentos identitários que se materializam em um mesmo corpo” (Bueno, 2020, p. 62), assim como “não é narrativa teórica de excluídos” (Akotirene, 2021, p. 50).

Trazendo a ferramenta teórico-metodológica da interseccionalidade para o campo prático, observemos, por fim, um caso de racismo autorizado pelo Estado brasileiro,

posteriormente condenado, e que envolveu o jornal *Folha de São Paulo*: em 02 de março de 1997, a empregada doméstica Simone André Diniz<sup>31</sup> notou uma oferta de vaga com conteúdo discriminatório e deu queixa na Delegacia Policial de Investigação de Crimes Raciais. “Preferência branca” era o requisito relatado no anúncio feito por Aparecida Gisele Mota da Silva e, mesmo diante do racismo explícito, o Ministério Público arquivou o caso por considerar que não houve prática que configurasse o crime de racismo.

Neste exemplo, noto não somente o descumprimento da Lei 7.716/89, mas também a falta de sensibilidade analítica por parte de quem deveria proteger e garantir nossos direitos, como o ordenamento jurídico, a partir de uma compreensão social estrutural. A partir da mirada por uma lente interseccional, percebo que, há muito tempo, Simone e tantas outras mulheres negras somos atravessadas, inclusive midiaticamente, por opressões interseccionais como racismo, machismo, classismo.

---

<sup>31</sup> Caso relatado em *Interseccionalidade*, obra de Carla Akotirene (2021) publicada pela Coleção Feminismos Plurais. Mais informações em: <http://www.cidh.org/annualrep/2006port/brasil.12001port.htm>.

## 4 MÍDIA E MULHERES NEGRAS NO BRASIL: UM DEBATE ESTRUTURAL

O suporte epistemológico que assenta as bases desta pesquisa – as noções de mito da democracia racial, neurose cultural brasileira, lugar de fala, escrevivência, pensamento feminista negro, feminismo negro, matriz de dominação, Imagens de Controle, autodefinição, epistemologia feminista negra e interseccionalidade, desenvolvidas nos capítulos anteriores – pode ser entrelaçado aos estudos de comunicação para nos ajudar a estudar e compreender como as mulheres negras são representadas na mídia, assim como seus possíveis desdobramentos, as consequências dessa caracterização na condição social, política e histórica das mulheres negras.

### 4.1 “Mercado de mídia”

A mídia é entendida aqui como a “indústria da cultura, isto é, as emissoras de rádio e de televisão (aberta e paga), os jornais, revistas e o cinema, portadores do que se chama de comunicação de massa” (Lima, 2009, p. 17). O jornalista Venício Lima, referência em debates acadêmicos no campo da comunicação e autor da citação anterior, fala na entrevista *Em defesa da democratização dos meios de comunicação*, concedida a jornalista Cláudia Nonato, em 2014, sobre como a indústria midiática, a qual também chama de “mercado de mídia”, influencia na dominação de grupos subalternizados.

Para ele, aqui no Brasil, “[...] também se consolidou um sistema oligopolizado, excludente, de mídia, que é muito difícil de mexer por causa dos interesses” (Nonato, 2014, p. 88). Venício Lima entende que a mídia “é [um sistema] corruptor da opinião pública” (ibidem, p. 89) e que essa corrupção “realimenta um sistema que é excludente, oligopolizado, e impede que se altere um processo que beneficia quem já está nele” (ibidem, p. 90), neste caso, os grupos hegemônicos, dominantes.

Os pensamentos trazidos anteriormente se unem às ideias de que, junto a instituições dominantes tais como Escola, Estado e Igreja, a mídia – inclusa nela os jornais – tem o poder de definir valores sociais e influenciar ideias sobre a condição das mulheres negras (Collins, 2019). Dada a situação de grande poder midiático na esfera público-privada, uma análise sobre a abordagem e o tratamento dados às mulheres negras nos meios de comunicação se faz imprescindível.

## 4.2 Breve contextualização sociopolítica

Nossa situação no Brasil é de extrema desigualdade social, racial, de gênero, o que pode ser visto se nos comparamos à situação das mulheres brancas: embora dividamos com elas o fardo das opressões do sexismo e do patriarcalismo, mulheres negras ganham menos e têm vulnerabilidade 50% maior ao desemprego (Ipea, 2018), além de impingirem a nós feridas da escravidão e o peso do racismo estrutural que, de acordo com Ribeiro (2019, p. 7), é uma estrutura fundamental das relações sociais, responsável por criar desigualdades e abismos “[n]um sistema de opressão que nega direitos”. Vale ressaltar que o povo negro é 56,1% da população brasileira<sup>32</sup>, portanto, maioria social.

Em dados mais recentes, o Atlas da Violência de 2021<sup>33</sup> informou que, em 2019, 66% das mulheres assassinadas no Brasil eram negras. Em termos relacionais, enquanto para as brancas a taxa de homicídios foi de 2,5, para as mulheres negras o número saltou para 4,1. Conforme o estudo, “essa tendência vem sendo verificada há vários anos, mas o que a análise dos últimos doze anos indica é que a redução da violência letal não se traduziu na redução da desigualdade racial” (Cerqueira *et al.*, 2021, p. 38). Essa constatação se deu, coincidentemente, no mesmo ano em que nós mulheres negras éramos consideradas como um quarto do quadro de estudantes do ensino superior público. Aproveito para lançar uma reflexão: será que o percentual de acadêmicas negras não seria superior a 27% caso não compuséssemos o total de 66% das mulheres mortas no e pelo Estado brasileiro?

Ainda conforme dados do documento, a mortalidade de mulheres negras é 65,8% superior à de mulheres não negras – grupo que compõe a soma das brancas, amarelas e indígenas. Regionalizando a análise, o Rio Grande do Norte, Amapá e Sergipe foram os estados que apresentaram maior risco de morte para mulheres negras, onde “os percentuais de mulheres negras vítimas de homicídios em relação ao total de assassinatos de mulheres foram de 88%, 89% e 94%, respectivamente” (ibidem). Em Alagoas, a

---

<sup>32</sup> Mais em: 56,1% dos brasileiros são negros, conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Mais em: <https://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2022/11/19/negros-sao-56percent-da-populacao-mas-presenca-na-camara-federal-ainda-nao-chega-a-30percent-representacao-e-necessaria-para-toda-a-sociedade.ghtml>. Acesso em: 20 fev. 2023.

<sup>33</sup> O Atlas da Violência 2021 é uma publicação do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) em conjunto com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP) e o Instituto Jones dos Santos Neves (IJSN). O documento traz dados acerca da violência, segurança pública e políticas públicas no âmbito brasileiro.

situação é assustadora: todas as vítimas de homicídio feminino em 2019 eram negras, com exceção de uma das vítimas sem identificação de cor/raça. E, trazendo os dados ainda para mais perto, uma vez que a presente pesquisa foi desenvolvida na Universidade Federal do Ceará, identifiquei a informação gritante de que nós mulheres negras éramos, também em 2019, 90% das vítimas de homicídio no estado cearense.

[Além disso,] os números absolutos revelam ainda maior desigualdade na intersecção entre raça e sexo na mortalidade feminina. Entre 2009 e 2019, o total de mulheres negras vítimas de homicídios apresentou aumento de 2%, passando de 2.419 vítimas em 2009, para 2.468 em 2019. Enquanto isso, o número de mulheres não negras assassinadas caiu 26,9% no mesmo período, passando de 1.636 mulheres mortas em 2009 para 1.196 em 2019 (Cerqueira *et al.*, 2021, p. 40).

Estes números não são apenas dados anuais e regionais, mas o reflexo de uma profunda desigualdade social, racial, epistêmica, de gênero, sexual, religiosa. Eles evidenciam os efeitos da violência simbólica e das opressões interseccionais, como a propagação de ideologias dominantes como as Imagens de Controle, materializadas em violência física, letal, que vitimiza sobretudo a categoria gênero racializada, as mulheres negras.

Uma compreensão conceitual mais sociológica e geográfica dessa realidade foi alcançada quando li o *Dossiê Mulheres Negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*, publicação de 2013 do Ipea em conjunto com órgãos governamentais<sup>34</sup>. Interseccionando raça, gênero e classe, com foco nas mulheres negras, o estudo mostra as transformações no acesso ao ensino superior, a participação no mercado de trabalho, as disparidades interseccionais no acesso a bens e na exclusão digital, em relação à pobreza e desigualdade de renda, além da vitimização desse grupo por agressão física no Brasil. Resumindo a obra, nós mulheres negras, além de tudo o que já foi dito, constituímos a base da base da pirâmide social do País<sup>35</sup>.

Isto particularmente me faz ver o quanto este debate é estrutural, visto que nós mulheres negras e outros grupos subalternizados estamos inseridos em uma lógica de dominação que nos inferioriza, nos faz viver em condições precárias e subumanas para, em seguida, nos responsabilizar pela nossa situação de desigualdade. E, como já falei

---

<sup>34</sup> A publicação é resultado de uma importante parceria com o Ipea, a Secretaria de Políticas para as Mulheres (SPM) e a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), ligadas à Presidência da República do Brasil.

<sup>35</sup> Não consegui resgatar a autoria da frase, contudo, depois que li que nós mulheres negras constituímos a “base da base” da pirâmide social brasileira, não mais esqueci.

outras vezes neste relatório, a mídia é corresponsável pela condição social das mulheres negras no Brasil.

### 4.3 Representação midiática de mulheres negras

Tomando como base a revisão de literatura feita durante a escrita do projeto de pesquisa, posso citar estudos que ajudam a analisar e compreender como a mídia representa as mulheres negras em suas narrativas, o que muito nos interessa. Encontrei contribuições válidas nos artigos<sup>36</sup> *A raça e o gênero da estética e dos afetos*, de Fernanda Carrera (2020); *Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras*, de Alane Reis, Naiara Leite e Daniela Matos (2019); *Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais*, de Fernanda Carrera e Denise Carvalho (2019); *Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos*, de Ana Carolina Escosteguy (2019); *A Representatividade Negra na Publicidade Mineira*, de Barbara Faria e Pablo Moreno Fernandes (2019); *Racismo institucional midiático*, de Carolina Dantas e Adriano Florencio (2018); e *Mídia e construção da identidade da mulher negra*, de Maria Luiza Martins Mendonça (2006). Vali-me ainda do artigo *A invisibilidade da mulher negra na mídia*, publicado nos anais do V Seminário Internacional *Enlaçando Sexualidades*, de Santos *et al.* (2017). Vejamos, a seguir, o que estes estudos identificaram sobre a representação midiática de mulheres negras.

De acordo com Manuela Pinheiro Santos, Edna Consuelo, Icaro Ferreira e Jéssica Góes (2017), a mídia, em particular a televisiva, reforça estereótipos sobre a mulher negra e o seu corpo. No artigo *A invisibilidade da mulher negra na mídia*, somos apresentados a dados estatísticos e contextualizados sobre a prática do racismo midiático, um dos desdobramentos das opressões interseccionais:

A invisibilidade da mulher negra, grupo que representava, em 2011, 50,2 milhões de brasileiras (PNAD/IBGE), no âmbito social é reforçada na mídia [e] essa violência é consequência de uma sociedade racista.[...] Raras são as ocasiões em que a mulher negra é vista como detentora e construtora de saber/conhecimento e opiniões, momentos no qual ela é vista como fonte fidedigna para matérias são raros. Se para a mulher branca é complicado encontrar um lugar ao sol e ser ouvida, para a

---

<sup>36</sup> Artigos sobre gênero, raça, classe, sexualidade, interseccionalidade e mídia, extraídos das Bibliotecas de Anais do Encontro Anual da Associação Nacional de Programas de Pós-Graduação em Comunicação (COMPÓS) e da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM).

mulher negra a luta é muito maior, mais difícil e bem mais complexa (Coletivo Nísia Floresta, 2016 apud Santos *et al.*, 2017, p. 2).

Conhecendo essa realidade, é inadiável visibilizar midiaticamente as mulheres negras enquanto sujeitas de conhecimento, como seres humanos dignos de credibilidade e espaço igualitário, para reparar o apagamento de nossas produções e nossos saberes, as violências cotidianas (Ribeiro, 2019) e oportunizar nossa transformação social e histórica, tanto individual quanto coletivamente.

Dentro desse contexto, considero que a mídia tem o poder de criar símbolos e identidades, desenvolver assimilações acerca de temas, culturas, grupos. Histórica e socialmente, na mídia brasileira a mulher negra é preterida, coisificada, inferiorizada. Com a discussão contemporânea sobre a necessidade de letramento racial e interseccional na universidade, nas escolas e na política contemporâneas, também é urgente debater essas questões no campo da comunicação, pois a mídia cumpre um papel crucial na construção e manutenção das Imagens de Controle da condição de mulheres negras.

Em relação a esse poder da imprensa, Reis, Leite e Matos (2019) explicam que

É possível perceber o potencial da mídia enquanto importante dimensão na formação de opiniões e visões de mundo. A abordagem dada numa narrativa jornalística pode contribuir para a mobilização social em prol do combate à violência [de gênero, assim como] a solidariedade com as vítimas, como também pode estimular a naturalização da violência [...] (p. 7).

Além disso, as pesquisadoras tratam dos imaginários forjados sobre nós mulheres negras, assinalando que são frutos de uma construção ideológica e cultural

[...] embasadas na intersecção histórica entre o racismo e sexismo, são fundamentais para entender as representações negativas sobre as mesmas. A partir destes imaginários perpetuados configurou-se culturalmente o lugar e o valor dado às mulheres negras no contexto social, contribuindo para a subalternidade, invisibilidade, coisificação e desumanização de mulheres negras (Reis; Leite; Matos, 2019, p. 7).

Esse lugar e valor dados às mulheres negras socialmente não é uma condição natural, mas uma tessitura colonial, europeia e racializada, de acordo com Vigotski (1999 apud Carrera, 2020, p. 4), pois “as imagens e os discursos [...] ajudam a produzir o espectro dos afetos à disposição para o aprendizado comportamental”, em outras palavras, esses afetos demonstrados, essa forma de se direcionar e tratar as mulheres negras não é uma característica biológica, mas uma sustentação advinda dos “pilares do corpo, do intelecto e sobretudo da cultura”.

Neste mesmo diapasão, Maria Luiza Mendonça (2006, p. 3), em seu artigo *Mídia e construção da identidade da mulher negra*, disserta acerca dos processos de construção e reafirmação de identidade por meio da atuação da mídia: “[essa atuação], ao longo dos anos, aumentou sua penetração nas sociedades, sua importância no conjunto da produção cultural e impôs seu ritmo acelerado na construção do imaginário social”. Desse modo, podemos inferir que a imagem social da mulher negra, entre outros campos, é desenhada também e principalmente pelos *media*.

Finalmente, com essa compreensão social e midiática, e me ancorando em consolidado suporte epistemológico, quero com e nesta pesquisa entender como as mulheres negras são representadas em jornais, especificamente nos periódicos cearenses O Povo e Diário do Nordeste. É o que explicarei mais detalhadamente no próximo capítulo.

## 5 PANORAMA METODOLÓGICO

### 5.1 Percurso epistemológico

Em busca de resgatar memórias, tento me lembrar quando e de que modo fui apresentada aos conceitos de epistemologia por professoras e professores nas graduações em Comunicação Social - Jornalismo (Unifor/UFRN) e em Direito (Unifor)<sup>37</sup>. De 2011 a 2020, logo por quase uma década, fui ensinada por acadêmicos, a maioria massiva de pele branca e masculina, a seguir os moldes de uma ciência eurocentrada, em maior parte produzida por homens também brancos. Como jovem negra periférica recém-adentrada ao mundo da “elite pensante”<sup>38</sup>, não identifiquei de imediato a ausência de referências negras nas apresentações e indicações de leitura docentes.

Em 2021, ingressando no Mestrado em Comunicação da Universidade Federal do Ceará e já atenta a essa exclusão de referências negras do currículo acadêmico, detecto a persistente alocação dos saberes produzidos por nós, negras e negros, aos lugares de subjugamento, inferioridade e, ironicamente, de *novidade*. Isso pois tamanha era a surpresa quando eu falava em ou apresentava seminários sobre Lélia Gonzalez, Carla Akotirene, Winnie Bueno, Conceição Evaristo, feministas negras brasileiras, e Patricia Hill Collins e Kimberlé Crenshaw, feministas negras estadunidenses, apenas para exemplificar.

Após insistentes reivindicações coletivas, o PPGCOM da UFC ofertou a disciplina de Comunicação Decolonial e, pelo menos de forma breve, neste período, houve a contemplação de referências feministas negras por parte de estagiárias da disciplina, o que me fez sentir minimamente aliviada. Contudo, sendo direta, a realidade é que nenhuma disciplina do Programa abordou específica e integralmente estudos interseccionais e referências negras, de modo que tive dificuldade para desenvolver o aparato teórico-metodológico deste trabalho. Para tentar suprir esta lacuna, participei

---

<sup>37</sup> Cursei um terço do curso de Comunicação Social - Jornalismo na Universidade de Fortaleza (Unifor) e os demais períodos na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), até minha formatura em 2019. Tive ainda breve passagem pelo curso de graduação em Direito na Unifor no ano de 2013. Entre outras disciplinas, cursei a cadeira de Antropologia Jurídica, em que fui apresentada à noção de epistemologia jurídica.

<sup>38</sup> Expressão utilizada por um professor branco do curso de Jornalismo da Universidade de Fortaleza nos idos anos de 2011 para identificar o público ao qual ouvia sua aula, eu inclusa. As opressões interseccionais me atravessam de tal forma que só em 2023, 12 anos depois, estou concluindo o mestrado.

especialmente de dois cursos de extensão, um sobre *Interseccionalidade*, com a pesquisadora e ativista negra Winnie Bueno, e *Comunicação, Raça e Racismo*, promovido pela Intercom. Cursei ainda a disciplina *Racismo e Branquitude*, no Programa de Pós-Graduação em Sociologia também na UFC, este, porém, sem os resultados esperados.

Refletindo sobre minha formação conceitual-epistemológica, percebo que em nenhum momento antes havia sido alertada da real dimensão que esta, a epistemologia, possui dentro do campo universitário, dentro do ambiente científico e que significa bem mais do que seu conceito revela. Junto à noção de epistemologia, fui apresentada a conceitos como método, paradigma, hipóteses, proposições, entre outros termos ensinados em disciplinas de Metodologia da Ciência e Metodologia do Trabalho Científico, sem explicações aprofundadas acerca de seus propósitos simbólicos, políticos e estruturais.

Longe de ser apenas mais um conceito acadêmico de nome difícil e com definição específica, aprendi com Patricia Hill Collins que epistemologia são “padrões usados para avaliar conhecimento ou o motivo pelo qual se acredita que algo é verdade” (2019, p. 460). Collins também define epistemologia como a teoria abrangente do conhecimento, que “longe de ser um estudo apolítico da verdade, [...] indica como as relações de poder determinam em que se acredita e por quê” (2019, p. 402).

E por que falar em epistemologia? Porque ela é a coerência por trás do método escolhido para dar validação científica a uma pesquisa, e deve conversar diretamente com o objetivo do trabalho científico. Em outras palavras, é importante entender que nosso suporte epistemológico está diretamente relacionado com a forma pela qual acreditamos que o conhecimento é gerado – a partir de nossa ontologia, a partir dos pilares pelos quais olhamos o mundo, a partir da nossa origem – e que dá suporte, neste caso, para estudar como nós mulheres negras somos representadas nos jornais *O Povo* e *Diário do Nordeste*. É por esse motivo que as intelectuais negras são tão importantes aqui:

[Nossas experiências] nos proporcionam uma perspectiva única sobre a condição de mulher negra, uma perspectiva que não é acessível a outros grupos, caso a adotemos. É mais provável que as mulheres negras, como membros de um grupo oprimido, tenham uma compreensão mais crítica de nossa condição de opressão que as mulheres que vivem fora dessas estruturas (Collins, 2019, p. 82).

Quem pode compreender melhor os efeitos e as condições produzidos pelas narrativas jornalísticas sobre mulheres negras do que nós mulheres negras e o conjunto de conhecimentos – conceitos, teorias, metodologias – produzidos por nós? Digo isso para que se entenda que as âncoras, aqui, estão fincadas no fundo do mar do pensamento feminista negro, um conhecimento especializado, uma teoria social crítica elaborada por mulheres negras, refletindo nossos interesses e nossos pontos de vista sobre os mais diversos âmbitos e assuntos, dentro e fora da Universidade<sup>39</sup>.

Pensando sobre tudo isso, muitas questões me vêm à cabeça: se a epistemologia é um conjunto de padrões utilizado para julgar qual conhecimento é considerado crível, real, verdadeiro, quais são as epistemologias possíveis, recomendáveis e aceitáveis para estudar as narrativas jornalísticas sobre as mulheres negras? Quais parâmetros devo seguir para comprovar que estou produzindo ciência sobre este tema? Talvez haja respostas prontas e imediatas, talvez pareça óbvio, mas é preciso lembrar que o comando e o estabelecimento dos padrões científico-acadêmicos estão, há muito, sob domínio de um grupo específico: homens brancos de classe superior, cisheteropatriarcais do norte global. São estas as mãos que apontam os padrões e descartam as produções que lhes pareçam inferiores, destoantes e que não reflitam seus interesses.

Nos Estados Unidos [, assim como no Brasil e no mundo], as instituições sociais que legitimam o conhecimento, bem como as epistemologias ocidentais ou eurocêntricas que elas sustentam, constituem duas partes inter-relacionadas dos processos dominantes de validação do conhecimento. Em geral, acadêmicos, editores e outros especialistas representam interesses e processos de atribuição de credibilidade específicos, e suas reivindicações de conhecimento devem satisfazer os critérios políticos e epistemológicos dos contextos em que se encontram (Collins, 2019, p. 404, grifo próprio).

Essas instituições sociais como Escola, Estado, Igreja e Mídia são influentes e detentoras do poder de nomear fatos sociais. E a forma como pensam o mundo resvala nos parâmetros acadêmicos vigentes. A este respeito, Collins (2019) nos elucidada que

As escolhas epistemológicas referentes a em quem se deve confiar, em que acreditar ou por que algo é verdadeiro não são questões acadêmicas inocentes. Essas preocupações, ao contrário, dizem respeito a uma

---

<sup>39</sup> Neste caso, grafei Universidade com inicial maiúscula pois me refiro a “instituição de ensino e pesquisa constituída por um conjunto de faculdades e escolas destinadas a promover a formação profissional e científica de pessoal de nível superior, e a realizar pesquisa teórica e prática nas principais áreas do saber humanístico, tecnológico e artístico e a divulgação de seus resultados à comunidade científica mais ampla”, conforme descrição do Dicionário *Oxford Languages*.

questão fundamental: a das versões de verdade que acabam por prevalecer [...] (p. 403-404).

É possível ver, na seção *Epistemologia Feminista Negra* do capítulo *Feminismo Negro, Conhecimento e Poder*, que Patricia Hill Collins (2019, p. 403) enfatiza a importância da esfera epistemológica, pois é ela que “determina quais perguntas merecem investigação, quais referenciais interpretativos serão usados para analisar as descobertas e para que fim serão destinados os conhecimentos decorrentes desse processo”.

Tendo consciência dessa condição estrutural e privilegiada de regulação do fazer acadêmico, o mito da impessoalidade acadêmica cai por terra. Sabemos que escolhas implicam em alinhamento. E é preciso reconhecer que os aparatos epistemológicos e metodológicos – formas pelas quais analisamos e interpretamos dados científicos – estão intimamente ligados. É por isso que, a partir da minha posição social no discurso, do *meu lugar de fala*, eu me posiciono junto ao: 1. Pensamento Feminista Negro – um conhecimento social e intelectual adquirido por mulheres negras nas opressões interseccionais de raça, gênero, classe, sexualidade, entre outras formas de discriminação, e que se dedica a promover empoderamento e justiça social em ampla escala; 2. Feminismo Negro – entendendo que, em um contexto de opressões interseccionais, devo ter compromisso com a solidariedade humana e lutar por justiça social não apenas para mulheres negras, mas para todas as pessoas; e à 3. Epistemologia Feminista Negra – ciente de que nós mulheres negras, grupo historicamente oprimido, tivemos e ainda temos nossos saberes e nossas experiências distorcidas ou excluídas do que conta como conhecimento científico (Collins, 2019). Aqui reafirmo, portanto, nossos saberes e nossas experiências para elaborar autodefinições independentes, acionando nossas e nossos próprios especialistas.

Sou grata às feministas negras brasileiras e transnacionais, acadêmicas e populares, que assentaram as bases teórico-metodológicas para que eu pudesse investigar, analisar e interpretar as narrativas jornalísticas sobre mulheres negras nos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

## **5.2 Descrição dos objetos de pesquisa**

Neste estudo, meus objetos de pesquisa são os jornais O Povo e Diário do Nordeste, principais veículos de comunicação e periódicos de maior circulação da cidade

de Fortaleza, capital do Ceará, situada na região Nordeste do Brasil. Para além de sua importância local, estes jornais possuem significado simbólico em minha formação pessoal, pois nasci, cresci e resido em terras alencarinas<sup>40</sup>.

Em minha infância, lembro que as referências jornalísticas de meu pai e minha mãe eram, sobretudo, os jornais OP e DN. Não por acaso acabaram se tornando referências minhas também. Meu pai, homem pardo de traços indígenas, era aficionado por notícias. Ele lia, assistia e ouvia todas as informações possíveis e me inspirou de tal modo que me formei jornalista e pessoa de ações muito semelhantes às suas.

Resgatando essa construção histórico-simbólico-midiática, em esfera pública e privada, logo percebo a influência d'O Povo e do Diário do Nordeste para mim, minha família e grande parte do povo fortalezense – e por que não dizer do Ceará. Se são referências de produção jornalística, portanto arraigadas em nós, o que estamos assimilando de suas narrativas?

Com esse questionamento, penso que é primordial dar atenção às opiniões e aos valores defendidos pelas empresas de comunicação. Lembro que, no jornalismo, há duas formas de expressar o que se pensa enquanto empresa: por meio de editorial, texto assinado, portanto opinião explícita, e por meio de linha editorial, opinião velada, refletida no que se publica ou não. Tendo isso em mente, optei, como critério de recorte para análise, contemplar do *corpus* apenas os textos assinados pelos jornais O Povo e Diário do Nordeste, por demonstrarem nitidamente os posicionamentos dos jornais.

Por ser comunicadora negra, sei do poder das narrativas jornalísticas, das palavras. E é aí que está a grande questão para mim: como as mulheres negras são representadas nos jornais OP e DN? A partir dessa questão-chave, outros questionamentos vão surgindo: que espaço nos é dado? Com que frequência? São abordagens negativas ou positivas? Contribuem para a superação das desigualdades já enfrentadas por nós ou reforçam estereótipos incutidos no imaginário coletivo do Ceará e do Brasil? Quais são os desdobramentos dessa representação?

Essas imbricações carecem de urgente reflexão, pois podem servir à criação, manutenção e/ou atualização de opressões intersectadas como sexismo, racismo,

---

<sup>40</sup> Expressão comumente utilizada para fazer referência à cidade de Fortaleza, terra do escritor José de Alencar.

classismo, heterossexismo. Outro fato é que cada empresa jornalística tem um plano de ação a seguir, com metas, estratégias e públicos específicos.

Trocando em miúdos: o conteúdo do jornal – assim como as notícias – é planejado, escrito por alguém com alguma finalidade. Sendo assim, para podermos compreender o que está por trás do *corpus* desta pesquisa, o que está oculto nas narrativas de cada veículo, irei descrever as principais características dos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

### **5.2.1 O Povo**

Fundado em 1928 pelo político Demócrito Rocha, portanto com 95 anos de existência, o jornal O Povo é o “veículo jornalístico impresso mais antigo em circulação no Ceará” (Jeronimo, 2021 p. 79). Segundo o jornalista Rafael Mesquita Jeronimo, o jornal surge “influenciado por ideais políticos” (2021) – o que é possível identificar a partir da ocupação social de seu fundador – e, “também, oficial e sob censura” (Sá, 1982 apud Jeronimo, 2021 p. 79), em um contexto em que “os jornais eram o principal meio de informação de Fortaleza” (Jeronimo, 2021 p. 79).

Quando O Povo é lançado, ainda na cultura do jornalismo impresso e do paradigma opinativo da época, dada a influência política nas redações jornalísticas, disputava espaço com mais outros quatro veículos, os jornais Unitário (1903-1976); O Nordeste (1922-1967); Correio do Ceará (1915-1982); e Gazeta de Notícias (1927-1973). Logo abaixo, a jornalista Benedita Sipriano ajuda a contextualizar este período:

No Ceará, em meados da década de 1920, a classe média, a intelectualidade e militares compunham o grupo dos chamados “revolucionários”, que lutavam contra a República Velha, representativa do domínio das tradicionais oligarquias agrárias. O jornal O Povo aparece como um dos porta-vozes da reação ao velho regime. É bastante significativo que inicialmente, no logotipo do jornal, a letra “P” formasse a imagem de um chicote, que representaria a luta contra as injustiças, o poder dos coronéis, “o chicote que iria ferir as oligarquias dominantes” (Sipriano, 2017, p. 148 apud Jeronimo, 2021, p. 80).

“Modernizador e progressista”, “porta-voz das elites cearenses que contestavam as oligarquias dominantes”, de “tom crítico, político e liberal”, “alçado ao grupo dos mais influentes de Fortaleza” (Jeronimo, 2021), o jornal O Povo vendeu-se como oposição ao velho regime, contudo, até a chegada de sua fase empresarial, nos anos 1980, o veículo

serviu de “alavanca para os mais diversos interesses” (Lima Junior, 1997, p. 42 apud Jeronimo, 2021). A prova disso é que, além de Demócrito Rocha, que dirigiu o veículo de 1928 a 1943, também passa pela direção do jornal o político Paulo Sarasate, de 1943 a 1968, ano de sua morte, o que Rafael Mesquita Jeronimo chamada de “Era Paulo Sarasate”.

Visivelmente, o jornal O Povo tem suas bases fundantes ligadas à política partidária e institucional, o que é mais fortemente marcado durante a época em que Paulo Sarasate comanda a empresa. “Aliado da ditadura militar” (Jeronimo, 2021), Sarasate fez carreira política, sendo eleito em diversos cargos e por muitos mandatos: deputado estadual constituinte (PSD, 1935-1937); deputado federal (1946-1951; 1951-1955; 1959-1963; e 1963-1967); governador do Estado do Ceará (UDN, 1955-1958); e senador (ARENA, 1967-1968). Saliento que a UDN – União Democrática Nacional era uma organização partidária de linha conservadora e a Aliança Renovadora Nacional – ARENA era o partido político que representava os militares durante a Ditadura Militar no Brasil.

Ao realizar uma pesquisa na aba *Quem Somos Nós*, no *site* do jornal O Povo, me chamou a atenção a empresa salientar o seu surgimento sem resgatar a ligação com a política local, quando diz que “O POVO nasce com a bandeira da defesa da democracia [...], o jornalismo praticado aqui estimula o debate político honesto e franco, de forma apartidária e independente” (O POVO, [2022?], n. p.). Porém, conforme Vidal (1994, p. 92 apud Jeronimo, 2021, p. 82), “ironicamente, O Povo transitou de opositor dos poderosos a instrumento de poder de grupos sucessores. Além de ser caixa de ressonância dos interesses da elite local”.

Em 1985, faz sua transição de “jornal político” para “jornal familiar” quando Demócrito Dummar, neto de Demócrito Rocha, assume a direção do veículo até o ano de 2008, sendo possível identificar mudanças na linha editorial. Em sua gestão, é criada a função de Ombudsman (1994), “profissional pago pelo Grupo para atuar como advogado do leitor” (O POVO, [2022?], n. p.); é lançado o primeiro *site* d’O Povo, em 7 de janeiro de 1997; e, em 1998, surge o Conselho Consultivo de Leitores, “escolhidos [pela] redação, com reuniões periódicas para ouvir a opinião de seus usuários sobre o que vem sendo publicado” (ibidem).

Atualmente, o jornal impresso integra o **Grupo de Comunicação O Povo**, que além do diário conta com emissoras de rádio (a primeira de 1982) e TV (de 2007), revista, o citado portal de notícias *online*, O Povo

Online, e a Fundação Demócrito Rocha, uma instituição cearense privada sem fins lucrativos criada em 1985, entidade esta, inclusive, mantenedora da estação de televisão, que tem concessão pública de caráter educativo (Jeronimo, 2021, p. 84-85, grifo próprio).

Por seus produtos midiáticos serem controlados por um grupo empresarial ou familiar, o Povo pode ser configurado como veículo de “propriedade cruzada e concentração de mídia”. Conforme Jeronimo (2021), apesar da trajetória atrelada à política, o jornal atualmente não possui políticos como acionistas.

Enfim, a atual presidência é de Luciana Dummar, filha de Demócrito Dummar e bisneta do fundador do jornal. No ano de 2008, quando seu pai falece, ela assume a empresa e faz modificações substanciais: “mudanças gráficas e editoriais por ocasião dos 90 anos do periódico, completados em 2018”; faz “‘redesenho’ da versão impressa do jornal e o lançamento de novas iniciativas e parcerias”, entre outras ações. Considerado como único grupo empresarial essencialmente de comunicação (Rebouças, 2018 apud Jeronimo, 2021, p. 85), diferente do Sistema Verdes Mares, em que o jornal Diário do Nordeste se insere, o jornal O Povo está, de acordo com Rafael Jeronimo Mesquita (2021), em novo momento e sob nova postura.

### **5.2.2 Diário do Nordeste**

Maior concorrente comercial do jornal O Povo (Jeronimo, 2021), o Diário do Nordeste, que integra o “conglomerado de mídia” do Sistema Verdes Mares (SVM), publica sua primeira edição no dia 19 de dezembro de 1981. Fundado pelo empresário cearense Edson Queiroz e ligado ao Grupo Edson Queiroz, conglomerado empresarial brasileiro, o Diário do Nordeste era o único jornal no estado do Ceará a circular em todos os 184 municípios (Cordeiro, 2013). Era porque, em fevereiro de 2021, as edições impressas do jornal pararam de circular nas ruas:

Agora, o periódico, fundado há 39 anos pelo empresário Edson Queiroz, **existe unicamente como veículo digital**. A decisão da Editora Verdes Mares surpreendeu o mercado e a concorrência. Além da pandemia de Covid-19, iniciada em 2020, avalia-se que a interrupção da impressão do jornal “se deve a falhas de gestão, equívocos no conhecimento da audiência” (Tessler, 2021), sobretudo após uma série de transformações editoriais mal-sucedidas (Jeronimo, 2021, p. 86, grifo próprio).

Em sua fundação, o Diário do Nordeste contava com uma equipe de 80 jornalistas em um prédio de três andares na Praça da Imprensa (Sousa, 2012), localizada no bairro

Dionísio Torres, em Fortaleza. Hoje, com 42 anos, o jornal existe apenas no *online* e não foi possível identificar informações acerca de sua história no portal da empresa, diferentemente do jornal O Povo, em que aprendi sobre este veículo nas abas *Quem Somos Nós*<sup>41</sup> e *Compromissos Editoriais*.

Encontrei no portal do DN opções relacionadas mais ao conteúdo que o DN oferece, como as abas *Assinante*, *Produtos*, *Páginas*, *Serviços* e *Projetos*. O expediente do veículo de comunicação, presente na aba *Institucional*<sup>42</sup>, é o seguinte: Ruy do Ceará é Diretor Superintendente do Sistema Verdes Mares. Na redação, Gustavo Bortoli é Diretor de Operações e Ívila Bessa é Diretora do setor Digital. Quem assina a Editoria Executiva é Aline Conde.

Estabeleci uma relação entre O Povo e Diário do Nordeste não por acaso ou apenas por serem os objetos de pesquisa deste estudo, mas porque,

tratando do poder da Comunicação, analisamos que, no Ceará, são praticamente dois os meios de comunicação impressos que detêm a hegemonia sobre os demais: o Jornal O POVO, de maior circulação na capital; e o Diário do Nordeste, com abrangência Estadual, atingindo o público da capital e das cidades do interior (Sousa, 2013, p. 60).

Nesta esta última citação, do jornalista Genivando Sousa, é possível notar que se fala do Diário do Nordeste há dez anos, portanto, em um período em que o jornal ainda tinha edições impressas em circulação pelo Estado do Ceará. Ainda hoje, em 2023, mesmo apenas com a versão digital, o jornal continua sendo referência cearense. “É apenas um dos meios de comunicação do Grupo Edson Queiroz, [que controla também a] TV Verdes Mares, emissoras de rádios, *blogs* [...] [além de ser] ligado ao sistema Globo” (ibidem), conforme explica Sousa (2013, p. 60), e cativou os leitores pelo “discurso inovador e moderno”.

### 5.3 Contexto da pesquisa

Com início em fevereiro de 2021, esta dissertação foi gestada durante um processo árduo – e ao mesmo tempo empoderador – de racialização, em uma constante reflexão

---

<sup>41</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/conhecaopovo/> e <https://www.opovo.com.br/conhecaopovo/compromissoseditoriais/>. Acesso em: 19 dez. 2022.

<sup>42</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/institucional>. Acesso em: 19 dez. 2022.

sobre a minha pessoa como mulher negra, processo este diretamente vinculado às minhas experiências pessoais e profissionais nos últimos anos.

Escolhi estudar a representação das mulheres negras na mídia por este tema estar atrelado a minha trajetória. Como explicado no tópico *Meu lugar de fala*, neste relatório, sou jornalista formada pelo Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e, no processo de encerramento de ciclo da graduação, escrevi uma monografia que estudou a representação das mulheres na *Via-Láctea* (1914-1915), a primeira revista impressa, produzida e editada por mulheres na cidade de Natal, estado do Rio Grande do Norte.

Neste trabalho de conclusão de curso (TCC) não me atentei à categoria raça e outras opressões. Isso se deu porque concluí o curso de jornalismo antes de sofrer traumas como racismo, classismo e lesbofobia no ambiente de trabalho que me conduziram à minha racialização como mulher negra. Por esse motivo, além de continuar a pesquisa de representação de gênero nos estudos de mídia, que já desenvolvia na graduação, o mestrado se tornou espaço para compreender melhor essa temática a partir da visão interseccional.

Por fim, ressalto que a pesquisa exploratória realizada neste estudo se deu de modo virtual, considerando apenas matérias veiculadas nos *sites* dos jornais O Povo e Diário do Nordeste. Isso se deve ao fato de que, em 2020, quando o pré-projeto de pesquisa foi submetido a seleção do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, estávamos vivendo o auge da Pandemia do Coronavírus, o que inviabilizava a busca em arquivos públicos físicos.

### ***5.3.1 Percurso inicialmente empreendido***

Minha primeira busca por trabalhos acadêmicos relacionados à representação midiática de mulheres negras se deu na época da formulação do pré-projeto de pesquisa, no segundo semestre de 2020. Os resultados com maior afinidade foram os artigos *A raça e o gênero da estética e dos afetos*, de Fernanda Carrera (2020); *Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras*, de Alane Reis, Naiara Leite e Daniela Matos (2019); *Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais*, de Fernanda Carrera e Denise Carvalho (2019); *Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos*, de Ana Carolina

Escosteguy (2019); *A Representatividade Negra na Publicidade Mineira*, de Barbara Faria e Pablo Moreno Fernandes (2019); Racismo institucional midiático, de Carolina Dantas e Adriano Florencio (2018); e *Mídia e construção da identidade da mulher negra*, de Maria Luiza Martins Mendonça (2006).

Esses trabalhos foram selecionados após uma pesquisa na Biblioteca de Anais do COMPÓS, no Grupo de Trabalho Comunicação, Gênero e Sexualidades, e da Intercom, no Grupo de Trabalho Estéticas, Política do Corpo e Gênero.

### **5.3.2 Aspectos gerais**

Quanto aos aspectos gerais da minha pesquisa de mestrado, ela é dos tipos bibliográfica e documental, pautada principalmente na leitura de livros, artigos e notícias jornalísticas sobre mulheres negras, interseccionalidade, feminismo negro, representação midiática de mulheres negras e temas afins. Como complemento, assisti a documentários e vídeos explicativos relacionados ao tema desenvolvido por meio da plataforma YouTube. No que se refere à natureza, é quantitativa e qualitativa; quanto aos fins, exploratória e descritiva.

Quantitativa porque intenciona tratar os dados coletados considerando frequência e recorrências nos léxicos textuais (Gil, 2002) e qualitativa pois “depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação” (Gil, 2002, p. 133). Ademais, a pesquisa qualitativa pode ser definida como “uma sequência de atividades, que envolve a redução dos dados, a categorização desses dados, sua interpretação e a redação do relatório” (ibidem).

Em relação à característica exploratória, “têm como objetivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições” (Gil, 2009, p. 41). Desse modo, empreendi uma busca com os descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nos *sites* dos jornais O Povo e Diário do Nordeste, e identifiquei quantitativamente um resultado de 91 textos, 49 do O Povo e 42 do Diário do Nordeste, posteriormente organizados em planilha digital no programa Excel.

Finalmente, sobre a natureza descritiva, e ainda conforme o pesquisador Antonio Carlos Gil (2002, p. 42), “[o] objetivo primordial [é] a descrição das características de

determinada população ou fenômeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis.” Com esse intuito, coletei, além do conteúdo das matérias jornalísticas, informações como editoria, assinatura, data da publicação, presença de conteúdo audiovisual por tipo – foto e/ou vídeo – para, posteriormente, entrecruzar estes dados na análise do *corpus*.

### **5.3.3 Definição do corpus de análise e limitações metodológicas**

Em 2021, meu *corpus* inicial (vide Apêndices C, D, E e F) era composto por 49 textos do O Povo e 42 do Diário do Nordeste, datados de 2003 a 2020, ano de submissão do pré-projeto ao PPGCOM da UFC, resultado da pesquisa exploratória por “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca *online* nos sites [www.opovo.com.br](http://www.opovo.com.br) e [www.diariodonordeste.com.br](http://www.diariodonordeste.com.br). Neste período, considerei realizar a análise de todos os textos, independentemente de serem ou não assinados pelos jornais.

Em 2022, por conta de questões pessoais como adoecimento – no meio de todo este processo, fui acometida por Covid, dengue, crises de ansiedade e outras patologias –, o prazo para a realização da pesquisa foi se encurtando e a necessidade de reduzir o *corpus* se mostrou medida necessária para viabilizar uma análise o mais aprofundada possível. Como resultado, o *corpus* inicial, com total de 91 textos, mudou para 16 do O Povo e 25 do Diário do Nordeste, ao todo 41 textos, com datas de 2018 a 2020. Mais uma vez, aqui, não fiz distinção de assinaturas.

Neste ano de 2023, e com as saúdes física e mental ainda fragilizadas, busquei novas estratégias para contemplar o *corpus* da melhor forma possível. A saída encontrada foi considerar no conteúdo apenas textos assinados pelos jornais OP e DN, de modo a identificar sua linha editorial mais explicitamente e alcançar o objetivo deste estudo, assim como responder ao problema de pesquisa identificado. Assim, meu *corpus* consiste em 10 textos do O Povo e 18 do Diário do Nordeste, portanto 28 textos, com assinatura da redação e sobre mulheres negras, de 2003 a 2020.

Por fim, é válido explicar que, neste *corpus* delimitado, identifiquei uma disparidade temporal nos resultados encontrados: enquanto o primeiro texto achado do jornal O Povo é de 20 de novembro de 2012, a primeira matéria do Diário do Nordeste é de 4 de fevereiro de 2003. Decidi, para não causar prejuízo ao aspecto quantitativo da pesquisa, manter o total de 28 textos, expostos nos Quadros 2 e 3, a seguir.

**Quadro 2 – Corpus Diário do Nordeste – apenas títulos assinados pela empresa**

<b>Título da notícia</b>	<b>Editoria</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Publicação</b>	<b>Foto</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Tags</b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais	Negócios*	Escrito por Redação	04/02/2003	Sim.	Não.	<i>renda.</i>
2 - Mulher negra é mais discriminada	Negócios*	Escrito por Redação	19/11/2003	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos	Negócios*	Escrito por Redação	18/11/2005	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
4 - Mulher, negra, africana...	Metro	Escrito por Redação	01/05/2014	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
5 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA	Mundo	Escrito por Redação	23/04/2015	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco	Negócios*	Escrito por Redação	12/03/2016	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura	Metro	Escrito por Redação	23/11/2016	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
8 - Fortaleza da mulher jovem negra	Metro	Escrito por Redação	07/03/2017	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta	Metro	Escrito por Redação	26/11/2017	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
10 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco	Metro	Escrito por Redação	17/03/2018	Não.	Sim/ YouTube.	<i>Sem tags.</i>
11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista	Verso	Escrito por Redação	27/12/2018	Não.	Sim/ YouTube.	<i>artes, cultura e entretenimento/ games.</i>
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna	Verso	Escrito por Redação	08/02/2019	Não.	Não.	<i>cris vianna; atriz; preconceito racial.</i>
13 - Maju agradece mensagens de apoio após estreiar na bancada do Jornal Nacional	Verso	Escrito por Redação	19/02/2019	Não.	Não.	<i>artes, cultura e entretenimento/ televisão; jornal nacional; maju-coutinho.</i>
14 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios	Verso	Escrito por Redação	25/02/2019	Não.	Não.	<i>artes, cultura e entretenimento; cultura e entretenimento/ oscar; Recorde; Mulheres; Negros.</i>

15 - Espetáculo “Barracal” volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca	Verso	Escrito por Redação	20/03/2019	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento; teatro.</i>
16 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado	Verso	Escrito por Redação	26/09/2019	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento.</i>
17- Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras	Verso	Escrito por Redação	28/07/2020	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify	É hit	Escrito por Redação	03/09/2020	Sim/ Twitter.	Sim/ Twitter.	<i>Sem tags.</i>

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

### Quadro 3 – Corpus O Povo – apenas títulos assinados pela empresa

<b>Título da notícia</b>	<b>Editória</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Publicação</b>	<b>Foto</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Tags</b>
1 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico	Mundo	Redação O Povo Online	15/09/2015	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
2 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras	Brasil	Autor O Povo/ Redação O Povo Online	31/03/2017	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
3 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo	Brasil	Autor O Povo/ Agência Brasil	18/09/2017	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas	Brasil	Autor O Povo/ Redação O Povo Online	11/12/2017	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
5 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra	Mundo	Autor O Povo	09/03/2018	Sim.	Sim.	<i>Sem tags.</i>
6 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro	Brasil	Autor O Povo	18/07/2018	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
7 - Imagem de mulher negra em campanha de	Política	Autor O Povo/	18/09/2018	Sim.	Sim.	<i>Sem tags.</i>

Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo		Redação O Povo Online				
8 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Divirta-se	Autor O Povo	13/02/2019	Sim.	Não.	<i>maju coutinho; jornal nacional; bancada; apresentadora; globo; primeira mulher negra.</i>
9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Brasil	Autor O Povo	16/02/2019	Sim.	Não.	<i>maju coutinho; jornal nacional; brasil; jornalista.</i>
10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra	Brasil	Autor Redação O Povo	15/09/2020	Sim. Gráfico Insper.	Não.	<i>estudo isper salario genero brasil; salario genero estudo brasil; raça genro salarios brasil; mulheres negras salario brasil.</i>

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

### 5.3.4 Período de coleta

A busca pelos descritores “mulheres negras” e “mulher negra” nas ferramentas de busca dos jornais O Povo e Diário do Nordeste resultou em 49 textos do OP e 42 do DN. Antes de decidir analisar apenas textos assinados por meus objetos, o que reduziu o material para 28 textos, coletei, em 2022, o máximo de informações de cada publicação, considerando a íntegra dos resultados de busca, portanto 91 textos.

No início da pesquisa, organizei o conteúdo do *corpus* em uma planilha do Excel (vide Apêndices C, D, E e F) e, a partir dela, busquei resgatar os textos completos para posterior análise. Para visualizar muitos deles, foi necessário assinar os jornais, pois parte dos textos compunha conteúdo pago. Isso demandou mais tempo para a finalização da coleta, pois, inicialmente, acessei apenas o conteúdo gratuito disponível.

Apresento, abaixo, o calendário da coleta do *corpus*, organizada por tipo, data e local de realização.

#### Quadro 4 – Diário da coleta de dados do *corpus*

<b>Coleta de textos do Jornal Diário do Nordeste</b>
Dia 12 de abril de 2022, de 15h às 18h30 (Biblioteca Orlando Teixeira/BOT - Universidade Federal Rural do Semiárido/Ufersa/Mossoró/RN).
<b>Coleta de textos do Jornal O Povo</b>

Dia 1: 13 de abril de 2022, de 15h às 18:04 (BOT-Ufersa/Mossoró/RN); Dia 2: 14 de abril de 2022, de 14 às 17h (BOT-Ufersa/Mossoró/RN).
<b>Checagem de títulos para verificar recorrências/reentrâncias/repetições</b>
Dia 1: 18 de abril de 2022, de 14 às 17h30 (BOT-Ufersa/Mossoró/RN); Dia 2: 19 de abril de 2022, de 09h às 14h50 (BOT- Ufersa/Mossoró/RN).
<b>Categorização de autoria/editoria</b>
Dia 1: 20 de abril de 2022, de 13h às 18h (BOT-Ufersa/Mossoró/RN); Dia 2: 21 de abril de 2022, de 14h às 18h (BOT-Ufersa/Mossoró/RN); Dia 3: 22 de abril de 2022, de 15h às 17h (BOT-Ufersa/Mossoró/RN); Dia 4: 28 de abril de 2022, de 14h às 17h (Biblioteca Central Zila Mamede/BCZM - Universidade Federal do Rio Grande do Norte/UFRN/Natal/RN); Dia 5: 29 de abril de 2022, de 8h às (Biblioteca do SESC Rio Branco/Natal/RN).

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

### 5.3.5 Problema de pesquisa

Considerando o exposto até aqui, considerando que a mídia tem poder e influência sobre a condição social das mulheres negras e os jornais O Povo e Diário do Nordeste são os principais veículos de comunicação do Ceará, o meu problema de pesquisa consiste na seguinte pergunta: como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste?

Por conseguinte, surgiram perguntas auxiliares para pensar e investigar o problema de pesquisa, que são: o que se fala das mulheres negras nesses jornais? Que espaço é dado a elas? Com que frequência? São abordagens positivas ou negativas? Contribuem para a superação das desigualdades já enfrentadas ou reproduzem Imagens de Controle da condição de mulher negra?

Saliento, desde o suporte epistemológico, a importância de se pensar a categoria gênero racializada e por meio de um prisma interseccional. É interessante compartilhar que, na época que realizei a pesquisa exploratória para definir o *corpus*, tive de racializar os descritores de busca porque, quando pesquisava por *mulheres*, apareciam nos resultados apenas mulheres brancas. Isso acontece porque os algoritmos são racistas e fazem uma triagem de notícias e conteúdos digitais seguindo uma lógica opressora e discriminativa, conforme explica o pesquisador negro Tarcízio Silva em *Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais* (2022).

### 5.3.6 *Objetivo geral e objetivos específicos*

O objetivo geral desta pesquisa é estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

Os objetivos específicos são: 1. Identificar Imagens de Controle previamente definidas (Collins, 2019; Bueno, 2020) – *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; jezebel, prostituta ou *hoochie*; *mammy* moderna; e/ou *pretty baby* – e opressões interseccionais – sexismo; racismo; classismo; heterossexismo; capacitismo; gordofobia; xenofobia; e etarismo – em seu conteúdo; 2. Identificar novas categorias após análise detalhada (Bardin, 1977); e 3. Interpretar o *corpus* com apoio da Roleta Interseccional (Carrera, 2021).

### 5.3.7 *Hipóteses*

Nesta pesquisa, elaborei duas hipóteses, formuladas com base nas leituras que fiz no período de escrita do projeto de pesquisa, as quais apresento a seguir.

#### **Hipótese A**

Quando se pesquisa pelos descritores “mulheres negras” ou “mulher negra” nas ferramentas de busca dos *sites* do jornal O Povo ou Diário do Nordeste, irão aparecer notícias de cunho negativo, policialesco ou de dados estatísticos que afirmam a desigualdade racial, de gênero ou social de mulheres negras no Ceará e no Brasil, como evidência da histórica escravização e do racismo estrutural e institucional.

#### **Hipótese B**

A pesquisa pelos termos “mulheres negras” ou “mulher negra” resultará ou em notícias de recorte de classe, em que se fala de mulheres negras pobres e marginalizadas, ou com abordagem superativa quanto às suas conquistas, pelas dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras para garantir espaços, empregos, garantias e direitos.

## 5.4 Métodos de interpretação de dados

Para responder ao problema “como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste?” e alcançar o objetivo geral que é estudar como as

mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, pensei em um percurso metodológico para a pesquisa a partir do acionamento, primeiro, da Análise de Conteúdo (AC) de Laurence Bardin (1977) e, segundo, da Roleta Interseccional de Fernanda Carrera (2021).

Esse percurso metodológico foi idealizado, sobretudo, por acionar uma metodologia já manejada na minha monografia de graduação, a AC – reconhecida como uma das mais tradicionais ferramentas de estudo dos produtos jornalísticos – e a Roleta Interseccional, uma proposta metodológica inovadora pensada para análises em comunicação e desenvolvida pela publicitária negra e professora Fernanda Carrera. A ideia era que estas propostas científicas, de modo conjunto ou separadamente, contribuíssem para o alcance dos propósitos do estudo em questão.

Ao longo da análise, continuarei realizando uma análise descritiva recorrendo à noção de escrevivência de Conceição Evaristo (2008), me implicando na escrita, inserindo minhas percepções sobre o conteúdo considerando que, além de receptora, também sou atravessada por essa produção – epistêmica, metodológica, jornalística.

#### **5.4.1 Análise de Conteúdo**

A Análise de Conteúdo é um conjunto de técnicas desenvolvidas pela francesa Laurence Bardin (1977). O objetivo da AC “é a palavra, isto é, o aspecto individual e actual (em acto) da linguagem [...] e trabalha a palavra, quer dizer, a prática realizada por emissores identificáveis” (Bardin, 1977, p. 9). Oscila entre os polos da objetividade e da subjetividade e, nas palavras da autora, atrai o pesquisador ou a pesquisadora “pelo escondido, o latente, o não aparente, o potencial inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem”. É por isso que, “tarefa paciente de *desocultação*, responde a esta atitude de *voyeur* de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico” (ibidem).

Deste conjunto de técnicas, optei pela análise categorial. Esta compreende três importantes etapas: 1. Pré-análise – que contempla a fase de leitura flutuante; escolha de documentos; formulação de objetivos e hipóteses; referenciação dos índices e elaboração de indicadores; 2. Exploração do material – como a criação de sistemas de codificação e um processo de estudo detalhado; e 3. Tratamento dos dados, inferência e interpretação –

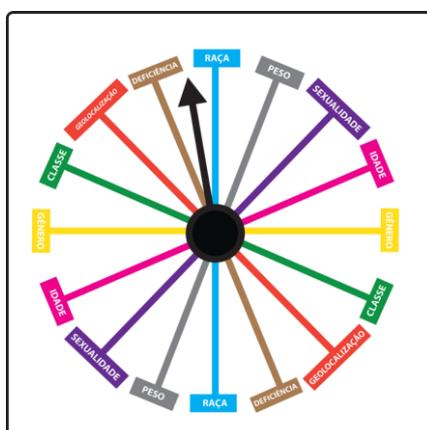
que diz respeito à condensação das informações para análise, momento de intuição e análise reflexiva e crítica.

Ademais, como nos lembra Gil (2002, p. 134), “nas pesquisas quantitativas, as categorias são frequentemente estabelecidas *a priori*, o que simplifica sobremaneira o trabalho analítico”. Por isso, levando em consideração as Imagens de Controle da condição de mulher negra (Collins, 2019; Bueno, 2020) como categorias de análise para serem somadas à Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), as categorias previamente definidas são as Imagens de Controle da: *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; *mammy* moderna; jezebel, prostituta ou *hoochie*; e *pretty baby*, e que busquei identificar no *corpus*.

#### 5.4.2 Roleta Interseccional

Após a conclusão das etapas 1 e 2 da Análise de Conteúdo, acionei, incontáveis vezes, a Roleta Interseccional, metodologia desenvolvida pela publicitária negra e professora universitária Fernanda Carrera (2021) para análises em comunicação e que está ligada ao suporte epistemológico da pesquisa, que é feminista negro e interseccional. Entrelaçada à interseccionalidade ou teoria interseccional (Collins, 2019; Akotirene, 2021), esta proposta objetiva identificar as marcas e os rastros de avenidas de opressão que se revelam nas interações cotidianas, na comunicação midiática e nas representações discursivas, além de mostrar como a comunicação se constrói também a partir de estruturas interseccionais (vide Figura 2) (Carrera, 2021).

**Figura 2 – Roleta Interseccional como proposta metodológica para estudos em Comunicação**



Fonte: Fernanda Carrera (2021).

Em relação ao funcionamento da Roleta Interseccional, Carrera (2021) assinala que entende a constituição do sujeito subalternizado a partir da metáfora das cores. De forma didática, nos explica:

Ao tomar o azul, cor primária, como matéria do racismo, por exemplo, e atribuir ao amarelo o construto do sexismo, mulheres negras se constituem não como metade amarelo e metade azul, mas como a cor verde. Se as políticas antirracistas se baseiam nas experiências de homens negros e as teorias feministas se preocupam com as vivências das mulheres brancas, mulheres negras são um construto subjetivo apartado, que sofre a fusão dos dois domínios de opressão, mas não é contemplado por nenhum deles. A cor verde, portanto, é outro universo subjetivo, gerado a partir das duas cores, fundamentado e constituído por elas, mas que reluz distinto, singularizado (Carrera, 2021, p. 11).

É importante ressaltar, conforme Nielsen (2011 apud Carrera, 2021), que há diferença entre a interseccionalidade como teoria e como método: “enquanto ferramenta metodológica, o conceito serve à construção das perguntas pelo pesquisador, [e] como teoria ela serve à explicação do processo nocivo da fratura das identidades sociais” (, p. 7-8). Entre as perguntas que podem ser feitas nesse processo, Fernanda compartilha algumas como: “quais são os eixos de opressão que predominam em cada situação? Quais aqueles que deixam rastros no discurso e no sujeito em análise? Quais cores de opressão e quais combinações fundamentam o indivíduo em questão?” (Carrera, 2020, p. 11).

A interseccionalidade, como ferramenta metodológica, visa articular e aprofundar a sua valência nos estudos comunicacionais e, por isso, “carece de aparatos conceituais próprios, em diálogo com suas origens, para que não reduza sua capacidade analítica a estudos descritivos dos sujeitos, materialidades e suas estruturas” (Carrera, 2021, p. 2). Com isso, quero dizer que é coerente a escolha de articular a teoria interseccional, já trazida em detalhes no terceiro capítulo, com uma metodologia que dialoga direta e profundamente com os seus princípios e objetivos. Além do mais, a Roleta Interseccional é pensada para análises em Comunicação, formulada para buscar compreender de que modo podemos ultrapassar as dimensões meramente descritivas dos objetos comunicacionais, o que é especialmente caro a essa pesquisa.

Ainda sobre seu funcionamento, é interessante explicar que a RI funciona em duas etapas: 1. A construção da silhueta dos objetos analisados a partir de oito categorias fundamentais – gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, peso, geolocalização e idade –, que busca reconhecer a relevância de identificar objetos de análise atravessados

por opressões interseccionais e 2. Estudo da complexidade que envolve os marcadores importantes para os objetos, bem como seus atravessamentos e interseções.

A segunda fase se dá a partir de três eixos: a) Formação interseccional discursiva: conjuntura sociocultural; b) *Ethos* interseccional: que se constrói a partir de atravessamentos identitários; e c) Negociações interseccionais: que se estabelecem na interação. Neste estudo não é possível identificar as negociações interseccionais porque não há comentários nem interação com o público no *corpus* coletado das publicações digitais.

Desse modo, com os giros da Roleta Interseccional, busco identificar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, quais hastes fundamentais são iluminadas ou não, quais opressões interseccionais são reproduzidas por meio de suas narrativas e quais os desdobramentos dessas representações a partir de uma análise interseccional.

Uma vez exibidos e explicados os pormenores de como se deu a formulação do plano metodológico, dos modos de execução da presente pesquisa, trago, no próximo capítulo, os resultados identificados no trabalho. Eles serão apresentados em duas partes: análise quantitativa e análise qualitativa do *corpus*.

## 6 COMO AS MULHERES NEGRAS SÃO REPRESENTADAS NOS JORNAIS O POVO E DIÁRIO DO NORDESTE: RESULTADOS QUANTI-QUALITATIVOS

Para chegar aos resultados da pesquisa, que apresento nas seções seguintes, apliquei e vivenciei o percurso metodológico de forma muito peculiar, desafiadora. Apesar da familiaridade com a metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), realizei nesta dissertação as minhas primeiras experiências completas e complexificadas com a Roleta Interseccional (Carrera, 2021), as Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020) e a escrevivência (Evaristo, 2008). Estas metodologias diferentes, usadas de forma combinada, colaboraram para alcançar os objetivos propostos me fazendo chegar, inclusive, a outros resultados e *insights*, que trago no Capítulo 7.

Neste capítulo, realizo uma análise quantitativa e qualitativa – ambas interseccionais – para identificar: de que modo as narrativas jornalísticas dos jornais O Povo e Diário do Nordeste representam as mulheres negras; para entender de que modo se dá o entrecruzamento das categorias de gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, peso, geolocalização e idade; para compreender se e a partir de que essas narrativas reproduzem as opressões interseccionais do racismo, sexismo, classismo, heterossexismo, capacitismo, gordofobia, xenofobia e etarismo para, por fim, identificar se, nessas notícias, são também reproduzidas as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social, dama negra, *mammy* moderna, Jezebel e *pretty baby*.

Conforme idealizado, iniciei com a Análise de Conteúdo e continuei com a Roleta Interseccional para, em seguida, identificar a categoria das Imagens de Controle. A prática mostrou que, no fim das contas, só chegaria a resultados satisfatórios com a aplicação simultânea e em grande parte entrecruzada de todas as metodologias de apoio.

Como o *corpus* consiste em 10 textos do jornal O Povo e 18 do jornal Diário do Nordeste, com assinatura da redação sobre mulheres negras, de 2003 a 2020, escolhi contemplar, no corpo do texto, a análise de três notícias de cada empresa de comunicação, apresentadas com a numeração da ordem expressa nos Quadros 2 e 3, expostos no capítulo Panorama Metodológico.

Aproveito para salientar que, durante os encaminhamentos finais da pesquisa, defini um novo critério para analisar os resultados: contemplar apenas os textos com a identificação direta das Imagens de Controle, das hastes iluminadas pela Roleta e das

opressões interseccionais. Isso porque, a partir de inferências, de uma análise ainda mais minuciosa, foi possível identificar as três categorias de modo indireto no *corpus*. Como isso demandaria muito mais tempo para apreciação, optei pelo critério de identificação direta. Os resultados considerados frutos de inferências e identificações indiretas estão disponíveis nos Apêndices O, P e Q.

Apresento, a seguir, a análise quantitativa e qualitativa dos resultados finais da pesquisa, mostrando como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

### 6.1 Análise quantitativa

Esta seção é dedicada a apresentar os resultados quantitativos do *corpus*. Com a intenção de facilitar a visualização dos dados, produzi diversos quadros no Excel, que trago na íntegra nos Apêndices, e dou início com o Quadro 5, na sequência, que considero como sendo aquele que melhor sintetiza os objetivos e achados da pesquisa nas três categorias de análise.

**Quadro 5 – Resultado final: hastes iluminadas, opressões interseccionais identificadas e Imagens de Controle reproduzidas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste**

DN	HASTES ILUMINADAS								OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS								IMAGENS DE CONTROLE REPRODUZIDAS							
	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade	Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo	Mammy	Matriarca	Mãe dependente do Estado	Rainha da Assistência Social	Dama negra	Mammy moderna	Jezebel, prostituta ou hooschie	Pretty baby
Texto 1																								
Texto 2																								
Texto 3																								
Texto 4																								
Texto 5																								
Texto 6																								
Texto 7																								
Texto 8																								
Texto 9																								
Texto 10																								
Texto 11																								
Texto 12																								
Texto 13																								
Texto 14																								
Texto 15																								
Texto 16																								
Texto 17																								
Texto 18																								

OP	HASTES ILUMINADAS								OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS								IMAGENS DE CONTROLE REPRODUZIDAS							
	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade	Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo	Mammy	Matriarca	Mãe dependente do Estado	Rainha da Assistência Social	Dama negra	Mammy moderna	Jezebel, prostituta ou hooschie	Pretty baby
Texto 1																								
Texto 2																								
Texto 3																								
Texto 4																								
Texto 5																								
Texto 6																								
Texto 7																								
Texto 8																								
Texto 9																								
Texto 10																								

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

As cores utilizadas nas categorias das hastes iluminadas e opressões interseccionais identificadas (vide Quadro 5) não são aleatórias, são as mesmas que constam nas hastes da Roleta Interseccional (Carrera, 2021). Na categoria das Imagens

de Controle reproduzidas, optei por exibi-las em cor preta<sup>43</sup>. A partir do preenchimento das colunas com as informações coletadas, observei, em relação à categoria das hastes iluminadas pela Roleta, que as varetas de gênero, raça, classe e geolocalização se acenderam em todos os textos do *corpus* de ambos os jornais, ou seja, todas as notícias falam, de fato, de mulheres negras de um determinado grupo econômico – ou em situação de extrema pobreza e exploração ou em (ascendência à) classe média – em um lugar geográfico específico – a maioria na região Nordeste do Brasil, já que os jornais estudados são cearenses, e algumas notícias de âmbito nacional e mundial, trazendo notícias da América do Norte, de países como Estados Unidos e Canadá. As hastes de idade e sexualidade também foram iluminadas: a primeira apareceu com grande recorrência – falando de mulheres jovens e adultas, principalmente – e, a última, foi detectada apenas uma vez em cada periódico – no DN e n’OP as notícias que marcaram essa haste falam de mulheres negras hipersexualizadas, objetificadas. Nos dois jornais, as hastes de deficiência e peso não foram iluminadas.

Na categoria das opressões interseccionais, especificamente no jornal Diário do Nordeste, foram identificadas nas narrativas a reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia, esta última em menor número de recorrências; já n’O Povo foram observadas as opressões do sexismo, racismo e classismo, sem a incidência da opressão da xenofobia. Nos dois jornais, não foram identificadas diretamente a reprodução do heterossexismo, capacitismo, da gordofobia e do etarismo.

Em relação às Imagens de Controle, a dama negra foi a mais identificada e reproduzida nos textos dos jornais OP e DN. Falando especificamente do DN, as imagens da *mammy* e da matriarca, após a dama negra, foram detectadas com maior recorrência, seguidas da jezebel, mãe dependente do Estado, *mammy* moderna e *pretty baby* – esta última foi observada apenas uma vez; e a IC da rainha da assistência social não foi identificada diretamente nas narrativas jornalísticas. Já n’O Povo, além da dama negra, foram observadas as IC da *mammy* moderna, matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e jezebel. Nele, não identifiquei diretamente as Imagens de Controle da *mammy* e da *pretty baby*.

---

<sup>43</sup> Conforme texto da Academia Brasileira de Artes - ABRA, a teoria das cores define a cor preta como sendo aquela que absorve todas as outras. Disponível em: <https://abra.com.br/artigos/teoria-das-cores/>. Acesso em: 10 out. 2023.

### Quadro 6 – Opressões interseccionais por recorrência

	<i>Mammy</i>	<i>Matriarca</i>	<i>Welfare mother</i>	<i>Welfare queen</i>	<i>Black lady</i>	<i>Mammy moderna</i>	<i>Hoochie /Jezebel</i>	<i>Pretty baby</i>
<b>DN</b>	Sexismo (2x)	Sexismo (4x)	Sexismo (1x)	IC ausente.	Sexismo (5x)	Racismo (1x)	Sexismo (1x)	Classismo (1x)
	Racismo (4x)	Racismo (5x)	Racismo (2x)		Racismo (6x)	Classismo (1x)	Racismo (1x)	
	Classismo (3x)	Classismo (4x)	Classismo (2x)		Classismo (7x)	Xenofobia (1x)	Classismo (1x)	
	Xenofobia (3x)	Xenofobia (4x)	Xenofobia (2x)		Xenofobia (3x)	Xenofobia (1x)	Xenofobia (1x)	
<b>OP</b>	<i>Mammy</i>	<i>Matriarca</i>	<i>Welfare mother</i>	<i>Welfare queen</i>	<i>Black lady</i>	<i>Mammy moderna</i>	<i>Hoochie /Jezebel</i>	<i>Pretty baby</i>
	IC ausente.	Sexismo (1x)	Sexismo (1x)	Sexismo (1x)	Sexismo (2x)	Textos não reproduzem OI.	Texto não reproduz OI.	IC ausente.
		Racismo (1x)	Racismo (1x)	Racismo (1x)	Racismo (3x)			
		Classismo (1x)	Classismo (1x)	Classismo (1x)	Classismo (2x)			

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

No Quadro 6, que trata da recorrência das opressões interseccionais em cada imagem de controle, é possível visualizar o entrecruzamento destas categorias quantitativamente: a reprodução das IC da dama negra (*black lady*) e da matriarca, no DN, estão atreladas, simultaneamente, a uma numerosa reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e xenofobia. Neste rol, as OI mais observadas foram as do classismo, com sete ocorrências ligadas a IC da dama negra, e a do racismo, com cinco ocorrências ligadas a IC da matriarca. A *mammy* é a terceira imagem de controle mais ligada a reprodução de OI e, assim como a matriarca, salienta a opressão do racismo nas narrativas jornalísticas.

No jornal O Povo, observei que a imagem de controle da dama negra é a que está mais ligada a reprodução de OI, sendo possível identificar, nos textos em que está presente, racismo, sexismo e classismo, nessa ordem. Uma pausa para comparação: enquanto no DN a opressão interseccional mais salientada na reprodução da IC da dama negra é o classismo, no OP é o racismo. Continuando, nos textos em que há as Imagens de Controle da *mammy* moderna e da jezebel, não identifiquei a reprodução de opressões interseccionais.

### Quadro 7 – Análise percentual das Imagens de Controle

IMAGENS DE CONTROLE EM PORCENTAGEM			
	DN (18 textos)	OP (10 textos)	DN + OP (28 textos)
<b>Mammy</b>	6/18 = <b>33.33%</b>	0/10 = <b>0</b>	6 + 0 = 6   6/28 = <b>21.42%</b>
<b>Matriarca</b>	6/18 = <b>33.33%</b>	1/10 = <b>10%</b>	6 + 1 = 7   7/28 = <b>25%</b>
<b>Mãe dependente do Estado</b>	2/18 = <b>11.11%</b>	1/10 = <b>10%</b>	2 + 1 = 3   3/28 = <b>10.71%</b>
<b>Rainha da Assistência Social</b>	0/18 = <b>0</b>	1/10 = <b>10%</b>	0 + 1 = 1   1/28 = <b>3.57%</b>
<b>Dama negra</b>	14/18 = <b>77.77%</b>	8/10 = <b>80%</b>	14 + 8 = 22   22/28 = <b>78.57%</b>
<b>Mammy moderna</b>	2/18 = <b>11.11%</b>	2/10 = <b>20%</b>	2 + 2 = 4   4/28 = <b>14.28%</b>
<b>Jezebel</b>	3/18 = <b>16.66%</b>	1/10 = <b>10%</b>	3 + 1 = 4   4/28 = <b>14.28%</b>
<b>Pretty baby</b>	1/18 = <b>5.55%</b>	0/10 = <b>0</b>	1 + 0 = 1   1/28 = <b>3.57%</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

No Quadro 7 trago uma análise percentual das Imagens de Controle. No DN, a IC da dama negra aparece em 14 dos 18 textos, contabilizando quase 78% de recorrência; as

imagens da *mammy* e da matriarca, que foram observadas em seis textos, têm 33.33% de recorrência cada; a IC da jezebel está em três, e está em 16.66% do total; as Imagens de Controle da mãe dependente do Estado e *mammy* moderna aparecem em dois textos e têm, ambas, 11.11% de recorrência; e a imagem de controle da *pretty baby* foi observada uma vez, totalizando 5.55%. No OP, a IC da dama negra também é a que mais predomina percentualmente: é identificada em 80% do total, seguida da *mammy* moderna, com 20%, e das IC da matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e jezebel, com 10% de recorrência cada. Tirando a média de dados dos dois jornais<sup>44</sup>, as três Imagens de Controle mais reproduzidas são as da dama negra, com 78.57%, da matriarca, com 25% e da *mammy*, com 21.42% do total.

**Quadro 8 – Análise percentual de hastes iluminadas**

<b>HASTES ILUMINADAS EM PORCENTAGEM</b>			
	DN (18 textos)	OP (10 textos)	DN + OP (28 textos)
<b>Gênero</b>	18/18 = <b>100%</b>	10/10 = <b>100%</b>	18 + 10 = 28   28/28 = <b>100%</b>
<b>Raça</b>	18/18 = <b>100%</b>	10/10 = <b>100%</b>	18 + 10 = 28   28/28 = <b>100%</b>
<b>Classe</b>	18/18 = <b>100%</b>	10/10 = <b>100%</b>	18 + 10 = 28   28/28 = <b>100%</b>
<b>Sexualidade</b>	1/18 = <b>5.55%</b>	1/10 = <b>10%</b>	1 + 1 = 2   2/28 = <b>7.14%</b>
<b>Deficiência</b>	0/18 = <b>0</b>	0/10 = <b>0</b>	0 + 0 = <b>0</b>
<b>Peso</b>	0/18 = <b>0</b>	0/10 = <b>0</b>	0 + 0 = <b>0</b>
<b>Geolocalização</b>	18/18 = <b>100%</b>	10/10 = <b>100%</b>	18 + 10 = 28   28/28 = <b>100%</b>
<b>Idade</b>	8/18 = <b>44.44%</b>	7/10 = <b>70%</b>	7 + 8 = 15   15/28 = <b>53.57%</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Sobre a categoria das hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional, quatro se acenderam simultaneamente em todos os textos do *corpus* em ambos os objetos de pesquisa: as varetas de gênero, raça, classe e geolocalização, logo com 100% de recorrência. A vareta de idade acendeu em oito dos 18 textos do DN e em sete dos dez textos do jornal OP, contabilizando 44.44% e 70% de recorrência, nesta ordem; a de sexualidade foi observada uma vez em cada periódico, totalizando 5.55% no DN e 10% no OP. A média dos dados me permitiu identificar que, após as hastes de gênero, raça, classe e geolocalização, a haste de idade é detectada 53.57% das vezes e a de sexualidade 7.14%. As varetas de deficiência e peso não foram observadas diretamente no *corpus*, logo não contabilizam recorrências.

<sup>44</sup> Repetindo para que a informação não se perca: não observei a imagem de controle da rainha da assistência social no Diário do Nordeste e as imagens de controle da *mammy* e da *pretty baby* no O Povo.

Quadro 9 – Análise percentual de opressões interseccionais

OPRESSÕES INTERSECCIONAIS EM PORCENTAGEM			
	DN (18 textos)	OP (10 textos)	DN + OP (28 textos)
<b>Sexismo</b>	7/18 = <b>38.88%</b>	2/10 = <b>20%</b>	7 + 2 = 9   9/28 = <b>32.14%</b>
<b>Racismo</b>	8/18 = <b>44.44%</b>	3/10 = <b>30%</b>	8 + 3 = 11   11/28 = <b>39.28%</b>
<b>Classismo</b>	9/18 = <b>50%</b>	2/10 = <b>20%</b>	9 + 2 = 11   11/28 = <b>39.28%</b>
<b>Heterossexismo</b>	0/18 = <b>0</b>	0/10 = <b>0</b>	0 + 0 = <b>0</b>
<b>Capacitismo</b>	0/18 = <b>0</b>	0/10 = <b>0</b>	0 + 0 = <b>0</b>
<b>Gordofobia</b>	0/18 = <b>0</b>	0/10 = <b>0</b>	0 + 0 = <b>0</b>
<b>Xenofobia</b>	5/18 = <b>27.77%</b>	0/10 = <b>0</b>	5 + 0 = 5   5/28 = <b>17.85%</b>
<b>Etarismo</b>	0/18 = <b>0</b>	0/10 = <b>0</b>	0 + 0 = <b>0</b>

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

Finalmente, o Quadro 9 mostra os resultados da análise percentual das opressões interseccionais. Nele, identifiquei no DN, em maior parte, a reprodução do classismo, racismo, sexismo e xenofobia; cada uma apareceu, respectivamente, em 50%, 44.44%, 38.88% e 27.77% do *corpus*. No OP, a opressão interseccional mais reproduzida nos textos é a do racismo, com 30%, seguida do sexismo e do classismo, ambas com 20% de recorrência. Na média, as opressões do racismo e do classismo totalizam 39.28%, seguidas do sexismo, com 32.14% e da xenofobia, com 17.85% de recorrência. As opressões do heterossexismo, capacitismo, gordofobia e etarismo não foram observadas diretamente em ambos os jornais.

## 6.2 Análise qualitativa

A análise qualitativa dos dados é feita a partir da técnica da análise categorial (Bardin, 1977) e do referencial teórico-metodológico interseccional (Carrera, 2021; Collins, 2019; Bueno, 2020; Akotirene, 2021) adotados, considerando as três categorias definidas na pesquisa: hastes iluminadas, Imagens de Controle e opressões interseccionais. Cada uma delas será analisada por texto: a intenção é ir além da descrição das diferenças e semelhanças identificadas e já trazidas na seção da análise quantitativa, buscando complexificar e compreender o entrecruzamento das narrativas e dos resultados.

Aqui, além de trazer textos assinados pela redação de ambos os jornais – que demonstram mais nitidamente posicionamentos sociopolíticos, optei por analisar principalmente notícias que reproduzem Imagens de Controle e opressões interseccionais simultaneamente, pois considero esta parte como sendo a mais preocupante do *corpus*. Digo isso porque o processo de revisitar e aprofundar a leitura do material me fez notar

que também há textos que reproduzem conteúdo das Imagens de Controle de mulheres negras, mas não reproduzem opressões interseccionais. Estas notícias têm um conteúdo de caráter denunciativo, pois problematizam as questões abordadas. O fato de conseguir observar uma imagem de controle no texto é uma questão considerável, interessante, e, por isso, trago um texto do jornal O Povo com essa característica para exemplificar. Resolvi trazê-lo pois ilustra bem a imagem de controle da dama negra, a mais reproduzida nas narrativas dos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

Indo direto ao ponto: analiso, neste tópico, três notícias de cada jornal, consideradas como os casos mais emblemáticos do *corpus* definitivo. São eles: Texto 1 – *Mulheres nordestinas e negras sofrem mais*, que reproduz as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado e traz em suas narrativas as opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e xenofobia; Texto 4 – *Mulher, negra, africana...*, que salienta as Imagens de Controle da matriarca, dama negra e jezebel, a partir da reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia; e o Texto 11 – *Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista*, que traz as Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca, também com a reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. Estes três são do Diário do Nordeste.

Já os textos selecionados d'O Povo são: Texto 1 – *Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico*, que traz as Imagens de Controle da dama negra, mas não reproduz opressões interseccionais; Texto 2 – *Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras*, que reproduz a imagem de controle da dama negra e as opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo; e, por fim, o Texto 7 – *Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo*, que traz as Imagens de Controle da matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e dama negra, a partir das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo.

## 6.2.1 Textos do Diário do Nordeste

### 6.2.1.1 Mulheres nordestinas e negras sofrem mais<sup>45</sup>

#### Quadro 10 – Texto 1 - Diário do Nordeste

##### 1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais

“NEGÓCIOS”

Escrito por Redação, 04:14 - 04 de Fevereiro de 2003.

Legenda: Dorte Verner: “No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres”

A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo”, disse. Ela lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria mas argumentou que, “infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza”.

Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com[o] pela própria formação das pessoas da raça negra), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos. Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991. “As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro”. Longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina, ela argumentou que a região não é diferente do resto do Brasil. “O destino de uma família nordestina não é viver na pobreza. O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema”, disse.

A executiva do Bird ressaltou que a pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade da população. “As pessoas que trabalham na atividade agrícola têm alto risco de serem pobres”. Segundo ela, o trabalho com carteira assinada reduz esses riscos, mas não no Nordeste, onde o emprego formal com baixos salários não tem auxiliado na equiparação de renda entre ricos e pobres. Para Verner, “a educação é a chave para eliminar a pobreza no País”, e, portanto, a área que vai precisar de mais ênfase na área social do novo governo. Ela cita dados da Pnad: “os pobres estudam, em média, quatro anos, enquanto que os não-pobres passam seis anos e meio na escola. Ou seja, há uma defasagem de dois anos e meio entre eles. E essa diferença não está diminuindo”. (SC)

Fonte: Diário do Nordeste, 2002.

Em uma primeira e desatenta leitura, a narrativa da notícia “Mulheres nordestinas e negras sofrem mais” pode parecer aceitável, sem grandes problematizações. Porém, após diversas leituras, observei um *ethos* interseccional (Carrera, 2021) repleto de sutilezas que embutem um conteúdo principalmente racista e xenofóbico que reproduz as Imagens de Controle da *mammy*, da matriarca e da mãe dependente do Estado, começando

<sup>45</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mulheres-nordestinas-e-negras-sofrem-mais-1.479289>.

pelo que se reitera no próprio título da matéria que, ao longo da narrativa, fala de sofrimento atrelado à pobreza, miséria, vulnerabilidade socioeconômica.

Chamou a minha a atenção assim como me causou bastante incômodo, primeiro, porque traz uma figura de autoridade estrangeira, uma mulher branca norte-americana “estilo padrão” para analisar o conteúdo, resultado da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001 sobre mulheres negras brasileiras socioeconomicamente vulneráveis e oriundas da região Nordeste. Segundo porque a executiva Dorte Verner – branca, loira, magra, alta e de olhos azuis – representante do Banco Mundial, instituição também norte-americana, além de ser escolhida como fonte de informação, de parâmetro de análise para os dados obtidos, é a imagem que estampa a notícia que traz, em seu título, que as “mulheres nordestinas e negras sofrem mais” (vide Figura 3, a seguir). Isso é, no mínimo, questionável e me faz observar, para além da opressão da xenofobia, colonialismo interno e externo, que é o fato de um periódico regional privilegiar como fonte de dados locais uma mulher branca estrangeira que usa lentes imperialistas para avaliar uma região que, apesar de inferiorizada e discriminada, é extremamente rica e potente em todos os sentidos – a região Nordeste do Brasil.

Figura 3 – *Print* do Texto 1 no site do DN

The screenshot shows a news article on the DN website. The title is "Mulheres nordestinas e negras sofrem mais" (Northeastern and Black women suffer more). The article is categorized under "NEGOCIOS" and "Transferência". The main image is a portrait of Dorte Verner, a white woman with short blonde hair, wearing a dark top. Below the image is a caption: "Legenda: Dorte Verner. 'No Nordeste, 47% das crianças de famílias são subnutridas ou pobres' Foto: Paulo Rocha". The article text discusses the results of the 2001 Pnad survey, highlighting that 47% of children in Northeastern families are undernourished or poor. It also mentions that 27% of households in the region are without electricity. The article is written by Paulo Rocha. On the right side, there is a sidebar with a section titled "COLUNISTAS" (Columnists) listing several authors: ALLISON MARTINS, ANA ALVES, MELANA SANTOS, EDSON SOARES, EDSON FONSECA, GERMANO BARRIO, and IGOR PIRES. At the bottom, there is a newsletter sign-up form and a social media sharing section.

Fonte: Diário do Nordeste, 2023.

Como se pode ver, a imagem que consta na Figura 3 está borrada, tal como no *site* do jornal, mas uma rápida pesquisa no *Google* Imagens com o descritor “Dorte Verner” permitiu identificar que o rosto que ilustra o Texto 1 do Diário do Nordeste é realmente o da executiva do Banco Mundial. Ei-la:

**Figura 4 – Dorte Verner, economista do Banco Mundial<sup>46</sup>**



Fonte: Banco Mundial, 2023.

O Texto 1 do DN, datado de 04 de fevereiro de 2003, apresenta logo no primeiro parágrafo uma afirmação interseccional: “a pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste”, o que, mais uma vez, remete às Imagens de Controle da *mammy*, da matriarca e da mãe dependente do Estado. Incluído na Editoria “Negócios” e com a etiqueta “renda”, esse texto respalda a visão de uma mulher estrangeira pertencente a uma instituição bancária, o que me faz questionar: as mulheres negras são mercadoria? Como embasamento na e para a notícia, são apresentados dados estatísticos, questões sobre mercado de trabalho e “preconceito social”: essa última expressão, trazida no início do segundo parágrafo, pode ser entendida como as opressões do racismo e do classismo. Realizo esse exercício de “desvelamento”, de quebra de sinônimos indiretos, porque aprendi que, para combater as opressões interseccionais, precisamos nomeá-las.

Ainda no primeiro parágrafo, Dorte Verner salienta que “no Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo” e, no segundo parágrafo, que “25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991”. Um ponto é que, quando se fala em “chefes”, com uma flexão de gênero masculina, há um apagamento do gênero feminino. A expressão “chefes de família” é sexista, pois é uma

---

<sup>46</sup> Mais em: <https://live.banquemondiale.org/fr/experts/d/dorte-verner>.

expressão masculina, mas as mulheres negras também são “chefes” de família, responsáveis pelo sustento da prole e, muitas vezes, também de seus companheiros e companheiras. E, a partir dessa ideia de que 25% das mulheres “chefiam” suas famílias, identifiquei a imagem de controle da matriarca: figura materna nas famílias negras, a matriarca trabalha fora, passa muito tempo longe de casa e, por isso, contribui para o fracasso das crianças e da comunidade negra (Collins, 2019).

Outro ponto é que o dado não é nitidamente racializado, por mais que se fale em mulheres negras no título, há um apagamento da categoria raça ao longo da notícia quando se subtrai ou omite o léxico “negras”: “[...] Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros [...], as mulheres [...] e os analfabetos”; “[...] hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres [...]”; “As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro”. Como já dito nos capítulos anteriores, há uma tendência a apelar para a narrativa de “mulheres no geral”, para a categoria de “mulher universal”, apagando a diversidade e também a especificidade de outros grupos de mulheres, neste caso o grupo racializado das mulheres negras. Aí está a comprovação desse apagamento das ou negligência com as mulheres negras o fato de o jornal Diário do Nordeste apresentar no título a chamada para um assunto sobre mulheres negras nordestinas, mas, no corpo do texto, falar de mulheres, de nordestinos, de pessoas negras, mas não falar expressamente em mulheres negras. Trocando em miúdos: o texto é sobre mulheres negras, mas fala de mulheres sem racializar a categoria gênero, termo que, no geral, está associado às mulheres brancas.

Aqui, as avenidas identitárias de raça, gênero, classe e geolocalização estão entrecruzadas, se intersectam de diversos modos. Resumidamente, a notícia fala que a condição social das mulheres negras é pior na região nordestina, que são mais acometidas por desigualdades sociais. Do ponto de vista analítico, a narrativa reitera, nas entrelinhas, que as mulheres negras nordestinas são, por conta de seu gênero, raça, classe e geolocalização, o grupo mais injustiçado, subalternizado, oprimido.

Identifico racismo quando Dorte Verner diz lembrar “[d]a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria”, mas argumentar que, “infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza”. Tiveram eficácia para qual grupo? Conforme Lélia Gonzalez (2020), essas medidas foram benéficas para o grupo de mulheres brancas, pois ascenderam socialmente – por serem brancas, por terem aparência aceitável, conseguiram conquistar cargos de trabalho com público e

ocupar, com menos entraves, bancos nas universidades. Ademais, Verner fala que acabar com a pobreza não é acabar com a miséria. Mas a pobreza acabou para quem?

Entre outras coisas ditas por Dorte Verner que considero como discriminatórias e reprodutoras de opressões interseccionais, ratificadas pelo jornal Diário do Nordeste, há um trecho em que ela fala que “a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com[o] pela própria formação das pessoas da raça negra) [...]”. Como ela não traz nenhum dado específico que comprove essa desqualificação generalizada, essa é uma afirmação racista e xenofóbica, que mostra a equivocada visão de que as pessoas negras e todas as mulheres negras no Nordeste são despreparadas profissionalmente e, assim, responsáveis pela situação socioeconômica desfavorável em que vivem. A partir dessas ideias, reproduz as Imagens de Controle da *mammy*, da matriarca e da mãe dependente do Estado que, por suposto despreparo profissional e preguiça de buscar melhorias sociais, são tidas como desqualificadas e responsáveis pela condição social experienciada.

É importante lançar luz a essa ação nada sutil de culpabilizar as mulheres negras e os grupos subalternizados pelas opressões que nos atravessam. Lembro que criar, reproduzir e atualizar Imagens de Controle da condição de mulheres negras é um *modus operandi* dos grupos dominantes de transferir a responsabilidade social e nos culpar pela situação de pobreza, violência e desigualdade a nós impostas.

Se a pobreza no Brasil, de acordo com Verner, “é negra, feminina e está concentrada no Nordeste”, logo “as mulheres [...] mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro” são negras e nordestinas. Outra incongruência é quando o redator ou a redatora faz a defesa prematura de que “longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina, ela [Dorte Verner] argumentou que a região não é diferente do resto do Brasil”. Como isso é possível? Desde o início da notícia, o Pnad comprova, Dorte Verner avalia e o jornal Diário do Nordeste afirma que as “mulheres negras nordestinas e negras sofrem mais”. Neste caso, a região Nordeste é, sim, “diferente do resto do Brasil” e essa narrativa apaga as especificidades de raça e geolocalização do caso analisado.

Dando continuidade ao pensamento, outro ponto é que, quando a redação escreve que não está se referindo a um “determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina”, está indiretamente se referindo a estereótipos sobre o Nordeste,

sobre conteúdos negativos e reducionistas: quando fala em “pobreza nordestina” e “determinismo social [...] e econômico”, resume o Nordeste à pobreza, à miséria; e quando fala em “determinismo climático”, reduz o Nordeste à seca, à região semiárida, resumindo a diversidade climática da região a apenas um de seus climas, o que é uma visão xenofóbica, classista, racista.

Para piorar, Verner diz que “o capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema” – como se o capitalismo fosse a opressão preponderante, ignorando o racismo, o classismo, o machismo e outras opressões que acometem de forma particular e entrecruzada as vivências de pessoas distintas, das mulheres negras. Verner coloca o capital como a resolução dos problemas da desigualdade, que não é determinante para contornar a situação porque a situação é interseccional, estrutural: envolve questões de gênero, raça, classe, sexualidade, idade. É algo muito mais complexo. E que na notícia, no mínimo, teria de acrescer uma leitura racial. São pensamentos que reproduzem mais racismo, machismo, xenofobia.

No terceiro e último parágrafo do texto, mais um trecho passível de problematização: “a executiva do Bird ressaltou que a pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade da população. [...] As pessoas que trabalham na atividade agrícola têm alto risco de serem pobres”. Nesta passagem, Verner se refere às trabalhadoras e aos trabalhadores da zona rural do Nordeste. O problema, além da falta de garantia de direitos trabalhistas, está na concentração fundiária, na falta de investimentos e no abandono estatal. Também foi possível identificar as Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca quando se fala em setor de atividade desqualificado, que também tem ligação com exploração física e baixa remuneração – ou possível falta dela, como no caso específico da *mammy*. A imagem de controle da mãe dependente do Estado é excluída desse exemplo específico, pois, nela, a mulher negra é desempregada, tida como acomodada, satisfeita com auxílios concedidos pelo governo.

Este texto é do início de 2003, portanto publicado há mais de 20 anos. Compreendo que a leitura naquele período era ainda mais atravessada por opressões e hoje, um pouco menos, uma vez que a cobrança dos movimentos sociais, políticos, acadêmicos, negros pressionam por mudança em atitudes, narrativas. Mas não posso desconsiderar que uma mulher branca estrangeira foi escolhida para ser a responsável pela leitura dos dados socioeconômicos de mulheres negras nordestinas: é sobre visão de mundo, perspectivas de outro país, uma outra visão de sociedade, uma outra visão

política, racial. Dorte Verner é uma mulher branca que representa um grupo branco privilegiado.

A executiva do Banco Mundial fala de um lugar de poder, é considerada como uma “pessoa importante”, “de fora”, o que é uma visão colonial. Ela é uma pessoa do exterior analisando dados do Brasil, como se não tivéssemos profissionais capazes e competentes para realizar tal feito. Também não posso deixar de enfatizar que o título da matéria fala de mulheres negras, mas o corpo do texto deixa isso implícito o tempo inteiro, muitas vezes estendendo a leitura para a população negra em geral ou, quando fala de mulheres, não racializa a expressão, remetendo à categoria da mulher universal, a branca.

A narrativa jornalística do Texto 11 reforça, embora negue, a ideia de que o “lugar natural” das pessoas negras é a pobreza e, das pessoas brancas, do saber, da autoridade intelectual. Isso ampara uma outra ideia falaciosa, que é a de que as pessoas brancas são generosas por “cuidarem” de pessoas negras, “dividindo” seu conhecimento e seu tempo. A esse fenômeno nós, do movimento negro e grupos militantes, chamamos de “complexo do branco salvador”, “mito do branco salvador”, “mito da branca salvadora”, entre outras denominações.

As mulheres negras, no sentido socioeconômico, realmente estão em situação de desigualdade, mas não porque são despreparadas e desqualificadas profissionalmente, nós também temos boa capacidade cognitiva, intelectual, somos potentes e lutamos todos os dias por mais oportunidades para demonstrar nossas habilidades e competências. E assim, finalmente, considerando os assuntos tratados, observei que o Texto 1 reproduz diretamente as Imagens de Controle da *mammy*, da matriarca e da mãe dependente do Estado e as opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia.

#### 6.2.1.1.1 Hastes iluminadas

No Texto 1 do jornal Diário do Nordeste, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe e geolocalização.

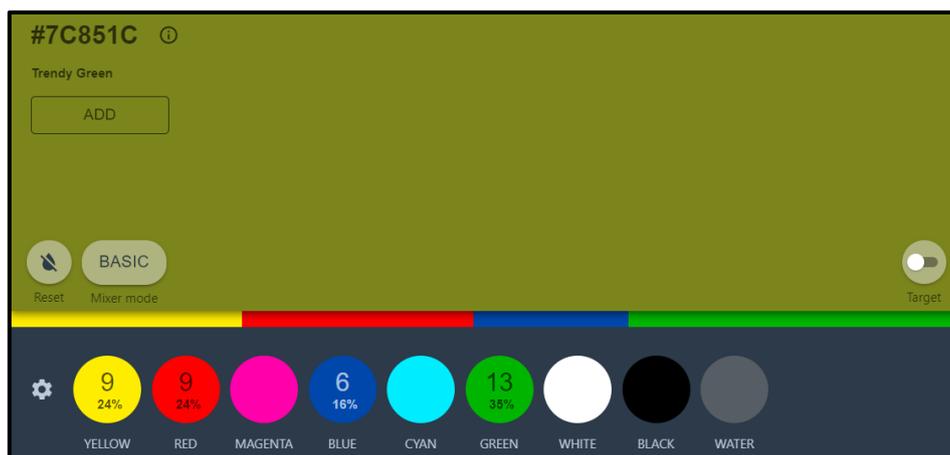
**Quadro 11 – Cores de opressão identificadas no Texto 1 do DN**

DN	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Texto 1								

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

A haste mais presente, por ordem de recorrência, foi a de classe, seguida da haste de gênero e geolocalização, e a vareta de raça foi a menos iluminada. Como a notícia fala que “Mulheres nordestinas e negras sofrem mais” e a haste menos identificada é a de raça, notei, ao final, um apagamento e/ou negligenciamento da categoria raça na narrativa do Texto 1 do Diário do Nordeste.

**Figura 5 – *Trendy green* (verde moderno, em tradução livre) – cor resultado do Texto 1**



Fonte: TryColors.com, 2023.

Dando sequência à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Trendy green* é a cor resultado da mistura das cores identificadas no Texto 1 do Diário do Nordeste, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice O). A nova cor demonstra o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com a categoria de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras no texto em questão. Como exemplos da mixagem das categorias de gênero, raça, classe e geolocalização, o título da notícia fala que as “mulheres nordestinas e negras sofrem mais” e que “a pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste”; já a mistura de gênero, classe e geolocalização evidenciou um apagamento da categoria raça: “Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991” e, em “As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro”, apesar de falar de um lugar específico, que é o Brasil, realiza o apagamento geográfico da região Nordeste, que a própria notícia traz como sendo o lugar do país que abriga as mulheres negras mais vulneráveis socioeconomicamente.

Um outro exemplo de apagamento da categoria de geolocalização, por meio da observação da mistura das categorias de gênero, raça e classe, é o trecho seguinte: “Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com[o] pela própria formação das pessoas da raça negra) [...]”. Verner reconhece a desigualdade específica da realidade social de pessoas negras, mas sem falar especificamente de mulheres negras. Agora, pior do que ignorar a realidade específica da região Nordeste, generaliza a visão estereotipada de que as pessoas negras são desqualificadas e, por isso, pobres.

Identifiquei, ainda, a mistura das categorias de classe e geolocalização, quando se fala que “O destino de uma família nordestina não é viver na pobreza. O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema”, disse”, evidenciando uma visão capitalista da realidade em análise.

#### 6.2.1.1.2 Opressões interseccionais

Neste texto, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. Os eixos de opressão predominantes foram os do racismo e da xenofobia. Foi possível, também, notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística do Texto 1 do DN. A partir da matéria, identifiquei a mixagem das opressões do sexismo, racismo e classismo na editoria “Negócios”, que se refere à condição social de mulheres negras; e, no trecho “Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros [...] pela própria formação das pessoas da raça negra [...]”, a mistura das opressões do racismo, da xenofobia e do classismo.

Consegui observar também narrativas sobre opressões específicas, como a de sexismo, no trecho “Dorte Verner: ‘No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres’”; do racismo em “O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema”, disse”; e, na passagem “longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina [...]”, a opressão da xenofobia.

#### 6.2.1.1.3 Imagens de Controle

Foram identificadas, no Texto 1 do jornal Diário do Nordeste, as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado. A imagem de controle mais presente no texto é a da matriarca, seguida da *mammy* e da mãe dependente do Estado.

Sobre elas, notei o entrecruzamento de algumas narrativas que acionavam essas Imagens de Controle de formas diversas.

Uma dessas observações é a identificação simultânea das Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado em: “Mulheres nordestinas e negras sofrem mais”; Editoria “Negócios”; “A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste”, isso porque as Imagens de Controle das mulheres negras, como já dito na seção que trata especificamente das Imagens de Controle, que as IC variam em grau, não em tipo. Logo, podem compartilhar características e terem, ao mesmo tempo, traços específicos.

Outro exemplo é o da identificação simultânea das Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca no trecho “A executiva do Bird ressaltou que a pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade da população”, uma vez que fala de mulheres negras da classe trabalhadora, excluindo a IC da mãe dependente do Estado, que fala de uma mulher negra que sobrevive, principalmente, de apoio governamental.

Finalmente, identifiquei narrativas que abordam de forma predominante a imagem de controle da matriarca nos trechos: “No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo” e “Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991”, que fala de mulheres negras da classe trabalhadora responsáveis pelo sustento de sua prole e/ou de seus parceiros ou parceiras.

#### 6.2.1.2 Mulher, negra, africana...<sup>47</sup>

##### Quadro 12 – Texto 4 - Diário do Nordeste

#### 4 - Mulher, negra, africana...

“METRO”

Mulher, negra, africana...

Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países

Escrito por Redação, 00:00 - 01 de Maio de 2014.

METRO

<sup>47</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/mulher-negra-africana-1.1006813>.

Uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra. A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a “base da base” da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.

Joana (nome fictício) chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela. Desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.

Não é fácil deixar seu país, seguir para outro diferente, mesmo que para estudar pensando em seu retorno, com um diploma na mão, mas especialmente ideias e conhecimentos para reconstruir um dos mais jovens países da África. Não é fácil, mesmo que cresça sabendo que um dia arrumará as malas, num movimento estudantil de quem vai embora sem deixar de dizer na partida “mas eu volto”. Um retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país.

As primeiras semanas do lado de cá são dores de parto. Joana chora, arruma a bolsa, vai para a faculdade, volta. Chora de novo. Mas a gota salgada como o Atlântico não é só o estranhamento com o novo. É o distanciamento do velho, em novas percepções de vida que acabava de construir em Bissau, capital de seu país.

‘Neta de escravos’

Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário. Assustada com o “novo” (depois dá a ele outros nomes), é objeto de comentários no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu. Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como “neta de escravos”. Que todos queriam ver, alguns, até tocar.

No Estado em que imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos, Joana era como bicho raro em exposição. Nas primeiras semanas de sua travessia, relembra vozes: “é uma cultura diferente, longe de todo mundo... Você acha que aguenta?”. Os amigos de Bissau com a mesma preocupação dela. A força de vontade para vir, não. Nela era mais. “Estou determinada. Não é fácil. Nunca é. Só eu sei. Pensei muito em voltar, principalmente depois que um amigo que veio estudar também não aguentou e voltou”. Achou que era um sinal para ela também voltar. É ao se perceber única que a bissau-guineense mais levanta a cabeça. “Preciso saber me defender”.

Já com os dias contados para ter que sair de um internato onde dormia em um colchonete entre as camas das jovens internas, Joana se depara, em sua sala de aula, com uma jovem palestrante brasileira cujo sonho era conhecer a África. “O sonho dela me tocou”. Jovens brasileiras sonham conhecer a Europa. Pâmela Gáino sonha com a África.

Da amizade surgida, um conselho de Pamela que virou atitude: Joana muda-se para Fortaleza, onde encontra muitos africanos em associações das quais ela depois vai participar. Não está mais sozinha. O curso de Serviço Social dá lugar ao de Gestão Ambiental, sem esquecer o mercado de trabalho do seu país.

Mas sem esquecer que é mulher, negra e africana - ou por lembrar exatamente disso, Joana Té vai à luta. Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: “Ei, morena gostosa”. Mesmo com medo, devolve com “não sou o que você está pensando”.

Nos diversos diálogos para compor esta série “Travessias da Cor”, mulheres africanas ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas mulheres brasileiras negras.

Joana continua caminhando. Espera que os comentários passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.

Na solidão do passo apressado, olha para o celular como quem recarrega as baterias numa tomada. É rotina. Inúmeras fotos conectam o olhar ao amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: Celso. Por ele, veio e por ele quer voltar. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, ela torna menor do que o desejo para não desistir. “Ele me dá forças”.

Mulher, negra, africana, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: “guerreira corajosa”. (MJ)

Fonte: Diário do Nordeste, 2022.

O texto “Mulher, negra, africana...”, que inicia intersectando as hastes de gênero, raça e geolocalização, é paradoxal: do meu ponto de vista, romantiza violências ao mesmo passo que tenta nos sensibilizar contra elas. A notícia, publicada no dia 01 de maio de 2014 na Editoria Metro<sup>48</sup> do Diário do Nordeste, não nomeia a opressão do racismo uma única vez, apesar dos recorrentes indícios materiais ao longo da narrativa. Assim como no Texto 1, observei a tese do matriarcado negro a partir da reprodução, principalmente, da imagem de controle da matriarca, mas não pela mulher negra trabalhar fora e “chefiar” a sua família. Neste caso, reitera a culpa que a mulher negra carrega por ser responsabilizada pela falta de supervisão adequada dos filhos, pelo “abandono” ao lar e pela degradação de suas comunidades. Logo, como suposta culpada, tem o dever de solucionar o problema.

Figura 6 – *Print* do Texto 4 no site do DN



Fonte: Diário do Nordeste, 2022.

<sup>48</sup> Apesar das buscas *online*, não encontrei um significado ou explicação para o nome da editoria “Metro”. É possível que seja uma abreviação de “Metrópole”, uma vez que Fortaleza é a quinta capital do País.

Logo após o título, a legenda “Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países” (vide Figura 6) me faz pensar em várias questões: “vítimas do preconceito de cor e origem” pode ser reescrito como “vítimas de racismo e xenofobia”, nomeando adequadamente as opressões interseccionais referidas e “africanas fogem do assédio indiscreto” por “africanas sofrem com o machismo e o racismo”. Esse “assédio indiscreto” está ligado à hipersexualização da mulher negra, como explicarei mais adiante, e permite identificar a IC da jezebel. Já “foco no sonho de estudar” me permite observar traços da imagem de controle da dama negra e “para reconstruir seus países” me faz pensar em duas coisas: primeiro, na visão xenofóbica de que os países africanos, de modo generalizado, são pobres, estão destruídos e precisam ser “reconstruídos” e, segundo, na tese do matriarcado negro, pois atribui às mulheres negras africanas a responsabilidade de “reconstruir” seus países.

Falando de gênero, raça e classe, o primeiro parágrafo afirma que “uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra”. Para ter o direito? Qual mulher chega ao mesmo patamar? Qual patamar? Este trecho me permite observar, em particular, a IC da dama negra, pois independentemente da sua diligência, da sua qualificação, não terá o reconhecimento devido. Outro ponto é o fato de as mulheres negras serem o “Outro do outro” (Ribeiro, 2017): as mulheres brancas não são homens, mas são brancas. Os homens negros não são brancos, mas são homens. As mulheres negras não são brancas nem homens, portanto ficam em uma difícil posição de reciprocidade social. “A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a ‘base da base’ da classificação social brasileira”, enquanto o homem branco ocupa o topo do topo da pirâmide. Não há determinismo social, racial, de gênero. Essa não é uma condição, é um sistema de exploração que violenta principalmente pessoas negras e, em particular, as mulheres negras.

No parágrafo seguinte, o texto dá nome à fonte da reportagem – fictício, para protegê-la de constrangimentos. Joana Té é mulher negra africana de Guiné-Bissau e, no período, recém-chegada à cidade de Iguatu, município do Ceará. A narrativa diz que ela “chegou [...] sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela”. Esse trecho, que ilumina as hastes de gênero, raça e geolocalização, faz uma afirmação que me parece contestável e,

em um contexto de matriz de dominação global (Collins, 2019), um tanto improvável. Se Joana não sabia que era negra, como nunca teve dúvida de sua cor?

Por outro lado, levando em consideração a formação discursiva, compreendo que os contextos de comunicação, cultura e raça de Joana Té são distintos, são guineenses. Esses aspectos podem alterar as percepções e o funcionamento do racismo e de outras opressões. Contudo, penso que ainda que a demarcação racial na Guiné-Bissau possa ser menos nítida do que no Brasil, no sentido da racialização, da autodeclaração racial – o que pode fazer com que Joana se sinta, talvez, mais atravessada por outras opressões interseccionais do que o racismo –, ela continua sendo uma mulher negra africana em um contexto de matriz de dominação que subjuga e atravessa todas as mulheres negras independente do contexto geográfico. Em linhas simples, ainda que seja menos atravessada pelo racismo em seu país de origem, em um sistema mundial que privilegia pessoas brancas, Joana Té certamente sabe, há bastante tempo, a cor social que possui.

Em seguida, acrescenta: “desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele”. Enxergo diversos problemas nessa passagem: será mesmo que Joana veio desavisada do racismo, do machismo e da xenofobia no Brasil? Decerto que o mito da democracia racial (Gonzalez, 1984) vende para o mundo e para o próprio Brasil a ideia de que aqui todas as raças e todos os povos vivem em harmonia, mas o adjetivo “desavisada”, de acordo com o dicionário *Oxford Languages*<sup>49</sup> significa “aquela que dá prova de falta de bom senso, de juízo; imprudente, leviana”. Problematizo ainda o trecho que diz que “[...] são convidadas para o andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele”: não seria “ou pior”? E convidadas não, são obrigadas, impostas. Convite dá ideia de escolha. A dominação das mulheres negras não é algo sutil, é violento. Observo aí machismo, racismo, classismo e xenofobia.

No terceiro parágrafo, logo identifico a tese do matriarcado negro e a reprodução da imagem de controle da dama negra (Collins, 2019): “não é fácil deixar seu país, seguir para outro diferente, mesmo que para estudar pensando em seu retorno, com um diploma na mão, mas especialmente ideias e conhecimentos para reconstruir um dos mais jovens países da África”. E também a imagem de controle da dama negra e da matriarca, primeiro

---

<sup>49</sup> Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em: 18 nov. 2023.

quando diz que “não é fácil, mesmo que cresça sabendo que um dia arrumará as malas, num movimento estudantil de quem vai embora sem deixar de dizer na partida ‘mas eu volto’” – fala em estudos, em “movimento estudantil” – e no trecho final do bloco, quando afirma “um retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país”, reforçando, mais uma vez, a tese do matriarcado negro (Collins, 2019), que culpabiliza as mulheres negras pelos problema de suas comunidades, afirma o “fracasso” de suas famílias e, assim, as responsabiliza por resolvê-los. Por que as mulheres negras têm que dar conta das questões de todo o mundo?

Outras questões problemáticas surgem a partir do intertítulo “Neta de escravos”, seguido do parágrafo que afirma que “Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário”. Vir do andar de baixo? É uma leitura racista e xenofóbica da África, das mulheres negras africanas imigrantes. Nesse mesmo ponto da narrativa, o redator ou a redatora do texto desperta minha curiosidade ao dizer que Joana está “assustada com o ‘novo’ ([e] depois dá a ele outros nomes) [...]”. Que nomes seriam esses? Por que não estão na notícia? Suspeito que, entre outros, Joana Té tenha falado das opressões do racismo, do machismo, do classismo e da xenofobia. Fica ainda pior: “[...] é objeto de comentários no *campus* do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu. Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como ‘neta de escravos’. Que todos queriam ver, alguns, até tocar”.

“‘Neta de escravos’ [...] que todos queriam ver, alguns, até tocar” remete à escravidão, um sistema de subjugação e dominação que explora e inferioriza pessoas negras, as mulheres negras africanas inclusas. É preciso ter cuidado, cada vez mais, com as terminologias escolhidas nas narrativas jornalísticas. Ninguém nasce escravo, escrava, essa não é uma condição humana. As pessoas negras foram e são, em muitos lugares do mundo, escravizadas. Continuando a ideia dessa passagem, o fato se passa na cidade de Iguatu, mais especificamente no IFCE, onde Joana cursava Serviço Social. É tão desafiador ser uma mulher negra nesta instituição que há uma dissertação desenvolvida a respeito: “Acesso e permanência de pessoas negras nos cursos técnicos integrados do Instituto Federal do Ceará Campus Iguatu: desafios e possibilidades”, de Santana Neta Lopes, publicada em 2022.

O texto continua: “no Estado em que imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos, Joana era como bicho raro em exposição”. A reprodução dessa ideia é muito perigosa, pois são atitudes racistas que negam o *status* de

humanidade de uma mulher negra. Além disso, esse “sim” demonstra uma afirmação pessoal do redator ou da redatora sobre acreditar que cearenses podem se identificar enquanto netos e netas de escravos. Não, nós não somos descendentes de escravos, ninguém se reconhece assim.

Isso me faz lembrar de uma reflexão do professor Leandro Bulhões<sup>50</sup>, um jovem negro Doutor em História, em uma aula em meados de setembro de 2023, na qual participei como aluna. No curso “Indígenas, quilombolas e pessoas lgbtqiapn+: direito à história, direito à vida”, realizado na Pinacoteca do Ceará, Leandro nos disse que fomos tão violentados que o habitual é nos tratar como pessoas vitimizadas. E, com palavras semelhantes, lançou o questionamento à turma: ao perguntar às pessoas negras escravizadas com o que elas se identificam, o que vocês acham que elas responderiam? Elas diriam que gostam de viver, de serem livres, de ouvir música, de dançar, de comer, de se reunir em suas comunidades, de manifestar suas religiosidades, crenças. Elas não se identificariam como “escravas”, porque essa não é uma condição, não é um lugar natural, é um sistema de exploração.

Mais uma personagem entra na narrativa, Pâmela Gaíno, “uma jovem palestrante brasileira cujo sonho era conhecer a África” que Joana conheceu na sala de aula do IFCE de Iguatu. De acordo com o texto, “jovens brasileiras sonham conhecer a Europa. Pâmela Gaíno sonha com a África”. Enxergo, nesse trecho, a reprodução do mito da branca salvadora, com a narrativa de uma extrema grandeza de Pâmela. Enquanto Joana deixa seu país para “reconstruí-lo”, a Pâmela, provavelmente uma mulher branca, sonha em conhecer o continente africano “abandonado”. Bondade ou privilégio? Outra ideia que reforça o mito da branca salvadora pode ser vista quando, no texto, é afirmado que “da amizade surgida, um conselho de Pamela que virou atitude: Joana muda-se para Fortaleza”. Será mesmo que a Joana se mudou para Fortaleza por que a amiga Pamela, jovem branca palestrante, a aconselhou?

Nas falas seguintes, identifico mais racismo e a imagem de controle da jezebel, prostituta ou *hoochie*, fruto da hipersexualização das mulheres negras. Em uma narrativa que intersecta gênero, raça e sexualidade, o texto diz que Joana “tem que ouvir assobios, e mais: ‘ei, morena gostosa’”. Mesmo com medo, devolve com ‘não sou o que você está

---

<sup>50</sup> É professor da graduação em História dos cursos de mestrado e doutorado em História da Universidade Federal do Ceará.

pensando””. A notícia afirma que “mulheres africanas ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa” e, infelizmente, “é o mesmo relato de muitas mulheres brasileiras negras”. Inclusive, sou atravessada pela IC da jezebel há bastante tempo. Já passei por inúmeras situações vexatórias, a exemplo de ser confundida com prostituta ao visitar amigos em prédios de bairros considerados nobres da cidade de Fortaleza, onde residem majoritariamente pessoas brancas.

Nos dois últimos parágrafos, o Texto 4 traz novamente a narrativa da tese do patriarcado negro e a imagem de controle da matriarca. Ao dizer que Joana recarrega suas baterias ao olhar as fotos do filho Celso, de sete anos, pelo celular, “o seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, ela torna menor do que o desejo para não desistir”. Essas ideias reproduzem as opressões do sexismo, racismo e classismo. Finalmente, o último parágrafo intersecciona as hastes de gênero, raça e classe ao declarar que “mulher, negra, africana, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome [...] mais duas palavras para se definir: “guerreira corajosa”. Nós, mulheres negras, devido às cargas desproporcionais que recebemos, somos tratadas como super-heroínas, como mulheres supostamente mais fortes que as demais. Mas não somos. Estamos sobrecarregadas. Essa é uma narrativa que romantiza a exploração e a situação de extrema desigualdade de nós mulheres negras no Brasil e no mundo.

#### 6.2.1.2.1 Hastes iluminadas

No Texto 4 do jornal Diário do Nordeste, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe, sexualidade, geolocalização e idade.

**Quadro 13 – Cores de opressão identificadas no Texto 4**

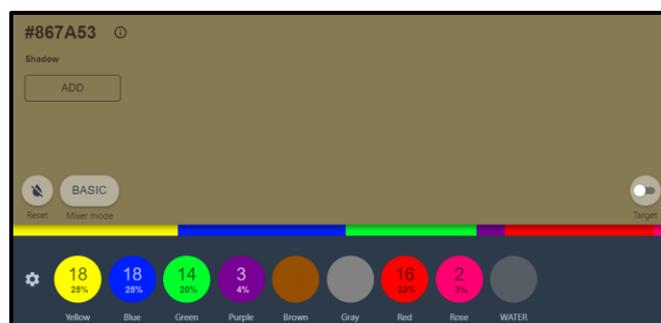
DN	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Texto 4								

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero e raça, seguidas das hastes de geolocalização, classe, sexualidade e idade. De fato, o foco da notícia está nas mulheres negras africanas, retratadas como mulheres vulneráveis, pobres, e oriundas de países carentes de “reconstrução”, neste caso, países africanos. As hastes

de sexualidade e idade estão presentes, principalmente, nas narrativas da hipersexualização da mulher negra – aparentemente jovem – da notícia, a Joana Té.

**Figura 7 – *Shadow* (sombra, em tradução livre) – cor resultado do Texto 4**



Fonte: TryColors.com, 2023.

Dando sequência à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Shadow* é a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 4 do Diário do Nordeste, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice O). A nova cor demonstra o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com as categorias de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras no texto em questão. Como exemplos da mixagem das categorias de gênero, raça, classe e geolocalização, nos trechos “A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a ‘base da base’ da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra” e “Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário”; e, no trecho “uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra”, a mistura das hastes de gênero, raça e classe.

Identifico ainda a combinação das categorias de gênero, raça e geolocalização na passagem “: “Joana (nome fictício) chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim”; de gênero, raça, classe, sexualidade e geolocalização, em “Mas sem esquecer que é mulher, negra e africana - ou por lembrar exatamente disso, Joana Té vai à luta. Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: ‘Ei, morena gostosa’”. As hastes da Roleta Interseccional e as opressões interseccionais se apresentam de modos variados nas narrativas jornalísticas do jornal Diário do Nordeste. É importante lembrar

que as avenidas identitárias (Akotirene, 2021) acidentam as mulheres negras de forma particular, entrecruzada e simultânea em todos os lugares do mundo.

#### 6.2.1.2.2 Opressões interseccionais

Neste texto, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. Os eixos de opressão predominantes foram os do sexismo e do racismo, também com forte incidência de classismo e xenofobia. Foi possível, também, notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística do Texto 4 do DN.

A partir da matéria, identifiquei a mixagem das opressões do sexismo, racismo, classismo e xenofobia, a exemplo das narrativas que falam que “[...] africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países” e que, “desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço [...] as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo”; a intersecção das opressões do sexismo, racismo e classismo presentes no trecho: “[...] amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: Celso. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, ela torna menor do que o desejo para não desistir”. Observei, ainda, a mistura das opressões do sexismo e do racismo nas passagens: “Joana (nome fictício) chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela” e “Um retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país”.

#### 6.2.1.2.3 Imagens de Controle

Foram identificadas, no Texto 4 do jornal Diário do Nordeste, as Imagens de Controle da matriarca, dama negra e jezebel – também nomeada como prostituta ou *hoochie*. A imagem de controle mais presente no texto é a dama negra, seguida da matriarca e da jezebel. A esse respeito, notei o entrecruzamento de algumas narrativas que acionavam essas Imagens de Controle de modos diversos.

Uma dessas formas é a identificação simultânea das Imagens de Controle da matriarca, jezebel e dama negra no trecho: “Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países”; da matriarca e dama negra em: “Uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra” e “A

mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a ‘base da base’ da classificação social brasileira”.

Identifiquei, ainda, narrativas que abordam uma imagem de controle de modo mais predominante. A título de exemplo, a IC da matriarca pode ser observada nos trechos: “Um retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país”; “[...] amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: Celso. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, ela torna menor do que o desejo para não desistir. ‘Ele me dá forças’; “Mulher, negra, africana, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: ‘guerreira corajosa””.

A jezebel pode ser identificada, por exemplo, nas seguintes passagens: “Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: ‘Ei, morena gostosa’. Mesmo com medo, devolve com ‘não sou o que você está pensando”” e “Nos diversos diálogos para compor esta série ‘Travessias da Cor’, mulheres africanas ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas mulheres brasileiras negras”.

Já a dama negra pode ser observada quando o texto reproduz as seguintes narrativas: “Não é fácil deixar seu país, seguir para outro diferente, mesmo que para estudar pensando em seu retorno, com um diploma na mão [...]”; “E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra”. Aproveito esse gancho para responder à Dorte Verner, fonte do Texto 1 do DN (vide Quadro 10), que disse que “o capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema [da desigualdade social]”. Não basta ter dinheiro, ascender socialmente. Não basta atingir um patamar socioeconômico favorável para ter a condição social transformada. As opressões interseccionais atravessam os grupos subalternizados de modo particular e constante.

### 6.2.1.3 Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista<sup>51</sup>

#### Quadro 14 – Texto 11 - Diário do Nordeste

##### **11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista**

“VERSO”

Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista

Escrito por Redação, 18:34 / 27 de Dezembro de 2018.

O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Árida: O Despertar do Sertão”, deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019

Uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo Árida, criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.

No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.

O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Árida: O Despertar do Sertão”, deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019 e será disponibilizado apenas para jogar em computador com sistema operacional Windows e Mac OS X.

Veja trailer do jogo

ARIDA: BACKLAND’S AWAKENING - Debut Trailer

[<https://www.youtube.com/watch?v=hvLTjYTojGU>]

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento/games]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022.

“Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista”, o Texto 11 do jornal Diário do Nordeste faz a chamada para o lançamento de um jogo com temática regional, que é algo incomum de se ver. Uma desenvolvedora baiana de *games*, a Aoca *Game Lab*, produz um jogo com uma protagonista negra, uma mulher jovem no sertão nordestino. Dividido em quatro capítulos, a promessa era lançar a primeira parte no primeiro trimestre de 2019. A notícia, publicada na editoria Verso em 27 de dezembro de 2018, tem como etiqueta “artes, cultura e entretenimento/games”.

<sup>51</sup> Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/game-brasileiro-tem-sertao-nordestino-como-cenario-e-mulher-negra-como-protagonista-1.2042955>.

Uma mulher negra em condições adversas no sertão estereotipado nordestino é entretenimento para quem?

**Figura 8 – Representação do sertão nordestino no jogo *Árida*<sup>52</sup>**



Fonte: YouTube, 2023.

Como o próprio texto assinala, *Árida* é “uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX”, que ilustra um cenário castigado pela seca (vide Figura 9), um lugar de adversidade e escassez. Essa narrativa de “aventura de exploração e sobrevivência” é perigosa, pois permite inferir uma exploração física, e, em relação à “sobrevivência”, onde está a aventura? É divertido por quê? E por qual motivo retratar o sertão do século XIX? É colonial, abertamente escravocrata. Eu, como mulher negra de origem periférica e da classe trabalhadora não jogaria esse jogo e, muito menos, me entreteria com ele. O jornal, não inocentemente, reproduz a ideia da romantização da violência contra mulheres negras pobres nordestinas e sertanejas.

---

<sup>52</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M\\_9eHBGBJA0](https://www.youtube.com/watch?v=M_9eHBGBJA0).

**Figura 9 – Print do Texto 11 no site do DN**



Fonte: Diário do Nordeste, 2022.

Nesse contexto, fica difícil identificar em qual imagem de controle a personagem Cícera poderia se encaixar. Mas, lembrando que as Imagens de Controle variam em grau e não em tipo, posso inferir que a protagonista de *Árida* é uma *mammy* no sentido da superexploração em relação aos cuidados, nesse caso com a sua família e com a sua comunidade; e possui uma associação com a IC da matriarca, por ser tida como a responsável por resolver os problemas de sua comunidade, quando se diz que “para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar”.

**Figura 10 – Cícera, a personagem negra protagonista de Árida**



Fonte: YouTube, 2023.

Se havia o propósito de ressignificar o sertão e a vida das mulheres negras, pelo menos na narrativa jornalística, penso que a ideia se perdeu. Só se fala que a personagem é negra no título. E no corpo do texto, assim como nas prévias do jogo – a exemplo do *trailer*<sup>53</sup> disponível ao final da matéria – não se fala em uma mulher negra, mas é possível concluir que Cícera é mesmo uma mulher negra após pesquisa no YouTube, em outro vídeo disponibilizado pela Aoca (vide Figura 10). Nele, Cícera é apresentada de corpo magérrimo, possivelmente afetada pela fome e pela miséria, e sentada em um banco de madeira, talvez descansando do trabalho duro, pois carrega nas costas uma enxada. É uma imagem um tanto cruel, pois, mesmo sentada, a personagem não tira a enxada das costas. É como se o item do jogo não fosse um acessório, mas parte de seu corpo.

Vejo, recorrentemente, a folclorização da pobreza, a romantização da miséria e da sobrecarga dada às mulheres negras em seus ambientes de vivência – que são vistas como superfortes –, da estereotipia do sertão nordestino e do abandono estatal – que fazem parecer que a solução de problemas sociais regionais está no aumento do esforço individual, do esgotamento físico como ideia de transformação ambiental, coletiva, a exemplo do jogo *Árida*. Essas ideias ficam embutidas no penúltimo parágrafo da matéria, quando se fala que “no enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso

<sup>53</sup> *Trailer* de 54 segundos com imagens do sertão nordestino. No vídeo, há árvores secas e algumas poucas com galhos frondosos e verdes. Em seguida se apresenta um cenário estereotipado: chão rachado que aparenta ser um rio seco, pois há um barco de madeira abandonado e quebrado. Na sequência, aparece uma mulher parda/negra magra – o que remete à miséria e à fome no sertão. Cactos. Cícera, calçada de chinelos de couro, corre, para e protege o rosto na altura da testa com a mão, o que permite pressupor que o sol está muito forte. Sons de pássaros e céu limpo no final. Ressignificação do sertão ou romantização da miséria?

gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos”. Logo, de acordo com o jogo, “a função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema”.

Além de reproduzir mais uma vez características da tese do matriarcado negro (Collins, 2019) e a imagem de controle da matriarca, é preciso dizer que: primeiro, a seca não é, em sua essência, um problema. O sertão não é apenas seca. Também há vida, beleza, boas histórias e memórias na região semiárida, é preciso aprender a conviver com ela<sup>54</sup>; e, segundo, a ideia de um *game* é simular. Porém, essa narrativa não é uma fantasia, é um “jogo” que trata de situações reais da vida das mulheres negras. É preciso dizer ainda que, quando se fala em “função”, está se falando em papéis de gênero, que socialmente alocam as mulheres e, em especial as negras, no trabalho doméstico e de cuidados.

No último parágrafo, por fim, observei rastros de classismo quando o texto diz que o *game* “[...] será disponibilizado apenas para jogar em computador com sistema operacional Windows e Mac OS X”. Outros sistemas operacionais mais populares como Linux ficarão de fora da “novidade”. Nem todo mundo poderá jogá-lo, ter acesso a ele. Ademais, por que motivo, mais uma vez, a mulher negra é tida como responsável por cuidar dos problemas da sua comunidade, da sua região? Por que tem de ser uma heroína, uma guerreira? Cícera, a protagonista do jogo, é superexplorada e isso é romantizado no jogo e na notícia em questão.

#### 6.2.1.3.1 Hastes iluminadas

No Texto 11 do jornal Diário do Nordeste, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe, geolocalização e idade.

**Quadro 15 – Cores de opressão identificadas no Texto 11**

DN	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Texto 11								

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

<sup>54</sup> Sugiro a leitura do texto “Aprendendo a conviver com o Semi-árido”, escrito por João Suassuna e publicado no site do Repórter Brasil. Entre outras coisas, o jornalista explica que “o Brasil ganharia, sem precisar de muito esforço, se aprendesse com a diversidade da natureza nordestina e pensasse a aridez como vantagem e não como prejuízo para o desenvolvimento econômico e social da região”. Mais em: <https://reporterbrasil.org.br/2007/11/aprendendo-a-conviver-com-o-semi-arido/>.

As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de geolocalização e idade, seguidas das hastes de gênero, raça e classe. Embora o título fale de uma protagonista negra, praticamente não se fala no aspecto racial da proposta em criar uma personagem negra para o jogo. O foco está em uma personagem jovem do sertão, pobre, mulher e negra.

**Figura 11 – *Tuscany* (toscana, em tradução livre) – cor resultado do Texto 11**



Fonte: TryColors.com, 2023.

Dando sequência à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Tuscany* é a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 11 do jornal Diário do Nordeste, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice 15). A nova cor demonstra o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com as categorias de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam a personagem em questão. Como exemplo do entrecruzamento das categorias de gênero, raça e geolocalização, notei o trecho “*Game* brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista”; de gênero, classe, geolocalização e idade: “Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar”, evidenciando um apagamento da categoria raça.

Identifiquei, do mesmo modo, apagamento de raça no trecho “No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema”, que intersecciona as hastes de gênero, classe e geolocalização; e, finalmente, no trecho “O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Árida:

O Despertar do Sertão”, identifiquei no título do primeiro capítulo do jogo o apagamento das categorias de gênero e raça, negligenciando o pretense protagonismo da personagem Cícera.

#### 6.2.1.3.2 Opressões interseccionais

No Texto 11, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. O eixo de opressão predominante é o da xenofobia, seguido das opressões do classismo, racismo e sexismo. Foi possível, também, notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística do Texto 11 do DN.

A partir da matéria, identifiquei a mistura das opressões do sexismo, racismo e classismo no trecho: “Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar”; sexismo, racismo, classismo e xenofobia em: “a função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema”. Já em: “uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX” identifiquei, predominantemente, a opressão da xenofobia.

#### 6.2.1.3.3 Imagens de Controle

Foram observadas, no Texto 11 do jornal Diário do Nordeste, as Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca, reproduzidas em igual medida. Ainda sobre IC, notei o entrecruzamento de narrativa que aciona essas duas Imagens de Controle: primeiro, quando se fala em “uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX [... e,] Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar”. Um outro exemplo é quando se diz que “No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema”.

Para concluir a análise do Texto 11, trago ainda uma escrivência, uma lembrança do ano de 2019 quando trabalhei como comunicadora popular e acompanhei um projeto com mulheres rurais – a maioria delas negra – na Agrovila Palmares, município de Apodi, no semiárido potiguar. Em uma imersão que durou uma semana, vi a luta dessas mulheres para aprender a construir, com suas próprias mãos, as cisternas

“reuso” e “calçadão”, como modo de aproveitar a água de uso doméstico e tornar produtivos os seus quintais.

As atividades iniciavam logo após o nascer do sol e iam até ele se por. Essas mulheres aprendiam a confeccionar lajes, nivelar chão para base e construir reservatório, tanque-séptico, filtro. Faziam vigas de sustentação, montavam e rebocavam placas. E não levavam telefone para a obra. Assim, ao final do dia, algumas comentavam sobre a preocupação que sentiam por não estarem em casa e ligavam para suas famílias, seus maridos ou esposas: era de se perder as contas a quantidade de vezes em que se ouvia celulares tocarem pela casa de apoio ou mesmo sons de vibração de alerta de mensagens. Era a pressão do trabalho doméstico e de cuidados que não sumia, que não dava pausa para as *mammies* e matriarcas, apesar da ação individual e coletiva que estavam realizando ali.

## 6.2.2 Textos d'O Povo

### 6.2.2.1 Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico<sup>55</sup>

#### Quadro 16 – Texto 1 - O Povo

#### 1 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico

“Notícias - Mundo”

“Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso”, disse o advogado

13:48 | 15/09/2015

Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de **Nova York** depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a **BMW** que estava dirigindo era dela.

Além disso, a mulher recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada.

Em entrevista ao *site* de notícias Pix 11, Kamilah disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. “Eu estava dançando”.

Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o carro.

Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. “Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro”, disse.

No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o *site* Pix 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.

“Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava”.

Oito dias após ser liberada, Kamilah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.

“Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima?. Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso”, disse o advogado.

Kamilah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.

Redação O POVO Online

Fonte: O Povo Online, 2022.

<sup>55</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2015/09/policiais-nao-acreditam-que-mulher-negra-e-dona-de-carro-de-luxo-e-a-i.html>.

O Texto 1 do jornal O Povo, datado de 15 de setembro de 2015 e publicado na editoria “Notícias – Mundo”, traz uma história absurda que, apesar de não reproduzir opressões interseccionais, ilustra bem o conteúdo e os riscos da imagem de controle da dama negra. Na cidade de Nova Iorque, nos Estados Unidos, Kamilah Brock – uma bancária negra de 32 anos – foi internada em uma clínica psiquiátrica pela polícia nova-iorquina após tentar reaver seu carro, uma BMW, ilegalmente tomada pelos policiais. Por não acreditarem que o veículo era seu, a encaminharam forçadamente para um “estabelecimento de saúde mental”. Uma mulher negra que acredita ser dona de uma BMW só pode estar louca, não é?

Como o próprio advogado da bancária disse: “se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso”. Eu concordo com ele. O gênero, quando enegrecido, altera as possibilidades sociais de tratamento. Quem costuma ser vítima da violência? Quem é protegido pela polícia? Além disso, quem costuma possuir uma BMW? É um carro de luxo, logo produzido para pessoas ricas e, em especial, homens brancos.

Figura 12 – *Print* do Texto 1 no site do OP

**Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico**

\*Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso\*, disse o advogado

13:48 | 15/09/2015

**Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de Nova York depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a BMW que estava dirigindo era dela.**

Além disso, a mulher recebeu uma conta de quase R\$ 30 mil para pagar o período que ficou internada.

Em entrevista ao site de notícias Fox 11, Kamilah disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. “Eu estava dançando”.

**Quero conteúdo exclusivo!**  
Tenha acesso aos nossos columnistas, grandes reportagens, podcasts, séries e muito mais.  
Clique aqui

[SAIBAMAISS!]  
Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o carro.  
Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro”, disse.  
No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o site Fox 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.

“Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que dizia”.  
Oito dias após ser liberada, Kamilah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.

\*Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso\*, disse o advogado.

Kamilah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.

**Mais Lidas**

- 1 Anatel disponibiliza localização de celulares de população
- 2 Proibi divulga hoje resultado da primeira chamada
- 3 Agentes ficam cercados em homenagem às vítimas da barragem de Vale
- 4 Apple pretende se livrar de aplicativos 'espíões' de imprensa
- 5 O POVO Online passa por atualização de sistema e pode ter instabilidade

POPULARES

Fonte: O Povo Online, 2023.

O segundo parágrafo do texto diz que Kamilah processou a cidade de Nova Iorque após ter de passar oito dias neste hospital psiquiátrico, já que a polícia duvidou que o veículo era seu. Como se já não fosse violência o suficiente, ainda recebeu uma conta de quase R\$50 mil para pagar pelo tempo de internamento: ela foi atravessada pelas opressões interseccionais do racismo, do machismo e do classismo. Por que o carro não poderia ser seu? Por que foi apreendido pela polícia? Pressupôs-se que não era dela, uma mulher negra retinta. Lembro que já ouvi de uma conhecida branca que basta a gente ter dinheiro para não sofrer discriminação, para ter êxito social – essa ideia vertiniana (vide Texto 1 do Diário do Nordeste) é falaciosa e traz à tona a imagem de controle da dama negra.

**Figura 13 – Kamilah Brock, bancária norte-americana que teve carro de luxo apreendido e foi internada em hospital psiquiátrico pela polícia de Nova Iorque**



Fonte: *Daily Mail*, 2023.

Ser qualificada e, ao mesmo tempo, desacreditada são características muito inerentes a essa imagem de controle que, desde a graduação em jornalismo, me atravessa e tenta me inferiorizar. E esse atravessamento ficou ainda pior durante o mestrado. Entre as experiências desagradáveis, uma ainda está bem presente na lembrança. Pouco antes da etapa de qualificação dessa pesquisa, em meados do mês de abril de 2023, frequentei uma das bibliotecas do SESC Fortaleza<sup>56</sup> para estudar, produzir, escrever. Em um momento de pausa, me sentei no banquinho do corredor próximo à entrada da biblioteca,

<sup>56</sup> Serviço Social do Comércio.

onde estava sentada uma idosa branca. Ela, que puxou assunto, se apresentou a mim como “descendente de alemães” e pessoa “saudosa da cultura do Sul<sup>57</sup>”.

Como de hábito, desejei bom dia e perguntei se estava bem. Retrucou perguntando o que eu estava fazendo ali. Respondi que estava desenvolvendo uma pesquisa de mestrado, ao que ela arregalou os olhos e imediatamente chamou uma amiga que estava próxima a nós, outra senhora branca, e exclamou espantada: “ei, olha, essa menina aqui faz mestrado! Tu acredita?”. E procurou em mim confirmação: “tu faz mestrado? É mesmo?”. Eu, um tanto desconsertada com o exagero e a exposição desnecessária, confirmei que sim. Ela questionou o motivo, disse que quero ser professora. Ela pergunta se já dei aula, confirmo novamente que sim. E aí veio um novo questionamento que foi ainda mais violento, inesquecível e imperdoável: “e te respeitaram?”.

Voltando ao caso da Kamilah Brock, “disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. “Eu estava dançando”, ela justificou. O sinal estava vermelho, fechado. Por que não poderia estar dançando? Qual o problema de não estar com as mãos ao volante em um sinal vermelho? Nitidamente, o problema era ela ser uma mulher negra dirigindo uma BMW. De acordo com a matriz global de dominação (Collins, 2019), uma mulher negra não pode ser dona de um carro de luxo. Isso é delírio, ausência de lucidez. E a polícia – aparelho repressivo do Estado, conhecidamente machista, racista e classista –, não permitiria a continuidade disso.

Após ter seu carro tomado de forma ilegal, “o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada”. Na saída, foi comunicada que voltasse no dia seguinte para reaver o carro. Porém, ao retornar ao local, os guardas novamente não acreditaram que ela era dona do veículo, ao que sucedeu mais uma cena de violência: “eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro”. A falsa promessa resultou no internamento de Kamilah Brock, que foi enviada à força para um hospital psiquiátrico. Por qual motivo um departamento policial confina uma mulher negra sob pretexto de conduzi-la ao seu próprio carro? Aí há racismo institucional explícito, realizado sob a prática do poder de polícia, que limitou o direito da bancária de reaver seu carro e ainda retirou a sua liberdade.

---

<sup>57</sup> Referindo-se à região Sul do Brasil.

E o racismo continua. No tal “estabelecimento de saúde mental”, Kamilah foi obrigada a tomar lítio e sedativos potentes. “Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava”. Uma mulher negra não é confiável? Não é sã? Como visto, não desfruta de credibilidade social. Por isso, a imagem de controle da dama negra é reforçada outra vez. Além disso, qual a possível composição da classe médica? Qual será seu gênero, raça? Provavelmente masculina e branca, nega o *status* de humanidade a Kamilah e promove ainda mais dor e violência.

Uma rápida pesquisa sobre lítio me levou a um artigo da Universidade de São Paulo (USP)<sup>58</sup>, que afirma que o “lítio tem efeito protetor em portador de transtorno bipolar” e é a droga que melhor trata esse transtorno. Essa tentativa de patologizar a bancária me parece um mecanismo sofisticado e perverso que a polícia e a equipe do hospital psiquiátrico lançaram mão para tentar legitimar suas práticas de racismo. Também descobri que o uso do lítio pode causar danos permanentes<sup>59</sup>, “incluindo-se prejuízo à memória, atenção e ataxia”. Sedar Kamilah com lítio seria uma tentativa de despersonalizá-la? De fazê-la esquecer do que aconteceu? De a impedir de pedir ajuda e denunciar as violências sofridas?

Oito dias após ser liberada, Kamilah Brock procurou seu advogado, que afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo. Ainda que ela tivesse histórico de problemas mentais, o que justificaria apreender seu carro e interná-la em um hospital psiquiátrico por estar com as mãos fora do volante em um semáforo vermelho? Sim, o incidente foi provocado também por racismo. Ainda com as condições materiais sabidas e comprovadas, Kamilah é atravessada por opressões interseccionais como racismo e machismo. E até mesmo classismo, pois não acreditaram que uma mulher negra de pele escura pudesse ter dinheiro e um carro de luxo. Kamilah, apesar de bancária e dona de uma BMW, continua sendo uma mulher negra. E isso a descredencia de viver entre quem está no topo da pirâmide social, ainda que esteja em patamar econômico favorável.

---

<sup>58</sup> Disponível em: <https://www5.usp.br/noticias/saude-2/litio-tem-efeito-protetor-em-portador-de-transtorno-bipolar/#:~:text=O%20lítio%20tem%20efeito%20protetor%20em%20portador%20de%20transtorno%20bipolar,que%20afirma%20que%20o%20lítio%20tem%20efeito%20protetor%20em%20portador%20de%20transtorno%20bipolar>

<sup>59</sup> Artigo “Neurotoxicidade por uso de carbonato de lítio”, da Revista Brasileira de Neurologia e Psiquiatria. Disponível em: <https://rbnp.emnuvens.com.br/rbnp/article/download/21/14#:~:text=Alguns%20efeitos%20neuro%20tóxicos%20decorrentes%20do,que%20apresentam%20fatores%20de%20risco>

### 6.2.2.1.1 Hastes iluminadas

No Texto 1 do jornal O Povo, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe, geolocalização e idade.

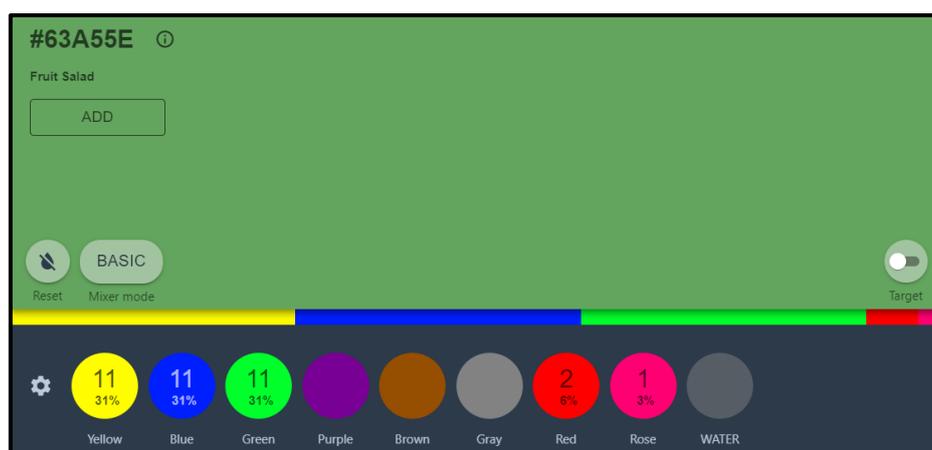
**Quadro 17 – Cores de opressão identificadas no Texto 1 do OP**

OP	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Texto 1	Amarelo	Ciano	Verde				Laranja	Rosa

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero, raça, classe, seguidas de geolocalização e idade, menos recorrentes. De fato, o foco aqui é uma mulher negra de classe econômica definida, no caso uma mulher negra bancária. Uma dama negra.

**Figura 14 – *Fruit salad* (salada de frutas, em tradução livre) – cor resultado do Texto 1**



Fonte: TryColors.com, 2023.

Dando continuidade à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Fruit salad* é a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 1 do jornal O Povo, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice P). A nova cor demonstra o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com as categorias de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam a mulher negra em questão, a bancária norte-americana Kamilah Brock. Como exemplos do entrecruzamento das categorias de gênero, raça e

classe, temos os trechos “policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico” e “se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada?”.

Há ainda o entrecruzamento das categorias de gênero, classe, geolocalização e idade na passagem “Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de Nova York depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a BMW que estava dirigindo era dela”, onde há o apagamento da categoria raça, ignorando o fato de o caso ter acontecido também por racismo.

#### 6.2.2.1.2 Opressões interseccionais

Apesar de detectar racismo, classismo e machismo no caso relatado, a narrativa jornalística do Texto 1 do jornal O Povo não reproduz opressões interseccionais, uma vez que a notícia possui caráter denunciativo, se posiciona contra o ocorrido.

#### 6.2.2.1.3 Imagens de Controle

A imagem de controle identificada no Texto 1 do Diário do Nordeste é a da dama negra. Notei diversas narrativas que acionam essa IC, a exemplo dos trechos: “policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico”; “se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima?”; e “Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de Nova York depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a BMW que estava dirigindo era dela”.

É possível observar a dama negra ainda nas passagens: “[...] além disso, a mulher recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada”; “ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo”; “Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro [...]. No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico”; “[...] ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes”; e em “Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava”.

Ainda que Kamilah Brock seja bancária, logo tendo condições materiais de possuir um veículo de luxo, isso não importa: a classe policial e médica de Nova York praticaram racismo, classismo e machismo contra ela, impedindo-a de ter acesso ao seu carro e à liberdade individual, uma vez que foi internada em um hospital psiquiátrico arbitrariamente. Nada muda o fato de ela ser uma mulher negra de pele escura. Ela ascendeu socialmente por ser qualificada, mas não é vista como uma pessoa digna de possuir um carro de luxo. Como é negra, suas conquistas são questionadas e invalidadas.

#### 6.2.2.2 Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras<sup>60</sup>

##### Quadro 18 – Texto 2 - O Povo

#### 2 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras

“Brasil”

Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras

Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais

22:25 | Mar. 31, 2017

Autor O POVO

Notícia

A atriz, escritora e youtuber Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.

Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.

Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camila Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.

Em 2016, Kenia participou do “TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram” e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil - Por um planeta 50-50, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Como escritora, ela vai lançar dois livros infantis neste ano.

Representatividade no YouTube

Há quatro anos, ela e seu marido, o ator Érico Brás, criaram o programa, no YouTube, “Tá Bom Pra Você”. No canal, eles recriam peças publicitárias a fim de propor a criação de novas imagens e questionar a ausência do negro na publicidade.

Redação O POVO Online

Fonte: O Povo Online, 2022.

<sup>60</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/03/kenia-maria-e-eleita-defensora-dos-direitos-das-mulheres-negras.html>.

O Texto 2 do jornal O Povo, publicado na editoria “Brasil”, narra um avanço na ONU Mulheres, organização das Nações Unidas voltada à igualdade de gênero no País. Em março de 2017, Kenia Maria – mulher negra, atriz, escritora e *youtuber* – é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras. De acordo com a linha-fina da notícia, que vem logo depois do título, “sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o *status* da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais”. Para mim, essa é uma narrativa sexista, racista e classista.

Apoiar, conforme o dicionário *Oxford Languages*<sup>61</sup>, significa “firmar-se sobre ou contra, sustentar-se”. Vejo a escolha dessa palavra como questionável, que inclusive remete a papéis de gênero, que direcionam as mulheres para tarefas secundárias, distante dos cargos de liderança, coordenação. E, neste caso, há o entrecruzamento com a categoria raça, afastando ainda mais essas possibilidades durante a atuação profissional das mulheres negras. Em vez de “apoiar”, por que não orientar? Aconselhar? Não é para ser uma função que promova protagonismo?

**Figura 15 – Print do Texto 2 no site do OP<sup>62</sup>**



Fonte: O Povo Online, 2023.

Há um reforço narrativo desse papel de gênero no segundo parágrafo, quando se diz que, além de ter a função de “apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais”, Kenia Maria irá

<sup>61</sup> Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt>.

<sup>62</sup> A foto da matéria ilustra Kênia Maria, mulher negra de pele escura, adulta. Tem cabelos crespos e corpo magro. Está em pose de modelo, com as duas mãos na cintura. Usa uma blusa listrada em preto e branco, de alças finas, e uma saia longa branca. Está ainda com brincos beges de penas. Ao fundo, um grafite colorido com o rosto de uma mulher. Achei a foto sensual, destoante da notícia. Pesquisando no Google, identifiquei outras possibilidades de imagens da mesma atriz. Hipersexualização da mulher negra?

“ajudar os Estados-membros na implementação destas normas”. Também conforme o dicionário *Oxford Languages*, ajudar significa “prestar assistência, auxiliar, assistir”. Outra vez, uma ideia de que ela terá ações secundárias. O papel de Kenia na ONU Mulheres será “apoiar” e “ajudar”, como se fosse de um segundo escalão, como se não fosse profissional o suficiente para pensar e propor ideias e iniciativas. O texto é noticioso, mas, a partir dos rastros narrativos, também opinativo.

No terceiro parágrafo, algo me chama a atenção: a notícia fala que Kenia Maria “entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil”, ignorando que essa também é uma ação por igualdade racial, um ato em direção ao avanço social das mulheres negras brasileiras. É preciso ter cuidado com as escolhas narrativas. Finalmente, uma mulher negra é escolhida pela ONU Mulheres para pensar a pauta das mulheres negras. A atriz Camila Pitanga, embaixadora da ONU Mulheres no Brasil à época, por exemplo, se voltava para uma questão “mais ampla”, sem analisar especificamente a questão racial. Digo isso pois a Camila é uma mulher parda, pertencente à categoria de negros e negras. Pelo contexto, Kenia Maria e Camila Pitanga são atravessadas pela imagem de controle da dama negra. Além disso, a ONU Mulheres<sup>63</sup> funciona desde 2011 e, apenas em 2017, cria uma pasta para analisar a condição das mulheres negras no País.

Ao final, é interessante o texto mencionar a participação de Kenia no *Ted Talks*<sup>64</sup>, conhecida série de conferências, em uma edição que aconteceu no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro (RJ). “Representatividade no YouTube” é o intertítulo que chama o último parágrafo, que fala do canal “Tá Bom Pra Você”, onde Kenia Maria e o marido falam da ausência de representatividade negra na publicidade. No canal, eles reformulam peças publicitárias “a fim de propor a criação de novas imagens e questionar a ausência do negro na publicidade”. Vejo, ao final, novamente, a imagem de controle da dama negra, que reitera o quanto Kenia é instruída, qualificada.

---

<sup>63</sup> Organização que nasceu em São Francisco, Califórnia, EUA. Mais informações em: <https://www.onumulheres.org.br/onu-mulheres/#:~:text=Numa%20decis%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%2C%20a%20Assembleia,meninas%20em%20todo%20o%20mundo.>

<sup>64</sup> De acordo com a Wikipedia, “TED é uma série de conferências realizadas na Europa, na Ásia e nas Américas pela fundação *Sapling*, dos Estados Unidos, sem fins lucrativos”. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/TED\\_\(confer%C3%A2ncia\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/TED_(confer%C3%A2ncia)). Acesso em: 20 nov. 2023.

### 6.2.2.2.1 Hastes iluminadas

No Texto 2 do jornal O Povo, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe, geolocalização e idade.

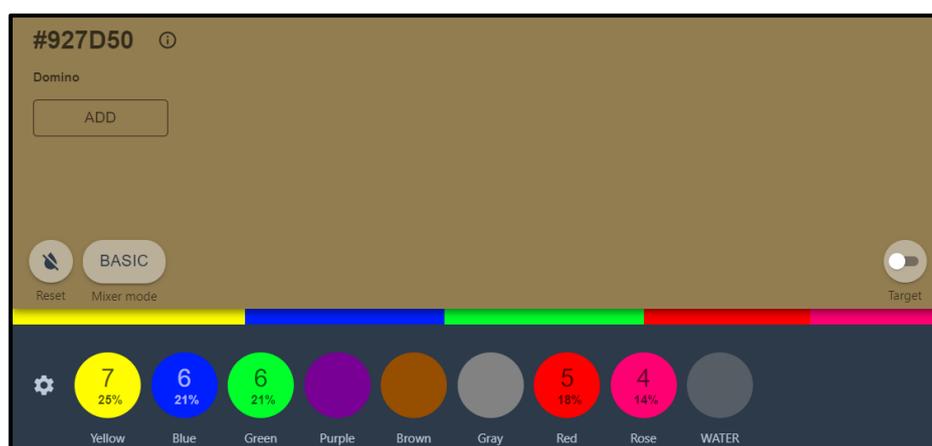
**Quadro 19 – Cores de opressão identificadas no Texto 2**

OP	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Texto 2	Amarelo	Azul	Verde				Vermelho	Rosa

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero, raça e classe, seguidas de geolocalização e idade. No caso, o foco é uma mulher negra de classe social específica, residente no Brasil. Como a própria narrativa indica, uma dama negra.

**Figura 16 – *Domino* (dominó, em tradução livre) – cor resultado do Texto 2**



Fonte: TryColors.com, 2023.

Seguindo a metáfora das cores da Roleta Interseccional, *Domino* é a cor resultado da mistura das cores identificadas no Texto 2 do jornal O Povo, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice P). A nova cor demonstra o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com as categorias de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras no Texto 2. Como exemplo do entrecruzamento das categorias de gênero, raça e classe, observei o trecho “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras”; de gênero, raça, classe e geolocalização, as passagens: “sua função é apoiar os organismos intergovernamentais

sobre o *status* da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas” e “com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camila Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres”.

#### 6.2.2.2.2 Opressões interseccionais

No Texto 2, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo, em igual medida. Foi possível, também, notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística do Texto 2 do OP.

A partir da notícia, identifiquei a mescla das opressões do sexismo, racismo e classismo nos trechos: “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras”; “sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais” e “sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas”.

#### 6.2.2.2.3 Imagens de Controle

A imagem de controle identificada no Texto 2 do Diário do Nordeste é a da dama negra. Notei diversas narrativas que acionam essa IC, a exemplo dos trechos: “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras”; “sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o *status* da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais” e “sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas”.

Por mais que as mulheres negras se capacitem e ascendam socialmente, têm dificuldade de se inserirem e ampliarem sua atuação em espaços de poder, de disputa. Neste caso, a “função” de Kenia Maria foi de “apoiar” e “ajudar”. As mulheres brancas, historicamente, foram alocadas aos espaços “íntimos”, domésticos, não públicos<sup>65</sup>. As

---

<sup>65</sup> PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

mulheres negras sempre ocuparam ambos os espaços públicos e privados, mas sendo exploradas, subjugadas.

6.2.2.3 *Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo*<sup>66</sup>

#### Quadro 20 – Texto 7 - OP

##### **7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo**

“Política”

Tipo “Notícia”

Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo

Shutterstock denunciou o caso no Twitter. Campanha do candidato divulgou dois vídeos relacionados à mesma temática tentando angariar votos das mulheres após enxurrada de críticas feitas pela campanha de Geraldo Alckmin (PSDB).

16:10 | Set. 18, 2018

Autor O POVO

Notícia

Atualizada às 18h45min

[FOTO1] Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exhibe imagens de mulher negra trajando, enquanto narração crítica “vitimismo” e declara voto no militar, é falsa. Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares. A imagem nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente. Caso foi denunciado pela empresa Shutterstock.

[VIDEO1] Respondendo um tweet denunciando o caso, a empresa afirmou que o setor jurídico da empresa está atuando e “todas as medidas necessárias” serão tomadas pela empresa.

[VIDEO3] O vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, Eduardo Bolsonaro (PSL), e em páginas de apoio ao presidenciável. No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: “MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade.” Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos.

[SAIBAMAIS] Outro vídeo

Ainda nessa segunda-feira, 17, foi divulgado outro vídeo no qual o próprio Bolsonaro aparece falando sobre a sua única filha.

Na gravação, o candidato chega a ficar emocionado e pausar a fala. Bolsonaro conta no vídeo que era vasectomizado, mas, depois de pedido da atual esposa, desfez o procedimento. “Mudou, sim, muito a minha vida a chegada da Laura”.

<sup>66</sup> Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/09/imagem-de-mulher-negra-usada-em-campanha-de-bolsonaro-e-falsa.html>.

O candidato foi criticado após ter dito que a filha foi uma “fraquejada”. “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”, afirmou, em 2017.

[VIDEO2]

A ofensiva pró-mulheres da campanha de Bolsonaro vem no momento em que ele é bastante criticado em campanhas de Geraldo Alckmin (PSDB), que explora confusões em que o militar da reserva se envolveu com relação às mulheres. O foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT).

Redação O POVO Online

Fonte: O Povo Online, 2022.

A última notícia do *corpus* de análise é o Texto 7 do jornal O Povo, publicado no dia 18 de setembro de 2018 na editoria Política. Com o título “Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo”, observei, neste texto, que o periódico não está preocupado com o fato de que uma mulher negra canadense – e não brasileira – teve sua imagem ilegalmente vinculada a uma campanha presidencial de extrema-direita, no caso, à época, do presidenciável Jair Messias Bolsonaro. O já ex-presidente da república e ex-integrante do Partido Social Liberal (PSL), também conhecido mundialmente por espalhar notícias falsas no período eleitoral e durante seu mandato (2019-2022), se utilizou de narrativas falsas, propagando, entre outras coisas, a ideia de que a mulher do vídeo<sup>67</sup> era uma negra pobre que “há muito” se libertou “do vitimismo”.

<sup>67</sup> O vídeo, na íntegra, diz: “Sim, sou mulher, negra e vinda de família pobre... mas não passei procuração para que ninguém fale em meu nome. Há muito me libertei do vitimismo que muitos ainda insistem em me colocar sobre os ombros... Sim, sou mulher, negra, de família pobre, mas que aprendeu a lutar com as próprias forças para realizar suas conquistas e será assim que também ensinarei a meus filhos... E será assim que em 2018 elegerei o próximo presidente do Brasil. Um presidente que não aceitará o fato de por sermos MULHERES e NEGRAS, devemos nos manter POBRES para manter o jogo da velha política do voto por ESMOLA. Meu voto é pelo BRASIL. Meu voto é Bolsonaro” [sic]. Se observar bem, as palavras grafadas em caixa alta são: “mulheres”, “negras”, “pobres”, “esmola” e “Brasil”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX8A9gIVFPo>. Acesso em: 20 nov. 2023.

**Figura 17 – Print do Texto 7 no site do OP**



Fonte: O Povo Online, 2022.

O *print* do vídeo da campanha presidencial (vide Figura 17), segundo o texto, “exibe imagens de mulher negra trajando”, sem dizer o quê. Ela veste trajes azuis e tem um auscultador no pescoço, o que permite inferir que é médica. É uma mulher negra jovem, magra, de cabelos crespos pretos, com o rosto levantado demonstrando altivez, confiança. Isso me leva à imagem de controle da dama negra: ainda que diligente e profissional, bem apresentada, como é o caso da mulher negra do banco de imagens Shutterstock, vestindo traje da área da saúde, um jaleco azul, é considerada pobre para os grupos dominantes, que também disseminam opressões interseccionais a partir da política profissional.

Quando a notícia foi publicada, o vídeo<sup>68</sup> contabilizava 69,7 mil visualizações e a matéria estampa uma ideia já trazida no primeiro parágrafo dessa análise, que é a de que a executiva canadense, manipulada pela campanha bolsonarista, afirma: “há muito me libertei do vitimismo”. Reproduzir essa ideia faz parecer que nós, mulheres negras, estamos onde estamos por falta de trabalho, de luta, de verdade. É uma ironia e uma tentativa de desmerecer a nossa lida, que é potente e histórica. É por isso que, na minha compreensão, a notícia reproduz sexismo, machismo e racismo, pois a própria chamada já traz um convite: “veja vídeo”; ignorando a continuidade da reprodução ilegal da imagem de uma mulher que não tem relação com a campanha de ultradireita.

<sup>68</sup> Essa produção audiovisual é uma reação à crítica feita pelo candidato à presidência Geraldo Alckmin, à época do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e hoje integrante do PSB (Partido Socialista Brasileiro). Alckmin, reprovando o discurso armamentista de Bolsonaro, veiculou um vídeo de campanha denominado “Não é na bala que se resolve”. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/eleicoes/propaganda-de-alckmin-para-tv-critica-discurso-da-bala-de-bolsonaro-assista/>.

Outra questão é que, apesar de reconhecer que a imagem foi utilizada de forma indevida, o jornal O Povo não a humaniza, não traz sua história. Descrita na matéria apenas como “a personagem da campanha”, “a imagem” que “custa 79 dólares” que não foi paga por Bolsonaro, a mulher negra retratada na notícia, de acordo com matéria da BBC Brasil<sup>69</sup>, “trabalha como executiva na coordenação financeira de uma multinacional”.

**Figura 18 – “Elegerei o próximo presidente do Brasil”: imagem de executiva canadense é indevidamente utilizada como personagem em campanha eleitoral bolsonarista<sup>70</sup>**



Fonte: YouTube, 2023.

Conforme o Texto 7, “o vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, Eduardo Bolsonaro (PSL), e em páginas de apoio ao presidenciável”. A mensagem foi a seguinte: “MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade” [sic]. Primeiro: ela não fazia ideia da existência de Jair Bolsonaro<sup>71</sup>; segundo: ela está vestida de médica. Mulher negra e de família pobre onde? As mulheres negras, independente do que sejam e aparentem sempre serão vistas como pobres? Para quem não sabe, Jair Bolsonaro e seus filhos são brancos. O pai é declaradamente machista, racista, classista, homofóbico e outras alcunhas próprias de defensores do fascismo<sup>72</sup> – ideologia política caracterizada por um regime ditatorial, antidemocrático.

<sup>69</sup> Canadense e executiva: a verdadeira história da ‘brasileira negra e pobre’ de vídeo divulgado pela campanha de Bolsonaro. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45580351>. Acesso em: 20 nov. 2023.

<sup>70</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UX8A9gIVFPo>. Acesso em: 20 nov. 2023.

<sup>71</sup> Mais em: <https://oglobo.globo.com/politica/canadense-usada-em-campanha-nao-faz-ideia-de-quem-seja-bolsonaro-23085170>.

<sup>72</sup> Saiba mais em: <https://www.politize.com.br/fascismo/>. Acesso em: 20 nov. 2023.

Essa narrativa aciona as Imagens de Controle da dama negra, matriarca, mãe dependente do Estado e rainha da assistência social. A dama negra porque, por mais que seja bem-sucedida, uma mulher negra é recorrentemente comparada a uma mulher pobre; a matriarca, já que tem sua liberdade e condições sociopolíticas retiradas de si. Como “quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade”, ela é punida e recebe o tratamento supostamente merecido que é a condição de mulher negra pobre; e a mãe dependente do Estado, pois ela “pede tudo ao Estado” e, por isso, não tem nada.

Nos últimos blocos da matéria, o jornal muda bruscamente de assunto: fala de um outro vídeo no qual Jair Bolsonaro aparece falando de sua única filha, Laura. Nele, “chega a ficar emocionado e pausar a fala”, “conta no vídeo que era vasectomizado, mas, depois de pedido da atual esposa, desfez o procedimento”. É um discurso que me causa estranheza, pois ignora o que estava sendo tratado até então. Continua com mais uma declaração de Bolsonaro: “mudou, sim, muito a minha vida a chegada da Laura”.

No penúltimo parágrafo, a lembrança de uma entre tantas outras frases infelizes do ex-presidente: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”, referindo-se à Laura. Vale dizer que os homens sempre tiveram acesso facilitado à vasectomia, aos direitos sexuais e reprodutivos, ao controle do próprio corpo. É recente a Lei 14.443<sup>73</sup>, aprovada pelo Senado brasileiro em 2022, que permite que mulheres realizem o procedimento da laqueadura sem precisar pedir autorização a cônjuges.

A notícia é concluída com uma tentativa de costurar a ideia inicial com o fato de Bolsonaro ser criticado por Alckmin por conta das “confusões em que o militar da reserva se envolveu com relação às mulheres”. No dia 26 de setembro de 2023, o ex-presidente virou réu na Justiça do Distrito Federal por incitação ao estupro<sup>74</sup>. Isso porque, quando ainda era deputado federal pelo Partido Progressistas (PP), declarou durante sessão da Câmara que “não estupraria” Maria do Rosário porque ela “não merece”.

---

<sup>73</sup> A Lei 14.443/2022 foi aprovada no mês de agosto e entrou em vigor no início de março de 2023. Reduziu para 21 anos a idade mínima de homens e mulheres para a esterilização voluntária e acabou com a exigência do consentimento de cônjuges para realização de laqueadura e vasectomia. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/radio/1/noticia/2023/03/06/ja-esta-em-vigor-a-lei-que-facilita-a-laqueadura-e-a-vasectomia>. Acesso em: 20 nov. 2023.

<sup>74</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/df/distrito-federal/noticia/2023/09/26/bolsonaro-vira-reu-na-justica-do-df-por-incitacao-ao-crime-de-estupro.ghtml>.

Conforme a redação, que também dá sua assinatura às outras narrativas analisadas, “o foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT)<sup>75</sup>”, uma mulher branca sulista. Com todo o respeito que a deputada merece, a expressão “foco maior” realizou o apagamento da categoria raça na matéria em questão, negligenciando a violência sofrida pela mulher negra canadense que, além de ter sua imagem utilizada de forma indevida pela campanha presidencial de Jair Bolsonaro, teve sua história ignorada pelo jornal O Povo. É preciso dizer, por fim, que o assunto que intitula a notícia não se resume nem se encerra em uma questão de gênero, é também de raça, classe, é transnacional. É uma questão de compreender que há, de formas diversas, a reprodução de opressões interseccionais e de Imagens de Controle de mulheres negras, e que essas narrativas jornalísticas precisam ser analisadas e transformadas.

#### 6.2.2.3.1 Hastes iluminadas

No Texto 7 do jornal O Povo, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe e geolocalização.

**Quadro 21 – Cores de opressão identificadas no Texto 7**

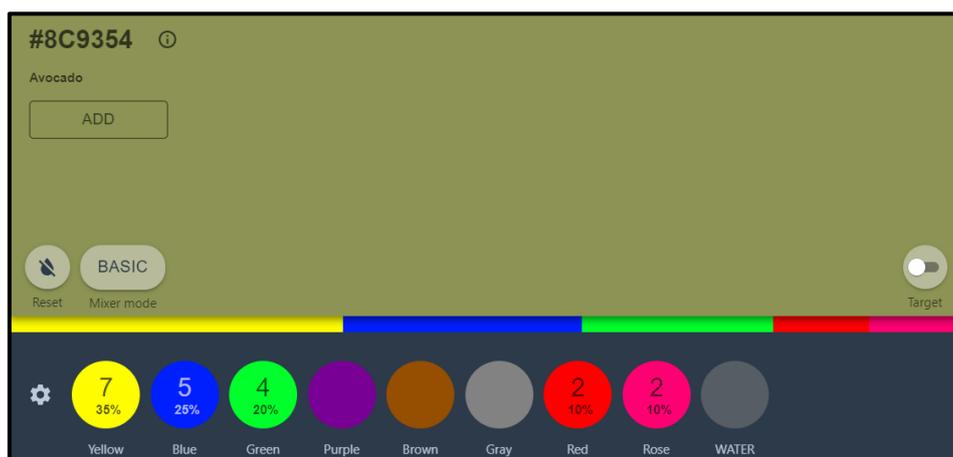
OP	Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Texto 7								

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero, raça e classe, seguidas de geolocalização. O texto fala de mulheres negras, mas não se posiciona, apenas reproduz falas como a de Jair Bolsonaro e de seu filho Eduardo. Não contesta a contradição que é dizer que a mulher da imagem, vestida de médica, é uma mulher negra pobre. É uma narrativa jornalística que reproduz uma mistura de Imagens de Controle, como dama negra, matriarca, mãe dependente do Estado e rainha da assistência social.

<sup>75</sup> Partido dos Trabalhadores.

**Figura 19 – *Avocado* (abacate, em tradução livre) – cor resultado do Texto 7**



Fonte: TryColors.com, 2023.

Dando continuidade à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Avocado* é a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 7 do jornal O Povo, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice P). A nova cor demonstra o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com as categorias de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras no Texto 7. Como a exemplo do entrecruzamento das categorias de gênero, raça e classe no trecho: “mulher negra e de família pobre. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade”, em que se fala de mulheres negras pobres, e na passagem “o foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT)”, que fala de uma mulher branca de classe social confortável.

#### 6.2.2.3.2 Opressões interseccionais

No Texto 7, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo. O eixo de opressão predominante é o do racismo, seguido de sexismo e classismo em igual medida.

A partir da notícia, identifiquei a mistura das opressões do sexismo, racismo e classismo em alguns trechos, a exemplo de “horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa *Shutterstock* e custa 79 dólares” e

“No *Twitter*, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: ‘mulher negra e de família pobre. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade’”. Observei, ainda, racismo na frase: “o foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT)”.

#### 6.2.2.3.3 Imagens de Controle

Identifiquei, no Texto 7 do jornal *O Povo*, as Imagens de Controle da matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e dama negra. Sobre as possibilidades de entrecruzamento das narrativas em relação às IC da condição de mulher negra, fiz as seguintes observações: no trecho “Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exhibe imagens de mulher negra trajando [vestes médicas], enquanto narração crítica ‘vitimismo’ e declara voto no militar, é falsa”, é possível notar a reprodução simultânea das Imagens de Controle da mãe dependente do Estado, dama negra e rainha da assistência social. Já na passagem “No *Twitter*, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: ‘mulher negra e de família pobre’ [...]”, observei as IC da matriarca, mãe dependente do Estado e da rainha da assistência social.

## 7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

### 7.1 Recapitulação das etapas de trabalho

Começo o capítulo de análise dos resultados recapitulando as etapas do trabalho, começando com a explicação dos motivos pelos quais escolhi os tipos de pesquisa utilizados. Optei pela pesquisa bibliográfica e documental porque meu problema de pesquisa focou em um tema específico, a representação das mulheres negras nos jornais O Povo e Diário do Nordeste. A leitura de livros, artigos acadêmicos, notícias e reportagens jornalísticas, relatórios e dossiês institucionais, assim como a apreciação de conteúdos audiovisuais como documentários, palestras e aulas no YouTube me permitiram alcançar uma visão mais ampla e integrada do tema, realizando um apanhado geral – teórico-conceitual, social, histórico, político.

No que se refere à natureza, realizei uma pesquisa quantitativa por ter tratado os dados coletados considerando frequência, recorrência nos léxicos textuais (Gil, 2002). Qualitativa porque segui uma sequência de atividades que envolveu a redução dos dados, a sua categorização, interpretação e a redação do relatório, que consta no Capítulo 6. Além disso, a análise qualitativa dependeu de muitos fatores, como os dados coletados na pesquisa exploratória, a extensão da amostra – *corpus* na íntegra, a definição do *corpus* de análise, os instrumentos de pesquisa – a análise categorial, técnica da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), a escrevivência (Evaristo, 2008), a Roleta Interseccional (Carrera, 2021) e as Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020), assim como os pressupostos teóricos que nortearam a investigação (Gil, 2002), com base nos conceitos desenvolvidos nos Capítulos 2, 3, 4 e as características metodológicas apresentadas no Capítulo 5.

A característica exploratória, que me conduziu no processo de aprimoramento de ideias e na descoberta de intuições (Gil, 2009), esteve presente desde o início da pesquisa, principalmente na elaboração do pré-projeto, consistindo na busca pelos descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca nos *sites* dos jornais O Povo e Diário do Nordeste, objetos da pesquisa. Nessa busca exploratória, identifiquei um resultado de 91 textos, 49 do O Povo e 42 do Diário do Nordeste, posteriormente organizados em planilha digital no programa Excel. A pesquisa exploratória melhorou a

minha compreensão sobre o problema de pesquisa e contribuiu para a formulação das hipóteses.

Sobre a natureza descritiva, o objetivo foi realizar uma descrição das características do *corpus* – dados quantitativos e qualitativos –, assim como estabelecer relações entre as variáveis – três categorias de análise, quatro metodologias, diversos conceitos e teorias. Com esse intuito, além do conteúdo das matérias jornalísticas, considerei informações como editoria, assinatura, data da publicação, presença de conteúdo audiovisual por tipo – foto e/ou vídeo – e, no Capítulo 6, entrecruzei esses dados com o *corpus*.

## 7.2 Pesquisa na prática

Colocar essas ideias em prática foi tarefa árdua, de muita persistência. Após a pesquisa exploratória que apresentou um quantitativo inicial de 91 textos, alterei esse número para 28 por limitações metodológicas já justificadas no Capítulo 5, Panorama Metodológico. Fiz isso com o propósito de viabilizar uma análise mais aprofundada dos textos jornalísticos. Desse modo, o *corpus* final consistiu em 10 textos do O Povo e 18 do Diário do Nordeste, com assinatura da redação e sobre mulheres negras, publicados entre 2003 e 2020.

No início do processo, privilegiei a leitura e o fichamento do material bibliográfico e documental, organizando parte desse conteúdo em planilhas, a exemplo dos Apêndices G, H e I, que contêm a descrição das Imagens de Controle para Patricia Hill Collins (2019) e Winnie Bueno (2020) e dos estereótipos da mulata, doméstica e mãe preta, caracterizados por Lélia Gonzalez (1984). Já o material de análise – *corpus* inicial – foi organizado em planilhas desde a formulação do pré-projeto e, com a redução do material para 28 textos, o conteúdo foi ganhando novos contornos. Fui organizando os textos a partir dos resultados de cada análise, criando novas abas no Excel, sistematizando cada achado da melhor forma possível.

Uma das metodologias de suporte da pesquisa, como se sabe, é a Roleta Interseccional para análises em comunicação, uma proposta da professora Fernanda Carrera (2021). Desse modo, para investigar os rastros de opressão deixados nas narrativas jornalísticas, li e analisei os textos em diversos momentos. A ideia, no princípio, era de seguir três etapas: 1. Identificar as hastes iluminadas pelos giros da

Roleta Interseccional (Carrera, 2021); 2. Verificar a reprodução de opressões interseccionais; e 3. Identificar Imagens de Controle da condição de mulher negra (Collins, 2019; Bueno, 2020). Essas etapas foram realizadas, mas não apenas uma única vez nem em sequência, como planejei. Aconteceram de forma simultânea na maior parte do tempo, pois a interseccionalidade (Akotirene, 2021) já fala do entrecruzamento das variáveis, das avenidas identitárias.

A etapa de verificação das hastes iluminadas me ajudou a identificar nas narrativas jornalísticas as categorias de gênero, raça, classe, sexualidade, deficiência, peso, geolocalização e idade (Carrera, 2021) e também a definir mais uma categoria de análise – a primeira, pré-definida, é a categoria das Imagens de Controle. Nessa fase, resolvi considerar as hastes da Roleta como a segunda categoria da pesquisa. Ao mesmo tempo, percebi que não estava criando uma nova categoria, que as “hastes iluminadas” também são uma categoria pré-definida, uma vez que essas oito divisões estão presentes no texto original de Carrera (2021).

A etapa de identificação de opressões interseccionais, que se deu de modo combinado com as demais, me levou a outras inferências e decisões: a partir da categoria das hastes iluminadas, criei a terceira e última categoria de análise da pesquisa, a das opressões interseccionais. São oito divisões que derivam diretamente das hastes da Roleta Interseccional, as opressões do sexismo, racismo, classismo, heterossexismo, capacitismo, gordofobia, xenofobia e etarismo.

Já a fase de verificação de Imagens de Controle da condição de mulher negra – uma categoria de análise pré-definida (Collins, 2019; Bueno, 2020), como dito anteriormente – consistiu em buscar, nas narrativas jornalísticas, as Imagens de Controle da *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; *mammy* moderna; jezebel, prostituta ou *hoochie*; e *pretty baby*.

Essas etapas foram realizadas incontáveis vezes e me trouxeram muitos resultados. Durante esse processo, ao passo que apreciava o *corpus*, criava e alimentava novas abas no Excel. Entre eles, a organização: dos textos do DN e do OP por imagem de controle; dos resultados por texto – contendo título, nome do periódico, da editoria, data de publicação, hastes iluminadas, opressões interseccionais reproduzidas direta e indiretamente e outras opressões identificadas para além das oito divisões dessa categoria; das Imagens de Controle verificadas; do *ethos* interseccional de cada periódico; de

planilhas com a visão geral do *corpus*, do resultado final da análise; da análise quantitativa e percentual; das Imagens de Controle e opressões interseccionais por narrativa midiática, individualmente. A maior parte dessa produção pode ser vista na seção de Apêndices.

Assim, seguindo as etapas da análise categorial (Bardin, 1977), o material de análise foi coletado, observado e analisado sistematicamente. E o trabalho foi tão extenso e intenso que rendeu numerosos Apêndices, como se pode ver ao final da dissertação. Ainda sobre a execução da pesquisa, posso dizer que os 28 textos do *corpus* se mostraram um quantitativo, de fato, considerável: passei meses realizando as etapas descritas anteriormente. Relembro que ele é fruto da pesquisa exploratória com os descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca nos *sites* d’O Povo e Diário do Nordeste.

Escolhi esses dois jornais por serem os principais veículos de comunicação e periódicos de maior circulação da cidade de Fortaleza, capital do Ceará. Como nasci, cresci e resido em terras alencarinas, e sou uma mulher negra, me interessou estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais DN e OP, assim como seus desdobramentos. Logo, nessa pesquisa, também busquei descobrir no *corpus* o que se fala das mulheres negras, que espaço nos é dado e com que frequência, se são abordagens positivas ou negativas, se contribuem para a superação das desigualdades já enfrentadas por nós ou se reproduzem Imagens de Controle da condição de mulher negra.

A interpretação dos textos junto a sistematização dos dados coletados e a análise das três categorias me conduziram a respostas para o problema. Em relação à categoria das hastes iluminadas pela Roleta, observei que as varetas de gênero, raça, classe e geolocalização se acenderam em todos os textos do *corpus* de ambos os jornais, ou seja, todas as notícias falam, de fato, de mulheres negras de um determinado grupo econômico – ou em situação de extrema pobreza e exploração ou em (ascendência à) classe média – em um lugar geográfico específico – a maioria na região Nordeste do Brasil, já que os jornais estudados são cearenses, e algumas notícias de âmbito nacional e mundial, trazendo notícias da América do Norte, de países como Estados Unidos e Canadá.

As hastes de idade e sexualidade também foram iluminadas: a primeira apareceu com grande recorrência – falando de mulheres jovens e adultas, principalmente – e, a última, foi detectada apenas uma vez em cada periódico – no DN e n’OP as notícias que marcaram essa haste falam de mulheres negras hipersexualizadas, objetificadas. Nos dois

jornais, as hastes de deficiência e peso não foram iluminadas. A falta de narrativas sobre essas categorias deixa lacunas e questionamentos: essas categorias são invisibilizadas propositalmente? Não há mulheres negras gordas ou de corpos considerados não padrão? Não há mulheres negras com deficiência, física e/ou cognitiva? As categorias de peso e de capacidade não atravessam a vida das mulheres negras? Por que essas categorias não são pautadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste?

Na categoria das opressões interseccionais, especificamente no jornal Diário do Nordeste, identifiquei nas narrativas a reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia, esta última em menor número de recorrências; já n'O Povo observei as opressões do sexismo, racismo e classismo, sem a incidência da opressão da xenofobia. Nos dois jornais, não identifiquei diretamente a reprodução do heterossexismo, capacitismo, da gordofobia e do etarismo.

Em relação às Imagens de Controle, a dama negra foi a mais identificada e reproduzida nos textos dos jornais OP e DN. Falando especificamente do DN, as imagens da *mammy* e da matriarca, após a dama negra, foram detectadas com maior recorrência, seguidas da jezebel, mãe dependente do Estado, *mammy* moderna e *pretty baby* – esta última foi observada apenas uma vez; e a IC da rainha da assistência social não foi identificada diretamente nas narrativas jornalísticas. Já n'O Povo, além da dama negra, foram observadas as IC da *mammy* moderna, matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e jezebel. No jornal O Povo, por fim, não identifiquei diretamente as Imagens de Controle da *mammy* e da *pretty baby*.

Resgatando os objetivos que nortearam a pesquisa, o objetivo geral foi estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste e os objetivos específicos foram: 1. Identificar Imagens de Controle previamente definidas (Collins, 2019; Bueno, 2020) – *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; jezebel, prostituta ou *hoochie*; *mammy* moderna; e/ou *pretty baby* – e opressões interseccionais – sexismo, racismo, classismo, heterossexismo, capacitismo, gordofobia, xenofobia, e etarismo; 2. Identificar novas categorias após análise detalhada (Bardin, 1977); e 3. Interpretar o *corpus* com apoio da Roleta Interseccional (Carrera, 2021).

Posso afirmar que o suporte teórico-metodológico escolhido – em maior parte afrocentrado – foi fundamental para a pesquisa, pois assentou as bases para a

interpretação do material de análise, para a minha compreensão do problema de pesquisa e, finalmente, para uma condução às respostas, à análise interseccional. Meu aporte teórico contou principalmente com pensadoras feministas negras, a partir de Lélia Gonzalez (1984), Djamila Ribeiro (2017, 2019), Patricia Hill Collins (2019), Winnie Bueno (2020) e Carla Akotirene (2021), recorrendo às noções de Imagens de Controle, interseccionalidade, lugar de fala. Já o referencial metodológico teve como base a Roleta Interseccional, de Fernanda Carrera (2021), a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin (1977), as Imagens de Controle da condição de mulher negra (Collins, 2019) e a noção de escrevivência de Conceição Evaristo (2008). Entram como suporte fundamental ainda Lélia Gonzalez (2020), Conceição Evaristo (2011, 2013), Audre Lorde (2020), Grada Kilomba (2021), Carolina Maria de Jesus (2004), Patricia Hill Collins (2017, 2021, 2023), Kimberlé Crenshaw (1989), Cida Bento (2002), Fernanda Carrera (2020, 2021b) e Fernanda Carrera e Denise Carvalho (2019).

Essa gama de conceitos, teorias e metodologias complexos e interdisciplinares, também ligados ao campo da comunicação, ajudaram a expandir minha visão de pesquisadora assim como contribuíram para a qualidade da formulação e execução da pesquisa.

### **7.3 Principais ideias de cada capítulo**

No Capítulo 1, Introdução, realizei um preâmbulo sobre o conteúdo da dissertação, explicando a estrutura e contextualizando sobre o que foi desenvolvido ao longo do texto. Também expliquei o motivo de escrever na primeira pessoa do singular, seguindo premissas do feminismo negro, conforme aprendi com Lélia Gonzalez (1984), Carla Akotirene (2021), Winnie Bueno (2020), Patricia Hill Collins (2019).

No Capítulo 2, “Racializar para dar som à própria voz”, tratei de ideias e conceitos importantes como o mito da democracia racial (Gonzalez, 1984); ideologia do branqueamento (Gonzalez, 1988a apud Gonzalez, 1988b); lugar de fala (Ribeiro, 2017, 2019); inclusão das mulheres negras no centro do debate (Collins, 2019; Bueno, 2020); interseccionalidade (Akotirene, 2021); escrevivência como experiência étnica (Evaristo, 2013) e reflexões acerca do classismo, sexismo e racismo (Jesus, 2004).

Já no Capítulo 3, “Estratégias de Subjugação e Mecanismos de Resistência”, trouxe conceitos que mostram de que forma os grupos dominantes subjugam as mulheres

negras, a exemplo da noção de matriz de dominação (Collins, 2019; Bueno, 2020); de opressões interseccionais (Collins, 2019; Bueno, 2020; Akotirene, 2021) e a categoria analítica das Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020). Como forma de se contrapor a essas estratégias dominantes, apresentei três mecanismos de resistência das mulheres negras: a autodefinição, compreendida como o principal modo de resistir às Imagens de Controle (Collins, 2019), a epistemologia feminista negra (Collins, 2019) e a interseccionalidade ou teoria interseccional (Akotirene, 2021; Crenshaw, 1989; Bueno, 2020).

Em “Mídia e Mulheres Negras no Brasil: um debate estrutural”, Capítulo 4, abordei a noção de “mercado de mídia”, desenvolvida pelo comunicólogo e professor Venício Lima (2009), bem como fiz uma contextualização sociopolítica, uma vez que trouxe dados estatísticos que constam nas pesquisas do Ipea - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (2009), no Atlas da Violência de 2021 e no “Dossiê Mulheres Negras - retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil” (2013), publicação do Ipea em conjunto com órgãos governamentais e realizei uma revisão de literatura sobre o tema trabalhado.

Nessa revisão, tomei como base os artigos: “A raça e o gênero da estética e dos afetos”, de Fernanda Carrera (2020); “Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras”, de Alane Reis, Naiara Leite e Daniela Matos (2019); “Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais”, de Fernanda Carrera e Denise Carvalho (2019); “Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos”, de Ana Carolina Escosteguy (2019); “A Representatividade Negra na Publicidade Mineira”, de Barbara Faria e Pablo Moreno Fernandes (2019); “Racismo institucional midiático”, de Carolina Dantas e Adriano Florencio (2018); “Mídia e construção da identidade da mulher negra”, de Maria Luiza Martins Mendonça (2006) e “A invisibilidade da mulher negra na mídia”, publicado nos anais do V Seminário Internacional Enlaçando Sexualidades, de Santos *et al.* (2017).

No Capítulo 5, “Panorama Metodológico”, iniciei trazendo as noções de epistemologia e escolhas epistemológicas (Collins, 2019) e fiz um delineamento do passo a passo da pesquisa: descrevi os objetos – o periódico O Povo, principalmente, a partir da pesquisa do jornalista Rafael Mesquita Jeronimo (2021) e, do Diário do Nordeste, a partir das pesquisas dos comunicadores William Robson Cordeiro (2013) e Francisco Genivando de Sousa (2013). Jeronimo definiu o jornal OP como sendo o “veículo

jornalístico impresso mais antigo em circulação no Ceará”, que surgiu “influenciado por ideais políticos” e “também, oficial e sob censura” (Sá, 1982 apud Jeronimo, 2021 p. 79) em um contexto em que “os jornais eram o principal meio de informação de Fortaleza” (Jeronimo, 2021 p. 79). Entre outras alcunhas, também foi descrito como “Modernizador e progressista”, “porta-voz das elites cearenses que contestavam as oligarquias dominantes”, de “tom crítico, político e liberal”, “alçado ao grupo dos mais influentes de Fortaleza” (Jeronimo, 2021). Hoje o periódico está, de acordo com Rafael Jeronimo Mesquita, em novo momento e sob nova postura. Já o DN é considerado como sendo o maior concorrente comercial do jornal O Povo (Jeronimo, 2021); integra o “conglomerado de mídia” do Sistema Verdes Mares (SVM) e cativou os leitores pelo “discurso inovador e moderno”, conforme Sousa (2013, p. 60). Era o único jornal no estado do Ceará a circular em todos os 184 municípios (Cordeiro, 2013) e, nos dias de hoje, existe unicamente como veículo digital.

Ainda no Capítulo 5 trouxe dados como: contexto da pesquisa; o percurso empreendido; mais achados de revisão de literatura; aspectos gerais; definição do *corpus* de análise e limitações metodológicas; período de coleta; hipóteses e objetivos geral e específicos; definição dos métodos de interpretação de dados – AC (Bardin, 1977), RI (Carrera, 2021); IC (Collins, 2019) e escrevivência (Evaristo, 2008), assim como a justificativa da pesquisa.

Os capítulos redigidos antes do Capítulo 6, apresentados anteriormente, foram fundamentais para me ajudar a ir além da descrição das diferenças no *corpus*, para me orientar na leitura dos textos a partir de um olhar interseccional, para me conduzir de forma embasada ao entrecruzamento dos dados.

Já no Capítulo 6, “Como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste: resultados quanti-qualitativos” apresentei a análise do *corpus* a partir de dados quantitativos e qualitativos. A análise quantitativa fiz com base na técnica da análise categorial, referente à metodologia da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), da categoria analítica das Imagens de Controle (Collins, 2019) e da Roleta Interseccional para análises em comunicação (Carrera, 2021). Nela, mostrei resultados da pesquisa em percentual e por recorrência em relação às três categorias de análise - hastes iluminadas, opressões interseccionais e Imagens de Controle, assim como apresentei dados e estimativas de todo o *corpus*, do total de ambos os jornais.

A análise qualitativa fiz com as metodologias descritas anteriormente, com o acréscimo da metodologia da escrivência de Conceição Evaristo (2008). Aqui, descobrir ser mesmo frutífero aplicar as quatro metodologias de análise de forma conjunta, a despeito do que descrevo adiante. Na análise, observei a presença de teorias desenvolvidas nos capítulos anteriores, a exemplos da tese do matriarcado negro (Collins, 2019) nos Textos 4 e 11 do Diário do Nordeste, “Mulher, negra, africana...” e “Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista”, que reiteraram a responsabilidade atribuída às mulheres negras pela suposta falta de supervisão adequada de filhos e filhas, pelo “abandono” ao lar por trabalharem fora de casa e pelo fracasso de suas comunidades; da matriz de dominação global (Collins, 2019; Bueno, 2020), nos Texto 1 e 2 do jornal O Povo, “Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico” e “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras”, que evidenciaram que as mulheres negras, mesmo qualificadas, não são consideradas dignas de desfrutar dos mesmos direitos e prerrogativas daqueles que compõem os grupos dominantes; do mito da democracia racial (Gonzalez, 1984) no Texto 4 do DN, “Mulher, negra, africana...” quando a matéria diz que as negras africanas vêm para o Brasil “desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor)”, mostrando a reprodução massiva dessa ideia.

Na análise qualitativa também notei a reprodução das opressões interseccionais (Collins, 2019; Bueno, 2020; Akotirene, 2021) do sexismo, racismo, classismo e xenofobia nos Textos 1, 4 e 11 do DN, “Mulheres nordestinas e negras sofrem mais”; “Mulher, negra, africana...” e “Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista” e, nos outros textos do *corpus* do DN, observei as mesmas quatro opressões do sexismo, racismo, classismo e xenofobia, sendo elas as opressões sobressalentes nas narrativas jornalísticas deste periódico. Não identifiquei a reprodução de OI nos Textos 5, 9, 10, 11, 12 e 14 (vide seção de Apêndices). Identifiquei ainda a reprodução de opressões interseccionais em textos analisados do jornal O Povo: no Texto 2, “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras”, observei sexismo, racismo e classismo e, no Texto 7, “Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo”, também sexismo, racismo e classismo. Não identifiquei a reprodução de OI nos Textos 1, 3, 4, 5, 8 e 9 (vide seção de Apêndices).

Vi também a reprodução de Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020): no Texto 1, as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado; no Texto 4, as IC da matriarca, dama negra e jezebel; no Texto 11, as Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca. Estes três textos são do DN. Não identifiquei Imagens de Controle nos Textos 7 e 9 do DN (vide seção de Apêndices). No material do OP, identifiquei no Texto 1 e no Texto 2 a IC da dama negra; e, no Texto 7, as Imagens de Controle da dama negra, matriarca, mãe dependente do Estado e rainha da assistência social. Saliento que não observei Imagens de Controle no Texto 4 do O Povo (vide seção de Apêndices).

#### **7.4 Descobertas ao longo da escrita**

No Capítulo 1, Introdução, descobri que era necessário não apenas escrever em primeira pessoa do singular, mas também explicar às leitoras e aos leitores o porquê dessa escolha estilística e dessa estratégia sociopolítica, que é uma forma de assumir a responsabilidade por minha própria fala (Gonzalez, 1984), escrever (Evaristo, 2008), me autodefinir (Collins, 2019) e nomear as minhas próprias experiências sociais de mulher negra.

No Capítulo 2, descobri a importância de me posicionar socialmente no discurso, de falar do meu lugar de fala; da escrevivência como experiência étnica, racializada; do pensamento feminista negro enquanto conjunto de saberes ancestral e contemporâneo produzido pelas mulheres negras; assim como a relevância de inserir as mulheres negras no centro da análise, premissa ensinada pelo feminismo negro.

No Capítulo 3, compreendi, em relação às estratégias de dominação das classes dominantes, que muitas vezes elas são sutis e demandam atenção redobrada, por seu conteúdo possuir ares de naturalidade, inevitabilidade e imutabilidade, como no caso das Imagens de Controle de mulheres negras e, no que diz respeito aos modos de resistência de nós mulheres negras, entendi que precisamos, entre outras coisas, aprendermos a defender as nossas perspectivas, os nossos pontos de vista, não permitindo que, além de tentarem dominar nossos corpos, se apossam de nossas mentes.

No Capítulo 4, descobri que a situação das mulheres negras no Brasil está atrelada a um “mercado de mídia” que atende aos interesses das classes dominantes e à representação midiática delas, que reiteradamente as representa de modo subalternizado,

em situação de desigualdade. O contexto sociopolítico abordado no capítulo demonstra os resultados dessa representação que resulta em uma situação de desigualdade praticamente generalizada e que reflete no trabalho, nos estudos, na vida e na morte das mulheres negras – identifiquei a informação gritante de que nós mulheres negras éramos, em 2019, 90% das vítimas de homicídio no estado cearense.

No Capítulo 5, descobri que são muitas as etapas necessárias para o planejamento e a execução de uma pesquisa de mestrado: elaboração do projeto, pesquisa sobre os objetos – O Povo e Diário do Nordeste, revisão de literatura praticamente constante, ideação de metodologias que tenham coerência com o referencial epistemológico, atenção a metodologias utilizadas em estudos anteriores, estudos com o mesmo objeto, atenção aos aspectos gerais da pesquisa – tipos de pesquisa, definição do *corpus* de análise, limitações metodológicas, período de coleta, definição do problema de pesquisa, do objetivo geral e dos objetivos específicos, das hipóteses e da escolha dos métodos de interpretação dos dados – escrevivência, Análise de Conteúdo, Roleta Interseccional e Imagens de Controle.

No Capítulo 6, descobri os resultados quantitativos e qualitativos da pesquisa; aprendi, na prática, como aplicar de modo entrecruzado e, muitas vezes, simultâneo, as quatro metodologias de análise, assim como fazer uso dos conceitos e das ideias que aprendi escrevendo o segundo, o terceiro e o quarto capítulos, principalmente. No Capítulo 6, com a análise do *corpus*, investiguei e descobri como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste. Busquei e identifiquei, nas narrativas, onde havia ou não a reprodução de Imagens de Controle, de opressões interseccionais e, nos giros da roleta, a iluminação das hastes de gênero, raça, classe, geolocalização, idade, sexualidade, peso e deficiência.

No processo como um todo, descobri que, pela complexidade do suporte epistemológico e metodológico, tornou-se necessário subdividir cada seção de texto trabalhando, por partes, além da análise corrida, as três categorias de análise definidas ao final: hastes iluminadas, mostrando suas presenças, ausências, entrecruzamentos; as opressões interseccionais e Imagens de Controle, identificando que é possível observar Imagens de Controle no texto sem que isso, necessariamente, reproduza opressões interseccionais – o que observei em textos de caráter denunciativo.

Por fim, descobri duas novas categorias – uma pré-definida, a das hastes iluminadas (Carrera, 2021), e uma criada, a categoria das opressões interseccionais, a terceira e última categoria criada a partir desta segunda. A primeira, também pré-definida, era a das Imagens de Controle (Collins, 2019).

### **7.5 Limitações de apreciação do corpus**

Em 2022, por conta de questões pessoais como adoecimento, veio a necessidade de reduzir o *corpus*. Como resultado, de 91 textos, o material de análise mudou para 16 do O Povo e 25 do Diário do Nordeste, ao todo 41 textos, com datas de 2018 a 2020. Em 2023, busquei novas estratégias para contemplar o *corpus* da melhor forma possível. A saída encontrada foi considerar no conteúdo apenas textos assinados pelos jornais OP e DN. Assim, meu *corpus* consistiu em 10 textos do O Povo e 18 do Diário do Nordeste, portanto 28 textos, com assinatura da redação e sobre mulheres negras, de 2003 a 2020.

Ressalto que, neste *corpus* delimitado, identifiquei uma disparidade temporal nos resultados encontrados: enquanto o primeiro texto achado do jornal O Povo é de 20 de novembro de 2012, a primeira matéria do Diário do Nordeste é de 4 de fevereiro de 2003. Decidi, para não causar prejuízo no aspecto quantitativo da pesquisa, manter o total de 28 textos. Isso não afetou o resultado final da pesquisa, que obteve êxito nos objetivos definidos e apresentou diversas possibilidades de interpretação dos dados coletados.

### **7.6 Resultados quantitativos**

Observei, em relação à categoria das hastes iluminadas, que as varetas de gênero, raça, classe e geolocalização se acenderam em todos os textos do *corpus* de ambos os jornais, as hastes de idade e sexualidade também foram iluminadas e a primeira apareceu com grande recorrência. Nos dois jornais, as hastes de deficiência e peso não foram iluminadas.

Na categoria das opressões interseccionais, no jornal Diário do Nordeste, identifiquei a reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia, esta última em menor número de recorrência; já n'O Povo observei as opressões do sexismo, racismo e classismo, sem a incidência da opressão da xenofobia. Nos dois jornais, não identifiquei diretamente a reprodução de heterossexismo, capacitismo, gordofobia e etarismo.

Em relação às Imagens de Controle, a dama negra foi a mais identificada e reproduzida nos textos dos jornais OP e DN. Tratando especificamente do DN, as imagens da *mammy* e da matriarca, após a dama negra, foram detectadas com maior recorrência, seguidas da jezebel, mãe dependente do Estado, *mammy* moderna e *pretty baby* – esta última foi observada apenas uma vez; e a IC da rainha da assistência social não foi identificada diretamente nas narrativas jornalísticas. Já n’O Povo, além da dama negra, foram observadas as IC da *mammy* moderna, matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e jezebel. Nele, não identifiquei diretamente as Imagens de Controle da *mammy* e da *pretty baby*.

Em relação à recorrência das opressões interseccionais em cada imagem de controle, é possível visualizar o entrecruzamento destas categorias quantitativamente: a reprodução da IC da dama negra (*black lady*) e da matriarca, no DN, estão atreladas, simultaneamente, a uma numerosa reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e xenofobia. Neste rol, as OI mais observadas foram as do classismo, com sete ocorrências ligadas à IC da dama negra, e a do racismo, com cinco ocorrências ligadas à IC da matriarca. A *mammy* é a terceira imagem de controle mais ligada a reprodução de OI e, assim como a matriarca, salienta a opressão do racismo nas narrativas jornalísticas.

No jornal O Povo, observei que a imagem de controle da dama negra é a que está mais ligada a reprodução de opressões interseccionais, sendo possível identificar, nos textos em que está presente, racismo, sexismo e classismo, nessa ordem. Uma pausa para comparação: enquanto no DN a opressão interseccional mais salientada na reprodução da IC da dama negra é o classismo, no OP é o racismo. Continuando, nos textos em que há as Imagens de Controle da *mammy* moderna e da jezebel, não identifiquei a reprodução de opressões interseccionais.

### **7.7 Análise percentual por categoria**

Em relação às Imagens de Controle, no DN, a IC da dama negra aparece em 14 dos 18 textos, contabilizando quase 78% de recorrência; as imagens da *mammy* e da matriarca, que foram observadas em seis textos, têm 33.33% de recorrência cada; a IC da jezebel está em três, e está em 16.66% do total; as Imagens de Controle da mãe dependente do Estado e *mammy* moderna aparecem em dois textos e têm, ambas, 11.11%

de recorrência; e a imagem de controle da *pretty baby* foi observada uma vez, totalizando 5.55%.

Já no OP, a IC da dama negra também é a que mais predomina percentualmente: é identificada em 80% do total, seguida da *mammy* moderna, com 20%, e das IC da matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e jezebel, com 10% de recorrência cada. Tirando a média de dados dos dois jornais<sup>76</sup>, as três Imagens de Controle mais reproduzidas são as da dama negra, com 78.57%, da matriarca, com 25% e da *mammy*, com 21.42% do total.

Sobre a categoria das hastes iluminadas, quatro se acenderam simultaneamente em todos os textos do *corpus*: as varetas de gênero, raça, classe e geolocalização, logo com 100% de recorrência. A vareta de idade acendeu em oito dos 18 textos do DN e em sete dos dez textos do jornal OP, contabilizando 44.44% e 70% de recorrência, nesta ordem; a de sexualidade foi observada uma vez em cada periódico, totalizando 5.55% no DN e 10% no OP. A média dos dados me permitiu identificar que, após as hastes de gênero, raça, classe e geolocalização, a haste de idade é detectada 53.57% das vezes e a de sexualidade 7.14%. As varetas de deficiência e peso não foram observadas diretamente no *corpus*, logo não contabilizam recorrências.

Finalmente, no que diz respeito às opressões interseccionais, identifiquei no DN, em maior parte, a reprodução do classismo, racismo, sexismo e xenofobia; cada opressão apareceu, respectivamente, em 50%, 44.44%, 38.88% e 27.77% do *corpus*. No OP, a opressão interseccional mais reproduzida nos textos é a do racismo, seguida do sexismo e do classismo, ambas com 20% de recorrência. Na média, as opressões do racismo e do classismo totalizam 39.28%, seguidas do sexismo, com 32.14% e da xenofobia, com 17.85% de recorrência. As opressões do heterossexismo, capacitismo, gordofobia e etarismo não foram observadas diretamente em ambos os jornais.

---

<sup>76</sup> Repetindo para que a informação não se perca: não observei a imagem de controle da rainha da assistência social no Diário do Nordeste e as imagens de controle da *mammy* e da *pretty baby* no O Povo.

## 7.8 Resultados qualitativos

A análise qualitativa dos dados foi feita a partir da técnica da análise categorial (Bardin, 1977) e do referencial teórico-metodológico interseccional (Carrera, 2021; Collins, 2019; Bueno, 2020; Akotirene, 2021; Evaristo, 2008) adotados, considerando as três categorias definidas na pesquisa: hastes iluminadas, Imagens de Controle e opressões interseccionais.

No Capítulo 6, analisei três notícias de cada jornal, consideradas como os casos mais emblemáticos do *corpus* definitivo. São eles: Texto 1 – Mulheres nordestinas e negras sofrem mais, que reproduziu as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado e trouxe em suas narrativas as opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e xenofobia; Texto 4 – Mulher, negra, africana..., que salientou as Imagens de Controle da matriarca, dama negra e jezebel, a partir da reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia; e o Texto 11 – *Game* brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista, que trouxe as Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca, também com a reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. Estes três últimos do Diário do Nordeste.

Os textos selecionados d'O Povo foram: Texto 1 – Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico, que trouxe as Imagens de Controle da dama negra, mas não reproduziu opressões interseccionais; Texto 2 – Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras, que reproduziu a imagem de controle da dama negra e as opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo; e, por fim, o Texto 7 – Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo, que trouxe as Imagens de Controle da matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e dama negra, a partir das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo.

No Texto 1 do jornal Diário do Nordeste, as hastes iluminadas nos giros da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) foram as de gênero, raça, classe e geolocalização. A haste mais presente, por ordem de recorrência, foi a de classe, seguida da haste de gênero e geolocalização, e a vareta de raça foi a menos iluminada. Como a notícia fala que “Mulheres nordestinas e negras sofrem mais” e a haste menos identificada é a de raça, notei, ao final, um apagamento e/ou negligenciamento da categoria raça na narrativa.

As cores de opressão identificadas nesse texto foram amarelo (gênero); azul (raça); verde (classe) e vermelho (geolocalização). Dando sequência à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Trendy green* – ou verde moderno, em tradução livre, foi a cor resultado da mistura das cores identificadas no Texto 1 do Diário do Nordeste, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice O). A nova cor demonstrou o entrecruzamento das narrativas jornalísticas com as categorias de análise, evidenciando o resultado visual de suas interseccionalidades.

Ainda sobre a categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentavam as mulheres negras no texto. Observei o apagamento da categoria raça em trechos que entrecruzavam as categorias de gênero, classe e geolocalização, assim como notei o apagamento da categoria de geolocalização por meio da mistura das categorias de gênero, raça e classe.

Observei ainda a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia, sendo os eixos de opressão predominantes os do racismo e da xenofobia. Notei possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística. Identifiquei a mixagem de opressões, a exemplo do aparecimento, em uma mesma passagem, das opressões do sexismo, racismo e classismo e das opressões do racismo, da xenofobia e do classismo.

Identifiquei, no mesmo texto, as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado. A IC mais presente no texto é a matriarca, seguida da *mammy* e da mãe dependente do Estado. Sobre elas, notei o entrecruzamento de algumas narrativas que acionavam essas Imagens de Controle de formas diversas.

Uma dessas observações foi a identificação simultânea das Imagens de Controle da *mammy*, matriarca e mãe dependente do Estado e da IC da *mammy* e da matriarca. Isso acontece porque as Imagens de Controle das mulheres negras variam em grau, não em tipo. Logo, podem compartilhar características e terem, ao mesmo tempo, traços específicos. Finalmente, identifiquei narrativas que abordam de forma predominante a imagem de controle da matriarca e reforçam a tese do matriarcado negro (COLLINS, 2019).

No Texto 4 do jornal Diário do Nordeste, as hastes iluminadas foram as de gênero, raça, classe, sexualidade, geolocalização e idade. As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero e raça, seguidas das hastes de geolocalização, classe,

sexualidade e idade. O foco da notícia estava nas mulheres negras africanas, retratadas como mulheres vulneráveis, pobres, e oriundas de países carentes de “reconstrução”, neste caso, países africanos. As hastes de sexualidade e a idade estavam presentes, principalmente, nas narrativas da hipersexualização da mulher negra, aparentemente jovem, Joana Té.

As cores de opressão identificadas nesse texto foram amarelo (gênero); azul (raça); verde (classe), roxo (sexualidade), vermelho (geolocalização) e rosa (idade). Dando sequência à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Shadow* – ou sombra, em tradução livre –, é a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 4 do Diário do Nordeste, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice O).

No que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras no texto. Como exemplos, notei a mistura das categorias de gênero, raça, classe e geolocalização; de gênero, raça e geolocalização; de gênero, raça, classe, sexualidade e geolocalização. É importante lembrar que as avenidas identitárias (Akotirene, 2021), refletidas nas narrativas jornalísticas entrecruzadas, acidentam as mulheres negras de forma particular, interseccionada e simultânea.

Neste texto, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. Os eixos de opressão predominantes foram os do sexismo e do racismo, também com forte incidência de classismo e xenofobia. Foi possível, também, notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística do Texto 4 do DN, como a mistura, em narrativas, das opressões do sexismo, racismo, classismo e xenofobia e da intersecção das opressões do sexismo, racismo e classismo.

Identifiquei, no Texto 4 do jornal Diário do Nordeste, as Imagens de Controle da matriarca, dama negra e jezebel. A imagem de controle mais presente no texto é a dama negra, seguida da matriarca e da jezebel. A esse respeito, notei o entrecruzamento de algumas narrativas que acionavam essas Imagens de Controle de modos diversos.

Uma dessas formas é a identificação simultânea das Imagens de Controle da matriarca, jezebel e dama negra, bem como da matriarca e dama negra. Também observei

narrativas que reforçavam, de modo bem característico, as Imagens de Controle da dama negra, da matriarca e da jezebel.

No Texto 11 do jornal Diário do Nordeste, as hastes iluminadas foram as de gênero, raça, classe, geolocalização e idade. As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de geolocalização e idade, seguidas das hastes de gênero, raça e classe. Embora o título fale de uma protagonista negra, praticamente não se fala no aspecto racial da proposta em criar uma personagem negra para o jogo. O foco está em uma personagem jovem do sertão, pobre, mulher e negra.

As cores de opressão identificadas foram amarelo (gênero); azul (raça); verde (classe), vermelho (geolocalização) e rosa (idade). Dando continuidade à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Tuscany* foi a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 11 do jornal Diário do Nordeste, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice O).

Ainda sobre a categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam a personagem em questão, como o entrecruzamento das categorias de gênero, raça e geolocalização e de gênero, classe, geolocalização e idade, nesse caso, evidenciando o apagamento da categoria raça. Também identifiquei em “Árida: O Despertar do Sertão”, título do primeiro capítulo do jogo, o apagamento das categorias de gênero e raça, negligenciando o pretense protagonismo da personagem Cícera.

Observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia. O eixo de opressão predominante é o da xenofobia, seguido das opressões do classismo, racismo e sexismo. Foi possível notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística. A partir da matéria, identifiquei a mistura das opressões do sexismo, racismo e classismo no trecho; do sexismo, racismo, classismo e xenofobia e, em alguns trechos, notei predominantemente a opressão da xenofobia.

Identifiquei as Imagens de Controle da *mammy* e da matriarca, reproduzidas em igual medida. Ainda sobre IC, notei o entrecruzamento de narrativa que aciona essas duas Imagens de Controle. Concluí a análise desse texto com uma escrevivência, uma lembrança de quando trabalhei como comunicadora popular acompanhando um projeto com mulheres rurais – a maioria delas negra – na Agrovila Palmares, município de Apodi, no semiárido potiguar.

No Texto 1 do jornal O Povo, as hastes iluminadas foram as de gênero, raça, classe, geolocalização e idade. As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero, raça, classe, seguidas de geolocalização e idade, menos recorrentes. De fato, o foco era uma mulher negra de classe econômica definida, uma mulher negra bancária. Uma dama negra.

As cores de opressão identificadas foram amarelo (gênero); azul (raça); verde (classe), vermelho (geolocalização) e rosa (idade). Seguindo a metáfora das cores da RI (Carrera, 2021), *Fruit salad* – salada de frutas, em tradução livre – foi a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 1 do jornal O Povo, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice P).

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam a mulher negra em questão, a bancária norte-americana Kamilah Brock. Identifiquei, na narrativa, o entrecruzamento das categorias de gênero, raça e classe e das categorias de gênero, classe, geolocalização e idade. Apesar de detectar racismo, classismo e machismo no caso relatado, a narrativa jornalística do Texto 1 do jornal O Povo não reproduz opressões interseccionais, uma vez que a notícia possui caráter denunciativo, se posiciona contra o ocorrido.

A imagem de controle identificada no Texto 1 do Diário do Nordeste é a da dama negra. Notei diversas narrativas que acionam essa IC. Ainda que Kamilah Brock fosse bancária, com condições materiais de possuir um veículo de luxo, isso não importou: sofreu racismo, classismo e machismo da polícia de Nova Iorque, que apreendeu seu carro e a internou em um hospital psiquiátrico.

No Texto 2 do jornal O Povo, as hastes iluminadas foram as de gênero, raça, classe, geolocalização e idade. As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero, raça e classe, seguidas de geolocalização e idade. O foco da notícia era uma mulher negra de classe social específica, residente no Brasil. Também uma dama negra.

As cores de opressão identificadas foram amarelo (gênero); azul (raça); verde (classe), vermelho (geolocalização) e rosa (idade). Seguindo a metáfora das cores da Roleta Interseccional, *Domino* – dominó, em tradução livre – foi a cor resultado da mistura das cores identificadas no Texto 2 do jornal O Povo, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice P).

Ainda no que diz respeito à categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras, como o entrecruzamento das categorias de gênero, raça e classe e de gênero, raça, classe e geolocalização.

No Texto 2, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo, em igual medida. Foi possível, também, notar possibilidades de entrecruzamento desses eixos na narrativa jornalística do Texto 2 do OP. Identifiquei, algumas vezes, a mescla das opressões do sexismo, racismo e classismo na narrativa jornalística.

A imagem de controle identificada no Texto 1 do foi a dama negra. Notei diversas narrativas que acionavam essa IC. Neste caso, a “função” de Kenia Maria era de “apoiar” e “ajudar”. Por mais que nós mulheres negras nos capacitemos e ascendamos socialmente, temos dificuldade de nos inserir e ampliar nossa atuação em espaços de poder, de disputa.

No Texto 7 do jornal O Povo, as hastes iluminadas foram as de gênero, raça, classe e geolocalização. As hastes mais presentes, por ordem de recorrência, foram as de gênero, raça e classe, seguidas de geolocalização e idade. É uma narrativa jornalística que reproduz uma mistura de Imagens de Controle, como dama negra, matriarca, mãe dependente do Estado e rainha da assistência social.

As cores de opressão identificadas foram amarelo (gênero); azul (raça); verde (classe) e vermelho (geolocalização). Dando sequência à metáfora das cores da Roleta Interseccional (Carrera, 2021), *Avocado* – abacate, em tradução livre – foi a cor resultado da mixagem das cores identificadas no Texto 7 do jornal O Povo, com base na quantidade de vezes que as hastes foram iluminadas (vide Apêndice P).

Ainda sobre a categoria das hastes iluminadas, observei combinações diversas que fundamentam as mulheres negras, a exemplo do entrecruzamento das categorias de gênero, raça e classe.

No Texto 7, observei a reprodução das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo. O eixo de opressão predominante é o do racismo, seguido de sexismo e classismo em igual medida. Na narrativa, em alguns trechos, identifiquei a mistura das opressões do sexismo, racismo e classismo.

Identifiquei, no Texto 7 do jornal O Povo, as Imagens de Controle da matriarca, mãe dependente do Estado, rainha da assistência social e dama negra. Sobre as

possibilidades de entrecruzamento das narrativas em relação às IC da condição de mulher negra, é possível notar a reprodução simultânea das Imagens de Controle da mãe dependente do Estado, dama negra e rainha da assistência social; assim como, em outros trechos, observei também a reprodução simultânea da IC da matriarca, mãe dependente do Estado e da rainha da assistência social.

### **7.9 Verificação das hipóteses e resposta ao problema de pesquisa**

Como forma de alcançar o objetivo geral, estabeleci duas hipóteses: A. Quando eu pesquisasse pelos descritores “mulher negra” e “mulheres negras” nas ferramentas de busca dos *sites* do jornal O Povo ou Diário do Nordeste, apareceriam notícias de cunho negativo, policialesco ou de dados estatísticos que afirmam a desigualdade racial, de gênero e social de mulheres negras no Ceará e no Brasil, como evidência da histórica escravização e do racismo estrutural e institucional e B. A pesquisa pelos termos “mulher negra” e “mulheres negras” resultaria ou em notícias de recorte de classe, em que se fala de mulheres negras pobres e marginalizadas, ou com abordagem superativa quanto às suas conquistas, pelas dificuldades enfrentadas pelas mulheres negras para garantir espaços, empregos, garantias e direitos.

Na Hipótese A, no que diz respeito a notícias com conteúdo policialesco sobre mulheres negras, observei no *corpus* o caso Kamilah Brock em Nova Iorque e, sobre dados estatísticos que afirmam a desigualdade racial, de gênero e social de mulheres negras no Ceará e no Brasil, identifiquei ainda que as notícias extravasaram o território nacional, vide casos Kamilah Brock (Nova Iorque - EUA), no Texto 1 do O Povo, Loretta Lynch (Nova Iorque - EUA), Texto 5 do DN, e Viola Desmond (Nova Glasgow - Canadá), Texto 5 do OP, todos disponíveis na seção de Apêndices. Já na Hipótese B, que também fala em notícias de recorte de classe, com abordagem superativa quanto às conquistas das mulheres negras, isso se refletiu na imagem de controle da dama negra, a mais identificada e reproduzida nos textos dos jornais OP e DN.

Analisando e relacionando esses dados, algo surpreendente aconteceu. Percebi que as hipóteses da pesquisa não só se confirmaram como dialogaram com a identificação das Imagens de Controle predominantes no *corpus*: a dama negra, a matriarca e a *mammy*. Por isso, é chegada a hora de retomar o problema de pesquisa, que foi “como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste?”, e as perguntas

auxiliares – afinal, o que se falou das mulheres negras nesses jornais? Que espaço foi dado a elas? Com que frequência? Foram abordagens positivas ou negativas? Contribuíram para a superação das desigualdades já enfrentadas ou reproduziram Imagens de Controle da condição de mulher negra?

Posso dizer que notei uma linearidade nas narrativas jornalísticas sobre mulheres negras, de 2003 a 2020, nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, que reiteradamente representam as mulheres negras ou como pessoas pobres, marginalizadas, exploradas – vide Imagens de Controle da matriarca e da *mammy* – ou como mulheres que estão em constante, porém lento avanço, a partir de um discurso de superação – vide imagem de controle da dama negra.

O espaço dado a nós é muito polarizado, indo do pior cenário socioeconômico – como a exemplo das notícias “Mulheres nordestinas e negras sofrem mais”, “Mulher negra é mais discriminada”, “Mulher negra tem pior renda [...]”, “Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco”, notícias do DN, e “No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas”; “Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra”, do OP – para um cenário “de conquista”, de superação, como a exemplo dos textos “Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA” e “Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra”, diz Cris Vianna”, do DN e “Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico” e “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras” do OP, que, no final das contas, evidencia que, embora o patamar econômico das mulheres negras sofra alteração positiva, o reconhecimento social é drasticamente menor do que deveria ou até não acontecerá, por conta do atravessamento identitário das categorias de gênero, raça e classe. Isso me mostrou que as notícias que aparentavam ser positivas eram, muitas vezes, negativas, principalmente quando mostravam a reprodução de Imagens de Controle e opressões interseccionais que descambavam para o racismo, sexismo e classismo e para as Imagens de Controle sobretudo da dama negra, da matriarca e da *mammy*.

Em certa medida, alguns textos que considero como sendo de caráter denunciativo contribuíram na luta para a superação de desigualdades enfrentadas por nós, como a exemplo das notícias “Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura” e “Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta”, do DN e das notícias “Policiais não acreditam que

mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico” e “Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo”, do OP.

Não observei as Imagens de Controle da rainha da assistência social no *corpus* do Diário do Nordeste nem da *mammy* e da *pretty baby* no jornal O Povo. Também não identifiquei no material de análise a reprodução direta das opressões interseccionais do heterossexismo, capacitismo, da gordofobia e do etarismo. No jornal O Povo, não identifiquei diretamente a opressão da xenofobia. Apesar desses achados positivos, encontrei nas narrativas a reprodução da maioria das Imagens de Controle da condição de mulher negra e a reprodução das opressões do sexismo, racismo, classismo e da xenofobia, essa última apenas no jornal Diário do Nordeste.

Ao final dessa empreitada, percebo que as Imagens de Controle e as opressões interseccionais são armadilhas que parecem incontornáveis, inevitáveis, mas não são. Falando por experiência própria, aprendi que a partir de um letramento racial, social, político e epistemológico, com um olhar atento para o que se lê e para o que se escreve, é possível desvelar narrativas jornalísticas que nomeiam fatos sociais sobre grupos subalternizados, como as mulheres negras e transformar os discursos compreendendo que ser subalternizada não é ser subalterna: nós temos força, preparo, habilidades, competências. Há muitas formas positivas de nos representar, como de fato dando espaço para que sejamos protagonistas de nossas histórias, de nossos feitos e, principalmente, dando espaço para que possamos falar, nos autodefinir. Essa foi uma das maiores lacunas que observei nos textos: a falta de espaço nas narrativas para ouvir o que as mulheres negras retratadas tinham e têm a dizer.

### **7.10 Resultados surpreendentes, inesperados ou inconclusivos**

Observando detalhes de cada texto, fiz uma análise das datas de publicação e observei algo, no mínimo, curioso. Em meses como março e julho, em que se comemora o Dia Internacional de Luta das Mulheres (8 de março), o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra (25 de julho), o Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha (25 de julho) e Dia Internacional da Mulher Africana (31 de julho) e o Mês da Consciência Negra, em novembro, os textos pouco comemoram (vide Quadro 22, a seguir).

## Quadro 22 – Narrativas jornalísticas em datas comemorativas feministas e negras

DN	MARÇO: DIA INTERNACIONAL DE LUTA DAS MULHERES (08/03)	IC
Texto 6	12 de Mar./2016	Mammy   Matriarca   Dama negra
Texto 8	07 de Mar./2017	Mammy   Jezebel   Dama negra
Texto 10	17 de Mar./2018	Dama negra
Texto 15	20 Mar./2019	Dama negra
DN	JULHO: DIA NACIONAL DE TEREZA DE BENGUELA E DA MULHER NEGRA (25/07); DIA INTERNACIONAL DA MULHER AFRO-LATINA, AMERICANA E CARIBENHA (25/07) E DIA INTERNACIONAL DA MULHER AFRICANA (31/07)	IC
Texto 17	28 de Jul./2020	Dama negra
DN	NOVEMBRO: MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA	IC
Texto 2	19 de Nov./2003	Mammy   Matriarca   Mãe dependente do Estado   Dama negra   Mammy moderna
Texto 3	18 de Nov./2005	Mammy   Matriarca   Dama negra
Texto 7	23 de Nov./2016	
Texto 9	26 de Nov./2017	
OP	MARÇO: DIA DE LUTA INTERNACIONAL DAS MULHERES (08/03)	IC
Texto 2	31 de Mar./2017	Dama negra
Texto 5	09 de Mar./2018	Dama negra
OP	JULHO: DIA NACIONAL DE TEREZA DE BENGUELA E DA MULHER NEGRA (25/07); DIA INTERNACIONAL DA MULHER AFRO-LATINA, AMERICANA E CARIBENHA (25/07) E DIA INTERNACIONAL DA MULHER AFRICANA (31/07)	IC
Texto 6	18 de Jul./2018	Dama negra
OP	NOVEMBRO: MÊS DA CONSCIÊNCIA NEGRA	IC
Não há texto publicado neste mês contemplado pelo corpus da pesquisa.		

Fonte: Elaboração da autora, 2023.

No dia 12 de março de 2016, quatro dias após o 8 de março, o Texto 6 do DN, “Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco” publicava os dados do estudo “Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014”, do Pnad, mostrando a desigualdade de gênero, raça e classe das mulheres negras e com um texto que reproduzia as Imagens de Controle da *mammy*, da matriarca e da dama negra e as opressões interseccionais do sexismo, racismo, classismo e xenofobia; e no dia 20 de março, também pouco depois do dia 8, o DN publicou o Texto 15, “Espetáculo “Barracal” volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca”, que reproduziu a imagem de controle da dama negra, com a incidência da opressão interseccional do classismo.

Já o jornal O Povo publicou, no dia 31 de março de 2017 o Texto 2, “Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras”, em que verifiquei a reprodução da IC da dama negra e das opressões interseccionais do sexismo, racismo e classismo. No dia 18 de julho de 2018, o OP divulgou o Texto 6, “Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco”, que reproduzia a imagem de controle da dama negra e a opressão do racismo.

Em julho, no dia 19 de novembro de 2003, o Texto 2 do DN, “Mulher negra é mais discriminada” reproduziu as Imagens de Controle da *mammy*, matriarca, mãe dependente do Estado, dama negra e *mammy* moderna e as opressões do classismo, racismo e da xenofobia. Não havia nenhum texto publicado no mês de novembro no

*corpus* final do jornal O Povo. Mesmo assim, busquei aqui evidenciar que, nas datas ditas comemorativas, as notícias não comemoram nada. Realmente não havia nada de positivo sobre as mulheres negras para publicar nessas datas tão importantes?

Voltando a mais resultados inesperados, durante a execução da pesquisa tive de definir novos critérios de análise do *corpus*, como a identificação direta e indireta das categorias e a diferenciação entre mobilizar e reproduzir. Em relação ao primeiro critério, isso se deu pois, a partir de inferências, foi possível identificar as três categorias de modo indireto, extensivo. Como eram percepções indiretas, inferências, não poderiam constar como categorias, além do que isso me demandaria muito mais tempo para apreciação.

Por serem inspirações que eu tive e que cuidadosamente sistematizei em dados (vide Apêndice Q), deixo como sugestão para uma pesquisa para novas pesquisas acadêmicas ou como contribuição para estudos em andamento. Também relacionado ao primeiro critério, a diferenciação entre mobilizar e reproduzir entram como colaboração nos achados finais: na minha pesquisa, a mobilização foi utilizada no sentido da alusão e da inferência das hastes, Imagens de Controle e opressões interseccionais e a reprodução como a efetivação dessas narrativas, materializadas nos textos jornalísticos do *corpus*.

Entre outras coisas, também descobri que: as opressões interseccionais não ocorrem em todos os textos: elas não aparecem diretamente nos textos considerados denunciativos; há um breve avanço no modo de pautar as opressões interseccionais, principalmente no jornal O Povo: a narrativa é mais posicionada e nomeia expressamente a opressão do racismo; é possível identificar Imagens de Controle nos textos sem estes necessariamente reproduzirem opressões interseccionais; textos sem a identificação direta de Imagens de Controle não reproduzem opressões interseccionais; diferente do que acreditava identificar, não havia apenas notícias de repercussão nacional, mas também encontrei notícias sobre mulheres negras de outros países e, por fim, que as metodologias da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), Roleta Interseccional (Carrera, 2021), Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020) e escrevivência (Evaristo, 2008) interagiram muito bem entre si e foram decisivas para a qualidade da pesquisa.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta pesquisa foi estudar como as mulheres negras são representadas nos jornais O Povo e Diário do Nordeste. Os objetivos específicos foram: 1. Identificar Imagens de Controle previamente definidas (Collins, 2019; Bueno, 2020) – *mammy*; matriarca; mãe dependente do Estado; rainha da assistência social; dama negra; jezebel, prostituta ou *hoochie*; *mammy* moderna; e/ou *pretty baby* – e opressões interseccionais – sexismo; racismo; classismo; heterossexismo; capacitismo; gordofobia; xenofobia; e etarismo – em seu conteúdo; 2. Identificar novas categorias após análise detalhada (Bardin, 1977); e 3. Interpretar o *corpus* com apoio da Roleta Interseccional (Carrera, 2021) e da escrevivência (Evaristo, 2008).

Como resultados, identifiquei no *corpus*: todas as Imagens de Controle de mulheres negras, com recorrência predominante da dama negra, da matriarca e da *mammy*, nesta sequência; quatro das oito divisões da categoria das opressões interseccionais, classismo, racismo, sexismo e xenofobia, nesta ordem de recorrência; a ausência da iluminação das hastes de deficiência e peso (Carrera, 2021); breve avanço no modo de pautar as opressões interseccionais que atravessam a vida das mulheres negras, principalmente no jornal O Povo; linearidade no discurso midiático sobre mulheres negras, de 2003 a 2020, nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, que reiteradamente representaram as mulheres negras como pessoas pobres, marginalizadas, exploradas (vide Imagens de Controle da matriarca e da *mammy*) ou como mulheres que estão em constante, porém lento avanço, a partir de um discurso de superação (vide imagem de controle da dama negra).

Descobri que as duas hipóteses da pesquisa se confirmam e, surpreendentemente, dialogam com a identificação das Imagens de Controle predominantes no *corpus*: dama negra, matriarca e *mammy*; identifiquei duas novas categorias: a das hastes iluminadas, com base na Roleta Interseccional (Carrera, 2021), sendo elas: gênero; raça; classe; sexualidade; deficiência; peso; geolocalização; e idade (Carrera, 2021) que originaram a categoria das opressões interseccionais: sexismo; racismo; classismo; heterossexismo; capacitismo; gordofobia; etarismo; e xenofobia.

Outros achados interessantes: foi possível notar Imagens de Controle em narrativas jornalísticas sem estas narrativas, necessariamente, reproduzirem opressões interseccionais conjuntamente; no *corpus*, os textos sem a identificação direta de Imagens

de Controle não reproduziam opressões interseccionais; textos sobre datas comemorativas feministas e negras abordam conteúdos negativos; opressões interseccionais não ocorrem em textos de caráter denunciativo; na Hipótese A, em relação às notícias de cunho policialesco, observei o caso Kamilah Brock em Nova Iorque; e, no tocante a dados estatísticos que afirmam a desigualdade racial, de gênero e social de mulheres negras no Ceará e no Brasil, identifiquei notícias que extravasam o território nacional, vide casos Kamilah Brock (Nova Iorque - EUA), Loretta Lynch (Nova Iorque - EUA) e Viola Desmond (Nova Glasgow - Canadá).

No curso da análise, pela numerosa quantidade de ideias e de conteúdo, defini novos critérios: o de identificação direta ou indireta das hastes iluminadas, opressões interseccionais e Imagens de Controle. Optei por excluir os resultados obtidos por inferências, por percepção indireta, isso porque a quantidade de *insights* demandaria um tempo para interpretação maior do que o disponível para entrega e defesa da pesquisa.

A partir do critério anterior, também estabeleci uma diferenciação entre mobilizar e reproduzir Imagens de Controle e opressões interseccionais: durante o processo de análise interseccional, compreendi o uso do léxico mobilização no sentido da alusão, da inferência, da percepção indireta, e as categorias que identificava mais diretamente, que estavam mais nítidas e materializadas, decidi por aplicar o léxico reprodução, que efetivamente aplicavam e disseminavam o conteúdo das categorias de análise.

Na prática, descobri ainda que as metodologias da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), Roleta Interseccional (Carrera, 2021), Imagens de Controle (Collins, 2019; Bueno, 2020) e escrevivência (Evaristo, 2008) se complementam, pois foram acionadas simultaneamente em praticamente todo o processo de análise do *corpus*.

Reconheço e relembro fatores que limitaram a apreciação de todas as notícias do material de análise: o cenário pandêmico me impediu de realizar a pesquisa exploratória em arquivos públicos físicos; episódios de adoecimento físico e mental alteraram diversas vezes o meu ritmo de leitura e de escrita, me fazendo reduzir o quantitativo de textos escolhidos para analisar no Capítulo 6. Além disso, essa foi uma pesquisa de mestrado, então eu tive um tempo menor para executar a dissertação.

A essa altura, acho também pertinente refletir sobre a atuação dos jornais O Povo e Diário do Nordeste. Recordo que, no jornalismo, há duas formas de expressar o que se pensa enquanto empresa: por meio de editorial, texto assinado, portanto opinião explícita,

e por meio de linha editorial, opinião velada, refletida no que é publicado ou não. Por esse motivo, optei por analisar apenas textos assinados pelo OP e pelo DN, por demonstrarem nitidamente seus posicionamentos. Foi realmente primordial dar atenção às narrativas desses jornais, pois observei em suas opiniões e narrativas, muitas vezes, a reprodução de opressões interseccionais e Imagens de Controle de mulheres negras.

Por ser comunicadora negra, sei do poder das narrativas jornalísticas, das palavras. E sei ainda que as empresas de comunicação têm consciência de que não há imparcialidade na escrita, na escolha e na formulação das notícias. Cada palavra escolhida denota posicionamentos, ideologias, pontos de vista. E seguem um projeto editorial específico. Assim, pensando o poder de decisão dos editores dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste, questiono: que tipo de jornalismo é esse que se submete à lógica do capital?

Nesse momento, sei que toco em um ponto nevrálgico. Aprendi que o “mercado de mídia” (Nonato, 2014) é oligopolizado, excludente, difícil de ser alterado por causa dos interesses de quem o manipula, controla – no caso, os grupos hegemônicos e suas ideologias dominantes. Relembro que O Povo e Diário do Nordeste são os dois maiores veículos de comunicação do Ceará. O primeiro tem quase um século de existência e integra o Grupo de Comunicação O Povo. O segundo tem mais de 40 anos de fundação e integra o Sistema Verdes Mares.

Embora sejam empresas de comunicação, devem saber e sabem que a comunicação – emissoras de rádio, de televisão, jornais, revistas, cinema – tem e também deve cumprir com a responsabilidade social de informar, compreendendo que as narrativas midiáticas e, no caso dessa pesquisa, as narrativas jornalísticas, têm desdobramentos políticos, históricos; a comunicação não pode nem deve se aprisionar a esse “mercado de mídia”. Encerrando essa ideia, analiso que os objetos de pesquisa, nas narrativas jornalísticas do *corpus*, pouco contribuíram para a superação das desigualdades enfrentadas pelas mulheres negras e reproduziram conteúdos negativos a nosso respeito.

Para finalizar o último capítulo e também a pesquisa, vou compartilhar reflexões, sentimentos e experiências que tive ao longo desse tempo. Lembro que ouvi pessoas que cruzaram o meu caminho nessa jornada de mestrado dizerem que a escolha pela escrevivência de Conceição Evaristo era excelente porque iria me proporcionar “conforto” e “espaço justo” na academia, na pesquisa. Apesar de desejar que isso fosse

verdade, não foi bem assim que aconteceu. Foi mesmo uma boa escolha tendo em vista que segui, da melhor forma possível, princípios e valores pessoais, coletivos, políticos, embasada nas leituras afrocentradas e nas minhas vivências de mulher negra periférica, nordestina, brasileira. Mas a empreitada dessa dissertação me levou a um lugar de completo desconforto, ao sentimento, muitas vezes, de injustiça.

E não apenas por me implicar na pesquisa, não só por mesclar experiências com acontecimentos sociais. O desconforto vinha principalmente da identificação com as injustiças sistêmicas, globais; o sentimento de injustiça aparecia com a imposição das Imagens de Controle, com a minha identificação com a jezebel e com a dama negra, que insistem em hipersexualizar meu corpo e desqualificar a minha formação, assim como fazem com outras mulheres negras.

Ainda sobre a escolha pela escrevivência, tive e tenho de explicar diversas vezes que não escrevi aqui um diário imaginário, não inventei histórias, realizei uma atividade de compartilhamento de vivências pessoais que também se revelam e se manifestam em experiências coletivas, de grupo. Olhar para minha experiência de mulher negra e para as experiências das mulheres negras ao mesmo tempo me fez sentir raiva, tristeza, desgosto, orgulho, inspiração, potência, fraqueza, medo, força, me fez desacreditar e sonhar profundamente ao mesmo tempo.

Foi uma pesquisa que, assim como as opressões interseccionais, me atravessou e mexeu muito comigo. Odiei ver representações negativas sobre nós, amei estudar as perspectivas feministas negras que me ensinaram a desvelar as Imagens de Controle, a matriz de dominação global. E, diante dos indícios de confirmação das hipóteses, tantas vezes pensei: como falar dos resultados encontrados sem reforçar o que está sendo dito? Como fugir das armadilhas sutis que sustentam as opressões interseccionais e as Imagens de Controle em narrativas jornalísticas?

Essas sutilezas, sofisticadíssimas, fizeram e fazem situações de desigualdade e discriminação de mulheres negras parecerem normais, inevitáveis, insuperáveis. Sai ano, entra ano, e elas retornam, se repetem. Essa ação de retorno faz com que pareçam bobagem, algo pequeno, simplesmente corriqueiro. Faz até não parecer real, ser fruto da imaginação. Contudo, essas supostas pequenezas, quando vistas em um prisma mais amplo, se transformam. Lembro que os dados que coletei mostraram a reprodução de

Imagens de Controle e de opressões interseccionais, e são apenas uma parcela diante de um número ainda maior de publicações diárias, mensais, anuais.

Essas armadilhas nem tão sutis assim são requintadas a ponto de me causarem insegurança diante dos resultados que encontrei, o que também é fruto das avenidas identitárias que me atravessam, as opressões do racismo, machismo, classismo, da lesbofobia. Mesmo com todos esses resultados diante de mim, tive medo de afirmá-los. Mas os reafirmo. Os achados foram expostos. Sei da responsabilidade disso e tenho consciência do trabalho embasado que desenvolvi, sei da seriedade com que conduzi essa pesquisa. Por que recuar e negar o que coletei?

No decurso do tempo, me passou pela cabeça incontáveis vezes a ideia de mudar de rota ou até mesmo desistir do percurso: sei que noites em claro estudando não é algo novo na vida de quem escolhe viver e de quem acompanha quem vive a pós-graduação, mas as insistentes crises de ansiedade e, às vezes, os episódios depressivos quase me levaram a sucumbir. E acho que foi aí que a escolha dessa dissertação mais me atravessou, porque ela me cobrava e me cobra pelo presente.

O momento presente foi e é imprescindível para tudo isso existir. Mesmo sabendo dos desafios e das conquistas das mulheres negras, tive de estar no presente para compreender os entrecruzamentos das narrativas, para realizar uma análise interseccional justa e coerente. Mesmo sabendo das nossas necessidades históricas, busquei focar nas necessidades iminentes para não perder de vista aquilo que também está latente hoje, o nosso letramento racial, histórico, político, a nossa necessidade de sermos ouvidas e de fazermos ecoar, ainda mais, a nossa voz. Nossa necessidade de real protagonismo, de reconhecimento à altura pelo que somos e pelo que fazemos.

A vida das mulheres negras não é só tristeza, ensina Conceição Evaristo em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2020). Nossas mentes são livres, criativas, formulamos política, mecanismos de resistência como a epistemologia feminista negra, a interseccionalidade, a autodefinição e a própria escrevivência. Para me fortalecer, me aquilombei, me aproximei dos meus e das minhas e renovei minhas forças para chegar até aqui e escrever as palavras que escrevo agora. Com minhas referências, as negras em especial, fortaleci minhas emoções, meus sonhos, meus ideais. Troquei ideias, ouvi relatos, histórias, pensei estratégias para sobressairmos às dificuldades, aos nossos

desafios individuais e coletivos. Afirmo que executei essa pesquisa de mestrado com o máximo empenho e também com todo meu coração.

Escrevi e terminei essa pesquisa emocionada. Digo isso sem pejo porque sei que o emprego da emoção não invalida meu profissionalismo, não invalida o que fiz até aqui. Escrevi com a força das minhas ancestrais que me ampararam todos os dias, principalmente naqueles em que não acreditei que conseguiria continuar, que não teria mais forças para finalizar esse processo. Após muita dedicação, insistência, muitas dores e também alegrias, dei à luz a essa dissertação em 20 de novembro de 2023, Dia de Zumbi dos Palmares e da Consciência Negra, ouvindo a esplêndida Virgínia Rodrigues cantar Yayá Massemba: “vou aprender a ler pra ensinar meus camaradas!”. Tudo que relatei e desenvolvi não só aprendi para ensinar minhas camaradas, tantas outras mulheres negras de luta, como também aprendi com elas que correm e pulsam em minhas veias através de nosso DNA ancestral.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Sueli Carneiro; Jandaíra, 2021.
- ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ALVES, Januária Cristina. **Educação midiática e educação antirracista: urgentes e necessárias**. 2022. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/colunistas/2022/Educa%C3%A7%C3%A3o-midi%C3%A1tica-e-educa%C3%A7%C3%A3o-antirracista-urgent-es-e-necess%C3%A1rias?posicao-home-esquerda=3>. Acesso em: 11 nov. 2022.
- APUBLICA. **Nas maternidades, a dor também tem cor**. 2020. Disponível em: <https://apublica.org/2020/03/nas-maternidades-a-dor-tambem-tem-cor>. Acesso em: 10 ago. 2021.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod\\_resource/content/1/BARDIN%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa\\_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4295794/mod_resource/content/1/BARDIN%20L.%20%281977%29.%20An%C3%A1lise%20de%20conte%C3%BAdo.%20Lisboa_%20edi%C3%A7%C3%B5es%2C%2070%2C%20225..pdf). Acesso em: 23 fev. 2019.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**, v. 2. Tradução Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016b.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: fatos e mitos**, v. 1. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016a.
- BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Pactos narcísicos no racismo: branquitude e poder nas organizações empresariais e no poder público**. 2002. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002. DOI:10.11606. Disponível em: [https://teses.usp.br/index.php?option=com\\_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br](https://teses.usp.br/index.php?option=com_jumi&fileid=12&Itemid=77&lang=pt-br). Acesso em: 01 nov. 2023.
- BIROLI, F.; MIGUEL, L. F. Gênero, raça, classe: opressões cruzadas e convergências na reprodução das desigualdades. **Mediações**, Londrina, v. 20, n. 2, p. 27-55, jul./dez. 2015.
- BRASIL DE FATO. **A história e o legado de Lélia Gonzalez**. YouTube, 2019. Disponível em: [https://youtu.be/fv5\\_xRpHV2s](https://youtu.be/fv5_xRpHV2s). Acesso em: 1 jul. 2021.
- BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre: Zouk, 2020.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 10 ed. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

- CANAL BRASIL. **Conceição Evaristo e a mulher negra na sociedade** | Espelho. YouTube, 2021. Disponível em: [https://youtu.be/1SRI-R27F\\_o](https://youtu.be/1SRI-R27F_o). Acesso em: 23 nov. 2021.
- CANAL FDR. **A invenção do Ceará** - O pioneirismo do CE na abolição - Bloco1. YouTube, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/4vOFKfcOUwc>. Acesso em: 17 out. 2020.
- CANAL FDR. **A invenção do Ceará** - O pioneirismo do CE na abolição - Bloco02 Parte01. YouTube, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/0mw9mPApFpw>. Acesso em: 17 out. 2020.
- CANAL FDR. **A invenção do Ceará** - O pioneirismo do CE na abolição - Bloco02 Parte02. YouTube, 2012. Disponível em: <https://youtu.be/ajFgKfE13uA>. Acesso em: 17 out. 2020.
- CANAL SAÚDE... **Lélia Gonzalez** – Ciência & Letras. YouTube, 2019. Disponível em: [https://youtu.be/jGD\\_OLgzsPw](https://youtu.be/jGD_OLgzsPw). Acesso em: 8 jul. 2021.
- CANAL SAÚDE... **Amefricanidade** – Documentários. YouTube, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/s-U2xNwkd\\_w](https://youtu.be/s-U2xNwkd_w). Acesso em: 1 jul. 2021.
- CARLOMAGNO, Márcio C; ROCHA, Leonardo Caetano da. Como criar e classificar categorias para fazer análise de conteúdo: uma questão metodológica. **Revista Eletrônica de Ciência Política**, [S.l.], v. 7, n. 1, July 2016. ISSN 2236-451X. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/politica/article/view/45771/28756>. Acesso em: 2 fev. 2023. DOI: <http://dx.doi.org/10.5380/recp.v7i1.45771>.
- CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.117-132, 2003.
- CARRERA, Fernanda; CARVALHO, Denise. **Algoritmos racistas: uma análise da hiperritualização da solidão da mulher negra em bancos de imagens digitais**. 2019. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_PV7RU5XQ0B8R1YVX2D6Z\\_28\\_7610\\_22\\_02\\_2019\\_06\\_23\\_22.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_PV7RU5XQ0B8R1YVX2D6Z_28_7610_22_02_2019_06_23_22.pdf). Acesso em: 18 out. 2020.
- CARRERA, Fernanda. **A raça e o gênero da estética e dos afetos: algoritmização do racismo e do sexismo em bancos contemporâneos de imagens digitais**. 2020. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_UPUHAMMMTYQ2QYJ01PF\\_O\\_30\\_8368\\_19\\_02\\_2020\\_18\\_39\\_19.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_UPUHAMMMTYQ2QYJ01PF_O_30_8368_19_02_2020_18_39_19.pdf). Acesso em: 18 out. 2020.
- CARRERA, Fernanda. Para além da descrição da diferença: apontamentos sobre o método da roleta interseccional para estudos em Comunicação. **Liinc em Revista**, [S. l.], v. 17, n. 2, p. e5715, 2021a. DOI: 10.18617/liinc.v17i2.5715. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/5715>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- CARRERA, Fernanda. Roleta interseccional: proposta metodológica para análises em Comunicação. **E-Compós**, [S. l.], v. 24, 2021b. DOI: 10.30962/ec.2198. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/2198>. Acesso em: 2 fev. 2023.
- COLÉGIO SÃO JOSÉ. **Tia Simoa** – Histórias de Mulheres Negras na Bahia e no Brasil. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/JmAWPaEOs3g>. Acesso em: 17 out. 2020.

COLETIVO LENA SANTOS. **Atuação antirracista no jornalismo brasileiro:** perspectivas e caminhos. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/jath6PSCWX8?feature=share>. Acesso em: 16 maio 2021.

COLETIVO LENA SANTOS. **Constituir uma mídia negra no Brasil:** desafios e conquistas. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/W0YfJIzXA6A?feature=share>. Acesso em: 16 maio 2021.

COLETIVO LENA SANTOS. **Empretecendo a cobertura econômica** – Uma conversa com Flávia Oliveira. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/tap9--yrKuc?feature=share>. Acesso em: 15 maio 2021.

COLETIVO LENA SANTOS. **Enegrecendo a tela:** profissionais negros no jornalismo. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/ytZiXbItyP4?feature=share>. Acesso em: 15 maio 2021.

COLETIVO LENA SANTOS. **Pesquisa sobre raça, gênero e jornalismo.** YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/wr6qN9DgGd0?feature=share>. Acesso em: 16 maio 2021.

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a *outsider within*: a significação sociológica do pensamento feminista negro. **Sociedade e Estado**, [S. l.], v. 31, n. 1, p. 99–127, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/article/view/6081>. Acesso em: 4 fev. 2023.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro:** conhecimento, consciência e a política de empoderamento. Tradução Jamille Pinheiro Dias. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. Se perdeu na tradução? Feminismo negro, interseccionalidade e política emancipatória. **Parágrafo**, [S.l.], v. 5, n. 1, p. 6-17, jun. 2017. ISSN 2317-4919. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fiamfaam.br/index.php/recicofi/article/view/559>. Acesso em: 10 out. 2021.

COMUNICAÇÃO, RAÇA E... **Comunicação, raça e interseccionalidades** – 27/10/2020. Mesa de abertura. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/caac3EQClAA?feature=share>. Acesso em: 27 out. 2020.

COMUNICAÇÃO, RAÇA E... **Comunicação, raça e interseccionalidades** – 28/10/2020. Mesa sobre Branquitude e Comunicação. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/cl3K8LJ3d6o?feature=share>. Acesso em: 28 out. 2020.

COMUNICAÇÃO, RAÇA E... **Comunicação, raça e interseccionalidades** – 29/10/2020. Os lugares-memória de Lélia Gonzalez nos estudos de interseccionalidade e no feminismo afrolatinoamericano. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/mfvp7QNt6qw?feature=share>. Acesso em: 29 out. 2020.

CORDEIRO, William Robson. As rotinas de produção de infografia interativa no Diário do Nordeste. **REVISTA PASSAGENS** - Programa de Pós-Graduação em

Comunicação da Universidade Federal do Ceará Volume 4. Número 2. Ano 2013. Páginas 94-110.

COROSSACZ, Valeria Ribeiro. Relatos de branquitude entre um grupo de homens brancos do Rio de Janeiro. **Revista Crítica de Ciências Sociais** [Online], 105 | 2014, colocado online no dia 03 dezembro 2014, criado a 31 de outubro 2018. Disponível em: <http://journals.openedition.org/rccs/5790>. DOI: 10.4000/rccs.5790. Acesso em: 10 fev. 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**. s.d. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>. Acesso em: 16 jul. 2021.

CRENSHAW, Kimberlé. **Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics**. University of Chicago Legal Forum, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/cgi/viewcontent.cgi?article=1052&context=uclf>. Acesso em: 28 jul. 2021.

CRIOLA. **Helena Theodoro** – Feminismo na tradição afrodescendente. YouTube, 2016. Disponível em: [https://youtu.be/\\_7CxcVob4tw](https://youtu.be/_7CxcVob4tw). Acesso em: 26 set. 2022.

CULTNE. **Beatriz Nascimento** – Entrevista exclusiva. Acervo digital de cultura negra. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/6VmPjhOTozI>. Acesso em: 19 jul. 2021.

CULTNE. **Lélia Gonzalez** - Feminismo Negro no Palco da História. Acervo digital de cultura negra. YouTube, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WxB3SVZ2tzk&t=700s>. Acesso em: 10 ago. 2021.

CULTNE. **Lélia Gonzalez** – Pt 1. Acervo digital de cultura negra. YouTube, 2010. Disponível em: <https://youtu.be/o9vOVjNDZA8>. Acesso em: 30 out. 2021.

CULTNE. **Lélia Gonzalez** – Pt. 2. Acervo digital de cultura negra. YouTube, 2010. Disponível em: <https://youtu.be/aiTfzVKhsGw>. Acesso em: 30 out. 2021.

CULTNE. **Quarto de despejo** – Carolina Maria de Jesus. Acervo digital de cultura negra. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/Dbw3csCl9lo>. Acesso em: 4 dez. 2021.

CULTNE. **Encontro Feminista Latino-Americano e do Caribe** – Luiza Bairros – 1985. Acervo digital de cultura negra. YouTube, 2011. Disponível em: <https://youtu.be/UTMnN2jOVs>. Acesso em: 15 ago. 2022.

DANTAS, Carolina; FLORENCIO, Adriano. **Racismo institucional midiático - A representação das mulheres afrodescendentes na mídia televisiva pernambucana**. 2018. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0879-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

DEL PRIORE, Mary (Org.); PINSKY, Carla Bassanezi (Coord. de textos). **História das mulheres no Brasil**. 10. ed. 6ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2018.

DIP, Andrea. **Por que o machismo mata mais as negras**. 2016. Disponível em: <https://apublica.org/2016/03/por-que-o-machismo-mata-mais-as-negras/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **História das Mulheres no Ocidente**. Vol. 4: O Século XIX. 528 ed. Porto: Edições Afrontamento, 1991.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. **Mídia e questões de gênero no Brasil: pesquisa, categorias e feminismos**. 2019. Disponível em: [http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos\\_arquivo\\_22M2AT9FW1L6KF0QT6HH\\_28\\_7782\\_22\\_02\\_2019\\_05\\_08\\_08.pdf](http://www.compos.org.br/biblioteca/trabalhos_arquivo_22M2AT9FW1L6KF0QT6HH_28_7782_22_02_2019_05_08_08.pdf). Acesso em: 18 out. 2020.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2008.

EVARISTO, Conceição. **Becos da memória**. Florianópolis: Mulheres, 2013.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

EXTENSÃO UFRJ. **Inteligência artificial, Comunicação e Dados**. YouTube, 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/RbVvII4lw2w?feature=share>. Acesso em: 29 out. 2020.

FALCÃO, Pedro. **Documentário Esperança Garcia**. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/oTD5fRXu-wA>. Acesso em: 25 set. 2022.

FARIA, Barbara; MORENO FERNANDES, Pablo. **A Representatividade Negra na Publicidade Mineira**. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/sudeste2019/resumos/R68-0108-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

FEMINISMOS PLURAIS. **Interseccionalidade** – Djamila Ribeiro e Carla Akotirene. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/KFncigGbDeE>. Acesso em: 4 fev. 2022.

FERREIRA, Hilario. **Negros e negras cearenses, afirmo sua existência!** 2020. Disponível em: <https://cearacriolo.com.br/negros-e-negras-cearenses-afirmo-sua-existencia/>. Acesso em: 1 fev. 2021.

FOLEGO, Thais. **Criminalização do aborto mata mais mulheres negras**. 2017. Disponível em: <https://azmina.com.br/reportagens/precisamos-falar-de-aborto-e-como-ele-mata-mulheres-negras>. Acesso em: 10 ago. 2021.

FREITAS, Viviane Gonçalves. Mulheres negras e imprensa feminista: vozes, interseccionalidade e cidadania. **Compólitica**, v. 8, n. 2, p. 145-170, 11 dez. 2018.

FREITAS, Viviane Gonçalves; RODRIGUES, Cristiano. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 34. e238917, 2021, p. 1-54. DOI: <https://doi.org/10.1590/0103-3352.2021.34.238917>.

GAGLIANONI, Isabela. **Gênero, patriarcado, violência**. 2017. Disponível em: <https://obenedito.com.br/genero-patriarcado-violencia/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

GAY, Roxane. **Má feminista**. Tradução Raquel de Souza. 1. ed. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (Orgs.). **Métodos de Pesquisa**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. In: **Tempo Brasileiro**. Rio de Janeiro, n. 92/93 (jan./jun.), 1988b, p. 69-82.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Flávia Rios; Márcia Lima (Orgs.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, 1984, p. 223-244.

GRUPO OPINIÃO PÚBLICA. **Mesa 3 – Invisibilidade, reconhecimento e interseccionalidade**. Compólitica. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/c7ExTlc6YVg?feature=share>. Acesso em: 10 ago. 2021.

hooks, bell. **Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra**. Tradução Cátia Bocaiuva Maringolo. São Paulo: Elefante, 2019.

hooks, bell. **O Feminismo é para todo mundo: políticas arrebatadoras**. Tradução Bhuvi Libânio. 13. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2020.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Características gerais dos moradores 2020-2021 – PNAD Contínua / Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. ISBN: 978-65-87201-99-3. IBGE, 2022. Disponível em: <https://static.poder360.com.br/2022/07/populacao-ibge-2021-22jul2022.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

Ipea. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Atlas da Violência 2021**. Daniel Cerqueira *et al.* São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>. Acesso em: 30 set. 2021.

Ipea. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil**. Organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes *et al.* (Orgs.). Brasília: Ipea, 2013. 160 p.: gráfs., tabs. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro-Dossi%c3%aa\\_mulheres\\_negras-retrato\\_das\\_condi%c3%a7%c3%b5es\\_de\\_vida\\_das\\_mulheres\\_negras\\_no\\_Brasil](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/3039/1/Livro-Dossi%c3%aa_mulheres_negras-retrato_das_condi%c3%a7%c3%b5es_de_vida_das_mulheres_negras_no_Brasil). Acesso em: 13 out. 2022.

Ipea. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Jovens e mulheres negras são mais afetados pelo desemprego**. 2018. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com\\_content&id=34371](https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&id=34371). Acesso em: 18 out. 2020.

Ipea; UNIFEM. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Retrato das desigualdades: Gênero e Raça – 1996 a 2003**. 1. ed. Disponível em: <https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/primeiraedicao.pdf>. Acesso em: 13 out. 2022.

Ipea. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Situação social da população negra por estado**. Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial. Brasília: IPEA, 2014. 115 p.

JERONIMO, Francisco Rafael Mesquita. **Olhares queer sobre o jornalismo: as representações das dissidências sexuais e de gênero no jornal O Povo**. 2021. 236 f.

Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Instituto de Cultura e Arte, Universidade Federal do Ceará, 2021. Disponível em:  
<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/61158>. Acesso em: 15 fev. 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 2004.

JORNAL DA USP. **Dados do IBGE mostram que 54% da população brasileira é negra**. 2020. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/dados-do-ibge-mostram-que-54-da-populacao-brasileira-e-negra/>. Acesso em: 18 jul. 2021.

JORNALISMO TV CULTURA. **Entrevista**: Cida Bento fala sobre racismo estrutural e violência policial. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/N1SjBH4ufHs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

KILOMBA, Grada. **Descolonizando o conhecimento**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iLYGbXewyxs>. Acesso em: 6 jul. 2021.

KILOMBAS PODCAST. **Feito por mulheres negras do Ceará para o debate de temáticas étnico-raciais**. Fortaleza, CE. Instagram: @kilombaspod. Disponível em: <https://www.instagram.com/kilombaspod/>. Acesso em: 27 set. 2021.

LABEXPERIMENTAL.ORG. **Feminismo Negro e Filosofia** – Djamila Ribeiro (Mulheres na Política). YouTube, 2016. Disponível em: <https://youtu.be/u56gUXbdH2Q>. Acesso em: 5 nov. 2021.

LEITURAS BRASILEIRAS. **Conceição Evaristo** - Escrivência. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/QXopKuvxevY>. Acesso em: 2 fev. 2021.

LIMA, Venício. Revisitando as sete teses sobre mídia e política no Brasil. **Comunicação & Sociedade**, Ano 30, n. 51, p. 13-37, jan./jun. 2009. Disponível em: <https://livrariagramsci.com.br/?product=midia-teoria-e-politica-venicio-artur-de-lima>. Acesso em: 15 mar. 2022.

LORDE, Audre. **Irmã Outsider**. Tradução Stephanie Borges. 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

LUGONES, María. Rumo a um feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, 91, Florianópolis, v. 22, n. 3, set./dez. 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/36755>. Acesso em: 21 ago. 2021.

LÚMINA UFRGS. **Videoaula 1** – Desconstruindo o racismo na prática. YouTube, 2018. Disponível em: <https://youtu.be/OHXclzwMqfs>. Acesso em: 8 jul. 2021.

MANNA, Gabriela. **bell hooks** – Supremacia Branca, Patriarcado e Capitalismo. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/t76kj2WrxsI>. Acesso em: 4 jan. 2021.

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS... **Basta de violência política contra mulheres negras!** YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/pbzb1ZJQBVg?feature=share>. Acesso em: 20 jul. 2021.

MARCHA DAS MULHERES NEGRAS... **Mulheres negras e indígenas na construção do bem viver**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/dvVmGsjiBA0?feature=share>. Acesso em: 21 jul. 2021.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica**: biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte. 7ª reimpressão. São Paulo: N-1 edições, 2020.

MENDONÇA, Maria Luiza Martins. **Mídia e construção da identidade da mulher negra**: a revista Raça. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1626-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.

MERCIER, Daniela. **Lélia Gonzalez, onipresente**. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/cultura/2020-10-25/lelia-gonzalez-onipresente.html>. Acesso em: 20 fev. 2022.

MULHER COM A PALAVRA. **Afrofuturos com Preta Rara, Margareth Menezes e Monique Evelle**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/q9b7Bo23gKw>. Acesso em: 31 out. 2021.

MULHER COM A PALAVRA. **Mulheres e ciência**: Carla Akotirene e Sônia Guimarães. YouTube, 2021. Disponível em: Acesso em: 29 out. 2021.

NERI UFC. **Aula aberta**: A categoria “pardo” – dilemas entre a passabilidade e o reconhecimento. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/c0-iyN-1PMM?feature=share>. Acesso em: 28 out. 2021.

NERI UFC. **Aula aberta**: Autoclassificação e heteroclassificação racial no Brasil. YouTube, 2021. Disponível em: [https://www.youtube.com/live/UQGv\\_ypnGzc?feature=share](https://www.youtube.com/live/UQGv_ypnGzc?feature=share). Acesso em: 21 out. 2021.

NEXO JORNAL. **O que é interseccionalidade e qual sua importância para a questão racial?** Nexa Políticas Públicas. YouTube, 2020. Disponível em: <https://youtu.be/PVO4CQVIPPE>. Acesso em: 16 ago. 2021.

NOGUEIRA, Sidnei. **Intolerância religiosa**. [Recurso eletrônico]. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2020. Disponível em: [https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia\\_Religiosa\\_Feminismos\\_Plurais\\_Sidnei\\_Nogueira.pdf?1599239392](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/1154/o/Intolerancia_Religiosa_Feminismos_Plurais_Sidnei_Nogueira.pdf?1599239392). Acesso em: 4 fev. 2023.

NONATO, Cláudia. Venício Lima: em defesa da democratização dos meios de comunicação / Venício Lima: in defense of democratization of communication medium. **Comunicação & Educação**, [S. l.], v. 19, n. 1, p. 83-92, 2014. DOI: 10.11606/issn.2316-9125.v19i1p83-92. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/78571>. Acesso em: 3 nov. 2023.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. **Quem somos**. Disponível em: <http://nosmulheresdaperiferia.com.br/quem-somos/>. Acesso em: 9 nov. 2017.

OBSERVATÓRIO 3 SETOR. **A solidão tem cor**: o sofrimento das mulheres negras no Brasil. 2018. Disponível em: <https://observatorio3setor.org.br/carrossel/a-solidao-tem-cor-o-sofrimento-das-mulheres-negras-no-brasil/>. Acesso em: 25 fev. 2021.

O POVO. **O POVO** – 90 anos de história. YouTube, 2018. Disponível em: [https://youtu.be/kN\\_e92DCbgE](https://youtu.be/kN_e92DCbgE). Acesso em: 7 ago. 2021.

OXFAM BRASIL. **Nós e as Desigualdades 2022** – Pesquisa Oxfam Brasil/Datafolha – Percepções sobre desigualdades no Brasil. Disponível em: [www.enr.pw/79NmY](http://www.enr.pw/79NmY). Acesso em: 4 fev. 2023.

- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.
- PINSKY, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Orgs.). **Nova história das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2002.
- PPG IELA. Programa de Pós-Graduação em Estudos Latino-americanos da UNILA. **Escrevivência como metodologia acadêmica**. YouTube, 2021. Disponível em: <https://youtu.be/iphXcc5eoTw>. Acesso em: 30 jul. 2022.
- PRÁTICAS DE ENSINO... **Conferência: Por que as Epistemologias do Sul agora?** (com Boaventura de Sousa Santos. YouTube, 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/YOBMwuBBIMw?feature=share>. Acesso em: 16 jun. 2021.
- REIS, Alane; LEITE, Naiara; MATOS, Daniela. **Feminicídio e Mídia: o racismo patriarcal e a morte das mulheres negras**. 2019. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-1823-1.pdf>. Acesso em: 18 out. 2020.
- RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- RIBEIRO, Djamila. **Pequeno Manual Antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- RIOS, Flavia; FREITAS, Viviane Gonçalves. Nzinga Informativo: redes comunicativas e organizacionais na formação do feminismo negro brasileiro. **Cadernos Adenauer**, São Paulo, n. 1, p. 25-45, 2018.
- RIOS; Flavia; PEREZ; Olívia; RICOLDI; Arlene. Interseccionalidade nas mobilizações do Brasil contemporâneo. **Lutas Sociais**, São Paulo, v. 22, n. 40, p. 36-51, 2018.
- SALES, Suelwellyn Cassimiro; NUNES, Patrícia de Souza. Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast. **Temática - Revista eletrônica de publicação mensal da Universidade Federal da Paraíba - UFPB**, v. 18, p. 64-80, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/62354/35118>.
- SALES, Suelwellyn Cassimiro; NUNES, Patrícia de Souza. Mulheres Negras nas Imagens de Controle: Da Construção de Imaginários Racistas à Imposição de Lugares Subalternos na Mídia. **Anais do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação/Intercom Nacional, 2021, UNICAP - Recife - PE**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/suelwellyn-cassimiro-sales.pdf>
- SALES, Suelwellyn Cassimiro; LIMA, Maria Érica de Oliveira. In: Jorge Pedro Sousa. (Org.). Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise interseccional dos jornais O Povo e Diário do Nordeste. **Jornalismo e Estudos Mediáticos - Memória V**. 1 ed. Porto: Publicações Fundação Fernando Pessoa, 2022, v. 5, p. 89-103. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10974>.
- SAMPAIO, Rafael Cardoso; LYCARIÃO, Diógenes. **Análise de conteúdo categorial: análise de conteúdo categorial: manual de aplicação**. Brasília: Enap, 2021. Disponível em:

[https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise\\_de\\_conteudo\\_categoria\\_l.pdf](https://repositorio.enap.gov.br/bitstream/1/6542/1/Analise_de_conteudo_categoria_l.pdf). Acesso em: 20 mar. 2023.

SANTOS; Manuela Pinheiro *et al.* **A invisibilidade da mulher negra na mídia**. 2017. Disponível em:

[https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO\\_EV072\\_MD1\\_SA30\\_ID122\\_19062017214709.pdf](https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/enlacando/2017/TRABALHO_EV072_MD1_SA30_ID122_19062017214709.pdf). Acesso em: 19 out. 2020.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na sociabilidade brasileira**. São Paulo: Claroenigma, 2012.

SEGATO, Rita. **Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda**. Tradução Danielli Jatobá, Danú Gontijo. 1. ed. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

SILVA, Tarcízio. **Racismo algorítmico: inteligência artificial e discriminação nas redes digitais**. 1. ed. São Paulo: Edições Sesc SP, 2022.

SOUSA, Francisca Wellizângela Viana. **Jornalismo literário: uma análise do Caderno 3 do jornal Diário do Nordeste**. 2012. Disponível em:

<https://www.faculdadescearenses.edu.br/revista2/edicoes/vol6-2-2012/art5-vol6-2-2012.pdf>. Acesso em: 12 fev. 2023.

SOUSA, Francisco Genivando Santos de. **MST no Diário do Nordeste: a cobertura jornalística da ocupação da Secretaria de Desenvolvimento Rural no ano de 1997, em Fortaleza**. 2013. 124f. TCC (Graduação em Comunicação Social) - Universidade Federal do Ceará, Instituto de Cultura e Arte, Curso de Comunicação Social, Habilitação em Jornalismo, Fortaleza (CE), 2013.

TVE BAHIA. **Perfil & Opinião** | Carla Akotirene. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/q4VAm2BnO5E>. Acesso em: 2 nov. 2021.

TV BOITEMPO. **Introdução a Patricia Hill Collins**, por Winnie Bueno. Disponível em: <https://youtu.be/dz-iCUJBwBs>. Acesso em: 9 abr. 2021.

TV BOITEMPO. **Judith Butler no Brasil** | Quem tem medo de falar sobre gênero? [Legendado]. YouTube, 2017. Disponível em: <https://youtu.be/cozmjJpMakM>. Acesso em: 10 mar. 2021.

TV BOITEMPO. **Patricia Hill Collins explica Pensamento Feminista Negro**. YouTube, 2019. Disponível em: <https://youtu.be/XVdbyhuAJEs>. Acesso em: 4 set. 2021.

TV BRASIL. **Caminhos da reportagem** | Carolina de Jesus, a escritora além do quarto. Disponível em: <https://youtu.be/6AvUP-IoYEO>. Acesso em: 4 dez. 2021.

TV PUC-RIO. **Série Desbravadores** | Lélia Gonzalez Ep. 02. YouTube, 2020. Disponível em: [https://youtu.be/Rl\\_rzI\\_mk48](https://youtu.be/Rl_rzI_mk48). Acesso em: 1 jul. 2021.

TV SENADO. **Cida Bento denuncia formas de racismo institucional e aumento de violência contra jovens negros**. YouTube, 2015. Disponível em: <https://youtu.be/eKWO7-SBMOs>. Acesso em: 15 nov. 2021.

VIANA, E. E. S. Lélia Gonzalez e outras mulheres: pensamento feminista negro, antirracismo e antissexismo. **Revista da ABPN**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 52-63, mar./jun. 2010.

WIKIPEDIA. Interseccionalidade. 2022. In: **Wikipedia**. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Interseccionalidade>. Acesso em: 4 set. 2021.

**APÊNDICE A – CORPUS DIÁRIO DO NORDESTE – INTEGRAL**

<b>Título da notícia</b>	<b>Editoria</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Publicação</b>	<b>Foto</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Tags</b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais	Negócios*	Escrito por Redação	04/02/2003	Sim.	Não.	<i>renda.</i>
2 - Mulher negra é mais discriminada	Negócios*	Escrito por Redação	19/11/2003	Não.	Não.	Sem tags.
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos	Negócios*	Escrito por Redação	18/11/2005	Não.	Não.	Sem tags.
4 - Mulher confessa assassinato de criança em ritual de magia negra	Segurança	Escrito por Agência Estado	14/12/2007	Não.	Não.	Sem tags.
5 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam*	Negócios*	Escrito por Agência Brasil	20/11/2012	Sim.	Não.	Sem tags.
6 - Mulher, negra, africana...	Metro	Escrito por Redação	01/05/2014	Não.	Não.	Sem tags.
7 - Mulheres negras estão fora do cinema nacional, diz estudo	País	Escrito por Agência Brasil/ Diário do Nordeste	06/07/2014	Não.	Não.	Sem tags.
8 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA	Mundo	Escrito por Redação	23/04/2015	Não.	Não.	Sem tags.
9 - Número de mulheres presas no Ceará cresceu mais de 100% em 8 anos	País	Escrito por Agência Brasil/ Diário do Nordeste	05/11/2015	Não.	Não.	Sem tags.
10 - Dois policiais civis são presos durante Marcha das Mulheres Negras em Brasília	País	Escrito por Agência Brasil	18/11/2015	Não.	Não.	Sem tags.
11 - Morrem mulher e filho de executivo em naufrágio no litoral de SP	País	Escrito por Folhapress	24/01/2016	Não.	Não.	Sem tags.
12 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco	Negócios*	Escrito por Redação	12/03/2016	Sim.	Não.	Sem tags.
13 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura	Metro	Escrito por Redação	23/11/2016	Não.	Não.	Sem tags.
14 - Fortaleza da mulher jovem negra	Metro	Escrito por Redação	07/03/2017	Não.	Não.	Sem tags.
15 - Marcha das Mulheres Negras reúne centenas de	País	Escrito por Estadão Conteúdo	30/07/2017	Não.	Não.	Sem tags.

peessoas na orla da zona sul do Rio						
16 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta	Metro	Escrito por Redação	26/11/2017	Não.	Não.	Sem tags.
17 - Pela primeira vez, Exército recebe mulheres na Academia Militar das Agulhas Negras	País	Escrito por Agência Brasil	17/02/2018	Não.	Não.	Sem tags.
18 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco	Metro	Escrito por Redação	17/03/2018	Não.	Sim/ YouTube.	Sem tags.
19 - Marcha das Mulheres Negras pede em São Paulo garantia de direitos	País	Escrito por Agência Brasil	25/07/2018	Não.	Não.	Sem tags.
20 - Discurso de ódio na internet tem mulheres negras como principal alvo	Mundo	Escrito por Agência Brasil	07/08/2018	Não.	Não.	Sem tags.
21 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista	Verso	Escrito por Redação	27/12/2018	Não.	Sim/ YouTube.	artes, cultura e entretenimento/ games.
22 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna	Verso	Escrito por Redação	08/02/2019	Não.	Não.	cris vianna; atriz; preconceito racial.
23 - Após festa polêmica, Donata Meirelles pede demissão da revista Vogue Brasil	Verso	Escrito por Mônica Bergamo/ FolhaPress	13/02/2019	Não.	Não.	vogue; Donata Meirelles.
24 - Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do Jornal Nacional	Verso	Escrito por Redação	19/02/2019	Não.	Não.	artes, cultura e entretenimento/ televisão; jornal nacional; maju-coutinho.
25 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios	Verso	Escrito por Redação	25/02/2019	Não.	Não.	artes, cultura e entretenimento; cultura e entretenimento/ oscar; Recorde; Mulheres; Negros.
26 - Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca	Verso	Escrito por Redação	20/03/2019	Sim.	Não.	Artes, cultura e entretenimento; teatro.
27 - Mulheres negras: luta contra discriminações requer união	Metro	Escrito por Theyse Viana	26/03/2019	Sim.	Não.	Não.
28 - Chicago elege sua primeira	Mundo	Escrito por AFP	03/04/2019	Sim.	Não.	Chicago; EUA; Mulher.

prefeita negra e homossexual						
29 - Dandara Mariana, de 'Verão 90', diz que nunca alisou o cabelo e que se inspirou na spice Mel B	Verso	Escrito por Folhapress	14/07/2019	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento; dandara mariana; dandara brasil; verão 90.</i>
30 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado	Verso	Escrito por Redação	26/09/2019	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento.</i>
31 - Meghan Markle se posiciona como mulher negra em discurso na África do Sul	Verso	Escrito por Folhapress	27/09/2019	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento.</i>
32 - Pescadora e artesã representa a força da mulher negra na luta por direitos, em Aracati	Verso	Escrito por Roberta Souza	19/11/2019	Sim.	Sim/YouTube.	<i>Sem tags.</i>
33 - Planalto ignora Consciência Negra, e Bolsonaro se nega a comentar destruição de placa	Política	Escrito por Folhapress	20/11/2019	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
34 - Movimento Negro cearense repercute escolha da Miss Universo 2019	Verso	Escrito por Zilda Queiroz	09/12/2019	Sim.	Não.	<i>Sociedade e Saúde; Miss Universo; Sul-africana; Vence; Concurso.</i>
35 - Miss Beleza Negra e dona de marca de cosméticos: mulher vai a banco e é levada pela polícia	País	Escrito por Folhapress	31/01/2020	Sim.	Não.	<i>Lorena Vieira; DJ Renan da Penha; Itaú.</i>
36 - Mulheres negras precisam se dedicar à casa mais que as brancas, diz IBGE	Negócios*	Escrito por Agência Folha	04/06/2020	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
37 - Viola Davis diz que toda sua vida foi um protesto e que se arrepende de 'Histórias Cruzadas'	Verso	Escrito por Folhapress	17/07/2020	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento.</i>
38 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras	Verso	Escrito por Redação	28/07/2020	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
39 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify	É hit	Escrito por Redação	03/09/2020	Sim/Twitter.	Sim/Twitter.	<i>Sem tags.</i>
40 - Flip anuncia demissão de curadora, que	Verso	Escrito por Folhapress	13/08/2020	Sim.	Não.	<i>Artes, cultura e entretenimento.</i>

sugere uma mulher negra para o cargo						
41 - Entenda o que muda com a reserva financeira e de propaganda para candidatos negros	Política	Escrito por Alessandra Castro	03/10/2020	Sim.	Não.	<i>Institucional; instituições e partidos.</i>

## APÊNDICE B – CORPUS O POVO – INTEGRAL

<b>Título da notícia</b>	<b>Editoria</b>	<b>Assinatura</b>	<b>Publicação</b>	<b>Foto</b>	<b>Vídeo</b>	<b>Tags</b>
1 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam	Brasil	Agência Brasil	20/11/2012	Sim.	Não.	Sem tags.
2 - Império da Tijuca é campeã da Série A com enredo que homenageia as mulheres negras *No site da Agência Brasil	Cultura	Paulo Virgílio/Repórter da Agência Brasil	13/02/2013	Não.	Não.	Sem tags.
3 - Mulheres negras estão preparadas para vencer racismo, diz ministra *No site da Agência Brasil	Cidadania	Yara Aquino/Repórter da Agência Brasil. Edição Denise Griesinger	22/07/2013	Sim.	Não.	Sem tags.
4 - Mulher negra fica com os dedos brancos quando sente frio *A matéria não carrega/tela em branco	Não é possível checar	Não é possível checar	29/10/2013	Não é possível checar	Não é possível checar	Não é possível checar
5 - Desemprego atinge principalmente mulheres negras e jovens	Economia	Agência Brasil	20/11/2013	Não.	Não.	Sem tags.
6 - Contra racismo, artista refaz foto de socialite 'sentada' em uma mulher negra *No site da UOL	Geral	Publicado por Arquivo	27/01/2014	Não.	Não.	Sem tags.
7 - Há 50 anos, a primeira mulher negra era coroada miss no Brasil *No site da Agência Brasil	Cultura	Por Luciana Barreto - Rio de Janeiro	15/09/2015	Sim.	Não.	<i>Direitos Humanos; Racismo; Igualdade Racial; Miss Guanabara; Primeira Miss Negra; Mulher Negra; Mulata Bossa Nova; Vera Lúcia Couto; Notícias.</i>
8 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico	Mundo	Redação O Povo Online	15/09/2015	Sim.	Não.	Sem tags.
9 - Aumenta número de homicídios de mulheres negras no Brasil *No site da Carta Capital	Sociedade	CartaCapital	09/11/2015	Não.	Não.	<i>DEUTSCHE WELLE; FEMINICÍDIO; MAPA DA VIOLÊNCIA.</i>

10 - Mulheres negras se unem contra o racismo e a violência *No site da Agência Brasil	Direitos Humanos	Por Mariana Torkania/ Repórter da Agência Brasil, Edição Lílian Beraldo	18/11/2015	Sim.	Não.	<i>mulheres negras; Marcha das Mulheres Negras; racismo; violência; homicídios; Assassinatos; mortes.</i>
11 - Inegra lança projeto para garantir políticas públicas às mulheres negras encarceradas	Fortaleza	Autor Amanda Araújo	06/06/2016	Sim. Convite.	Não.	<i>Sem tags.</i>
12 - Família de mulher negra morta sob custódia policial nos EUA será indenizada *No site da IstoÉ Dinheiro	Economia	AFP	15/09/2016	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
13 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras	Brasil	Autor O Povo/ Redação O Povo Online	31/03/2017	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
14 - Marcha das Mulheres Negras no Rio cobra acesso a políticas públicas *No site do Brasil de Fato	Rio de Janeiro	Brasil de Fato RJ	30/07/2017	Sim.	Não. Contém áudio.	<i>Sem tags.</i>
15 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo	Brasil	Autor O Povo/ Agência Brasil	18/09/2017	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
16 - Após dois anos da marcha, mulheres negras continuam mobilizadas contra racismo *No site da Agência Brasil	Direitos Humanos	Por Helena Martins/ Repórter da Agência Brasil	18/11/2017	Sim.	Sim/ YouTube.	<i>Sem tags.</i>
17 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas	Brasil	Autor O Povo/ Redação O Povo Online	11/12/2017	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
18 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra	Mundo	Autor O Povo	09/03/2018	Sim.	Sim.	<i>Sem tags.</i>
19 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro	Brasil	Autor O Povo	18/07/2018	Sim.	Não.	<i>Sem tags.</i>
20 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo	Política	Autor O Povo/ Redação O Povo Online	18/09/2018	Sim.	Sim.	<i>Sem tags.</i>

21 - Rio elege deputadas quatro mulheres negras amigas de Marielle *No <i>site</i> do Estadão/mat. paga	Artigos Série Não Aceito Corrupção	Estadão	08/10/2018	Sim.	Não.	<i>Marielle Franco; eleições 2018.</i>
22 - Há 50 anos, primeira mulher negra era eleita ao Congresso nos EUA	Mundo	Autor Larissa Carvalho/ Pesquisa histórica Fred Souza (O Povo Dados)	07/11/2018	Sim.	Não.	<i>mundo; política; eua; estados unidos; primeira mulher negra eleita ao congresso; shirley chisholm.</i>
23 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Divirta-se	Autor O Povo	13/02/2019	Sim.	Não.	<i>maju coutinho; jornal nacional; bancada; apresentadora; globo; primeira mulher negra.</i>
24 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Brasil	Autor O Povo	16/02/2019	Sim.	Não.	<i>maju coutinho; jornal nacional; brasil; jornalista.</i>
25 - Número de homicídios de mulheres negras cresce 118% no Ceará em 2017	Fortaleza	Autor Jéssika Sisnando	05/06/2019	Sim. Foto e gráfico.	Não.	<i>homicídios de mulheres; mulheres negras; violência; ceará.</i>
26 - Em SP, Festival Latinidades reivindica saberes de mulheres negras *No <i>site</i> da Agência Brasil	Direitos Humanos	Por Camila Maciel/ Repórter da Agência Brasil	21/07/2019	Sim.	Sim/ YouTube.	<i>Festival Latinidades; mulheres negras; igualdade racial; multimídia.</i>
27 - Mulheres negras se engajam no combate à intolerância religiosa *No <i>site</i> da Agência Brasil	Direitos Humanos	Por Camila Maciel/ Repórter da Agência Brasil	23/07/2019	Não.	Sim/ YouTube.	<i>Sem tags.</i>
28 - Mulheres negras marcham por direitos e contra o feminicídio	Brasil	Autor Agência Brasil	28/07/2019	Sim.	Não.	<i>geral; mulheres negras; marcha das mulheres negras; violência; feminicídio; marielle franco.</i>
29 - Mostra homenageia primeira mulher negra a dirigir um filme no Brasil	Brasil	Autor Agência Brasil	31/10/2019	Não.	Não.	<i>Sem tags.</i>
30 - Artista lança luz para a relevância da mulher na manutenção das famílias negras / Edição impressa*	Vida & Arte	Por Bruna Forte	05/11/2019	Sim.	Não.	<i>Rosana Paulino.</i>
31 - Depois de caso George Floyd, possibilidade de	Mundo	Autor AFP	10/06/2020	Sim.	Não.	<i>vice presidente eua; joe biden; eleições eua</i>

Biden escolher mulher negra como vice cresce						<i>2020; vice de joe biden; kamala harris.</i>
32 - Dia Internacional da Mulher Negra celebra trajetórias e reflete sobre as condições vida	Ceará	Autor Júlia Duarte	24/07/2020	Sim.	Não.	<i>dia nacional de tereza de benguela e da mulher negra dia internacional da mulher negra latino americana e caribenha.</i>
33 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra	Brasil	Autor Redação O Povo	15/09/2020	Sim. Gráfico Insper.	Não.	<i>estudo isper salario genero brasil; salario genero estudo brasil; raça genro salarios brasil; mulheres negras salario brasil.</i>

## APÊNDICE C – PESQUISA EXPLORATÓRIA – O POVO E O DESCRITOR *MULHER NEGRA*

O POVO (3/2020   8/2019   5/2018   5/2017   2/2016   3/2015   2/2015   2/2014   3/2012   2/2013)
"MULHER NEGRA" 2019/2018/2017/2020
1 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra   15/09/2020
2 - Dia Internacional da Mulher Negra celebra trajetórias e reflete sobre as condições vida   24/07/2020
3 - Depois de caso George Floyd, possibilidade de Biden escolher mulher negra como vice cresce   10/06/2020
4 - Artista lança luz para a relevância da mulher na manutenção das famílias negras   05/11/2019
5 - Mostra homenageia primeira mulher negra a dirigir um filme no Brasil   31/10/2019
6 - Mulheres negras marcham por direitos e contra o feminicídio   28/07/2019
7 - Mulheres negras se engajam no combate à intolerância religiosa   23/07/2019
8 - Em SP, Festival Latinidades reivindica saberes de mulheres negras   21/07/2019
9 - Número de homicídios de mulheres negras cresce 118% no Ceará em 2017   05/06/2019
10 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional   16/02/2019
11 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional   13/02/2019
12 - Há 50 anos, primeira mulher negra era eleita ao Congresso nos EUA   07/11/2018
13 - Rio elege deputadas quatro mulheres negras amigas de Marielle   08/10/2018
14 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo   18/09/2018
15 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro   18/07/2018
16 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra   09/03/2018
17 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas   11/12/2017
18 - Após dois anos da marcha, mulheres negras continuam mobilizadas contra racismo   18/11/2017
19 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo   18/09/2017
20 - Marcha das Mulheres Negras no Rio cobra acesso a políticas públicas   30/07/2017
21 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras   31/03/2017
22 - AFP - Família de mulher negra morta sob custódia policial nos EUA será indenizada   15/09/2016
23 - Inegra lança projeto para garantir políticas públicas às mulheres negras encarceradas   06/06/2016
24 - Mulheres negras se unem contra o racismo e a violência   18/11/2015
25 - Aumenta número de homicídios de mulheres negras no Brasil   09/11/2015
26 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico   15/09/2015
27 - Há 50 anos, a primeira mulher negra era coroada miss no Brasil   27/06/2014
28 - Contra racismo, artista refaz foto de socialite 'sentada' em uma mulher negra   27/01/2014
29 - Mulher negra fica com os dedos brancos quando sente frio   29/10/2013
30 - Mulheres negras estão preparadas para vencer racismo, diz ministra   22/07/2013
31 - Império da Tijuca é campeã da Série A com enredo que homenageia as mulheres negras   13/02/2013
32 - Desemprego atinge principalmente mulheres negras e jovens   20/11/2012
33 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam   20/11/2012

**APÊNDICE D – PESQUISA EXPLORATÓRIA – O POVO E O DESCRITOR  
MULHERES NEGRAS**

O POVO (4/2019   1/2018   4/2017   1/2016   2/2015 / 2/2013   2/2012)	
"MULHERES NEGRAS" 2019/2017	
1 - Mulheres negras marcham por direitos e contra o feminicídio	28/07/2019
2 - Mulheres negras se engajam no combate à intolerância religiosa	23/07/2019
3 - Em SP, Festival Latinidades reivindica saberes de mulheres negras	21/07/2019
4 - Número de homicídios de mulheres negras cresce 118% no Ceará em 2017	05/06/2019
5 - Rio elege deputadas quatro mulheres negras amigas de Marielle	08/10/2018
6 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas	11/12/2017
7 - Após dois anos da marcha, mulheres negras continuam mobilizadas contra racismo	18/11/2017
8 - Marcha das Mulheres Negras no Rio cobra acesso a políticas públicas	30/07/2017
9 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras	31/03/2017
10 - Inegra lança projeto para garantir políticas públicas às mulheres negras encarceradas	06/06/2016
11 - Mulheres negras se unem contra o racismo e a violência	18/11/2015
12 - Aumenta número de homicídios de mulheres negras no Brasil	09/11/2015
13 - Mulheres negras estão preparadas para vencer racismo, diz ministra	22/07/2013
14 - Império da Tijuca é campeã da Série A com enredo que homenageia as mulheres negras	13/02/2013
15 - Desemprego atinge principalmente mulheres negras e jovens	20/11/2012
16 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam	20/11/2012

**APÊNDICE E – PESQUISA EXPLORATÓRIA –  
DIÁRIO DO NORDESTE E O DESCRITOR *MULHER NEGRA***

**LEVANTAMENTO/CORPUS**

**DIÁRIO DO NORDESTE (4/2020 | 8/2019 | 2/2018 | 1/2017 | 2/2016 | 1/2015 | 1/2014 | 1/2007 | 1/2005 | 1/2003)**

**"MULHER NEGRA" 2019/2020**

- 1 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify | 03 de Setembro de 2020
- 2 - Flip anuncia demissão de curadora, que sugere uma mulher negra para o cargo | 13 de Agosto de 2020
- 3 - Viola Davis diz que toda sua vida foi um protesto e que se arrepende de 'Histórias Cruzadas' | 17 de Julho de 2020
- 4 - Miss Beleza Negra e dona de marca de cosméticos: mulher vai a banco e é levada pela polícia | 31 de Janeiro de 2020
- 5 - Movimento Negro cearense repercute escolha da Miss Universo 2019 | 09 de Dezembro de 2019
- 6 - Planalto ignora Consciência Negra, e Bolsonaro se nega a comentar destruição de placa | 20 de Novembro de 2019
- 7 - Pescadora e artesã representa a força da mulher negra na luta por direitos, em Aracati | 19 de Novembro de 2019
- 8 - Meghan Markle se posiciona como mulher negra em discurso na África do Sul | 23 de Setembro de 2019
- 9 - Chicago elege sua primeira prefeita negra e homossexual | 03 de Abril de 2019
- 10 - Mulheres negras: luta contra discriminações requer união | 26 de Março de 2019
- 11 - Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do Jornal Nacional | 19 de Fevereiro de 2019
- 12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna | 08 de Fevereiro de 2019
- 13 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista | 27 de Dezembro de 2018
- 14 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco | 17 de Março de 2018
- 15 - Fortaleza da mulher jovem negra | 07 de Março de 2017
- 16 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco | 12 de Março de 2016
- 17 - Morrem mulher e filho de executivo em naufrágio no litoral de SP | 24 de Janeiro de 2016
- 18 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA | 23 de Abril de 2015
- 19 - Mulher, negra, africana... | 01 de Maio de 2014
- 20 - Mulher confessa assassinato de criança em ritual de magia negra | 14 de Dezembro de 2007
- 21 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos | 18 de Novembro de 2005
- 22 - Mulher negra é mais discriminada | 19 de Novembro de 2003

**APÊNDICE F – PESQUISA EXPLORATÓRIA –  
DIÁRIO DO NORDESTE E O DESCRITOR *MULHERES NEGRAS***

DIÁRIO DO NORDESTE (3/2020   6/2019   3/2018   2/2017   1/2016   2/2015   1/2014   1/2012   1/2003)
"MULHERES NEGRAS" 2019/2020/2018
1 - Entenda o que muda com a reserva financeira e de propaganda para candidatos negros   03 de Outubro de 2020
2 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras   28 de Julho de 2020
3 - Mulheres negras precisam se dedicar à casa mais que as brancas, diz IBGE   04 de Junho de 2020
4 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado   26 de Set. de 2019
5 - Dandara Mariana, de 'Verão 90', diz que nunca alisou o cabelo e que se inspirou na spice Mel B   14 de Junho de 2019
6 - Mulheres negras: luta contra discriminações requer união   26 de Março de 2019
7 - Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca   20 de Março de 2019
8 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios   25 de Fevereiro de 2019
9 - Após festa polêmica, Donata Meirelles pede demissão da revista Vogue Brasil   13 de Fevereiro de 2019
10 - Discurso de ódio na internet tem mulheres negras como principal alvo   07 de Agosto de 2018
11 - Marcha das Mulheres Negras pede em São Paulo garantia de direitos   25 de Julho de 2018
12 - Pela primeira vez, Exército recebe mulheres na Academia Militar das Agulhas Negras   17 de Fevereiro de 2018
13 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta   26 de Novembro de 2017
14 - Marcha das Mulheres Negras reúne centenas de pessoas na orla da zona sul do Rio   30 de Julho de 2017
15 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura   23 de Novembro de 2016
16 - Dois policiais civis são presos durante Marcha das Mulheres Negras em Brasília   18 de Novembro de 2015
17 - Número de mulheres presas no Ceará cresceu mais de 100% em 8 anos   05 de Novembro de 2015
18 - Mulheres negras estão fora do cinema nacional, diz estudo   06 de Julho de 2014
19 - Mulheres negras são maioria entre jovens que não trabalham nem estudam   20 de Novembro de 2012
20 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais   04 de Fevereiro de 2003

## APÊNDICE G – IMAGENS DE CONTROLE DA CONDIÇÃO DE MULHER NEGRA EM COLLINS (2019)

<i>Mammy</i>	<b>Matriarca</b>
Primeira imagem de controle	Segunda imagem de controle
Figura da mãe negra nas famílias brancas	Figura materna nas famílias negras
Mãe negra <i>boa</i>	Mãe negra <i>má</i>
Serviçal fiel, obediente	Família matriarcal
Ama, alimenta e cuida dos filhos das famílias brancas	Não necessariamente sem parceiro/a
Conhece seu <i>lugar</i> como serviçal obediente	Passa muito tempo longe de casa
Apesar da autoridade considerável, não é da família	Trabalha fora
Aceita sua subordinação, satisfeita	Não supervisiona adequadamente filhos/as
Calorosa e carinhosa	Contribui para o fracasso das crianças e da comunidade negra
Comportamento materno ideal	Não cumpre deveres <i>femininos</i> tradicionais
Funções extremamente físicas	Indisponível para a sua própria família
Inofensiva em sua posição de <i>escrava</i>	Excessivamente agressiva e não feminina
Incapaz de fazer mal a alguém, natureza generosa	Supostamente castradora de amantes e maridos
Ideologia do culto à verdadeira condição de mulher	<i>Mammy</i> fracassada
Mulher assexuada	Oposta ao culto da verdadeira condição de mulher
Mãe substituta de rosto negro	Oposta ao ideal tradicional de família
Totalmente comprometida com o trabalho	Excessivamente forte
Mal paga ou não remunerada	Assertiva
Mão de obra barata	Menos desejável que a mulher branca
Obesa de pele escura	Perigosa e desviante
Características tipicamente africanas	Figura forte no próprio lar
Parceira sexual inadequada para homens brancos	Não permite ao homem negro assumir o papel de patriarca
Mãe substituta dos filhos que não teve	Se recusa a ser passiva
Divisão entre sexualidade e maternidade	---

<b>Mãe dependente do Estado (M.D.E.)</b>	<b>Rainha da assistência social</b>
Terceira imagem de controle	Evolução da imagem de controle da M.D.E.
Definida externamente	Dependente economicamente
Vinculada ao acesso às políticas de bem-estar social	Sem emprego ou renda
Viés de classe	Moralmente desviante
Mulher negra pobre da classe trabalhadora	Débito humano - encargo para o Tesouro Nacional
Faz uso de benefícios sociais	Aberração moral e peso econômico
Versão atualizada da imagem da <i>mulher procriadora</i>	Reponsável pela destruição do modo de vida estadunidense
Fecundidade desnecessária e perigosa	Mulher negra da classe trabalhadora
Compartilha características com a <i>mammy</i> e a matriarca	Materialista, dominadora e sem parceiro homem
Acomodada, satisfeita com auxílios concedidos pelo governo	<i>Rainha negra do bem-estar</i>
Foge do trabalho	Casada com o Estado
Transmite valores negativos para descendentes	---
Outra <i>mammy</i> fracassada	---
Preguiçosa, não transmite a ética do trabalho para filhos/as	---
Não possui ajuda de autoridade masculina: mulher sozinha	---
Mulher de moral baixa	---
Sexualidade descontrolada	---

<b>Dama negra</b>	<b>Jezebel, prostituta ou hoochie</b>
<p>Especificidade de classe</p> <p>Profissional negra de classe média</p> <p>Se baseia nas imagens anteriores</p> <p><i>Mammy</i> moderna</p> <p>Profissional negra diligente</p> <p>Aspectos da tese do matriarcado</p> <p>Sem tempo para homens</p> <p>Competem com homens</p> <p>Bem-sucedida ao ingressar na classe média</p> <p>Menos feminina</p> <p>Altamente instruída</p> <p>Assertiva demais</p> <p>Não consegue homem para casar</p> <p>Realizações questionáveis apesar da competência aprovada</p> <p>Responsável pelo status desfavorecido dos afro-americanos</p> <p>Aparentemente assexual</p> <p>Menos propensa a procriar</p> <p>---</p> <p>---</p> <p>---</p>	<p>Forma desviante da sexualidade feminina negra</p> <p>Hoochie: jovem, promíscua, se veste de forma sexualmente provocante</p> <p>Jezebel/escravidão: <i>ama de leite sexualmente agressiva</i></p> <p>Sexualmente agressiva</p> <p>Apetite sexual excessivo</p> <p><i>Forma desviante da sexualidade feminina negra</i></p> <p>Malandra, cachorra, gostosa, do gueto</p> <p>Taxonomia de hoochies</p> <p>Hoochie básica; hoochie de boate; hoochie interesseira; hoochie mama</p> <p>Heterossexualidade feminina desviante</p> <p>Voraz</p> <p>Apetite sexual inadequado e insaciável</p> <p>Imaginada como <i>aberração</i></p> <p>Busca sexo da mesma forma que um homem</p> <p>Masculinizada</p> <p>Outro polo do binômio normal/desviante</p> <p>Aberração limiar / fronteira</p> <p>homossexualidade/heterossexualidade</p> <p>Ambições materialistas</p> <p>Práticas sexuais desviantes</p> <p>Práticas sexuais aberrantes</p>

**APÊNDICE H – IMAGENS DE CONTROLE DA CONDIÇÃO DE MULHER NEGRA  
EM BUENO (2020)**

<i><b>Mammy</b></i>	<i><b>Matriarca</b></i>
<p>Primeira imagem de controle Articulada desde início do século XIX Trabalhadora doméstica escravizada ou liberta Fiel à família branca Serve com amor e zelo Mulher negra gorda de pele retinta Sem companheiro e sem sexualidade Solitária Sem história própria Sem família Tempo suficiente para cuidar da casa e das crianças dos brancos Afeto limitado das crianças brancas Submissas ao trabalho doméstico Função naturalizada à cor negra Responsável pelo cuidado das crianças brancas Dedica mais afeto a elas do que para sua família Aceita sua subordinação Mito da escrava doméstica Imagem coisificada Outsider within Desprovida de qualquer conteúdo de beleza Nada atraente Não ameaçadora aos ideários hegemônicos das famílias brancas</p>	<p>Mãe agressiva Não presta os devidos cuidados aos seus filhos Responsável por manter a negritude na pobreza Não cumpre o papel de educadora Não vigia devidamente o comportamento dos filhos Mãe agressiva Castradora Violenta Não possui relações afetivas Exige a submissão dos homens negros Forte, resistente Apta a superar todas as privações e necessidades Não é mulher negra sem marido --- --- --- --- --- --- --- --- --- --- ---</p>
<i><b>Welfare mother</b></i>	<i><b>Welfare queen</b></i>
<p>Terceira imagem de controle Comportamento materno Conteúdo intersectado de raça e classe Acessa políticas de bem-estar social Estereótipo da mulher reprodutora Reprodutoras naturalmente mais hábeis Mães irresponsáveis --- --- ---</p>	<p>Controle da fertilidade Mulher negra da classe trabalhadora Materialista Dominadora Sem homens Acomodadas Preguiçosas Reproduz para aumentar o valor do benefício social Dimensão de raça e classe Mulheres de baixa renda</p>
<i><b>Black lady</b></i>	<i><b>Mammy moderna</b></i>
<p>Comportamento afetivo Mulher negra da classe média Bem-sucedida Qualificada Bem instruída Mulher solitária</p>	<p>Atualização da <i>mammy</i> a partir da <i>black lady</i> Sacrifica sua vida pessoal Lealdade inabalável ao chefe ou à instituição Facilmente explorável e submissa --- ---</p>

Antipática	---
Extremamente exigente	---
Arrogante	---
Mobilidade social como barreira para matrimônio	---
Responsáveis pela manutenção da família	---
Responsável pelo sustento financeiro de sobrinhos e irmãos	---
Sustenta discurso de <i>racismo reverso</i>	---

<b><i>Hoochie/Jezebel</i></b>	<b><i>Pretty baby</i></b>
Última imagem de controle	Criança e/ou jovem sexualizada
Contemporaneamente nomeada por hoochie nos EUA	Meninas negras associadas à imagem da jezebel
Conectada com a imagem de controle da <i>mammy</i>	Sexualmente ativas
Sexualmente agressiva	Sexualmente irresponsáveis desde pequenas
Insaciável	---
Lasciva	---
Deve ser domada de qualquer forma	---
Objetificada	---
Corpo animalizado	---
Conduta reprovável	---
Inadequadas dentro dos parâmetros do pensamento binário	---
Promíscuas	---
Predadoras sexuais	---
Incontroláveis	---

**APÊNDICE I – ESTEREÓTIPOS DA MULATA, DOMÉSTICA E MÃE PRETA EM GONZALEZ (1984)**

<b>Mulata</b>	<b>Doméstica</b>	<b>Mãe preta</b>
Inicialmente como profissão	Mulata e doméstica são atribuições do mesmo sujeito	figura boa da ama negra'
Inicialmente sem caráter étnico	Nomeação depende da situação em que é vista	mãe preta
Nêga ativa	Engrendramento de mulata e doméstica a partir da figura da mucama	“Bá”
passista de carnaval	ocultada, recalcada, tirada de cena	cerca o berço da criança brasileira de uma atmosfera de bondade e ternura'
coxas grossas	mucama permitida	vista como figura boa e vira 'gente'
bunda grande	a da prestação de bens e serviços	é a mãe
Gostosa	o burro de carga que carrega sua família e a dos outros nas costas	amamenta
Tesão	lado oposto da exaltação	dá banho
deixa os homens 'loucos'	está no cotidiano	limpa cocô
Rebolantes	negra anônima	põe pra dormir
sorridentes rainhas	habitante da periferia	acorda de noite pra cuidar
distribuem beijos	sobrevive na base da prestação de serviços segura a barra familiar praticamente sozinha	ensina a falar
Rainha	violenta	conta história
mulata deusa do meu samba		exerce a função materna
Cinderela do asfalto	concretamente reprimida	passa os valores que lhe dizem respeito pra criança
Adorada	só desempenha atividades que não implicam em 'lidar com o público'	língua pretuguês - infans é a cultura brasileira
Desejada	cozinheira	babá preta
devorada pelo olhar dos príncipes altos e loiros	arrumadeira	---
imagem estranhamente sedutora	faxineira	---
vista e admirada pelo mundo inteiro	raramente copeira nas casas das madames	---
luminosa e iluminada	servente nas escolas, supermercados, hospitais etc.	---
não é deste planeta'	ridicularizada	---
Mulata e doméstica são atribuições do mesmo sujeito	folclorizada	---
Nomeação depende da situação em que é vista	heroína, única e inigualável	---
Engrendramento de mulata e doméstica a partir da figura da mucama	esquecida, recalcada	---
malemolência perturbadora	nêga do cabelo duro'	---
---	beijos em vez de lábios	---
---	fornalha em vez de nariz	---
---	cabelo ruim	---

## APÊNDICE J – TEXTOS POR IMAGEM DE CONTROLE – DN E OP

<b>Mammy</b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais (DN)
2 - Mulher negra é mais discriminada (DN)
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos (DN)
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco (DN)
8 - Fortaleza da mulher jovem negra (DN)
11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista (DN)
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 8 textos do DN (6 diretamente, 2 indiretamente); 1 texto do OP, indiretamente.
<b>Total final: 6 diretamente (6 textos do DN). 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).</b>
<b>Matriarca</b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais (DN)
2 - Mulher negra é mais discriminada (DN)
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos (DN)
4 - Mulher, negra, africana... (DN)
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco (DN)
11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista (DN)
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo (OP)
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 8 textos do DN (6 diretamente, 2 indiretamente); 2 textos do OP (1 diretamente, 1 indiretamente).
<b>Total final: 7 diretamente (6 textos do DN; 1 texto do OP). 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).</b>
<b>Mãe dependente do Estado/Welfare mother</b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais (DN)
2 - Mulher negra é mais discriminada (DN)
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo (OP)
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 4 textos do DN (2 diretamente, 2 indiretamente); 2 textos do OP (1 diretamente, 1 indiretamente).
<b>Total final: 3 diretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP); 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).</b>
<b>Rainha da Assistência Social/Welfare queen</b>
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo (OP)
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 2 textos do DN, indiretamente; 2 textos do OP (1 diretamente, 1 indiretamente).
<b>Total final: 1 diretamente (1 texto do OP); 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).</b>
<b>Dama negra/Black lady</b>
2 - Mulher negra é mais discriminada (DN)

3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos (DN)
4 - Mulher, negra, africana... (DN)
5 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco (DN)
8 - Fortaleza da mulher jovem negra (DN)
10 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco (DN)
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna (DN)
13 - Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do Jornal Nacional (DN)
14 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios (DN)
15 - Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca (DN)
16 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado (DN)
17 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras (DN)
18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify (DN)
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
1 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico (OP)
2 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras (OP)
5 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra (OP)
6 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro (OP)
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo (OP)
8 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional (OP)
9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional (OP)
10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra (OP)
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 16 textos do DN (14 diretamente, 2 indiretamente); 9 textos do OP (8 diretamente, 1 indiretamente).
<b>Total final: 22 diretamente (14 textos do DN; 8 textos do OP). 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).</b>
<b><i>Mammy moderna</i></b>
2 - Mulher negra é mais discriminada (DN)
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna (DN)
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional (OP)
10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra (OP)
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 4 textos do DN (2 diretamente, 2 indiretamente); 3 textos do OP (2 diretamente, 1 indiretamente).
<b>Total final: 4 diretamente (2 textos do DN; 2 textos do OP). 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).</b>
<b><i>Jezebel/Prostituta/Hoochie</i></b>
4 - Mulher, negra, africana... (DN)
8 - Fortaleza da mulher jovem negra (DN)
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna (DN)
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.
3 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo (OP)
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.
Total: 5 textos do DN (3 diretamente, 2 indiretamente); 2 textos do OP (1 diretamente, 1 indiretamente).

**Total final: 4 diretamente (3 textos do DN; 1 texto do OP). 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 do OP).**

*Pretty baby*

18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify (DN) Ind.

7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura (DN) Ind.

9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta (DN) Ind.

4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas (OP) Ind.

Total: 3 textos do DN, indiretamente; 1 texto do OP, indiretamente.

**Total final: 1 indiretamente (1 texto do DN). 3 indiretamente (2 textos do DN; 1 texto do OP).**

## APÊNDICE K – TEXTOS POR IMAGEM DE CONTROLE – DN

<b>DIÁRIO DO NORDESTE</b>
<b><i>Mammy (6 diretamente - 2 indiretamente)</i></b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais
2 - Mulher negra é mais discriminada
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco
8 - Fortaleza da mulher jovem negra (DN)
11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Matriarca (6 diretamente - 2 indiretamente)</i></b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais
2 - Mulher negra é mais discriminada
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos
4 - Mulher, negra, africana...
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco
11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Mãe dependente do Estado/Welfare mother (2 diretamente - 2 indiretamente)</i></b>
1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais
2 - Mulher negra é mais discriminada
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Rainha da Assistência Social/Welfare queen (2 indiretamente)</i></b>
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Dama negra/Black lady (14 diretamente - 2 indiretamente)</i></b>
2 - Mulher negra é mais discriminada
3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos (DN)
4 - Mulher, negra, africana... (DN)
5 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA
6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco (DN)
8 - Fortaleza da mulher jovem negra
10 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna
13 - Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do Jornal Nacional
14 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios
15 - Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca
16 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado
17 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras

18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Mammy moderna (2 diretamente, 2 indiretamente)</i></b>
2 - Mulher negra é mais discriminada
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Jezebel/Prostituta/Hoochie (3 diretamente - 2 indiretamente)</i></b>
4 - Mulher, negra, africana...
8 - Fortaleza da mulher jovem negra
12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
<b><i>Pretty baby (1 diretamente - 2 indiretamente)</i></b>
18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify
7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura
9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta
*Os campos preenchidos com uma tonalidade de verde mais claro se referem aos textos que se referem indiretamente a uma IC.
**A cor verde está presente na logo do jornal Diário do Nordeste.

## APÊNDICE L – TEXTOS POR IMAGEM DE CONTROLE – OP

<b>O POVO</b>
<b><i>Mammy (1 indiretamente)</i></b>
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Matriarca (1 diretamente - 1 indiretamente)</i></b>
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Mãe dependente do Estado/Welfare mother (1 diretamente - 1 indiretamente)</i></b>
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Rainha da Assistência Social/Welfare queen (1 diretamente - 1 indiretamente)</i></b>
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Dama negra/Black lady (8 diretamente - 1 indiretamente)</i></b>
1 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico
2 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras
5 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra
6 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro
7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
8 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional
9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional
10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Mammy moderna (2 diretamente, 1 indiretamente)</i></b>
9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional
10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Jezebel/Prostituta/Hoochie (1 diretamente - 1 indiretamente)</i></b>
3 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
<b><i>Pretty baby (1 indiretamente)</i></b>
4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas
*Os campos preenchidos com uma tonalidade de azul mais claro se referem aos textos que se referem indiretamente a uma IC.
**A cor azul está presente na logo do jornal O Povo.

## APÊNDICE M – RESULTADO POR TEXTOS – DN

TEXTO 1		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Mulheres nordestinas e negras sofrem mais		Diário do Nordeste		Negócios		04 de fevereiro de 2003	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS/REPRODUZIDAS (colonialismo int. e ext./ Dorte Verner como fonte)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
<i>Mammy</i> , Matriarca e Mãe dependente do Estado							
TEXTO 2		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Mulher negra é mais discriminada		Diário do Nordeste		Negócios		19 de novembro de 2003	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (colonialismo interno + colonialismo)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
<i>Mammy</i> , Matriarca e Mãe dependente do Estado, Dama negra e <i>Mammy</i> moderna							
TEXTO 3		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
3 - Mulher negra tem pior renda [...]		Diário do Nordeste		Negócios		18 de novembro de 2005	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (OIT não incluiu cidades da região Norte na pesquisa)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
<i>Mammy</i> , Matriarca e Dama negra							
TEXTO 4		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Mulher, negra, africana...		Diário do Nordeste		Metro		01 de maio de 2014	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X	X		Indiretamente	X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS (Mito da branca salvadora / "Vir pra baixo do andar de baixo")</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
Matriarca, Jezebel e Dama negra							
TEXTO 5		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Loretta Lynch é confirmada como a 1ª [...]		Diário do Nordeste		Mundo		23 de abril de 2015	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS Não há uma fala da Loretta, "Denegrir". (Mobiliza colonialismo. Não se coloca a favor nem contra as políticas migratórias).</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
Dama negra							
TEXTO 6		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Mulher negra ganha menos de 40% que [...]		Diário do Nordeste		Negócios		12 de março de 2016	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS: Racismo. MOB.: Sexismo e classismo. (+ colonialismo pelo fato de o Brasil ter mais domésticas negras do que brancas)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S) ("É mais bem qualificada").</b>							
<i>Mammy</i> , Matriarca e Dama negra							
TEXTO 7		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Campanha Fortaleza Diz Não à Violência [...]		Diário do Nordeste		Metro		23 de novembro de 2016	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (+ colonialismo - a violência contra as mulheres negras é resultado das opressões interseccionais)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X	X	X	X	X	X
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)</b>							
Indiretamente, todas as Imagens de controle.							
TEXTO 8		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Fortaleza da mulher jovem negra		Diário do Nordeste		Metro		07 de março de 2017	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X	X		Indiretamente	X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	X
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S) (Mammy: donas de casa)</b>							
<i>Mammy</i> , Jezebel e Dama negra							
TEXTO 9		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Crianças de lares violentos têm mais chance [...]		Diário do Nordeste		Metro		26 de novembro de 2017	
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)</b>							
Indiretamente, todas as Imagens de controle.							

TEXTO 10		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Percurso Urbanos aborda a mulher negra [...]		Diário do Nordeste		Metro		17 de março de 2018	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (genocídio do povo negro, da juventude negra)							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)							
Dama negra							
TEXTO 11		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Game brasileiro tem sertão nordestino como [...]		Diário do Nordeste		Verso		27 de dezembro de 2018	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X			Indiretamente	X	X
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS E/OU MOBILIZADAS							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S) (Cuidados infindos e abnegação. Mito do matriarcado negro, responsável por reconstruir sua comunidade)							
Mammy e Matriarca							
TEXTO 12		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Era para estar milionária se eu não fosse [...]		Diário do Nordeste		Verso		08 de fevereiro de 2019	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X	Indiretamente		Indiretamente	X	Indiretamente
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)							
Jezebel, Dama negra e Mammy moderna							
TEXTO 13		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Maju agradece mensagens de apoio [...]		Diário do Nordeste		Verso		19 de fevereiro de 2019	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X			Indiretamente	X	Indiretamente
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS E/OU MOBILIZADAS ("Até mesmo William Bonner a elogiou")							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)							
Dama negra							
TEXTO 14		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Oscar 2019: Mulheres e negros ganham [...]		Diário do Nordeste		Verso		25 de fevereiro de 2019	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	Indiretamente
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS E/OU MOBILIZADAS							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				Indiretamente	Indiretamente
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)							
Dama negra							
TEXTO 15		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro [...]		Diário do Nordeste		Verso		20 de março de 2019	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	Indiretamente
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)							
Dama negra							
TEXTO 16		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Edital exclusivo para mulheres negras [...]		Diário do Nordeste		Verso		26 de setembro de 2019	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X		Indiretamente		X	X
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS (Classismo - Coaching, networking, download) E/OU MOBILIZADAS (Intolerância religiosa + sexismo, racismo)							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
Indiretamente	Indiretamente	X	Indiretamente	Indiretamente		Indiretamente	Indiretamente
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)							
Dama negra							
TEXTO 17		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Roda de conversa online discute lutas [...]		Diário do Nordeste		Verso		28 de julho de 2020	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X	X			X	X
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS (Classismo - online) E/OU MOBILIZADAS							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)							
Dama negra							
TEXTO 18		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Ludmilla se torna primeira mulher negra [...]		Diário do Nordeste		É hit		03 de setembro de 2020	
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS E/OU MOBILIZADAS (+ colonialismo - primeira negra latina etc.)							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
Indiretamente	Indiretamente	X				X	
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E MOBILIZADA(S), nesta ordem							
Dama negra e Pretty baby							

## APÊNDICE N – RESULTADO POR TEXTOS – OP

TEXTO 1		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Policiais não acreditam que mulher negra [...]		O Povo	Notícias	15 de setembro de 2015			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)</b>							
Dama negra							
TEXTO 2		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos [...]		O Povo	Brasil	31 de março de 2017			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL (peso: elas são magras).</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X			Indiretamente	X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (+ colonialismo: as primeiras etc.) (xenofobia + racismo + colonialismo)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X			Indiretamente	Indiretamente	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
Dama negra							
TEXTO 3		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Professor que comparou cerveja escura a [...]		O Povo	Brasil	18 de setembro de 2017			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X	X		Indiretamente	X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X						
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
Jezebel							
TEXTO 4		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
No Ceará, mulheres negras são assassinadas [...]		O Povo	Brasil	11 de dezembro de 2017			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (comparação entre regiões)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X				X	
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)</b>							
Indiretamente, todas as Imagens de controle.							
TEXTO 5		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Canadá apresenta a sua primeira cédula [...]		O Povo	Mundo/Notícia	09 de março de 2018			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL (Peso: Viola era magra e estampa a cédula).</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X			Indiretamente	X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS (+ colonialismo. Família real etc.)</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)</b>							
Dama negra							
TEXTO 6		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio [...]		O Povo	Brasil/Notícia	17 de julho de 2018			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS E/OU MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S) E/OU MOBILIZADA(S)</b>							
Dama negra							
TEXTO 7		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Imagem de mulher negra em campanha de [...]		O Povo	Política/Notícia	18 de setembro de 2018			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	Indiretamente
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS IDENTIFICADAS (racismo - o foco é a discussão etc. desprezando o racismo de Bolsonaro e seu filho) E/OU MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
Matriarca, Mãe dependente do Estado, Dama negra e Rainha da Assistência Social							
TEXTO 8		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Maju Coutinho será a primeira mulher negra [...]		O Povo	Divirta-se	13 de fevereiro de 2019			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	Indiretamente
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					
<b>IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)</b>							
Dama negra							
TEXTO 9		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Maju Coutinho é primeira mulher negra a [...]		O Povo	Brasil/Notícia	16 de fevereiro de 2019			
<b>HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL</b>							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	X
<b>OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS</b>							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
X	X	X					

IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)							
Dama negra e <i>Mamm</i> y moderna							
TEXTO 10		JORNAL	EDITORIA	DATA DE PUBLICAÇÃO			
Pesquisa: na mesma profissão, homem branco [...]		O Povo	Brasil/Notícia	15 de setembro de 2020			
HASTES ILUMINADAS PELOS GIROS DA ROLETA INTERSECCIONAL							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
X	X	X				X	
OPRESSÕES INTERSECCIONAIS MOBILIZADAS							
Sexismo	Racismo	Classismo	Heterossexismo	Capacitismo	Gordofobia	Xenofobia	Etarismo
Indiretamente	X	Indiretamente				Indiretamente	
IMAGEM(NS) DE CONTROLE IDENTIFICADA(S)							
Dama negra e <i>Mammy moderna</i>							

## APÊNDICE O – ETHOS INTERSECCIONAL – DN

TEXTO 1		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Mulheres nordestinas e negras sofrem mais		Diário do Nordeste		Negócios		04 de fevereiro de 2003	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Mulheres nordestinas e negras sofrem mais	Mulheres nordestinas e negras sofrem mais	Mulheres nordestinas e negras sofrem mais				Mulheres nordestinas e negras sofrem mais	
Dorte Verner: "No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres"	Dorte Verner: "No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres"	Dorte Verner: "No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres"				Dorte Verner: "No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres"	
A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).				A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	
"No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo", disse.	"No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo", disse.	"No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo", disse.				"No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo", disse.	
Ela [Dorte Verner] lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza".	Ela [Dorte Verner] lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza".	Ela [Dorte Verner] lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza".				Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991.	
Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com a própria formação das pessoas da raça negra), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos.	Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com a própria formação das pessoas da raça negra), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos.	Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com a própria formação das pessoas da raça negra), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos.				"As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro". Longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina, ela argumentou que a região não é diferente do resto do Brasil.	
Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991.		Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991.				"O destino de uma família nordestina não é viver na pobreza. O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema", disse.	
"As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro". Longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina, ela argumentou que a região não é diferente do resto do Brasil.		"As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro". Longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina, ela argumentou que a região não é diferente do resto do Brasil.				"As pessoas que trabalham na atividade agrícola têm alto risco de serem pobres".	
A executiva do Bird ressaltou que a pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade da população.		"O destino de uma família nordestina não é viver na pobreza. O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema", disse.				Segundo ela, o trabalho com carteira assinada reduz esses riscos, mas não no Nordeste, onde o emprego formal com baixos salários não tem auxiliado na equiparação de renda entre ricos e pobres.	
		A executiva do Bird ressaltou que a pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade da população.					
		Segundo ela, o trabalho com carteira assinada reduz esses riscos, mas não no Nordeste, onde o emprego formal com baixos salários não tem auxiliado na equiparação de renda entre ricos e pobres.					
		Para Verner, "a educação é a chave para eliminar a pobreza no País", e, portanto, a área que vai precisar de mais ênfase na área social do novo governo.					
		Ela cita dados da Pnad: "os pobres estudam, em média, quatro anos, enquanto que os não-pobres passam seis anos e meio na escola. Ou seja, há uma defasagem de dois anos e meio entre eles. E essa diferença não está diminuindo". (SC)					
TEXTO 2		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Mulher negra é mais discriminada		Diário do Nordeste		Negócios		19 de novembro de 2003	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Mulher negra é mais discriminada	Mulher negra é mais discriminada	Mulher negra é mais discriminada				*São Paulo	
A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho.	A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho.	A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho.				Pesquisa "Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos"	
A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas [as mulheres negras], ficam mais tempo.	A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas [as mulheres negras], ficam mais tempo desocupadas.	A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas [as mulheres negras] ficam mais tempo desocupadas.				O estudo levou em conta dados de 2001 e 2002 das pesquisas mensais de emprego do Dieese em seis regiões metropolitanas do país: Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Distrito Federal, Recife (PE), Salvador (BA) e São Paulo.	
Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, [as mulheres negras] ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários.	Os resultados fazem parte da pesquisa "Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos", divulgada pelo Dieese.	Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários.				A pior taxa de desemprego foi em Salvador, onde chegou a 31,3% entre as mulheres negras, enquanto entre as não-negras foi de 22,2%.	
Os resultados fazem parte da pesquisa "Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos", divulgada pelo Dieese.	O levantamento foi divulgado às vésperas do Dia da Consciência Negra, comemorado amanhã.	O estudo levou em conta dados de 2001 e 2002 das pesquisas mensais de emprego do Dieese em seis regiões metropolitanas do país: Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Distrito Federal, Recife (PE), Salvador (BA) e São Paulo.				Em São Paulo, a taxa foi de 26,2% entre as negras e de 18,8% entre as não-negras.	

A pior taxa de desemprego foi em Salvador, onde chegou a 31,3% entre as <b>mulheres negras</b> , enquanto entre as <b>não-negras</b> foi de 22,2%.	A pior taxa de desemprego foi em Salvador, onde chegou a 31,3% entre as <b>mulheres negras</b> , enquanto entre as <b>não-negras</b> foi de 22,2%.	Os resultados fazem parte da pesquisa " <b>Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos</b> ", divulgada pelo Dieese				"Os dados de Salvador surpreendem porque lá a <b>população negra é maior</b> , portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a <b>discriminação racial e a desigualdade social</b> ", diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.		
Em São Paulo, a taxa foi de 26,2% entre as <b>negras</b> e de 18,8% entre as <b>não-negras</b> .	Em São Paulo, a taxa foi de 26,2% entre as <b>negras</b> e de 18,8% entre as <b>não-negras</b> .	A pior taxa de desemprego foi em Salvador, onde chegou a 31,3% entre as <b>mulheres negras</b> , enquanto entre as <b>não-negras</b> foi de 22,2%.				As mulheres negras também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as mulheres negras levam 14.		
As <b>mulheres negras</b> também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as mulheres negras levam 14.	"Os dados de Salvador surpreendem porque lá a <b>população negra é maior</b> , portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a <b>discriminação racial e a desigualdade social</b> ", diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.	Em São Paulo, a taxa foi de 26,2% entre as <b>negras</b> e de 18,8% entre as <b>não-negras</b> .				O estudo também mostra que a situação da mulher negra não é melhor quando consegue uma vaga no mercado. Na região metropolitana de São Paulo, 72% das <b>mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no setor de serviços e de emprego doméstico.		
O estudo também mostra que a situação da <b>mulher negra</b> não é melhor quando consegue uma vaga no mercado. Na região metropolitana de São Paulo, 72% das <b>mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no setor de serviços e de emprego doméstico.	As <b>mulheres negras</b> também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os <b>homens não-negros</b> levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as <b>mulheres negras</b> levam 14.	"Os dados de Salvador surpreendem porque lá a <b>população negra é maior</b> , portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a <b>discriminação racial e a desigualdade social</b> ", diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.						
O estudo também mostra que a situação da <b>mulher negra</b> não é melhor quando consegue uma vaga no mercado. Na região metropolitana de São Paulo, 72% das <b>mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no setor de serviços e de emprego doméstico.	As <b>mulheres negras</b> também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os <b>homens não-negros</b> levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as <b>mulheres negras</b> levam 14.	"Os dados de Salvador surpreendem porque lá a <b>população negra é maior</b> , portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a <b>discriminação racial e a desigualdade social</b> ", diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.						
O estudo também mostra que a situação da <b>mulher negra</b> não é melhor quando consegue uma vaga no mercado. Na região metropolitana de São Paulo, 72% das <b>mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no setor de serviços e de emprego doméstico.	As <b>mulheres negras</b> também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os <b>homens não-negros</b> levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as <b>mulheres negras</b> levam 14.	"Os dados de Salvador surpreendem porque lá a <b>população negra é maior</b> , portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a <b>discriminação racial e a desigualdade social</b> ", diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.						
O estudo também mostra que a situação da <b>mulher negra</b> não é melhor quando consegue uma vaga no mercado. Na região metropolitana de São Paulo, 72% das <b>mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no setor de serviços e de emprego doméstico.	As <b>mulheres negras</b> também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os <b>homens não-negros</b> levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as <b>mulheres negras</b> levam 14.	"Os dados de Salvador surpreendem porque lá a <b>população negra é maior</b> , portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a <b>discriminação racial e a desigualdade social</b> ", diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.						
<b>TEXTO 3</b>			<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>			
Mulher negra tem pior renda, dizem estudos			Diário do Nordeste	Negócios	18 de novembro de 2005			
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>					
<b>Mulher negra</b> tem pior renda, dizem estudos	<b>Mulher negra</b> tem pior renda, dizem estudos	<b>Mulher negra</b> tem pior renda, dizem estudos	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
						<b>Brasília</b>		
As <b>mulheres negras</b> sofrem tripla discriminação no mercado de trabalho: racial, de classe e de gênero.	As <b>mulheres negras</b> sofrem tripla discriminação no mercado de trabalho: racial, de classe e de gênero.	As <b>mulheres negras</b> sofrem tripla discriminação no mercado de trabalho: racial, de classe e de gênero.				Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da <b>Consciência Negra</b> , no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que as <b>mulheres negras</b> são a base da pirâmide social do país.		
As <b>empregadas domésticas</b> são o grupo mais vulnerável. Assim como as outras <b>trabalhadoras negras</b> , elas ganham menos e a maioria não tem proteção social.	As <b>empregadas domésticas</b> são o grupo mais vulnerável. Assim como as outras <b>trabalhadoras negras</b> , elas ganham menos e a maioria não tem proteção social.	As <b>empregadas domésticas</b> são o grupo mais vulnerável. Assim como as outras <b>trabalhadoras negras</b> , elas ganham menos e a maioria não tem proteção social.				A renda média mensal das <b>mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os <b>homens negros</b> , R\$ 554,60 para <b>mulheres brancas</b> e R\$ 931,10 para <b>homens brancos</b> .		
Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da <b>Consciência Negra</b> , no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que as <b>mulheres negras</b> são a base da pirâmide social do país.	Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da <b>Consciência Negra</b> , no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que as <b>mulheres negras</b> são a base da pirâmide social do país.	Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da <b>Consciência Negra</b> , no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que as <b>mulheres negras</b> são a base da pirâmide social do país.				<b>Maior Estado negro do país</b> , 80% da população, a <b>Bahia</b> é também o que mais discrimina a trabalhadora negra. Lá (na Bahia, as trabalhadoras negras) chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Interinstitucional de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.		
A renda média mensal das <b>mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os <b>homens negros</b> , R\$ 554,60 para <b>mulheres brancas</b> e R\$ 931,10 para <b>homens brancos</b> .	A renda média mensal das <b>mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os <b>homens negros</b> , R\$ 554,60 para <b>mulheres brancas</b> e R\$ 931,10 para <b>homens brancos</b> .	A renda média mensal das <b>mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os <b>homens negros</b> , R\$ 554,60 para <b>mulheres brancas</b> e R\$ 931,10 para <b>homens brancos</b> .				A discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras. Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras. O levantamento foi feito em São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde a diferença é de quase quatro vezes.		

<p>Maiores Estado negro do país, 80% da população, a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra. Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.</p>	<p>Maiores Estado negro do país, 80% da população, a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra. Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.</p>	<p>Maiores Estado negro do país, 80% da população, a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra. Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.</p>				<p>No geral, há mais domésticas não negras com carteira assinada do que negras nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT. Curiosamente, o Distrito Federal, que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras. A capital perde apenas para Salvador, onde 30,8% das domésticas negras possuem carteira assinada.</p>	
<p>A discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras. Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras. O levantamento foi feito em São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde a diferença é de quase quatro vezes.</p>	<p>A discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras. Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras. O levantamento foi feito em São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde a diferença é de quase quatro vezes.</p>	<p>A discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras. Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras. O levantamento foi feito em São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde a diferença é de quase quatro vezes.</p>				<p>Oficialmente há 6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras, mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%.</p>	
<p>No geral, há mais domésticas não-negras com carteira assinada do que negras nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT. Curiosamente, o Distrito Federal, que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras. A capital perde apenas para Salvador, onde 30,8% das domésticas negras possuem carteira assinada.</p>	<p>No geral, há mais domésticas não-negras com carteira assinada do que negras nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT. Curiosamente, o Distrito Federal, que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras. A capital perde apenas para Salvador, onde 30,8% das domésticas negras possuem carteira assinada.</p>	<p>No geral, há mais domésticas não-negras com carteira assinada do que negras nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT. Curiosamente, o Distrito Federal, que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras. A capital perde apenas para Salvador, onde 30,8% [...]</p>					
<p>Oficialmente há 6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras, mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%.</p>	<p>Oficialmente há 6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras, mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%.</p>	<p>Oficialmente há 6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras, mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%.</p>					
<p>TEXTO 4</p>		<p>JORNAL</p>		<p>EDITORIA</p>		<p>DATA DE PUBLICAÇÃO</p>	
<p>Mulher, negra, africana...</p>		<p>Diário do Nordeste</p>		<p>Metro</p>		<p>01 de maio de 2014</p>	
<p>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</p>							
<p>Gênero</p>	<p>Raça</p>	<p>Classe</p>	<p>Sexualidade</p>	<p>Deficiência</p>	<p>Peso</p>	<p>Geolocalização</p>	<p>Idade</p>
<p>Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indistinto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países</p>	<p>Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indistinto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países</p>	<p>Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indistinto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países</p>	<p>Mas sem esquecer que é mulher, negra e africana - ou por lembrar exatamente disso, Joana teve a luta. Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: "Ei, morena gostosa". Mesmo com medo, devolve com "não sou o que você está pensando".</p>		<p>[Indiretamente]</p>	<p>Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indistinto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países</p>	<p>Já com os dias contados para ter que sair de um internato onde dormia em um colchonetes entre as camas das jovens internas, Joana se depara, em sua sala de aula, com uma jovem palestrante brasileira cujo sonho era conhecer a África. "O sonho dela me tocou". Jovens brasileiras sonham conhecer a Europa. Pâmela Gaino sonha com a África.</p>
<p>Uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra.</p>	<p>Uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra.</p>	<p>Uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra.</p>	<p>Nos diversos diálogos para compor esta série "Travessias da Cor", mulheres africanas ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas mulheres brasileiras negras.</p>			<p>A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a "base da base" da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.</p>	<p>Já com os dias contados para ter que sair de um internato onde dormia em um colchonetes entre as camas das jovens internas, Joana se depara, em sua sala de aula, com uma jovem palestrante brasileira cujo sonho era conhecer a África. "O sonho dela me tocou". Jovens brasileiras sonham conhecer a Europa. Pâmela Gaino sonha com a África. [Subentende-se que Joana é jovem].</p>
<p>A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a "base da base" da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.</p>	<p>A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a "base da base" da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.</p>	<p>A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a "base da base" da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.</p>	<p>Joana continua caminhando. Espera que os comentários passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</p>			<p>Joana (nome fictício) chegou em [Fortaleza em] janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela.</p>	
<p>Joana (nome fictício) chegou em [Fortaleza em] janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela.</p>	<p>Joana (nome fictício) chegou em [Fortaleza em] janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela.</p>	<p>Desaviadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</p>				<p>Desaviadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</p>	



Da amizade surgiu, um conselho de <b>Pamela</b> que virou atitude: <b>Joana</b> muda-se para Fortaleza, onde encontra muitos africanos em associações das quais ela depois vai participar. Não está mais sozinha. O curso de Serviço Social dá lugar ao de Gestão Ambiental, sem esquecer o mercado de trabalho do seu país.	Da amizade surgiu, um conselho de <b>Pamela</b> que virou atitude: <b>Joana</b> muda-se para Fortaleza, onde encontra muitos africanos em associações das quais ela depois vai participar. Não está mais sozinha. O curso de Serviço Social dá lugar ao de Gestão Ambiental, sem esquecer o mercado de trabalho do seu país.	Joana continua caminhando. Espera que os comentários passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. <b>No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico [condição interseccional].</b>					Nos diversos diálogos para compor esta série "Travessias da Cor", <b>mulheres africanas</b> ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas <b>mulheres brasileiras negras</b> .	
Mas sem esquecer que é <b>mulher, negra e africana</b> - ou por lembrar exatamente disso, <b>Joana</b> Té vai à luta. Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: "Ei, morena gostosa". Mesmo com medo, devolve com "não sou o que você está pensando".	Mas sem esquecer que é <b>mulher, negra e africana</b> - ou por lembrar exatamente disso, <b>Joana</b> Té vai à luta. Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: "Ei, morena gostosa". Mesmo com medo, devolve com "não sou o que você está pensando".	<b>Mulher, negra, africana, mãe, estudante</b> , agora <b>Joana</b> acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: " <b>guerreira corajosa</b> ". (M)					Joana continua caminhando. Espera que os comentários passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. <b>No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>	
Nos diversos diálogos para compor esta série "Travessias da Cor", <b>mulheres africanas</b> ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas <b>mulheres brasileiras negras</b> .	Nos diversos diálogos para compor esta série "Travessias da Cor", <b>mulheres africanas</b> ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas <b>mulheres brasileiras negras</b> .						Na solidão do passo apressado, olha para o celular como quem recarrega as baterias numa tomada. É rotina. Inúmeras fotos conectam o olhar ao amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: <b>Celso</b> . Por ele, veio e por ele quer voltar. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, <b>ela</b> torna menor do que o desejo para não desistir. "Ele me dá forças".	
Joana continua caminhando. Espera que os comentários passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. <b>No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>	Joana continua caminhando. Espera que os comentários [machismo, racismo] passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. <b>No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>						<b>Mulher, negra, africana, mãe, estudante</b> , agora <b>Joana</b> acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: " <b>guerreira corajosa</b> ". (M)	
Na solidão do passo apressado, olha para o celular como quem recarrega as baterias numa tomada. É rotina. Inúmeras fotos conectam o olhar ao amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: <b>Celso</b> . Por ele, veio e por ele quer voltar. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, <b>ela</b> torna menor do que o desejo para não desistir. "Ele me dá forças".	Na solidão do passo apressado, olha para o celular como quem recarrega as baterias numa tomada. É rotina. Inúmeras fotos conectam o olhar ao amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: <b>Celso</b> . Por ele, veio e por ele quer voltar. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe [Matrícula], <b>ela</b> torna menor do que o desejo para não desistir. "Ele me dá forças".							
<b>Mulher, negra, africana, mãe, estudante</b> , agora <b>Joana</b> acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: " <b>guerreira corajosa</b> ". (M)	<b>Mulher, negra, africana, mãe, estudante</b> , agora <b>Joana</b> acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: " <b>guerreira corajosa</b> ". (M)							
<b>TEXTO 5</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>		
Loreta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça Negra [...]		Diário do Nordeste		Mundo		23 de abril de 2015		
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>		<b>Poso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
			<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>				
Loreta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA	Loreta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA	Loreta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA				Loreta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA	Lynch, 55, será a primeira mulher negra a ocupar o posto. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - apenas dez republicanos votaram a seu favor.	
Após cinco meses de espera, a indicação de Loreta Lynch, procuradora federal de Nova York, para ser a nova secretária de Justiça dos EUA foi aprovada pelo Senado americano nesta quinta-feira (23).	Após cinco meses de espera, a indicação de Loreta Lynch, procuradora federal de Nova York, para ser a nova secretária de Justiça dos EUA foi aprovada pelo Senado americano nesta quinta-feira (23).	Após cinco meses de espera, a indicação de Loreta Lynch, procuradora federal de Nova York, para ser a nova secretária de Justiça dos EUA foi aprovada pelo Senado americano nesta quinta-feira (23).				Após cinco meses de espera, a indicação de Loreta Lynch, procuradora federal de Nova York, para ser a nova secretária de Justiça dos EUA foi aprovada pelo Senado americano nesta quinta-feira (23).		
Ela substituirá Eric Holder, que anunciou sua renúncia no ano passado, após cinco anos no cargo.	Ela substituirá Eric Holder, que anunciou sua renúncia no ano passado, após cinco anos no cargo.	Ela substituirá Eric Holder, que anunciou sua renúncia no ano passado, após cinco anos no cargo.				O presidente Barack Obama nomeou Lynch para o cargo em novembro, quando o Senado ainda era controlado pelo Partido Democrata.		
Lynch, 55, será a primeira mulher negra a ocupar o posto. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - apenas dez republicanos votaram a seu favor.	Lynch, 55, será a primeira mulher negra a ocupar o posto. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - apenas dez republicanos votaram a seu favor.	Lynch, 55, será a primeira mulher negra a ocupar o posto. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - apenas dez republicanos votaram a seu favor.				Mas ela acabou desagradando os republicanos ao defender, em ações executivas de Obama sobre imigração.		
O presidente Barack Obama nomeou Lynch para o cargo em novembro, quando o Senado ainda era controlado pelo Partido Democrata.	O presidente Barack Obama nomeou Lynch para o cargo em novembro, quando o Senado ainda era controlado pelo Partido Democrata.	O presidente Barack Obama nomeou Lynch para o cargo em novembro, quando o Senado ainda era controlado pelo Partido Democrata.				"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.		
Com os congressistas preocupados em aprovar indicações que consideravam mais problemáticas diante de um Senado republicano - o que ocorreria a partir de janeiro deste ano - a votação acabou adiada para 2015.	Mas ela acabou desagradando os republicanos ao defender, em audiência no mês de janeiro, as ações executivas de Obama sobre imigração.	Com os congressistas preocupados em aprovar indicações que consideravam mais problemáticas diante de um Senado republicano - o que ocorreria a partir de janeiro deste ano - a votação acabou adiada para 2015.				"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: nós não precisamos confirmar alguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso".		
À época de sua nomeação, o nome de Lynch agradou a oposição, que a considera qualificada para ocupar o cargo de secretária da Justiça e é crítica ferrenha de Holder.	"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.	À época de sua nomeação, o nome de Lynch agradou a oposição, que a considera qualificada para ocupar o cargo de secretária da Justiça e é crítica ferrenha de Holder.				O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, afirmou que, sob o comando de Lynch, "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder".		

Mas ela acabou desagrando os republicanos ao defender, em audiência no mês de janeiro, as ações executivas de Obama sobre imigração.	"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: nós não precisamos confirmar ninguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso."	"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.					
"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.	O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, afirmou que, sob o comando de Lynch, "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder".	"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: nós não precisamos confirmar ninguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso."					
"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: nós não precisamos confirmar ninguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso."		O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, afirmou que, sob o comando de Lynch, "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder".					
O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, afirmou que, sob o comando de Lynch, "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder".							
TEXTO 6		JORNAL	EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO		
Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco		Diário do Nordeste	Negócios		12 de março de 2016		
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco	Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco	Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco				Brasília	
Considerando as mulheres de um modo geral, a pesquisa do Ipea constatou que elas ainda ganham, em média, 30% menos que os homens	Considerando as mulheres de um modo geral, a pesquisa do Ipea constatou que elas ainda ganham, em média, 30% menos que os homens	Considerando as mulheres de um modo geral, a pesquisa do Ipea constatou que elas ainda ganham, em média, 30% menos que os homens				A mulher brasileira conquistou espaço no mercado de trabalho. É mais bem qualificada, gasta mais tempo que os homens estudando e ainda dá conta dos trabalhos no lar. São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.	
A mulher brasileira conquistou espaço no mercado de trabalho. É mais bem qualificada, gasta mais tempo que os homens estudando e ainda dá conta dos trabalhos no lar. São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.	A mulher brasileira conquistou espaço no mercado de trabalho. É mais bem qualificada, gasta mais tempo que os homens estudando e ainda dá conta dos trabalhos no lar. São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.	A mulher brasileira conquistou espaço no mercado de trabalho. É mais bem qualificada, gasta mais tempo que os homens estudando e ainda dá conta dos trabalhos no lar. São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.				Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro. Elas não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.	
Mas a mulher ganha em média 30% menos que o homem. Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado ontem [11] pelo Ministério do Trabalho, no âmbito do Dia das Mulheres, dá a noção dessa realidade, que já foi pior.	Mas a mulher ganha em média 30% menos que o homem. Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado ontem [11] pelo Ministério do Trabalho, no âmbito do Dia das Mulheres, dá a noção dessa realidade, que já foi pior.	Mas a mulher ganha em média 30% menos que o homem. Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado ontem [11] pelo Ministério do Trabalho, no âmbito do Dia das Mulheres, dá a noção dessa realidade, que já foi pior.				Os dados do estudo vieram das Pnads (Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios, do IBGE) de 2004 a 2014, último ano para o qual se tem informações disponibilizadas.	
Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro. Elas não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.	Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro. Elas não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.	Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro. Elas não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.				O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego. "Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.	
O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego. "Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.	O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego. "Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.	O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego. "Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.				No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra. Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.	

As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.	As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.	As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.				Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, veio de Salvador para Brasília para o lançamento do estudo. Ela citou a regulamentação da lei dos trabalhadores domésticos como um avanço. Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz: "A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel. É um resqúio do trabalho escravo. Muitos não querem aceitar a lei", afirma.	
Domésticas	Domésticas	Domésticas					
No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra. Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.	No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra. Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.	No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra. Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.					
Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, veio de Salvador para Brasília para o lançamento do estudo. Ela citou a regulamentação da lei dos trabalhadores domésticos como um avanço. Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz: "A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel. É um resqúio do trabalho escravo. Muitos não querem aceitar a lei", afirma.	Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, veio de Salvador para Brasília para o lançamento do estudo. Ela citou a regulamentação da lei dos trabalhadores domésticos como um avanço. Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz: "A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel. É um resqúio do trabalho escravo. Muitos não querem aceitar a lei", afirma.	Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, veio de Salvador para Brasília para o lançamento do estudo. Ela citou a regulamentação da lei dos trabalhadores domésticos como um avanço. Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz: "A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel. É um resqúio do trabalho escravo. Muitos não querem aceitar a lei", afirma.					
TEXTO 7		JORNAL	EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO		
Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher [...]		Diário do Nordeste		Metro		23 de novembro de 2016	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura	O foco da ação deste ano será as mulheres negras	O foco da ação deste ano será as mulheres negras				Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura	
O foco da ação deste ano será as mulheres negras	A Prefeitura de Fortaleza lança, nesta quarta-feira (23), a 4ª edição da Campanha Fortaleza Diz Não à Violência Contra a Mulher. O evento será às 15h, no auditório do Paço Municipal. O objetivo da campanha é sensibilizar a sociedade para a necessidade de prevenção e de enfrentamento à violência contra as mulheres. Neste ano, o tema será "Identidade, Luta e Resistência das Mulheres Negras".					A Prefeitura de Fortaleza lança, nesta quarta-feira (23), a 4ª edição da Campanha Fortaleza Diz Não à Violência Contra a Mulher. O evento será às 15h, no auditório do Paço Municipal. O objetivo da campanha é sensibilizar a sociedade para a necessidade de prevenção e de enfrentamento à violência contra as mulheres. Neste ano, o tema será "Identidade, Luta e Resistência das Mulheres Negras".	
A Prefeitura de Fortaleza lança, nesta quarta-feira (23), a 4ª edição da Campanha Fortaleza Diz Não à Violência Contra a Mulher. O evento será às 15h, no auditório do Paço Municipal. O objetivo da campanha é sensibilizar a sociedade para a necessidade de prevenção e de enfrentamento à violência contra as mulheres. Neste ano, o tema será "Identidade, Luta e Resistência das Mulheres Negras".	Em 2016, as atenções se voltam ao enfrentamento da violência contra as mulheres negras, uma vez que, conforme dados do Mapa da Violência de 2015, é sobre elas que recaem os maiores índices de agressões. O aumento da violência contra mulheres negras foi de 54% nos últimos 10 anos. A campanha trará diversas atividades para a cidade, como ciclo de oficinas, seminários, exposição, passeio ciclístico e caminhada pelas ruas de Fortaleza.					Em 2016, as atenções se voltam ao enfrentamento da violência contra as mulheres negras, uma vez que, conforme dados do Mapa da Violência de 2015, é sobre elas que recaem os maiores índices de agressões. O aumento da violência contra mulheres negras foi de 54% nos últimos 10 anos. A campanha trará diversas atividades para a cidade, como ciclo de oficinas, seminários, exposição, passeio ciclístico e caminhada pelas ruas de Fortaleza.	
Em 2016, as atenções se voltam ao enfrentamento da violência contra as mulheres negras, uma vez que, conforme dados do Mapa da Violência de 2015, é sobre elas que recaem os maiores índices de agressões. O aumento da violência contra mulheres negras foi de 54% nos últimos 10 anos. A campanha trará diversas atividades para a cidade, como ciclo de oficinas, seminários, exposição, passeio ciclístico e caminhada pelas ruas de Fortaleza.							
TEXTO 8		JORNAL	EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO		
Fortaleza da mulher jovem negra		Diário do Nordeste		Metro		07 de março de 2017	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Fortaleza da mulher jovem negra	Fortaleza da mulher jovem negra	"Desenhar" e "colorir" corpos que, em geral, têm o mesmo gênero que o seu. Ser tatuadora, aos 26 anos. Ser mulher negra, jovem e cearense. Condições que já fizeram Sarah Nicodemos sentir e saber quais os gargalos têm de superar, o racismo é apenas um deles. "Muitos homens não confiam quando chegam ao estúdio. Eles preferem esperar os tatuadores homens", relata ao contar sobre seu trabalho, realizado há quase três.	Das adversidades específicas relacionadas à sua identidade negra e ao gênero, Sarah enfatiza "o nosso corpo é extremamente sexualizado". Filha de pai negro e de uma mãe que nunca se opôs a esta militância, pelo contrário, explica ela, "apoiou e vai incluir nos atos que eu participo". Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor.		[Indiretamente]	Fortaleza da mulher jovem negra	Fortaleza da mulher jovem negra

Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor.	Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor [Subentendendo-se uma consciência racial].	<b>Recém-formada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra).</b> Foi na academia, ao cursar Serviço Social, que "despertou" para a possibilidade e necessidade de "organizar-se", justamente para combater os males que ela e tantas outras negras – próximas ou não – padecem no dia a dia.				"Desenhar" e "colorir" corpos que, em geral, têm o mesmo gênero que o seu. Ser tatuadora, aos 26 anos. Ser <b>mulher negra, jovem e cearense.</b> Condições que já fizeram Sarah Nicodemus sentir e saber quais os gargalos têm de superar, o racismo é apenas um deles. "Muitos homens não confiam quando chegam ao estúdio. Eles preferem esperar os tatuadores homens", relata ao contar sobre seu trabalho, realizado há quase três.	"Desenhar" e "colorir" corpos que, em geral, têm o mesmo gênero que o seu. Ser tatuadora, aos 26 anos. Ser <b>mulher negra, jovem e cearense.</b> Condições que já fizeram Sarah Nicodemus sentir e saber quais os gargalos têm de superar, o racismo é apenas um deles. "Muitos homens não confiam quando chegam ao estúdio. Eles preferem esperar os tatuadores homens", relata ao contar sobre seu trabalho, realizado há quase três.
"Desenhar" e "colorir" corpos que, em geral, têm o mesmo gênero que o seu. Ser <b>tatuadora</b> , aos 26 anos. Ser <b>mulher negra, jovem e cearense.</b> Condições que já fizeram Sarah Nicodemus sentir e saber quais os gargalos têm de superar, o racismo é apenas um deles. "Muitos homens não confiam quando chegam ao estúdio. Eles preferem esperar os tatuadores homens", relata ao contar sobre seu trabalho, realizado há quase três.	"Desenhar" e "colorir" corpos que, em geral, têm o mesmo gênero que o seu. Ser <b>tatuadora</b> , aos 26 anos. Ser <b>mulher negra, jovem e cearense.</b> Condições que já fizeram Sarah Nicodemus sentir e saber quais os gargalos têm de superar, o racismo é apenas um deles. "Muitos homens não confiam quando chegam ao estúdio. Eles preferem esperar os tatuadores homens", relata ao contar sobre seu trabalho, realizado há quase três.	Aparentemente tímida, explica que seu processo e sua consciência a impulsionam para a superação das desigualdades de gênero e combate ao racismo. <b>O Inegra é espaço de troca.</b> É ponto de encontro de diversas mulheres de todas as idades. Um dos desafios da organização, reflete ela, é alcançar, dentre outras, mulheres donas de casas, que no cotidiano são sentenciadas pelas violações de inúmeros direitos.				<b>Recém-formada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra).</b> Foi na academia, ao cursar Serviço Social, que "despertou" para a possibilidade e necessidade de "organizar-se", justamente para combater os males que ela e tantas outras negras – próximas ou não – padecem no dia a dia.	Recém-formada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra). Foi na academia, ao cursar Serviço Social, que "despertou" para a possibilidade e necessidade de "organizar-se", justamente para combater os males que ela e tantas outras negras – próximas ou não – padecem no dia a dia.
<b>Recém-formada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra).</b> Foi na academia, ao cursar Serviço Social, que "despertou" para a possibilidade e necessidade de "organizar-se", justamente para combater os males que ela e tantas outras negras – próximas ou não – padecem no dia a dia.	Recém-formada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra). Foi na academia, ao cursar Serviço Social, que "despertou" para a possibilidade e necessidade de "organizar-se", justamente para combater os males que ela e tantas outras negras – próximas ou não – padecem no dia a dia.	Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfianças.</b> Manter-se firme e quando pesar, dividir, porque organizar-se em coletivo é, de alguma maneira, também entender que <b>outras mulheres, sejam elas jovens ou não, são refúgios.</b>					Aparentemente tímida, explica que seu processo e sua consciência a impulsionam para a superação das desigualdades de gênero e combate ao racismo. <b>O Inegra é espaço de troca. É ponto de encontro de diversas mulheres de todas as idades.</b> Um dos desafios da organização, reflete ela, é alcançar, dentre outras, mulheres donas de casas, que no cotidiano são sentenciadas pelas violações de inúmeros direitos.
Das adversidades específicas relacionadas à sua <b>identidade negra e ao gênero</b> , Sarah enfatiza "o nosso corpo é extremamente sexualizado". <b>Filha de pai negro e de uma mãe</b> que nunca se opôs a esta militância, pelo contrário, explica ela, "spolia e vai inclusive nos atos que eu participei", Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor.	Das adversidades específicas relacionadas à sua <b>identidade negra e ao gênero</b> , Sarah enfatiza "o nosso corpo é extremamente sexualizado". <b>Filha de pai negro e de uma mãe</b> que nunca se opôs a esta militância, pelo contrário, explica ela, "spolia e vai inclusive nos atos que eu participei", Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor.						Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfianças.</b> Manter-se firme e quando pesar, dividir, porque organizar-se em coletivo é, de alguma maneira, também entender que <b>outras mulheres, sejam elas jovens ou não, são refúgios.</b>
Aparentemente tímida, explica que seu processo e sua consciência a impulsionam para a superação das desigualdades de gênero e combate ao racismo. <b>O Inegra é espaço de troca. É ponto de encontro de diversas mulheres de todas as idades.</b> Um dos desafios da organização, reflete ela, é alcançar, dentre outras, <b>mulheres donas de casas</b> , que no cotidiano são sentenciadas pelas violações de inúmeros direitos.	Aparentemente tímida, explica que seu processo e sua consciência a impulsionam para a superação das desigualdades de gênero e combate ao racismo. <b>O Inegra é espaço de troca. É ponto de encontro de diversas mulheres de todas as idades.</b> Um dos desafios da organização, reflete ela, é alcançar, dentre outras, <b>mulheres donas de casas</b> , que no cotidiano são sentenciadas pelas violações de inúmeros direitos.						
Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfianças.</b> Manter-se firme e quando pesar, dividir, porque organizar-se em coletivo é, de alguma maneira, também entender que <b>outras mulheres, sejam elas jovens ou não, são refúgios.</b>	Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfianças.</b> Manter-se firme e quando pesar, dividir, porque organizar-se em coletivo é, de alguma maneira, também entender que <b>outras mulheres, sejam elas jovens ou não, são refúgios.</b>						
<b>TEXTO 9</b>		<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência [...]		Diário do Nordeste			Metro		26 de novembro de 2017
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>							
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
Crianças <b>[todos os gêneros]</b> de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta	Levantamento constata ainda que o peso da violência doméstica é maior entre as <b>mulheres negras</b> e com renda mais baixa	Levantamento constata ainda que o <b>peso da violência doméstica é maior entre as mulheres negras e com renda mais baixa</b>				Quatro em cada 10 mulheres que cresceram em um lar violento disseram sofrer o mesmo tipo de violência na vida adulta. A constatação faz parte do terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF), divulgado na última quinta-feira (23), em Brasília. O dado indica que há repetição de padrão no próprio lar.	<b>Crianças</b> de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na <b>vida adulta</b>
Levantamento constata ainda que o peso da violência doméstica é maior entre as <b>mulheres negras</b> e com renda mais baixa	A pesquisa revela que mais do que ameaçar a saúde e o bem-estar da mulher, a violência durante a gestação pode trazer graves consequências para as futuras gerações e mostram ainda que há 10 vezes mais incidência na gestação em casos de mulheres com menor grau de instrução. Além disso, <b>negras e pardas representam 77,4% dessas mulheres que sofreram agressão durante a gravidez.</b>	Quatro em cada 10 mulheres que cresceram em um lar violento disseram sofrer o mesmo tipo de violência na vida adulta. A constatação faz parte do terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF), divulgado na última quinta-feira (23), em Brasília. O dado indica que há repetição de padrão no próprio lar.				O levantamento, <b>desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com o Instituto Maria da Penha e o Institute for Advanced Study in Toulouse</b> , revela ainda que uma em cada cinco mulheres teve contato com algum tipo de violência doméstica na infância ou adolescência: 23% afirmaram ter lembranças da mãe sendo agredida e 13% sabem que a mãe do parceiro também sofreu algum tipo de agressão.	Quatro em cada 10 mulheres que cresceram em um lar violento disseram sofrer o mesmo tipo de violência na vida adulta. A constatação faz parte do terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF), divulgado na última quinta-feira (23), em Brasília. O dado indica que há repetição de padrão no próprio lar.

Quatro em cada 10 mulheres que cresceram em um lar violento disseram sofrer o mesmo tipo de violência na vida adulta. A constatação faz parte do terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF), divulgado na última quinta-feira (23), em Brasília. O dado indica que há repetição de padrão no próprio lar.	Desigualdade  O peso da violência doméstica também é maior entre as mulheres negras. Uma em cada 4 entrevistadas negras afirmou se lembrar de episódios de violência contra a mãe. Já entre as entrevistadas brancas, 1 em cada 5 afirmou ter presenciado algo.	A pesquisa revela que mais do que ameaçar a saúde e o bem-estar da mulher, a violência durante a gestação pode trazer graves consequências para as futuras gerações e mostram ainda que há 10 vezes mais incidência na gestação em casos de mulheres com menor grau de instrução. Além disso, negras e pardas representam 77,4% dessas mulheres que sofreram agressão durante a gravidez.					O Prof. José Raimundo Carvalho, coordenador-geral da pesquisa e integrante do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFC, destaca que os resultados são oriundos de um trabalho inédito de pesquisadores nacionais e internacionais. "Pela primeira vez na América Latina, estamos comprovando que há um link entre as gerações. Se nós conseguirmos diminuir a violência hoje, vamos não só melhorar a vida das mulheres que estão vivendo agora como também das pessoas que viverão daqui a 15, 20 anos", afirma.	A chamada transmissão integracional da violência doméstica (TIVD) é definida como um mecanismo de perpetuação do problema, que, de acordo com a pesquisa, sugere maior incidência em lares onde a mulher, seu parceiro ou ambos estiveram expostos à agressão física na infância.
A chamada transmissão integracional da violência doméstica (TIVD) é definida como um mecanismo de perpetuação do problema, que, de acordo com a pesquisa, sugere maior incidência em lares onde a mulher, seu parceiro ou ambos estiveram expostos à agressão física na infância.		Além disso, a mesma pesquisa apontou que, quando divididas por faixa de renda, as mulheres que ganham menos são as que mais estiveram expostas à violência doméstica na infância. A medida que a faixa de renda aumenta, diminui a probabilidade de ter ocorrido violência contra sua mãe, quando criança.					Violência na gestação Outros dados apresentados pelo estudo revelam os percentuais da violência doméstica contra gestantes. Segundo a pesquisa, essa é a realidade para 6,2% das mulheres entrevistadas que já engravidaram. As cidades de Natal, Salvador, Recife e Fortaleza apresentam taxas maiores que a média.	O levantamento, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com o Instituto Maria da Penha e o Institute for Advanced Study in Toulouse, revela ainda que uma em cada cinco mulheres teve contato com algum tipo de violência doméstica na infância ou adolescência: 23% afirmaram ter lembranças da mãe sendo agredida e 13% sabem que a mãe do parceiro também sofreu algum tipo de agressão.
Crescer em um lar violento também gera forte impacto no comportamento masculino. De acordo com o levantamento, os parceiros que cresceram com essas condições familiares também cometeram agressões contra suas parceiras.							"Ficamos extremamente chocados com os dados que mostram que 6,2% das mulheres nordestinas já tiveram alguma experiência de violência durante a gravidez. A violência doméstica não é um problema só de mulheres, que deve ser tratado só por mulheres e apenas na esfera social. É um problema de todos e todas que deve ser amplamente discutido se quisermos realmente enfrentar esse mal que mata nossas mulheres e deixa órfãs nossas crianças", frisa Maria da Penha, fundadora do Instituto que leva seu nome.	O Prof. José Raimundo Carvalho, coordenador-geral da pesquisa e integrante do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFC, destaca que os resultados são oriundos de um trabalho inédito de pesquisadores nacionais e internacionais. "Pela primeira vez na América Latina, estamos comprovando que há um link entre as gerações. Se nós conseguirmos diminuir a violência hoje, vamos não só melhorar a vida das mulheres que estão vivendo agora como também das pessoas que viverão daqui a 15, 20 anos", afirma.
O levantamento, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com o Instituto Maria da Penha e o Institute for Advanced Study in Toulouse, revela ainda que uma em cada cinco mulheres teve contato com algum tipo de violência doméstica na infância ou adolescência: 23% afirmaram ter lembranças da mãe sendo agredida e 13% sabem que a mãe do parceiro também sofreu algum tipo de agressão.								"Ficamos extremamente chocados com os dados que mostram que 6,2% das mulheres nordestinas já tiveram alguma experiência de violência durante a gravidez. A violência doméstica não é um problema só de mulheres, que deve ser tratado só por mulheres e apenas na esfera social. É um problema de todos e todas que deve ser amplamente discutido se quisermos realmente enfrentar esse mal que mata nossas mulheres e deixa órfãs nossas crianças", frisa Maria da Penha, fundadora do Instituto que leva seu nome.
O Prof. José Raimundo Carvalho, coordenador-geral da pesquisa e integrante do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFC, destaca que os resultados são oriundos de um trabalho inédito de pesquisadores nacionais e internacionais. "Pela primeira vez na América Latina, estamos comprovando que há um link entre as gerações. Se nós conseguirmos diminuir a violência hoje, vamos não só melhorar a vida das mulheres que estão vivendo agora como também das pessoas que viverão daqui a 15, 20 anos", afirma.								Além disso, a mesma pesquisa apontou que, quando divididas por faixa de renda, as mulheres que ganham menos são as que mais estiveram expostas à violência doméstica na infância. A medida que a faixa de renda aumenta, diminui a probabilidade de ter ocorrido violência contra sua mãe, quando criança.
Violência na gestação Outros dados apresentados pelo estudo revelam os percentuais da violência doméstica contra gestantes. Segundo a pesquisa, essa é a realidade para 6,2% das mulheres entrevistadas que já engravidaram. As cidades de Natal, Salvador, Recife e Fortaleza apresentam taxas maiores que a média.								
A pesquisa revela que mais do que ameaçar a saúde e o bem-estar da mulher, a violência durante a gestação pode trazer graves consequências para as futuras gerações e mostram ainda que há 10 vezes mais incidência na gestação em casos de mulheres com menor grau de instrução. Além disso, negras e pardas representam 77,4% dessas mulheres que sofreram agressão durante a gravidez.								

<p>"Ficamos extremamente chocados com os dados que mostram que 6,2% das <b>mulheres nordestinas</b> já tiveram alguma experiência de violência durante a gravidez. A violência doméstica não é um problema só de <b>mulheres</b>, que deva ser tratado só por <b>mulheres</b> e apenas na esfera social. É um problema de <b>todos e todas</b> que deve ser amplamente discutido se quisermos realmente enfrentar esse mal que mata nossas <b>mulheres</b> e deixa órfãs nossas crianças", frisa <b>Maria da Penha</b>, fundadora do Instituto que leva seu nome.</p>							
<p>Desigualdade</p> <p>O peso da violência doméstica também é maior entre as <b>mulheres negras</b>. Uma em cada 4 <b>entrevistadas negras</b> afirmou se lembrar de episódios de violência contra a mãe. Já entre as <b>entrevistadas brancas</b>, 1 em cada 5 afirmou ter presenciado algo.</p>							
<p>Além disso, a mesma pesquisa apontou que, quando divididas por faixa de renda, as <b>mulheres</b> que ganhavam menos são as que mais estiveram expostas à violência doméstica na infância. À medida que a faixa de renda aumenta, diminui a probabilidade de ter ocorrido violência contra sua <b>mãe</b>, quando criança.</p>							
<p><b>TEXTO 10</b></p>	<p><b>JORNAL</b></p>	<p><b>EDITORIA</b></p>	<p><b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b></p>				
<p>Percurso urbano aborda a mulher negra e homenagem Marielle [...]</p>	<p>Diário do Nordeste</p>	<p>Metro</p>	<p>17 de março de 2018</p>				
<p><b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b></p>							
<p><b>Gênero</b></p>	<p><b>Raça</b></p>	<p><b>Classe</b></p>	<p><b>Sexualidade</b></p>	<p><b>Deficiência</b></p>	<p><b>Peso</b></p>	<p><b>Geolocalização</b></p>	<p><b>Idade</b></p>
<p>Percurso Urbano aborda a <b>mulher negra</b> e homenagem Marielle Franco</p>	<p>Percurso Urbano aborda a <b>mulher negra</b> e homenagem Marielle Franco</p>	<p>Mediada pela assistente social, educadora popular e feminista negra Francisca Sena, o percurso saiu do Centro Cultural Banco do Nordeste e percorreu o Passeio Público e a Praça da Gentilândia. Nas partilhas, o grupo pode conhecer mulheres negras que resistem ao cenário preconceituoso e violento da cidade, rompendo com o silêncio de suas trajetórias: "Na vida da população negra, e isso recal muito sobre as mulheres negras, é presente essa questão da violência, do encarceramento, a <b>falta de oportunidade, de emprego</b>, a dificuldade de conviver com o preconceito", disse Sena.</p>				<p>Percurso Urbano (em Fortaleza) aborda a mulher negra e homenagem Marielle Franco</p>	<p>Manifesto Como protesto e homenagem à Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro morta na última quarta (14), o grupo se uniu em volta de cartazes com frases da luta negra e feminista no Baobá do Passeio Público. Enunciando frases da própria Marielle, como "Pararem de nos matar", "<b>Chega de matar nossos jovens</b>" e "É preciso garantir que as favelas também sejam cidades", os participantes bradaram ainda "Marielle, presente!" após discursos denunciando a violência sofrida pela população negra no Brasil.</p>
<p>A programação especial para o <b>mês da mulher</b> aconteceu neste sábado (17)</p>	<p>Aconteceu na tarde deste sábado (17) mais uma edição do Percursos Urbanos, desta vez com discussões acerca da atuação das <b>mulheres negras</b> em Fortaleza. Com o tema "<b>A história nunca será branca</b>", as participantes ouviram e compartilharam experiências a partir da temática, ainda mais fortalecida com a morte recente da ativista negra Marielle Franco, que também foi homenageada no evento.</p>	<p>A participante e também feminista Louise Anne de Santana ressalta como <b>movimentos assim são importantes para conquistar espaço para as minorias</b>: "Aqui em Fortaleza, se nós dermos uma rápida olhada em quem são nossos representantes, a gente pode perceber a ausência de alguns debates. E aí não é a gente reivindicar simplesmente o lugar de fala. <b>Ter uma mulher negra nesse espaço, uma mulher que conhece a realidade da periferia</b>, é entender que nós vamos ter voz e nossas pautas colocadas. A gente vai continuar resistindo."</p>				<p>Aconteceu na tarde deste sábado (17) mais uma edição do Percursos Urbanos, desta vez com discussões acerca da atuação das mulheres negras em Fortaleza. Com o tema "<b>A história nunca será branca</b>", as participantes ouviram e compartilharam experiências a partir da temática, ainda mais fortalecida com a morte recente da ativista negra Marielle Franco, que também foi homenageada no evento.</p>	
<p>Aconteceu na tarde deste sábado (17) mais uma edição do Percursos Urbanos, desta vez com discussões acerca da atuação das <b>mulheres negras</b> em Fortaleza. Com o tema "<b>A história nunca será branca</b>", as participantes ouviram e compartilharam experiências a partir da temática, ainda mais fortalecida com a morte recente da ativista negra Marielle Franco, que também foi homenageada no evento.</p>	<p>Mediada pela assistente social, educadora popular e feminista negra Francisca Sena, o percurso saiu do Centro Cultural Banco do Nordeste e percorreu o Passeio Público e a Praça da Gentilândia. Nas partilhas, o grupo pode conhecer mulheres negras que resistem ao cenário preconceituoso e violento da cidade, rompendo com o silêncio de suas trajetórias: "<b>Na vida da população negra, e isso recal muito sobre as mulheres negras, é presente essa questão da violência, do encarceramento, a falta de oportunidade, de emprego, a dificuldade de conviver com o preconceito</b>", disse Sena.</p>	<p>Manifesto Como protesto e homenagem à Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro morta na última quarta (14), o grupo se uniu em volta de cartazes com frases da luta negra e feminista no Baobá do Passeio Público. Enunciando frases da própria Marielle, como "Pararem de nos matar", "<b>Chega de matar nossos jovens</b>" e "É preciso garantir que as favelas também sejam cidades", os participantes bradaram ainda "Marielle, presente!" após discursos denunciando a violência sofrida pela população negra no Brasil.</p>				<p>Mediada pela assistente social, educadora popular e feminista negra Francisca Sena, o percurso saiu do <b>Centro Cultural Banco do Nordeste e percorreu o Passeio Público e a Praça da Gentilândia</b>. Nas partilhas, o grupo pode conhecer mulheres negras que resistem ao cenário preconceituoso e violento da cidade, rompendo com o silêncio de suas trajetórias: "Na vida da população negra, e isso recal muito sobre as mulheres negras, é presente essa questão da violência, do encarceramento, a falta de oportunidade, de emprego, a dificuldade de conviver com o preconceito", disse Sena.</p>	

Mediada pela assistente social, educadora popular e feminista negra <b>Francisca Sena</b> , o percurso saiu do Centro Cultural Branco do Nordeste e percorreu o Passeio Público e a Praça da Gentilândia. Nas partilhas, o grupo pode conhecer <b>mulheres negras</b> que resistem ao cenário preconceituoso e silêncio da cidade, rompendo com o silêncio de suas trajetórias: "Na vida da população negra, e isso recai muito sobre as <b>mulheres negras</b> , é presente essa questão da violência, do encarceramento, a falta de oportunidade, de emprego, a dificuldade de conviver com o preconceito", disse Sena.	A participante e também feminista Louise Anne de Santana resalta como movimentos assim são importantes para conquistar espaço para as minorias: "Aqui em Fortaleza, se nós dermos uma rápida olhada em quem são nossos representantes, a gente pode perceber a ausência de alguns debates. E aí não é a gente reivindicar simplesmente o lugar de fala. <b>Ter uma mulher negra nesse espaço, uma mulher que conhece a realidade da periferia, é entender que nós vamos ter voz e nossas pautas colocadas.</b> A gente vai continuar resistindo."					A participante e também feminista Louise Anne de Santana resalta como movimentos assim são importantes para conquistar espaço para as minorias: "Aqui em Fortaleza, se nós dermos uma rápida olhada em quem são nossos representantes, a gente pode perceber a ausência de alguns debates. E aí não é a gente reivindicar simplesmente o lugar de fala. <b>Ter uma mulher negra nesse espaço, uma mulher que conhece a realidade da periferia, é entender que nós vamos ter voz e nossas pautas colocadas.</b> A gente vai continuar resistindo."	
<b>A participante e também feminista Louise Anne de Santana</b> resalta como movimentos assim são importantes para conquistar espaço para as minorias: "Aqui em Fortaleza, se nós dermos uma rápida olhada em quem são nossos representantes, a gente pode perceber a ausência de alguns debates. E aí não é a gente reivindicar simplesmente o lugar de fala. <b>Ter uma mulher negra nesse espaço, uma mulher que conhece a realidade da periferia, é entender que nós vamos ter voz e nossas pautas colocadas.</b> A gente vai continuar resistindo."	Manifesto Como protesto e homenagem à <b>Marielle Franco</b> , vereadora do Rio de Janeiro morta na última quarta (14), o grupo se uniu em volta de cartazes com frases da luta negra e feminista no Baobá do Passeio Público. Enunciando frases da própria Marielle, como "Parem de nos matar", "Chega de matar nossos jovens" e "É preciso garantir que as favelas também sejam cidades", os participantes bradaram ainda "Marielle, presente!" após discursos denunciando a violência sofrida pela população negra no Brasil.					Manifesto Como protesto e homenagem à <b>Marielle Franco</b> , vereadora do Rio de Janeiro morta na última quarta (14), o grupo se uniu em volta de cartazes com frases da luta negra e feminista no Baobá do Passeio Público. Enunciando frases da própria Marielle, como "Parem de nos matar", "Chega de matar nossos jovens" e "É preciso garantir que as favelas também sejam cidades", os participantes bradaram ainda "Marielle, presente!" após discursos denunciando a violência sofrida pela população negra no Brasil.	
Manifesto Como protesto e homenagem à <b>Marielle Franco</b> , vereadora do Rio de Janeiro morta na última quarta (14), o grupo se uniu em volta de cartazes com frases da luta negra e feminista no Baobá do Passeio Público. Enunciando frases da própria Marielle, como "Parem de nos matar", "Chega de matar nossos jovens" e "É preciso garantir que as favelas também sejam cidades", os participantes bradaram ainda "Marielle, presente!" após discursos denunciando a violência sofrida pela população negra no Brasil.							
<b>TEXTO 11</b>	<b>JORNAL</b>	<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>			<b>EDITORIA</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher [...]	Diário do Nordeste				Verso		27 de dezembro de 2018
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e <b>mulher negra</b> como protagonista	Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e <b>mulher negra</b> como protagonista	Uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo <b>Árida</b> , criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. <b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cicera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.</b>			[Indiretamente, na imagem do trailer. A protagonista é magérrima].	Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e <b>mulher negra</b> como protagonista	Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e <b>mulher negra</b> como protagonista
Uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo <b>Árida</b> , criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. <b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cicera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.</b>		No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. <b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>				Uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo <b>Árida</b> , criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. <b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cicera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.</b>	<b>O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, "Árida: O Despertar do Sertão", deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019</b>
No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. <b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>						No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. <b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>	Uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo <b>Árida</b> , criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. <b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cicera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.</b>
						O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, "Árida: O Despertar do Sertão", deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019 e será disponibilizado apenas para jogar em computador com sistema operacional Windows e Mac OS X.	<b>O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, "Árida: O Despertar do Sertão", deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019 e será disponibilizado apenas para jogar em computador com sistema operacional Windows e Mac OS X.</b>
<b>TEXTO 12</b>	<b>JORNAL</b>	<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>			<b>EDITORIA</b>	<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz [...]	Diário do Nordeste				Verso		08 de fevereiro de 2019
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
'Era para estar milionária se eu não fosse uma <b>mulher negra</b> ', diz Cris Vianna	'Era para estar milionária se eu não fosse uma <b>mulher negra</b> ', diz Cris Vianna	'Era para estar milionária se eu não fosse uma <b>mulher negra</b> ', diz Cris Vianna	[Indiretamente]		[Indiretamente]	A atriz Cris Vianna afirmou que o <b>preconceito racial no Brasil</b> tem impacto na sua carreira em entrevista à TV Vogue nesta sexta-feira (8).	[Indiretamente]
Declaração foi dada durante uma entrevista ao apresentador <b>Matheus Mazafera</b>	Declaração foi dada durante uma entrevista ao apresentador <b>Matheus Mazafera</b>	<b>A atriz Cris Vianna afirmou que o preconceito racial no Brasil tem impacto na sua carreira em entrevista à TV Vogue nesta sexta-feira (8).</b>					

A atriz <b>Cris Vianna</b> afirmou que o preconceito racial no Brasil tem impacto na sua carreira em entrevista à TV Vogue nesta sexta-feira (8).	A atriz <b>Cris Vianna</b> afirmou que o preconceito racial no Brasil tem impacto na sua carreira em entrevista à TV Vogue nesta sexta-feira (8).	Cris, que recentemente deu vida à personagem <b>Cairu</b> em O Tempo Não Para, ressaltou já ter atuado em 12 novelas em sua carreira. O apresentador <b>Matheus Mazafera</b> , então, afirmou que esperava que a atriz tivesse ficado "muito rica" com seu trabalho.						
Cris, que recentemente deu vida à personagem <b>Cairu</b> em O Tempo Não Para, ressaltou já ter atuado em 12 novelas em sua carreira. O apresentador <b>Matheus Mazafera</b> , então, afirmou que esperava que a atriz tivesse ficado "muito rica" com seu trabalho.	Cris, que recentemente deu vida à personagem <b>Cairu</b> em O Tempo Não Para, ressaltou já ter atuado em 12 novelas em sua carreira. O apresentador <b>Matheus Mazafera</b> , então, afirmou que esperava que a atriz tivesse ficado "muito rica" com seu trabalho.	"Vou te falar uma coisa bem triste de ouvir: <b>mulher preta não fica rica rápido</b> . Com o currículo que eu tenho, era para eu estar milionária se eu talvez não fosse uma <b>mulher negra</b> ", respondeu Cris.						
"Vou te falar uma coisa bem triste de ouvir: <b>mulher preta não fica rica rápido</b> . Com o currículo que eu tenho, era para eu estar milionária se eu talvez não fosse uma <b>mulher negra</b> ", respondeu Cris.	"Vou te falar uma coisa bem triste de ouvir: <b>mulher preta não fica rica rápido</b> . Com o currículo que eu tenho, era para eu estar milionária se eu talvez não fosse uma <b>mulher negra</b> ", respondeu Cris.	" <b>Você acha que se fosse loira do olho azul já estaria lá?</b> ", questionou o apresentador. " <b>Não sei se loira, mas branca, com certeza</b> ", concluiu Cris sobre o assunto.						
"Você acha que se fosse loira do olho azul já estaria lá?", questionou o apresentador. " <b>Não sei se loira, mas branca, com certeza</b> ", concluiu Cris sobre o assunto.	" <b>Você acha que se fosse loira do olho azul já estaria lá?</b> ", questionou o apresentador. " <b>Não sei se loira, mas branca, com certeza</b> ", concluiu Cris sobre o assunto.							
<b>TEXTO 13</b>		<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>		
Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada [...]		Diário do Nordeste	Verso			19 de fevereiro de 2019		
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>								
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do <b>Jornal Nacional</b>	Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do <b>Jornal Nacional</b>	Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do <b>Jornal Nacional</b>				Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do <b>Jornal Nacional</b>	Feliz com a oportunidade de apresentar o <b>Jornal Nacional</b> , a jornalista <b>Maria Júlia Coutinho</b> , a <b>Maju</b> , 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).	
A <b>jornalista</b> é a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil.	A <b>jornalista</b> é a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil.	A <b>jornalista</b> é a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil.				A <b>jornalista</b> é a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil.		
Feliz com a oportunidade de apresentar o <b>Jornal Nacional</b> , a jornalista <b>Maria Júlia Coutinho</b> , a <b>Maju</b> , 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).	Feliz com a oportunidade de apresentar o <b>Jornal Nacional</b> , a jornalista <b>Maria Júlia Coutinho</b> , a <b>Maju</b> , 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).	Feliz com a oportunidade de apresentar o <b>Jornal Nacional</b> , a jornalista <b>Maria Júlia Coutinho</b> , a <b>Maju</b> , 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).				Feliz com a oportunidade de apresentar o <b>Jornal Nacional</b> , a jornalista <b>Maria Júlia Coutinho</b> , a <b>Maju</b> , 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).		
Em suas redes sociais, classificou a chance como "imensurável". "A intensidade do que vivi nos últimos dias é tão imensurável que por enquanto só me resta agradecer todo o acolhimento que recebi. Talvez, um dia, depois de digerir tudo isso, eu deixe um texto aqui", disse ela.	Famosos gostaram da estreia e apoiaram a <b>jornalista</b> . "Parabéns, querida, você merece", postou a apresentadora <b>Ana Furtado</b> . "Sorrisão diz tudo", publicou <b>Marcos Mion</b> , apresentador da <b>Record</b> . "Viva Maju. Espetacular", escreveu o jornalista <b>César Tralli</b> . "Maravilhosa", opinou a atriz <b>Sheron Menezes</b> .	Famosos gostaram da estreia e apoiaram a <b>jornalista</b> . "Parabéns, querida, você merece", postou a apresentadora <b>Ana Furtado</b> . "Sorrisão diz tudo", publicou <b>Marcos Mion</b> , apresentador da <b>Record</b> . "Viva Maju. Espetacular", escreveu o jornalista <b>César Tralli</b> . "Maravilhosa", opinou a atriz <b>Sheron Menezes</b> .				Maria Júlia Coutinho foi a primeira mulher negra a comandar o <b>JN</b> em quase 50 anos. Para ela, sua atuação foi simbólica. "Espero que se torne comum".		
Famosos gostaram da estreia e apoiaram a <b>jornalista</b> . "Parabéns, querida, você merece", postou a apresentadora <b>Ana Furtado</b> . "Sorrisão diz tudo", publicou <b>Marcos Mion</b> , apresentador da <b>Record</b> . "Viva Maju. Espetacular", escreveu o jornalista <b>César Tralli</b> . "Maravilhosa", opinou a atriz <b>Sheron Menezes</b> .	Até mesmo <b>William Bonner</b> , o mais longo apresentador, a elogiou. Acostumado a vê-la sempre do outro lado da tela, já que por muito tempo Maju apresentou a previsão do tempo, <b>Bonner</b> desta vez foi enfático ao aprovar a colega na bancada. "Na estreia na bancada, <b>Maria Júlia Coutinho</b> foi Maju. Segurança, tranquilidade e o talento de sempre", escreveu.	Até mesmo <b>William Bonner</b> , o mais longo apresentador, a elogiou. Acostumado a vê-la sempre do outro lado da tela, já que por muito tempo Maju apresentou a previsão do tempo, <b>Bonner</b> desta vez foi enfático ao aprovar a colega na bancada. "Na estreia na bancada, <b>Maria Júlia Coutinho</b> foi Maju. Segurança, tranquilidade e o talento de sempre", escreveu.						
Até mesmo <b>William Bonner</b> , o mais longo apresentador, a elogiou. Acostumado a vê-la sempre do outro lado da tela, já que por muito tempo Maju apresentou a previsão do tempo, <b>Bonner</b> desta vez foi enfático ao aprovar a colega na bancada. "Na estreia na bancada, <b>Maria Júlia Coutinho</b> foi Maju. Segurança, tranquilidade e o talento de sempre", escreveu.	<b>Maria Júlia Coutinho</b> foi a primeira mulher negra a comandar o <b>JN</b> em quase 50 anos. Para ela, sua atuação foi simbólica. "Espero que se torne comum".	<b>Maria Júlia Coutinho</b> foi a primeira mulher negra a comandar o <b>JN</b> em quase 50 anos. Para ela, sua atuação foi simbólica. "Espero que se torne comum".						
<b>Maria Júlia Coutinho</b> foi a primeira mulher negra a comandar o <b>JN</b> em quase 50 anos. Para ela, sua atuação foi simbólica. "Espero que se torne comum".								
<b>TEXTO 14</b>		<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>		
Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios		Diário do Nordeste	Verso			25 de fevereiro de 2019		
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>								
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios	Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios	A cerimônia do Oscar de 2019 foi de surpresas e também de recordes. Neste ano, profissionais negros e mulheres receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação, com sete e 15 estatuetas respectivamente.				Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios	[Indiretamente]	
Ao todo, foram 7 estatuetas para pessoas negras e 15 para mulheres	Ao todo, foram 7 estatuetas para pessoas negras e 15 para mulheres	O recorde de prêmios para artistas negros, até então, pertence à edição de 2017, com cinco estatuetas entregues, inclusive ao ator <b>Mahershala Ali</b> , que na noite de ontem venceu na categoria de Melhor Ator Coadjuvante, por "Green Book - O Guia".						

A cerimônia do Oscar de 2019 foi de surpresas e também de recordes. Neste ano, <b>profissionais negros e mulheres</b> receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação, com sete e 15 estatuetas respectivamente.	A cerimônia do Oscar de 2019 foi de surpresas e também de recordes. Neste ano, <b>profissionais negros e mulheres</b> receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação, com sete e 15 estatuetas respectivamente.							
O recorde de prêmios para <b>artistas negros</b> , até então, pertence à edição de 2017, com cinco estatuetas entregues, inclusive ao ator <b>Mahershala Ali</b> , que na noite de ontem venceu na categoria de <b>Melhor Ator Coadjuvante</b> , por "Green Book - O Guia".	O recorde de prêmios para <b>artistas negros</b> , até então, pertence à edição de 2017, com cinco estatuetas entregues, inclusive ao ator <b>Mahershala Ali</b> , que na noite de ontem venceu na categoria de <b>Melhor Ator Coadjuvante</b> , por "Green Book - O Guia".							
Já o recorde anterior de <b>mulheres</b> premiadas era o das edições de 2007 e 2015, com 12 estatuetas cada.	CONFIRA A LISTA DE <b>ARTISTAS NEGROS</b> PREMIADOS NO OSCAR 2019:							
CONFIRA A LISTA DE <b>ARTISTAS NEGROS</b> PREMIADOS NO OSCAR 2019:	CONFIRA A LISTA DE <b>ARTISTAS MULHERES</b> PREMIADAS NO OSCAR 2019:							
CONFIRA A LISTA DE <b>ARTISTAS MULHERES</b> PREMIADAS NO OSCAR 2019:								
<b>TEXTO 15</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>		
Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado [...]		Diário do Nordeste		Verso		20 de março de 2019		
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>								
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
Peça um trecho do diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> em obra cênica que discute a desigualdade social, <b>mulheres negras</b> e <b>jovens da periferia</b>	Peça um trecho do diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> em obra cênica que discute a desigualdade social, <b>mulheres negras</b> e <b>jovens da periferia</b>	Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com <b>entrada franca</b>				Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com <b>entrada franca</b>	O espetáculo levanta discussões a partir de temas como <b>desigualdade social</b> , <b>jovens negros</b> , <b>mulheres na periferia</b> e estrutura de moradia das cidades.	
O diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> voltam a se reencontrar nos palcos em nova apresentação do espetáculo "Barracal". A peça, que estreou no ano passado, volta a ser encenada em Fortaleza no próximo sábado (23) no Cineteatro São Luiz com <b>entrada franca</b> .	O diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> voltam a se reencontrar nos palcos em nova apresentação do espetáculo "Barracal". A peça, que estreou no ano passado, volta a ser encenada em Fortaleza no próximo sábado (23) no Cineteatro São Luiz com <b>entrada franca</b> .	Peça um trecho do diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> em obra cênica que discute a <b>desigualdade social</b> , <b>mulheres negras</b> e <b>jovens da periferia</b>				Legenda: Espetáculo estreou no ano passado e volta em cartaz, em <b>única apresentação</b> , no <b>Cineteatro São Luiz</b>		
Com direção de <b>Andréia Pires</b> , o espetáculo foi construído a partir de trechos do livro "Quarto de Despejo" (1960), escrito por <b>Carolina Maria de Jesus</b> .	Com direção de <b>Andréia Pires</b> , o espetáculo foi construído a partir de trechos do livro "Quarto de Despejo" (1960), escrito por <b>Carolina Maria de Jesus</b> .	Legenda: Espetáculo estreou no ano passado e volta em cartaz, em <b>única apresentação</b> , no <b>Cineteatro São Luiz</b>				O diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> voltam a se reencontrar nos palcos em nova apresentação do espetáculo "Barracal". A peça, que estreou no ano passado, volta a ser encenada em Fortaleza no próximo sábado (23) no <b>Cineteatro São Luiz</b> com <b>entrada franca</b> .		
<b>Moradora da favela do Canindé</b> , em São Paulo, a escritora mineira mantinha um diário pessoal com relatos e reflexões sobre o cotidiano de <b>pobreza no Brasil</b> . Na obra cênica, a dureza do texto de <b>Carolina</b> se encontra com a poética do <b>sambista carioca Cartola</b> , outro artista que surge da <b>periferia</b> .	<b>Moradora da favela do Canindé</b> , em São Paulo, a escritora mineira mantinha um diário pessoal com relatos e reflexões sobre o cotidiano de <b>pobreza no Brasil</b> . Na obra cênica, a dureza do texto de <b>Carolina</b> se encontra com a poética do <b>sambista carioca Cartola</b> , outro artista que surge da <b>periferia</b> .	O diário da escritora <b>Carolina Maria de Jesus</b> e os <b>sambas de Cartola</b> voltam a se reencontrar nos palcos em nova apresentação do espetáculo "Barracal". A peça, que estreou no ano passado, volta a ser encenada em Fortaleza no próximo sábado (23) no <b>Cineteatro São Luiz</b> com <b>entrada franca</b> .				<b>Moradora da favela do Canindé, em São Paulo</b> , a escritora mineira mantinha um diário pessoal com relatos e reflexões sobre o cotidiano de <b>pobreza no Brasil</b> . Na obra cênica, a dureza do texto de <b>Carolina</b> se encontra com a poética do <b>sambista carioca Cartola</b> , outro artista que surge da <b>periferia</b> .		
O espetáculo levanta discussões a partir de temas como <b>desigualdade social</b> , <b>jovens negros</b> , <b>mulheres na periferia</b> e estrutura de moradia das cidades.	O espetáculo levanta discussões a partir de temas como <b>desigualdade social</b> , <b>jovens negros</b> , <b>mulheres na periferia</b> e estrutura de moradia das cidades.	Com direção de <b>Andréia Pires</b> , o espetáculo foi construído a partir de trechos do livro "Quarto de Despejo" (1960), escrito por <b>Carolina Maria de Jesus</b> .				O espetáculo levanta discussões a partir de temas como <b>desigualdade social</b> , <b>jovens negros</b> , <b>mulheres na periferia</b> e estrutura de moradia das cidades.		
		<b>Moradora da favela do Canindé</b> , em São Paulo, a escritora mineira mantinha um diário pessoal com relatos e reflexões sobre o cotidiano de <b>pobreza no Brasil</b> . Na obra cênica, a dureza do texto de <b>Carolina</b> se encontra com a poética do <b>sambista carioca Cartola</b> , outro artista que surge da <b>periferia</b> .				Serviço Espetáculo "Barracal". Sábado (23), às 19 horas, no <b>Cineteatro São Luiz</b> (Rua Major Faundo, 500, Centro). <b>Entrada gratuita</b> .		
		O espetáculo levanta discussões a partir de temas como <b>desigualdade social</b> , <b>jovens negros</b> , <b>mulheres na periferia</b> e estrutura de moradia das cidades.						
		Serviço Espetáculo "Barracal". Sábado (23), às 19 horas, no <b>Cineteatro São Luiz</b> (Rua Major Faundo, 500, Centro). <b>Entrada gratuita</b> .						
<b>TEXTO 16</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>		
Edital exclusivo para <b>mulheres negras</b> investirá entre [...]		Diário do Nordeste		Verso		26 de setembro de 2019		
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>								
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
Edital exclusivo para <b>mulheres negras</b> investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado	Edital exclusivo para <b>mulheres negras</b> investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado	Se você é mulher negra cis gênero ou transgênero, residente no Brasil, de <b>área urbana ou rural</b> , independentemente do nível de <b>escolaridade</b> ou <b>filiação religiosa</b> , e com faixa etária a partir de 18 anos, seu perfil está enquadrado no edital do Programa de <b>Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras</b> : <b>Marielle Franco</b> . O Nordeste é região prioritária para investimento.	[Indretamente]	[Indretamente]		O objetivo deste edital, com inscrições abertas até o dia 4 de outubro, é ampliar o número de <b>líderes negras</b> em posições estratégicas no setor público, privado, <b>nas organizações da sociedade civil nacionais e internacionais</b> .	Se você é mulher negra cis gênero ou transgênero, residente no Brasil, de <b>área urbana ou rural</b> , independentemente do nível de <b>escolaridade</b> ou <b>filiação religiosa</b> , e com faixa etária a <b>partir de 18 anos</b> , seu perfil está enquadrado no edital do Programa de <b>Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras</b> : <b>Marielle Franco</b> . O Nordeste é região prioritária para investimento.	

Interessadas devem fazer a inscrição até o dia 4 de outubro de 2019	Interessadas devem fazer a inscrição até o dia 4 de outubro de 2019	O objetivo deste edital, com inscrições abertas até o dia 4 de outubro, é <b>ampliar o número de líderes negras em posições estratégicas no setor público, privado, nas organizações da sociedade civil nacionais e internacionais.</b>				O Fundo Baobá, primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, à promoção da equidade racial para a população negra do Brasil. Investirá ao longo de cinco anos no projeto. Nesse período, pretende apoiar cerca de 20 organizações, grupos e coletivos, e 120 mulheres.	
Legenda: Lançamento do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco	Legenda: Lançamento do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco	No Programa, o investimento financeiro terá teto de R\$ 40 mil para pessoa física e R\$ 170 mil para organizações, variando de acordo com o projeto e edital. As parcelas serão distribuídas ao longo de 18 meses.				A organização espera que até 2024, mulheres negras de diversas áreas de atuação possam ter seu desenvolvimento acelerado, acessando espaços estratégicos de tomada de decisão, transformando o mundo a partir de suas experiências e mobilizando mais pessoas para a luta antirracista, por justiça e equidade social e racial.	
Se você é mulher negra cis gênero ou transgênero, residente no Brasil, de área urbana ou rural, independentemente do nível de escolaridade ou filiação religiosa, e com faixa etária a partir de 18 anos, seu perfil está enquadrado no edital do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco. O Nordeste é região prioritária para investimento.	Se você é mulher negra cis gênero ou transgênero, residente no Brasil, de área urbana ou rural, independentemente do nível de escolaridade ou filiação religiosa, e com faixa etária a partir de 18 anos, seu perfil está enquadrado no edital do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco. O Nordeste é região prioritária para investimento.	Investimento nas lideranças negras será feito até 2024. Para elas, serão oferecidas bolsas individuais, cursos em diversas áreas, apoio psicossocial, coaching e construção de redes de relacionamento (networking).					
O objetivo deste edital, com inscrições abertas até o dia 4 de outubro, é ampliar o número de líderes negras em posições estratégicas no setor público, privado, nas organizações da sociedade civil nacionais e internacionais.	O objetivo deste edital, com inscrições abertas até o dia 4 de outubro, é ampliar o número de líderes negras em posições estratégicas no setor público, privado, nas organizações da sociedade civil nacionais e internacionais.	Já para as organizações, grupos e coletivos será oferecido apoio financeiro e técnico focado na ampliação de suas capacidades coletivas para garantir a sistematização da memória e a transmissão de conhecimentos e práticas; comunicação, mobilização e engajamento de novas atrizes e atores para defender a causa; formação de novos quadros; uma gestão democrática e transparente.					
O Fundo Baobá, primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, à promoção da equidade racial para a população negra do Brasil. Investirá ao longo de cinco anos no projeto. Nesse período, pretende apoiar cerca de 20 organizações, grupos e coletivos, e 120 mulheres.	O Fundo Baobá, primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, à promoção da equidade racial para a população negra do Brasil. Investirá ao longo de cinco anos no projeto. Nesse período, pretende apoiar cerca de 20 organizações, grupos e coletivos, e 120 mulheres.	A organização espera que até 2024, mulheres negras de diversas áreas de atuação possam ter seu desenvolvimento acelerado, acessando espaços estratégicos de tomada de decisão, transformando o mundo a partir de suas experiências e mobilizando mais pessoas para a luta antirracista, por justiça e equidade social e racial.					
Investimento nas lideranças negras será feito até 2024. Para elas, serão oferecidas bolsas individuais, cursos em diversas áreas, apoio psicossocial, coaching e construção de redes de relacionamento (networking).	Investimento nas lideranças negras será feito até 2024. Para elas, serão oferecidas bolsas individuais, cursos em diversas áreas, apoio psicossocial, coaching e construção de redes de relacionamento (networking).	Só serão aceitas propostas cadastradas por meio do aplicativo do Fundo Baobá. Aproveite para fazer o download também do manual de instalação e preenchimento do aplicativo.					
Já para as organizações, grupos e coletivos será oferecido apoio financeiro e técnico focado na ampliação de suas capacidades coletivas para: garantir a sistematização da memória e a transmissão de conhecimentos e práticas; comunicação, mobilização e engajamento de novas atrizes e atores para defender a causa; formação de novos quadros; uma gestão democrática e transparente.	A organização espera que até 2024, mulheres negras de diversas áreas de atuação possam ter seu desenvolvimento acelerado, acessando espaços estratégicos de tomada de decisão, transformando o mundo a partir de suas experiências e mobilizando mais pessoas para a luta antirracista, por justiça e equidade social e racial.						
A organização espera que até 2024, mulheres negras de diversas áreas de atuação possam ter seu desenvolvimento acelerado, acessando espaços estratégicos de tomada de decisão, transformando o mundo a partir de suas experiências e mobilizando mais pessoas para a luta antirracista, por justiça e equidade social e racial.							
<b>TEXTO 17</b>		<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres [...]		Diário do Nordeste			Verso		
					28 de julho de 2020		
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>							
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras	Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras	Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras	Entre as convidadas [...] Dediane Souza, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; Adriana de Maria, Baiana de Acarajé e Mulher de Candombé e Rosalina Tavares Semedo, professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.			Aberta ao público, a conversa é promovida pela Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) [Governo do Ceará] e será mediada pela coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira, além de contar com a participação de mulheres quilombolas, africanas, trans, pesquisadoras e acadêmicas.	Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras
Aberta ao público, a roda de conversa "Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas" ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no YouTube	Aberta ao público, a roda de conversa "Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas" ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no YouTube	Aberta ao público, a roda de conversa "Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas" ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no YouTube				Após o debate, será exibido um vídeo para apresentar a história de Preta Simão, mulher negra que liderou a "Greve dos Langadeiros", onde se decretou o fim do embarque de escravizados naquele porto, definindo os rumos para a abolição da escravidão na Província do Ceará.	Aberta ao público, a roda de conversa "Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas" ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no YouTube

<p>Legenda: A conversa será mediada pela <b>coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira</b></p>	<p>Legenda: A conversa será mediada pela <b>coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira</b></p>	<p>Legenda: A conversa será mediada pela <b>coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira</b></p>				<p>Entre as convidadas estão <b>Patrícia Adjoké</b>, assessora pedagógica da Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; <b>Karla Alves</b>, historiadora e fundadora do grupo Pretas Simoas; <b>Diana Maia</b>, representante do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; <b>Joelma Gentil</b>, do Movimento Negro Unificado; <b>Aurilia Maria</b>, liderança quilombola; <b>Dediane Souza</b>, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; <b>Adriana de Maria</b>, Baiana de Acarajé e Mulher de Candomblé e <b>Rosalina Tavares Semedo</b>, professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.</p>	<p>No mês em que se comemora datas como o Dia Nacional de <b>Tereza de Benguela e da Mulher Negra</b>, faz-se ainda mais necessária a reflexão sobre o lugar da <b>mulher negra</b> na sociedade. Para discutir as lutas e as conquistas dessas <b>mulheres</b>, a toda de conversa online "<b>Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas</b>" acontece nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube.</p>
<p>No mês em que se comemora datas como o Dia Nacional de <b>Tereza de Benguela e da Mulher Negra</b>, faz-se ainda mais necessária a reflexão sobre o lugar da <b>mulher negra</b> na sociedade. Para discutir as lutas e as conquistas dessas <b>mulheres</b>, a toda de conversa online "<b>Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas</b>" acontece nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube.</p>	<p>No mês em que se comemora datas como o <b>Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra</b>, faz-se ainda mais necessária a reflexão sobre o lugar da <b>mulher negra</b> na sociedade. Para discutir as lutas e as conquistas dessas <b>mulheres</b>, a toda de conversa online "<b>Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas</b>" acontece nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube.</p>	<p>No mês em que se comemora datas como o Dia Nacional de <b>Tereza de Benguela e da Mulher Negra</b>, faz-se ainda mais necessária a reflexão sobre o lugar da <b>mulher negra</b> na sociedade. Para discutir as lutas e as conquistas dessas <b>mulheres</b>, a toda de conversa online "<b>Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas</b>" acontece nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube.</p>				<p>A programação faz alusão ao <b>Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha</b>, celebrado em 25 de julho. A data inspirou o <b>Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela</b>, líder quilombola que, junto à comunidade negra e indígena, resistiu à escravidão por duas décadas no <b>Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso</b>, sobrevivendo até 1770.</p>	<p>A programação faz alusão ao Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho. A data inspirou o Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela, líder quilombola que, junto à comunidade negra e indígena, resistiu à escravidão por duas décadas no Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso, sobrevivendo até 1770.</p>
<p>Aberta ao público, a conversa é promovida pela Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) e será mediada pela <b>coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira</b>, além de contar com a participação de <b>mulheres quilombolas, africanas, trans, pesquisadoras e acadêmicas</b>.</p>	<p>Aberta ao público, a conversa é promovida pela Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) e será mediada pela coordenadora da Igualdade Racial, <b>Zelma Madeira</b>, além de contar com a participação de <b>mulheres quilombolas, africanas, trans, pesquisadoras e acadêmicas</b>.</p>	<p>Aberta ao público, a conversa é promovida pela Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) e será <b>mediada pela coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira</b>, além de contar com a participação de <b>mulheres quilombolas, africanas, trans, pesquisadoras e acadêmicas</b>.</p>				<p>Outro marco importante é o <b>Dia Internacional da Mulher Africana</b>, celebrado no dia 31 de julho, data instituída em 1962, durante a <b>Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia</b>. A comemoração é feita a partir das lutas e conquistas que essas mulheres vêm, ao longo dos anos, ultrapassando para conseguir visibilidade e respeito perante a sociedade.</p>	
<p>Após o debate, será exibido um vídeo para apresentar a história de <b>Preta Simoa, mulher negra</b> que liderou a "Greve dos Jangadeiros", onde se decretou o fim do embarque de escravizados naquele porto, definindo os rumos para a abolição da escravidão na Província do Ceará.</p>	<p>Após o debate, será exibido um vídeo para apresentar a história de <b>Preta Simoa, mulher negra</b> que liderou a "Greve dos Jangadeiros", onde se decretou o fim do embarque de escravizados naquele porto, definindo os rumos para a abolição da escravidão na Província do Ceará.</p>	<p>Após o debate, será exibido um vídeo para apresentar a história de <b>Preta Simoa, mulher negra</b> que liderou a "Greve dos Jangadeiros", onde se decretou o fim do embarque de escravizados naquele porto, definindo os rumos para a abolição da escravidão na Província do Ceará.</p>					
<p>Entre as convidadas estão <b>Patrícia Adjoké</b>, assessora pedagógica da Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; <b>Karla Alves</b>, historiadora e fundadora do grupo Pretas Simoas; <b>Diana Maia</b>, representante do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; <b>Joelma Gentil</b>, do Movimento Negro Unificado; <b>Aurilia Maria</b>, liderança quilombola; <b>Dediane Souza</b>, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; <b>Adriana de Maria</b>, Baiana de Acarajé e Mulher de Candomblé e <b>Rosalina Tavares Semedo</b>, professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.</p>	<p>Entre as convidadas estão <b>Patrícia Adjoké</b>, assessora pedagógica da Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; <b>Karla Alves</b>, historiadora e fundadora do grupo Pretas Simoas; <b>Diana Maia</b>, representante do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; <b>Joelma Gentil</b>, do Movimento Negro Unificado; <b>Aurilia Maria</b>, liderança quilombola; <b>Dediane Souza</b>, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; <b>Adriana de Maria</b>, Baiana de Acarajé e Mulher de Candomblé e <b>Rosalina Tavares Semedo</b>, professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.</p>	<p>Entre as convidadas estão <b>Patrícia Adjoké</b>, assessora pedagógica da Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; <b>Karla Alves</b>, historiadora e fundadora do grupo Pretas Simoas; <b>Diana Maia</b>, representante do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; <b>Joelma Gentil</b>, do Movimento Negro Unificado; <b>Aurilia Maria</b>, liderança quilombola; <b>Dediane Souza</b>, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; <b>Adriana de Maria</b>, Baiana de Acarajé e Mulher de Candomblé e <b>Rosalina Tavares Semedo</b>, professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.</p>					
<p><b>Zelma Madeira</b> destaca que a força de resistência e a potência das <b>mulheres negras</b> se ancora nos seus ancestrais. "Nesta roda de conversa nós vamos ouvir <b>mulheres negras</b> que ocupam diferentes espaços contando suas experiências, suas lutas e conquistas. A ideia é que possamos juntos entender como a <b>mulher negra</b>, mesmo diante de sistemas tão pesados de opressão, como o racismo e o machismo, conseguem levar adiante sua militância, sustentar sua família e ainda propor mudanças para sociedade em que vivemos", ressalta.</p>	<p><b>Zelma Madeira</b> destaca que a força de resistência e a potência das <b>mulheres negras</b> se ancora nos seus ancestrais. "Nesta roda de conversa nós vamos ouvir <b>mulheres negras</b> que ocupam diferentes espaços contando suas experiências, suas lutas e conquistas. A ideia é que possamos juntos entender como a <b>mulher negra</b>, mesmo diante de sistemas tão pesados de opressão, como o racismo e o machismo, conseguem levar adiante sua militância, sustentar sua família e ainda propor mudanças para sociedade em que vivemos", ressalta.</p>	<p><b>Zelma Madeira</b> destaca que a força de resistência e a potência das <b>mulheres negras</b> se ancora nos seus ancestrais. "Nesta roda de conversa nós vamos ouvir <b>mulheres negras</b> que ocupam diferentes espaços contando suas experiências, suas lutas e conquistas. A ideia é que possamos juntos entender como a <b>mulher negra</b>, mesmo diante de sistemas tão pesados de opressão, como o racismo e o machismo, conseguem levar adiante sua militância, sustentar sua família e ainda propor mudanças para sociedade em que vivemos", ressalta.</p>					
<p>A programação faz alusão ao <b>Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha</b>, celebrado em 25 de julho. A data inspirou o <b>Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela</b>, líder quilombola que, junto à comunidade negra e indígena, resistiu à escravidão por duas décadas no <b>Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso</b>, sobrevivendo até 1770.</p>	<p>A programação faz alusão ao <b>Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha</b>, celebrado em 25 de julho. A data inspirou o <b>Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela</b>, líder quilombola que, junto à comunidade negra e indígena, resistiu à escravidão por duas décadas no <b>Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso</b>, sobrevivendo até 1770.</p>	<p>A programação faz alusão ao <b>Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha</b>, celebrado em 25 de julho. A data inspirou o <b>Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela</b>, líder quilombola que, junto à comunidade negra e indígena, resistiu à escravidão por duas décadas no <b>Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso</b>, sobrevivendo até 1770.</p>					

<p>Outro marco importante é o Dia Internacional da Mulher Africana, celebrado no dia 31 de julho, data instituída em 1962, durante a Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia. A comemoração é feita a partir das lutas e conquistas que essas mulheres vêm, ao longo dos anos, ultrapassando para conseguir visibilidade e respeito perante a sociedade.</p>	<p>Outro marco importante é o Dia Internacional da Mulher Africana, celebrado no dia 31 de julho, data instituída em 1962, durante a Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia. A comemoração é feita a partir das lutas e conquistas que essas mulheres vêm, ao longo dos anos, ultrapassando para conseguir visibilidade e respeito perante a sociedade.</p>	<p>Outro marco importante é o Dia Internacional da Mulher Africana, celebrado no dia 31 de julho, data instituída em 1962, durante a Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia. A comemoração é feita a partir das lutas e conquistas que essas mulheres vêm, ao longo dos anos, ultrapassando para conseguir visibilidade e respeito perante a sociedade.</p>					
TEXTO 18		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um [...]		Diário do Nordeste		E hit		03 de setembro de 2020	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify	Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify	Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify				Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify	Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify
<p>"Eu tenho os melhores fãs do mundo", disse a cantora, que anunciou o recorde nesta quarta-feira (2) nas redes sociais.</p>	<p>A cantora Ludmilla atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca. Ludmilla anunciou o feito para os fãs nesta quarta-feira (2) em publicações feitas no perfil oficial dela do Twitter. "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>	<p>Legenda: "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>				<p>A cantora Ludmilla atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca. Ludmilla anunciou o feito para os fãs nesta quarta-feira (2) em publicações feitas no perfil oficial dela do Twitter. "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>	<p>A cantora Ludmilla atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca. Ludmilla anunciou o feito para os fãs nesta quarta-feira (2) em publicações feitas no perfil oficial dela do Twitter. "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>
<p>Legenda: "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>	<p>"Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona e me lembra que, sim, somos possíveis e cada vez mais estamos sendo mais e mais possíveis", finalizou Ludmilla.</p>	<p>A cantora Ludmilla atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca. Ludmilla anunciou o feito para os fãs nesta quarta-feira (2) em publicações feitas no perfil oficial dela do Twitter. "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>				<p>"Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona e me lembra que, sim, somos possíveis e cada vez mais estamos sendo mais e mais possíveis", finalizou Ludmilla.</p>	<p>Eu pisquei e vocês me deram um presente incrível: chegamos a marca de 1 BILHÃO DE STREAMS. A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor.</p>
<p>A cantora Ludmilla atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca. Ludmilla anunciou o feito para os fãs nesta quarta-feira (2) em publicações feitas no perfil oficial dela do Twitter. "A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor", declarou a cantora.</p>		<p>Eu pisquei e vocês me deram um presente incrível: chegamos a marca de 1 BILHÃO DE STREAMS. A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor.</p>					<p>Ludmilla agradeceu o apoio dos fãs e lembrou sobre o começo da carreira. "Quando comecei a cantar, aos 15 anos, fazendo shows em cima de cadeiras – pq não tinha palco para me apresentar – jamais poderia imaginar que eu teria milhões de visualizações, muito menos que chegaria a um BILHÃO", comentou a artista.</p>
<p>"Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona e me lembra que, sim, somos possíveis e cada vez mais estamos sendo mais e mais possíveis", finalizou Ludmilla.</p>		<p>Ludmilla agradeceu o apoio dos fãs e lembrou sobre o começo da carreira. "Quando comecei a cantar, aos 15 anos, fazendo shows em cima de cadeiras – pq não tinha palco para me apresentar – jamais poderia imaginar que eu teria milhões de visualizações, muito menos que chegaria a um BILHÃO", comentou a artista.</p>					
		<p>"Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona e me lembra que, sim, somos possíveis e cada vez mais estamos sendo mais e mais possíveis", finalizou Ludmilla.</p>					

## APÊNDICE P – ETHOS INTERSECCIONAL – OP

TEXTO 1		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Policiais não acreditam que mulher negra é dona [...]		O Povo		Notícias		15 de setembro de 2015	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Policiais não acreditam que <b>mulher negra</b> é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico	Policiais não acreditam que <b>mulher negra</b> é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico	Policiais não acreditam que <b>mulher negra</b> é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico				Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de <b>Nova York</b> depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a <b>BMW</b> que estava dirigindo era dela.	Kamilah Brock, de <b>32 anos</b> , bancária, está processando a cidade de <b>Nova York</b> depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a <b>BMW</b> que estava dirigindo era dela.
"Se uma <b>mulher branca</b> estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso", disse o advogado.	"Se uma <b>mulher branca</b> estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso", disse o advogado.	"Se uma <b>mulher branca</b> estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso", disse o advogado.				Kamilah está processando a polícia de <b>Nova York</b> por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.	
Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de <b>Nova York</b> depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a <b>BMW</b> que estava dirigindo era dela.	Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de <b>Nova York</b> depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a <b>BMW</b> que estava dirigindo era dela.	Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de <b>Nova York</b> depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a <b>BMW</b> que estava dirigindo era dela.					
Além disso, a <b>mulher</b> recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada.	Além disso, a <b>mulher</b> recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada.	Além disso, a <b>mulher</b> recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada.					
Em entrevista ao site de notícias Pix 11, Kamilah disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. "Eu estava dançando".	Em entrevista ao site de notícias Pix 11, Kamilah disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. "Eu estava dançando".	Em entrevista ao site de notícias Pix 11, Kamilah disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. "Eu estava dançando".					
Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o carro.	Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o carro.	Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o [seu] carro.					
Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. "Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro", disse.	Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. "Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro", disse.	Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. "Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro", disse.					
No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o site Pix 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.	No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o site Pix 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.	No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o site Pix 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.					
"Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava".	"Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava".	"Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava".					
Oito dias após ser liberada, Kamilah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.	Oito dias após ser liberada, Kamilah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.	Oito dias após ser liberada, Kamilah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.					
Kamilah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.	Kamilah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.	Kamilah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.					
TEXTO 2		JORNAL		EDITORIA		DATA DE PUBLICAÇÃO	
Kenia Maria é eleita defensora dos direitos das [...]		O Povo		Brasil		31 de março de 2017	
RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO							
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das <b>Mulheres Negras</b>	Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das <b>Mulheres Negras</b>	Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das <b>Mulheres Negras</b>				Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais	A atriz, escritora e <b>youtuber</b> Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.
Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais	Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais	Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais				A atriz, escritora e <b>youtuber</b> Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.	Em 2016, Kenia participou do "TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram" e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil - Por um planeta 50-50, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Como escritora, ela vai lançar dois livros infantis neste ano.
A atriz, escritora e <b>youtuber</b> Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.	A atriz, escritora e <b>youtuber</b> Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.	A atriz, escritora e <b>youtuber</b> Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.				Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.	Representatividade no <b>YouTube</b>
Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.	Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.	Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da <b>mulher negra</b> na formulação de políticas, padrões e normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.				Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da <b>igualdade de gênero no Brasil</b> , composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camilla Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.	Há quatro anos, ela e seu marido, o ator Érico Brás, criaram o programa, no <b>YouTube</b> , "Tá Bom Pra Você". No canal, eles recriam peças publicitárias a fim de propor a criação de novas imagens e questionar a ausência do negro na publicidade.

Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camilla Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.	Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camilla Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.	Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camilla Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.					Em 2016, Kenia participou do "TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram" e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil - Por um planeta 50-50, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Como escritora, ela vai lançar dois livros infantis neste ano.	
Em 2016, Kenia participou do "TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram" e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil - Por um planeta 50-50, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Como escritora, ela vai lançar dois livros infantis neste ano.	Há quatro anos, ela e seu marido, o ator Érico Brás, criaram o programa, no YouTube, "Tá Bom Pra Você". No canal, eles recriam peças publicitárias a fim de propor a criação de novas imagens e questionar a ausência do negro na publicidade.	Em 2016, Kenia participou do "TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram" e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil - Por um planeta 50-50, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Como escritora, ela vai lançar dois livros infantis neste ano.						
Há quatro anos, ela e seu marido, o ator Érico Brás, criaram o programa, no YouTube, "Tá Bom Pra Você". No canal, eles recriam peças publicitárias a fim de propor a criação de novas imagens e questionar a ausência do negro na publicidade.								
<b>TEXTO 3</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>		
Professor que comparou cerveja escura a mulher [...]		O Povo		Brasil/Notícia		18 de setembro de 2017		
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>								
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>	
Um professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes, no norte do estado, será investigado pelo crime de racismo. A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura. Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uhl! Foi mal".	Um professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes, no norte do estado, será investigado pelo crime de racismo. A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura. Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uhl! Foi mal".	Um professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes, no norte do estado, será investigado pelo crime de racismo. A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura. Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uhl! Foi mal".	Um professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes, no norte do estado, será investigado pelo crime de racismo. A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura. Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uhl! Foi mal".			Um professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes, no norte do estado, será investigado pelo crime de racismo. A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura. Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uhl! Foi mal".	O advogado do professor do IFF, Amyr Moussalem, afirmou que Lamônica não foi notificado e preferiu não se pronunciar. Ele adiantou, no entanto, que o acusado vem participando de diversas audiências sobre o tema e inclusive já se retratou publicamente. Por meio da assessoria de imprensa, o Instituto Federal Fluminense informou que na época do ocorrido abriu um processo administrativo disciplinar para apurar a conduta do professor e decidiu pela aplicação de uma advertência. Segundo o instituto, ele ficou afastado das atividades durante o processo e atualmente voltou a dar aulas no ensino médio [para jovens e adolescentes].	
Para Justiça Federal, a declaração do professor sugere desprezo pela população negra e se encaixa em discriminação pela cor de pele. Na denúncia, o MPF reforça que o racismo não está apenas na comparação entre a cerveja e as mulheres negras, mas também na ironia. Na denúncia apresentada à Justiça, os procuradores destacam também o fato de a agressão ter sido feita por um professor, que tem o papel de educar, e ter sido disseminada pela internet, com rápida repercussão. Na época, o professor foi denunciado pela Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Campos, que elaborou uma notícia-crime contra Lamônica.	Para Justiça Federal, a declaração do professor sugere desprezo pela população negra e se encaixa em discriminação pela cor de pele. Na denúncia, o MPF reforça que o racismo não está apenas na comparação entre a cerveja e as mulheres negras, mas também na ironia. Na denúncia apresentada à Justiça, os procuradores destacam também o fato de a agressão ter sido feita por um professor, que tem o papel de educar, e ter sido disseminada pela internet, com rápida repercussão. Na época, o professor foi denunciado pela Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Campos, que elaborou uma notícia-crime contra Lamônica.	Para Justiça Federal, a declaração do professor sugere desprezo pela população negra e se encaixa em discriminação pela cor de pele. Na denúncia, o MPF reforça que o racismo não está apenas na comparação entre a cerveja e as mulheres negras, mas também na ironia. Na denúncia apresentada à Justiça, os procuradores destacam também o fato de a agressão ter sido feita por um professor, que tem o papel de educar, e ter sido disseminada pela internet, com rápida repercussão. Na época, o professor foi denunciado pela Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Campos, que elaborou uma notícia-crime contra Lamônica.	O movimento de mulheres negras chama atenção para a relação entre machismo e racismo, que reforça estereótipos de gênero e contribui para aprofundar desigualdades. A coordenadora da organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras, que tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando 2.875 vítimas. No mesmo período, homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%.			Para Justiça Federal, a declaração do professor sugere desprezo pela população negra e se encaixa em discriminação pela cor de pele. Na denúncia, o MPF reforça que o racismo não está apenas na comparação entre a cerveja e as mulheres negras, mas também na ironia. Na denúncia apresentada à Justiça, os procuradores destacam também o fato de a agressão ter sido feita por um professor, que tem o papel de educar, e ter sido disseminada pela internet, com rápida repercussão. Na época, o professor foi denunciado pela Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Campos, que elaborou uma notícia-crime contra Lamônica.	O movimento de mulheres negras chama atenção para a relação entre machismo e racismo, que reforça estereótipos de gênero e contribui para aprofundar desigualdades. A coordenadora da organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras, que tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando 2.875 vítimas. No mesmo período, homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%.	
Racismo coloca em risco a vida de mulheres negras	Racismo coloca em risco a vida de mulheres negras	O movimento de mulheres negras chama atenção para a relação entre machismo e racismo, que reforça estereótipos de gênero e contribui para aprofundar desigualdades. A coordenadora da organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras, que tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando 2.875 vítimas. No mesmo período, homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%.				O movimento de mulheres negras chama atenção para a relação entre machismo e racismo, que reforça estereótipos de gênero e contribui para aprofundar desigualdades. A coordenadora da organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras, que tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando 2.875 vítimas. No mesmo período, homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%.		

<p>O movimento de <b>mulheres negras</b> chama atenção para a relação entre <b>machismo</b> e <b>racismo</b>, que reforça <b>estereótipos de gênero</b> e contribui para aprofundar desigualdades. A <b>coordenadora da organização</b> não governamental <b>Criola, Lúcia Xavier</b>, vem alertando para a <b>sexualização de mulheres negras</b>, que tem um fundo histórico, e é responsável pela <b>desvalorização da vida delas</b>. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de <b>mulheres negras</b> aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando a <b>2.875 vítimas</b>. No mesmo período, homicídios de <b>mulheres brancas</b> caiu 9,8%.</p>	<p>O movimento de mulheres negras chama atenção para a <b>relação entre machismo e racismo</b>, que reforça <b>estereótipos de gênero</b> e contribui para aprofundar <b>desigualdades</b>. A coordenadora da organização não governamental <b>Criola, Lúcia Xavier</b>, vem alertando para a <b>sexualização de mulheres negras</b>, que tem um fundo histórico, e é responsável pela <b>desvalorização da vida delas</b>. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de <b>mulheres negras</b> aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando a <b>2.875 vítimas</b>. No mesmo período, homicídios de <b>mulheres brancas</b> caiu 9,8%.</p>	<p>Defesa O advogado do professor do IFF, <b>Amyr Moussalem</b>, afirmou que <b>Lamônica</b> não foi notificado e prefere não se pronunciar. Ele adiantou, no entanto, que o acusado vem participando de diversas audiências sobre o tema e inclusive já se retratou publicamente. Por meio da assessoria de imprensa, o <b>Instituto Federal Fluminense</b> informou que na época do ocorrido abriu um processo administrativo disciplinar para apurar a conduta do professor e decidiu pela aplicação de uma advertência. Segundo o instituto, ele ficou afastado das atividades durante o processo e atualmente voltou a dar aulas no ensino médio.</p>				<p>Defesa O advogado do professor do IFF, <b>Amyr Moussalem</b>, afirmou que <b>Lamônica</b> não foi notificado e prefere não se pronunciar. Ele adiantou, no entanto, que o acusado vem participando de diversas audiências sobre o tema e inclusive já se retratou publicamente. Por meio da assessoria de imprensa, o <b>Instituto Federal Fluminense</b> informou que na época do ocorrido abriu um processo administrativo disciplinar para apurar a conduta do professor e decidiu pela aplicação de uma advertência. Segundo o instituto, ele ficou afastado das atividades durante o processo e atualmente voltou a dar aulas no ensino médio.</p>	
<p>Defesa O advogado do professor do IFF, <b>Amyr Moussalem</b>, afirmou que <b>Lamônica</b> não foi notificado e prefere não se pronunciar. Ele adiantou, no entanto, que o acusado vem participando de diversas audiências sobre o tema e inclusive já se retratou publicamente. Por meio da assessoria de imprensa, o Instituto Federal Fluminense informou que na época do ocorrido abriu um processo administrativo disciplinar para apurar a conduta do professor e decidiu pela aplicação de uma advertência. Segundo o instituto, ele ficou afastado das atividades durante o processo e atualmente voltou a dar aulas no ensino médio.</p>							
<b>TEXTO 4</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 [...]		O Povo		Brasil/Notícia		11 de dezembro de 2017	
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>		<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
No Ceará, <b>mulheres negras</b> são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas	No Ceará, <b>mulheres negras</b> são assassinadas 4,43 vezes mais do que <b>mulheres brancas</b>	As informações estão organizadas em quatro dimensões: <b>violência entre jovens, frequência à escola e situação de emprego, pobreza no município e desigualdade</b> . Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. No Rio Grande do Norte, por exemplo, as mulheres negras morrem 8,11 vezes mais do que as brancas. Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras.				No Ceará, <b>mulheres negras</b> são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas	O relatório índice de <b>Vulnerabilidade Juvenil à Violência</b> , divulgado nesta segunda-feira, 11, revelou que uma <b>jovem negra</b> no Brasil tem risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma <b>jovem branca</b> . O estudo foi realizado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O índice foi calculado tomando como base a análise de dados de 304 municípios do Brasil com número superior a 100 mil habitantes. A informação é do Uol. No Ceará, a taxa de homicídios de <b>jovens negras por 100 mil habitantes é de 7,2</b> . Já a taxa de homicídios de <b>jovens brancas é de 1,6</b> . Assim, o risco de morte de mulheres negras é 4,43 maior do que a morte de mulheres brancas.
Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de <b>mulheres brancas</b> mortas superior às negras	Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de <b>mulheres brancas</b> mortas superior às negras	A representante interina da Unesco no Brasil, <b>Marlova Neto</b> , diz que o ponto forte da pesquisa é a questão de gênero. Ela entende que os dados mostram, mais uma vez, o genocídio dos jovens negros. Outro apontamento é referente a jovens de ambos os sexos. De acordo com a pesquisa, a violência contra o jovem negro foi agravada nos últimos dois anos.				Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras	As informações estão organizadas em quatro dimensões: <b>violência entre jovens, frequência à escola e situação de emprego, pobreza no município e desigualdade</b> . Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. No Rio Grande do Norte, por exemplo, as mulheres negras morrem 8,11 vezes mais do que as brancas. Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras.

<p>O relatório índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado nesta segunda-feira, 11, revelou que uma jovem negra no Brasil tem risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma jovem branca. O estudo foi realizado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O índice foi calculado tomando como base a análise de dados de 304 municípios do Brasil com número superior a 100 mil habitantes. A informação é do Uol. No Ceará, a taxa de homicídios de jovens negras por 100 mil habitantes é de 7,2. Já a taxa de homicídios de jovens brancas é de 1,6. Assim, o risco de morte de mulheres negras é 4,43 maior do que a morte de mulheres brancas.</p>	<p>O relatório índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado nesta segunda-feira, 11, revelou que uma jovem negra no Brasil tem risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma jovem branca. O estudo foi realizado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O índice foi calculado tomando como base a análise de dados de 304 municípios do Brasil com número superior a 100 mil habitantes. A informação é do Uol. No Ceará, a taxa de homicídios de jovens negras por 100 mil habitantes é de 7,2. Já a taxa de homicídios de jovens brancas é de 1,6. Assim, o risco de morte de mulheres negras é 4,43 maior do que a morte de mulheres brancas.</p>	<p>O primeiro estudo, realizado em 2015, mostrou que os negros - de 12 a 29 anos - tinham 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos. Agora, a atual pesquisa mostra um risco de 2,7. Para Marlova, o aumento, embora pequeno, é significativo do ponto de vista social e mostra que o Brasil falhou em acabar ou amenizar a situação. O secretário nacional de Juventude, Francisco de Assis Costa Filho, comenta que os resultados mostrados vão possibilitar o desenvolvimento de ações mais direcionadas e focadas principalmente nos negros. Para ele, isso contribuirá para a redução das desigualdades de gênero e para combater o racismo.</p>				<p>O relatório índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado nesta segunda-feira, 11, revelou que uma jovem negra no Brasil tem risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma jovem branca. O estudo foi realizado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O índice foi calculado tomando como base a análise de dados de 304 municípios do Brasil com número superior a 100 mil habitantes. A informação é do Uol. No Ceará, a taxa de homicídios de jovens negras por 100 mil habitantes é de 7,2. Já a taxa de homicídios de jovens brancas é de 1,6. Assim, o risco de morte de mulheres negras é 4,43 maior do que a morte de mulheres brancas.</p>	<p>A representante interina da Unesco no Brasil, Marlova Neto, diz que o ponto forte da pesquisa é a questão de gênero. Ela entende que os dados mostraram, mais uma vez, o genocídio dos jovens negros. Outro apontamento é referente a jovens de ambos os sexos. De acordo com a pesquisa, a violência contra o jovem negro foi agravada nos últimos dois anos.</p>
<p>As informações estão organizadas em quatro dimensões: violência entre jovens, frequência à escola e situação de emprego, pobreza no município e desigualdade. Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. No Rio Grande do Norte, por exemplo, as mulheres negras morrem 8,11 vezes mais do que as brancas. Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras.</p>	<p>As informações estão organizadas em quatro dimensões: violência entre jovens, frequência à escola e situação de emprego, pobreza no município e desigualdade. Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. No Rio Grande do Norte, por exemplo, as mulheres negras morrem 8,11 vezes mais do que as brancas. Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras.</p>					<p>As informações estão organizadas em quatro dimensões: violência entre jovens, frequência à escola e situação de emprego, pobreza no município e desigualdade. Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. No Rio Grande do Norte, por exemplo, as mulheres negras morrem 8,11 vezes mais do que as brancas. Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras.</p>	<p>O primeiro estudo, realizado em 2015, mostrou que os negros - de 12 a 29 anos - tinham 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos. Agora, a atual pesquisa mostra um risco de 2,7. Para Marlova, o aumento, embora pequeno, é significativo do ponto de vista social e mostra que o Brasil falhou em acabar ou amenizar a situação. O secretário nacional de Juventude, Francisco de Assis Costa Filho, comenta que os resultados mostrados vão possibilitar o desenvolvimento de ações mais direcionadas e focadas principalmente nos negros. Para ele, isso contribuirá para a redução das desigualdades de gênero e para combater o racismo.</p>
<p>A representante interina da Unesco no Brasil, Marlova Neto, diz que o ponto forte da pesquisa é a questão de gênero. Ela entende que os dados mostraram, mais uma vez, o genocídio dos jovens negros. Outro apontamento é referente a jovens de ambos os sexos. De acordo com a pesquisa, a violência contra o jovem negro foi agravada nos últimos dois anos.</p>	<p>A representante interina da Unesco no Brasil, Marlova Neto, diz que o ponto forte da pesquisa é a questão de gênero. Ela entende que os dados mostraram, mais uma vez, o genocídio dos jovens negros. Outro apontamento é referente a jovens de ambos os sexos. De acordo com a pesquisa, a violência contra o jovem negro foi agravada nos últimos dois anos.</p>					<p>A representante interina da Unesco no Brasil, Marlova Neto, diz que o ponto forte da pesquisa é a questão de gênero. Ela entende que os dados mostraram, mais uma vez, o genocídio dos jovens negros. Outro apontamento é referente a jovens de ambos os sexos. De acordo com a pesquisa, a violência contra o jovem negro foi agravada nos últimos dois anos.</p>	
<p>O primeiro estudo, realizado em 2015, mostrou que os negros - de 12 a 29 anos - tinham 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos. Agora, a atual pesquisa mostra um risco de 2,7. Para Marlova, o aumento, embora pequeno, é significativo do ponto de vista social e mostra que o Brasil falhou em acabar ou amenizar a situação. O secretário nacional de Juventude, Francisco de Assis Costa Filho, comenta que os resultados mostrados vão possibilitar o desenvolvimento de ações mais direcionadas e focadas principalmente nos negros. Para ele, isso contribuirá para a redução das desigualdades de gênero e para combater o racismo.</p>	<p>O primeiro estudo, realizado em 2015, mostrou que os negros - de 12 a 29 anos - tinham 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos. Agora, a atual pesquisa mostra um risco de 2,7. Para Marlova, o aumento, embora pequeno, é significativo do ponto de vista social e mostra que o Brasil falhou em acabar ou amenizar a situação. O secretário nacional de Juventude, Francisco de Assis Costa Filho, comenta que os resultados mostrados vão possibilitar o desenvolvimento de ações mais direcionadas e focadas principalmente nos negros. Para ele, isso contribuirá para a redução das desigualdades de gênero e para combater o racismo.</p>					<p>O primeiro estudo, realizado em 2015, mostrou que os negros - de 12 a 29 anos - tinham 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos. Agora, a atual pesquisa mostra um risco de 2,7. Para Marlova, o aumento, embora pequeno, é significativo do ponto de vista social e mostra que o Brasil falhou em acabar ou amenizar a situação. O secretário nacional de Juventude, Francisco de Assis Costa Filho, comenta que os resultados mostrados vão possibilitar o desenvolvimento de ações mais direcionadas e focadas principalmente nos negros. Para ele, isso contribuirá para a redução das desigualdades de gênero e para combater o racismo.</p>	
<p><b>TEXTO 5</b></p>		<p><b>JORNAL</b></p>	<p><b>EDITORIA</b></p>			<p><b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b></p>	
<p>Canadá apresenta a sua primeira cédula com [...]</p>		<p>O Povo</p>	<p>Mundo/Notícia</p>			<p>09 de março de 2018</p>	
<p><b>Gênero</b></p>	<p><b>Raça</b></p>	<p><b>Classe</b></p>	<p><b>Sexualidade</b></p>	<p><b>Deficiência</b></p>	<p><b>Peso</b></p>	<p><b>Geolocalização</b></p>	<p><b>Idade</b></p>
<p>Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra</p>	<p>Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra</p>	<p>Nessa quinta-feira, 8, a nota foi apresentada em Halifax pelo ministro das finanças do Canadá, Bill Morneau, e o governador do Banco do Canadá, Stephen Poloz, que estavam acompanhados pela irmã de Viola Desmond, Wanda Robson, de 91 anos. O museu dos Direitos Humanos construído recentemente na cidade de Winnipeg ilustra o verso da nota.</p>				<p>Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra</p>	<p>Viola Desmond morreu em 1965, aos 50 anos. Ela foi símbolo da luta contra a segregação racial no seu país</p>
<p>Viola Desmond morreu em 1965, aos 50 anos. Ela foi símbolo da luta contra a segregação racial no seu país</p>	<p>Viola Desmond morreu em 1965, aos 50 anos. Ela foi símbolo da luta contra a segregação racial no seu país</p>	<p>A ativista fez história no Canadá em 1946, quando se recusou a deixar uma área de um cinema da cidade de Nova Glasgow, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas. Viola foi presa e multada pela sua atitude de desafiar as leis que discriminavam os negros no País.</p>				<p>Viola Desmond morreu em 1965, aos 50 anos. Ela foi símbolo da luta contra a segregação racial no seu país</p>	<p>Nessa quinta-feira, 8, a nota foi apresentada em Halifax pelo ministro das finanças do Canadá, Bill Morneau, e o governador do Banco do Canadá, Stephen Poloz, que estavam acompanhados pela irmã de Viola Desmond, Wanda Robson, de 91 anos. O museu dos Direitos Humanos construído recentemente na cidade de Winnipeg ilustra o verso da nota.</p>

<p>Símbolo da luta da segregação racial no Canadá na década de 1940, a <b>ativista canadense Viola Desmond será a primeira mulher negra a estampar uma cédula de banco</b>. Ela ilustrará as novas cédulas de 10 dólares canadenses, que entrarão em circulação no final deste ano. As informações são do G1.</p>	<p><b>Símbolo da luta da segregação racial no Canadá</b> na década de 1940, a <b>ativista canadense Viola Desmond será a primeira mulher negra a estampar uma cédula de banco</b>. Ela ilustrará as novas cédulas de 10 dólares canadenses, que entrarão em circulação no final deste ano. As informações são do G1.</p>	<p>A canadense foi <b>condenada por evasão de impostos</b> e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos 50 anos de idade. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real cujo retrato apareceria em uma cédula do país.</p>				<p>Símbolo da luta da segregação racial no <b>Canadá</b> na década de 1940, a <b>ativista canadense Viola Desmond será a primeira mulher negra a estampar uma cédula de banco</b>. Ela ilustrará as novas cédulas de <b>10 dólares canadenses</b>, que entrarão em circulação no final deste ano. As informações são do G1.</p>	<p>A canadense foi condenada por evasão de impostos e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos <b>50 anos de idade</b>. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real cujo retrato apareceria em uma cédula do país.</p>
<p>Nessa quinta-feira, 8, a nota foi apresentada em <b>Halifax</b> pelo ministro das finanças do Canadá, <b>Bill Morneau</b>, e o governador do Banco do Canadá, <b>Stephen Poloz</b>, que estavam acompanhados pela irmã de <b>Viola Desmond</b>, <b>Wanda Robson</b>, de 91 anos. O museu dos Direitos Humanos construído recentemente na cidade de <b>Winnipeg</b> ilustra o verso da nota.</p>	<p>Nessa quinta-feira, 8, a nota foi apresentada em <b>Halifax</b> pelo ministro das finanças do Canadá, <b>Bill Morneau</b>, e o governador do Banco do Canadá, <b>Stephen Poloz</b>, que estavam acompanhados pela irmã de <b>Viola Desmond</b>, <b>Wanda Robson</b>, de 91 anos. O museu dos Direitos Humanos construído recentemente na cidade de <b>Winnipeg</b> ilustra o verso da nota.</p>					<p>Nessa quinta-feira, 8, a nota foi apresentada em <b>Halifax</b> pelo ministro das finanças do Canadá, <b>Bill Morneau</b>, e o governador do <b>Banco do Canadá</b>, <b>Stephen Poloz</b>, que estavam acompanhados pela irmã de <b>Viola Desmond</b>, <b>Wanda Robson</b>, de 91 anos. O museu dos Direitos Humanos construído recentemente na <b>cidade de Winnipeg</b> ilustra o verso da nota.</p>	
<p>A <b>ativista</b> fez história no Canadá em 1946, quando se recusou a deixar uma área de um cinema da cidade de <b>Nova Glasgow</b>, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas. <b>Viola foi presa e multada</b> pela sua atitude de desafiar as leis que discriminavam os negros no País.</p>	<p>A <b>ativista</b> fez história no Canadá em 1946, quando se recusou a <b>deixar uma área de um cinema da cidade de Nova Glasgow</b>, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas. <b>Viola foi presa e multada pela sua atitude de desafiar as leis que discriminavam os negros no País</b>.</p>					<p>A <b>ativista</b> fez história no <b>Canadá</b> em 1946, quando se recusou a deixar uma área de um cinema da <b>cidade de Nova Glasgow</b>, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas. <b>Viola foi presa e multada pela sua atitude de desafiar as leis que discriminavam os negros no País</b>.</p>	
<p>A <b>canadense</b> foi condenada por evasão de impostos e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos 50 anos de idade. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que <b>Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real</b> cujo retrato apareceria em uma cédula do país.</p>	<p>A canadense foi condenada por evasão de impostos e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos 50 anos de idade. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que <b>Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real</b> cujo retrato apareceria em uma cédula do país.</p>					<p>A <b>canadense</b> foi condenada por evasão de impostos e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos 50 anos de idade. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que <b>Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real</b> cujo retrato apareceria em uma cédula do país.</p>	
<b>TEXTO 6</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher [...] O Povo				Brasil/Notícia		18 de julho de 2018	
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>							
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da <b>Mulher Negra</b> no Rio de Janeiro	Lei institui o <b>Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra</b> no Rio de Janeiro	Data homenagem <b>vereadora</b> Marielle Franco, assassinada em março				Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da <b>Mulher Negra</b> no Rio de Janeiro	A lei estabelece que instituições públicas e privadas promovam debates e palestras na data, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre o assassinato de mulheres negras no Brasil. Segundo o <b>Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017</b> , elaborado pela <b>Secretaria Nacional de Juventude</b> em parceria com o <b>Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP)</b> , a possibilidade de jovens negras de 15 a 29 anos serem mortas é o dobro da de brancas na mesma faixa etária.
Data homenagem <b>vereadora</b> <b>Marielle Franco</b> , assassinada em março	Data homenagem <b>vereadora</b> <b>Marielle Franco</b> , assassinada em março	O dia 14 de março, data em que a <b>vereadora</b> Marielle Franco e o <b>motorista</b> Anderson Gomes, foram assassinados, vítimas de uma emboscada, no Estádio, centro do Rio, será incluído no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como o Dia Marielle Franco - Dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra. É o que determina a Lei 8.054/18, sancionada pelo governador <b>Luiz Fernando Pezão</b> e publicada no Diário Oficial do Poder Executivo desta quarta-feira (18).				Data homenagem <b>vereadora</b> <b>Marielle Franco</b> , assassinada em março	
O dia 14 de março, data em que a <b>vereadora</b> <b>Marielle Franco</b> e o <b>motorista</b> Anderson Gomes, foram assassinados, vítimas de uma emboscada, no Estádio, centro do Rio, será incluído no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como o Dia <b>Marielle Franco</b> - Dia de Luta contra o <b>Genocídio da Mulher Negra</b> . É o que determina a Lei 8.054/18, sancionada pelo governador <b>Luiz Fernando Pezão</b> e publicada no Diário Oficial do Poder Executivo desta quarta-feira (18).	O dia 14 de março, data em que a <b>vereadora</b> Marielle Franco e o <b>motorista</b> Anderson Gomes, foram assassinados, vítimas de uma emboscada, no Estádio, centro do Rio, será incluído no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como o Dia <b>Marielle Franco</b> - Dia de Luta contra o <b>Genocídio da Mulher Negra</b> . É o que determina a Lei 8.054/18, sancionada pelo governador <b>Luiz Fernando Pezão</b> e publicada no Diário Oficial do Poder Executivo desta quarta-feira (18).	Na justificativa do pedido, a <b>deputada</b> <b>Enfermeira Rejane</b> , autora do projeto de lei, lembra que Marielle foi uma mulher negra, mãe e criã da <b>Favela da Maré</b> que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no <b>Complexo da Maré</b> .				O dia 14 de março, data em que a <b>vereadora</b> Marielle Franco e o <b>motorista</b> Anderson Gomes, foram assassinados, vítimas de uma emboscada, no Estádio, centro do Rio, será incluído no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como o Dia <b>Marielle Franco</b> - Dia de Luta contra o <b>Genocídio da Mulher Negra</b> . É o que determina a Lei 8.054/18, sancionada pelo governador <b>Luiz Fernando Pezão</b> e publicada no Diário Oficial do Poder Executivo desta quarta-feira (18).	

A lei estabelece que instituições públicas e privadas promovam debates e palestras na data, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre o assassinato de <b>mulheres negras</b> no Brasil. Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a possibilidade de jovens negras de 15 a 29 anos serem mortas é o dobro da de brancas na mesma faixa etária.	A lei estabelece que instituições públicas e privadas promovam debates e palestras na data, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre o assassinato de <b>mulheres negras</b> no Brasil. Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a possibilidade de jovens negras de 15 a 29 anos serem mortas é o dobro da de brancas na mesma faixa etária.	Eleita vereadora pelo PSOL, Marielle exerce o primeiro mandato na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ela foi a <b>quinta parlamentar mais votada na cidade e preside a Comissão de Defesa da Mulher da Câmara Municipal.</b>				A lei estabelece que instituições públicas e privadas promovam debates e palestras na data, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre o assassinato de <b>mulheres negras</b> no Brasil. Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a possibilidade de jovens negras de 15 a 29 anos serem mortas é o dobro da de brancas na mesma faixa etária.	
Na justificativa do pedido, a <b>deputada Enfermeira Rejane</b> , autora do projeto de lei, lembra que <b>Marielle</b> foi uma mulher negra, mãe e cria da Favela da Maré que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo do Maré.	Na justificativa do pedido, a <b>deputada Enfermeira Rejane</b> , autora do projeto de lei, lembra que <b>Marielle</b> foi uma mulher negra, mãe e cria da Favela da Maré que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo do Maré.	Para a <b>presidente da organização não governamental (ONG) Crioula, Lúcia Xavier</b> , esta é uma homenagem justa, apesar de Marielle ter morrido, mas é também sinal de que as autoridades têm que estar cada vez mais comprometidas com o Dia das Mulheres Negras, por causa do grande número de mulheres e jovens negros assassinados no Estado.				Na justificativa do pedido, a <b>deputada Enfermeira Rejane</b> , autora do projeto de lei, lembra que <b>Marielle</b> foi uma mulher negra, mãe e cria da Favela da Maré que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo do Maré.	
<b>Eleita vereadora pelo PSOL, Marielle</b> exerce o primeiro mandato na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ela foi a <b>quinta parlamentar mais votada na cidade e preside a Comissão de Defesa da Mulher da Câmara Municipal.</b>	<b>Eleita vereadora pelo PSOL, Marielle</b> exerce o primeiro mandato na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ela foi a <b>quinta parlamentar mais votada na cidade e preside a Comissão de Defesa da Mulher da Câmara Municipal.</b>					<b>Eleita vereadora pelo PSOL, Marielle</b> exerce o primeiro mandato na Câmara Municipal do Rio de Janeiro. Ela foi a <b>quinta parlamentar mais votada na cidade e preside a Comissão de Defesa da Mulher da Câmara Municipal.</b>	
O assassinato de <b>Marielle</b> e do motorista <b>Anderson</b> , que ainda não foi esclarecido, repercutiu internacionalmente e gerou protestos em diversos países.	O assassinato de <b>Marielle</b> e do motorista <b>Anderson</b> , que ainda não foi esclarecido, repercutiu internacionalmente e gerou protestos em diversos países.					O assassinato de <b>Marielle</b> e do motorista <b>Anderson</b> , que ainda não foi esclarecido, repercutiu internacionalmente e gerou protestos em diversos países.	
Para a <b>presidente da organização não governamental (ONG) Crioula, Lúcia Xavier</b> , esta é uma homenagem justa, apesar de <b>Marielle</b> ter morrido, mas é também sinal de que as autoridades têm que estar cada vez mais comprometidas com o Dia das Mulheres Negras, por causa do grande número de mulheres e jovens negros assassinados no Estado.	Para a <b>presidente da organização não governamental (ONG) Crioula, Lúcia Xavier</b> , esta é uma homenagem justa, apesar de <b>Marielle</b> ter morrido, mas é também sinal de que as autoridades têm que estar cada vez mais comprometidas com o Dia das Mulheres Negras, por causa do grande número de mulheres e jovens negros assassinados no Estado.					Para a <b>presidente da organização não governamental (ONG) Crioula, Lúcia Xavier</b> , esta é uma homenagem justa, apesar de <b>Marielle</b> ter morrido, mas é também sinal de que as autoridades têm que estar cada vez mais comprometidas com o Dia das Mulheres Negras, por causa do grande número de mulheres e jovens negros assassinados no Estado.	
<b>TEXTO 7</b> Imagem de mulher negra em campanha de [...]		<b>JORNAL</b> O Povo	<b>EDITORIA</b> Política/Notícia			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b> 18 de setembro de 2018	
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>							
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
Imagem de <b>mulher negra</b> em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo	Imagem de <b>mulher negra</b> em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo	Uma peça de campanha do candidato à Presidência, <b>Jair Bolsonaro (PSL)</b> , que exibe imagens de <b>mulher negra</b> trajando, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa. Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares. A imagem nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente. Caso foi denunciado pela empresa Shutterstock.				Uma peça de <b>campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL)</b> , que exibe imagens de mulher negra trajando, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa. Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares. A imagem nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente. Caso foi denunciado pela empresa Shutterstock.	Shutterstock denunciou o caso no <b>Twitter</b> . Campanha do candidato divulgou dois vídeos relacionados à mesma temática tentando angariar votos das mulheres após encurrada de críticas feitas pela campanha de Geraldo Alckmin (PSDB).
Shutterstock denunciou o caso no Twitter. Campanha do candidato divulgou dois vídeos relacionados à mesma temática tentando angariar votos das mulheres após encurrada de críticas feitas pela campanha de Geraldo Alckmin (PSDB).		Uma peça de campanha do candidato à Presidência, <b>Jair Bolsonaro (PSL)</b> , que exibe imagens de <b>mulher negra</b> trajando, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa. Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares. A imagem nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente. Caso foi denunciado pela empresa Shutterstock.	Respondendo um tweet denunciando o caso, a <b>empresa afirmou que o setor jurídico da empresa está atuando</b> e "todas as medidas necessárias" serão tomadas pela empresa.			O vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, <b>Eduardo Bolsonaro (PSL)</b> , e em páginas de apoio ao presidencialismo. No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade." Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos.	

Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exibe imagens de mulher negra trajando, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa. Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares. A imagem nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente. Caso foi denunciado pela empresa Shutterstock.	O vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, Eduardo Bolsonaro (PSL), e em páginas de apoio ao presidencial. No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade." Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos.	O vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, Eduardo Bolsonaro (PSL), e em páginas de apoio ao presidencial. No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade." Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos.					
O vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, Eduardo Bolsonaro (PSL), e em páginas de apoio ao presidencial. No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade." Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos.	Ainda nessa segunda-feira, 17, foi divulgado outro vídeo no qual o próprio Bolsonaro aparece falando sobre a sua <b>única filha</b> .	A ofensiva pró-mulheres da campanha de Bolsonaro vem no momento em que ele é bastante criticado em campanhas de Geraldo Alckmin (PSDB), que explora confusões em que o militar da reserva se envolveu com relação às mulheres. O foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT).					
Ainda nessa segunda-feira, 17, foi divulgado outro vídeo no qual o próprio Bolsonaro aparece falando sobre a sua <b>única filha</b> .	A ofensiva pró-mulheres da campanha de Bolsonaro vem no momento em que ele é bastante criticado em campanhas de Geraldo Alckmin (PSDB), que explora confusões em que o militar da reserva se envolveu com relação às mulheres. O foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT).						
O candidato foi criticado após ter dito que a <b>filha foi uma "fraquejada"</b> . "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher", afirmou, em 2017.							
A ofensiva pró-mulheres da campanha de Bolsonaro vem no momento em que ele é bastante criticado em campanhas de Geraldo Alckmin (PSDB), que explora confusões em que o militar da reserva se envolveu com relação às mulheres. O foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT).							
<b>TEXTO 8</b>		<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Maju Coutinho será a primeira mulher negra a [...]		O Povo	Divirta-se			13 de fevereiro de 2019	
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>							
<b>Gênero</b>	<b>Raça</b>	<b>Classe</b>	<b>Sexualidade</b>	<b>Deficiência</b>	<b>Peso</b>	<b>Geolocalização</b>	<b>Idade</b>
Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional				Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	(Indiretamente)
Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o jornal nos finais de semana e sua estreia está marcada para este sábado, 16.	Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o jornal nos finais de semana e sua estreia está marcada para este sábado, 16.	Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o jornal nos finais de semana e sua estreia está marcada para este sábado, 16.				A jornalista Maria Júlia Coutinho foi anunciada como um novo reforço para o time de apresentadores do Jornal Nacional. A informação foi divulgada pela colunista Patrícia Kogut, do O Globo.	
A jornalista Maria Júlia Coutinho foi anunciada como um novo reforço para o time de apresentadores do Jornal Nacional. A informação foi divulgada pela colunista Patrícia Kogut, do O Globo.	A jornalista Maria Júlia Coutinho foi anunciada como um novo reforço para o time de apresentadores do Jornal Nacional. A informação foi divulgada pela colunista Patrícia Kogut, do O Globo.	A jornalista Maria Júlia Coutinho foi anunciada como um novo reforço para o time de apresentadores do Jornal Nacional. A informação foi divulgada pela colunista Patrícia Kogut, do O Globo.				Maju será a primeira mulher negra a fazer parte da bancada do noticiário, que é considerado o principal do País. Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o telejornal nos finais de semana. A estreia está marcada para este sábado, 16.	
Maju será a primeira mulher negra a fazer parte da bancada do noticiário, que é considerado o principal do País. Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o telejornal nos finais de semana. A estreia está marcada para este sábado, 16.	Maju será a primeira mulher negra a fazer parte da bancada do noticiário, que é considerado o principal do País. Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o telejornal nos finais de semana. A estreia está marcada para este sábado, 16.	Maju será a primeira mulher negra a fazer parte da bancada do noticiário, que é considerado o principal do País. Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o telejornal nos finais de semana. A estreia está marcada para este sábado, 16.				Em quase 50 anos no ar, o Jornal Nacional teve seu primeiro âncora negro em 2002, quando Heraldo Pereira se juntou ao time. Antes disso, em 1977, Glória Maria também fez uma participação no noticiário, mas como repórter especial.	
Em quase 50 anos no ar, o Jornal Nacional teve seu primeiro âncora negro em 2002, quando Heraldo Pereira se juntou ao time. Antes disso, em 1977, Glória Maria também fez uma participação no noticiário, mas como repórter especial.	Em quase 50 anos no ar, o Jornal Nacional teve seu primeiro âncora negro em 2002, quando Heraldo Pereira se juntou ao time. Antes disso, em 1977, Glória Maria também fez uma participação no noticiário, mas como repórter especial.	Na Globo desde 2007, Maria Júlia Coutinho ficou conhecida após começar a noticiar a previsão do tempo nos telejornais da emissora. Desde 2017, ela faz parte do rodízio de apresentadores que comandavam o "Jornal Hoje" nos sábados.					
Na Globo desde 2007, Maria Júlia Coutinho ficou conhecida após começar a noticiar a previsão do tempo nos telejornais da emissora. Desde 2017, ela faz parte do rodízio de apresentadores que comandavam o "Jornal Hoje" nos sábados.	Na Globo desde 2007, Maria Júlia Coutinho ficou conhecida após começar a noticiar a previsão do tempo nos telejornais da emissora. Desde 2017, ela faz parte do rodízio de apresentadores que comandavam o "Jornal Hoje" nos sábados.						
<b>TEXTO 9</b>		<b>JORNAL</b>	<b>EDITORIA</b>			<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Maju Coutinho é primeira mulher negra a [...]		O Povo	Brasil/Notícia			16 de fevereiro de 2019	
<b>RASTROS INTERSECCIONAIS NO DISCURSO MIDIÁTICO</b>							

Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional	Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional				Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o <b>Jornal Nacional</b>	A jornalista Maria Júlia Coutinho estreou neste sábado, 16, como apresentadora do Jornal Nacional, da Rede Globo. Maju, que tem 40 anos, é a primeira mulher negra a ocupar a bancada do programa que tem quase 50 anos.
A jornalista, que ficou conhecida por apresentar a previsão do tempo, agora ocupa a bancada aos sábados	As ofensas aconteceram enquanto Maju ainda apresentava o quadro de previsão meteorológica do Jornal Nacional(foto: (Foto: Divulgação/TV Globo))	A jornalista, que ficou conhecida por apresentar a previsão do tempo, agora ocupa a bancada aos sábados				Maju chegou a realizar testes assumindo a apresentação do <b>Jornal Hoje</b> , em dias de folgas dos âncoras Sandra Annenberg e Dony De Nuccio. Dessa bancada, foi ela quem ancorou a manhã de cobertura ao vivo do dia seguinte à tragédia de Brumadinho (MG). A divulgação de que Maju seria a nova apresentadora do <b>JN</b> rendeu muitas publicações nas redes sociais.	
As ofensas aconteceram enquanto Maju ainda apresentava o quadro de previsão meteorológica do Jornal Nacional(foto: (Foto: Divulgação/TV Globo))	A jornalista Maria Júlia Coutinho estreou neste sábado, 16, como apresentadora do Jornal Nacional da Rede Globo. Maju, que tem 40 anos, é a primeira mulher negra a ocupar a bancada do programa que tem quase 50 anos.	As ofensas aconteceram enquanto Maju ainda apresentava o quadro de previsão meteorológica do Jornal Nacional(foto: (Foto: Divulgação/TV Globo))				Carreira Maju estreou na televisão em 2005, na TV Cultura, onde integrou o time do <b>Jornal da Cultura</b> . Em 2007, a jornalista foi para a <b>Globo</b> e se tornou repórter. Alguns anos depois, foi convidada para cuidar do quadro de previsão do tempo dos jornais da emissora.	
A jornalista Maria Júlia Coutinho estreou neste sábado, 16, como apresentadora do <b>Jornal Nacional</b> , da Rede Globo. Maju, que tem 40 anos, é a primeira mulher negra a ocupar a bancada do programa que tem quase 50 anos.	Maju substitui a jornalista Renata Vasconcelos, que na noite da última sexta-feira, 15, desejou boas vindas para a nova apresentadora do jornal.	A jornalista Maria Júlia Coutinho estreou neste sábado, 16, como apresentadora do Jornal Nacional, da Rede Globo. Maju, que tem 40 anos, é a primeira mulher negra a ocupar a bancada do programa que tem quase 50 anos.					
Maju substitui a jornalista Renata Vasconcelos, que na noite da última sexta-feira, 15, desejou boas vindas para a nova apresentadora do jornal.	Maju chegou a realizar testes assumindo a apresentação do Jornal Hoje, em dias de folgas dos âncoras Sandra Annenberg e Dony De Nuccio. Dessa bancada, foi ela quem ancorou a manhã de cobertura ao vivo do dia seguinte à tragédia de Brumadinho (MG). A divulgação de que Maju seria a nova apresentadora do <b>JN</b> rendeu muitas publicações nas redes sociais.	Maju substitui a jornalista Renata Vasconcelos, que na noite da última sexta-feira, 15, desejou boas vindas para a nova apresentadora do jornal.					
Maju chegou a realizar testes assumindo a apresentação do Jornal Hoje, em dias de folgas dos âncoras Sandra Annenberg e Dony De Nuccio. Dessa bancada, foi ela quem ancorou a manhã de cobertura ao vivo do dia seguinte à tragédia de Brumadinho (MG). A divulgação de que Maju seria a nova apresentadora do <b>JN</b> rendeu muitas publicações nas redes sociais.	Carreira Maju estreou na televisão em 2005, na TV Cultura, onde integrou o time do Jornal da Cultura. Em 2007, a jornalista foi para a <b>Globo</b> e se tornou repórter. Alguns anos depois, foi convidada para cuidar do quadro de previsão do tempo dos jornais da emissora.	Maju chegou a realizar testes assumindo a apresentação do <b>Jornal Hoje</b> , em dias de folgas dos âncoras Sandra Annenberg e Dony De Nuccio. Dessa bancada, foi ela quem ancorou a manhã de cobertura ao vivo do dia seguinte à tragédia de Brumadinho (MG). A divulgação de que Maju seria a nova apresentadora do <b>JN</b> rendeu muitas publicações nas redes sociais.					
Carreira Maju estreou na televisão em 2005, na TV Cultura, onde integrou o time do Jornal da Cultura. Em 2007, a jornalista foi para a <b>Globo</b> e se tornou repórter. Alguns anos depois, foi convidada para cuidar do quadro de previsão do tempo dos jornais da emissora.		Carreira Maju estreou na televisão em 2005, na TV Cultura, onde integrou o time do Jornal da Cultura. Em 2007, a jornalista foi para a <b>Globo</b> e se tornou repórter. Alguns anos depois, foi convidada para cuidar do quadro de previsão do tempo dos jornais da emissora.					
<b>TEXTO 10</b>		<b>JORNAL</b>		<b>EDITORIA</b>		<b>DATA DE PUBLICAÇÃO</b>	
Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega [...]		O Povo		Brasil/Notícia		15 de setembro de 2020	
Gênero	Raça	Classe	Sexualidade	Deficiência	Peso	Geolocalização	Idade
Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra	Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra	Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra				Estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País para cinco profissões.	
Estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País para cinco profissões.	Estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País para cinco profissões.	Estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País para cinco profissões.				O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil. É o que evidencia um levantamento do Insper, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. Dependendo da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que as mulheres negras recebem para executar o mesmo trabalho.	
Alguns dos gráficos da pesquisa "Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas", do Insper.	Alguns dos gráficos da pesquisa "Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas", do Insper.	Alguns dos gráficos da pesquisa "Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas", do Insper.				O estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2016 e 2018.	

<p>O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das <b>mulheres negras</b> no mercado de trabalho do Brasil. É o que evidencia um levantamento do Inspser, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. Dependendo da profissão, um <b>homem branco</b> chega a ganhar mais que o dobro do que as <b>mulheres negras</b> recebem para executar o mesmo trabalho.</p>	<p>O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das <b>mulheres negras</b> no mercado de trabalho do Brasil. É o que evidencia um levantamento do Inspser, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. Dependendo da profissão, um <b>homem branco</b> chega a ganhar mais que o dobro do que as <b>mulheres negras</b> recebem para executar o mesmo trabalho.</p>	<p><b>O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil.</b> É o que evidencia um levantamento do Inspser, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. Dependendo da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que as mulheres negras recebem para executar o mesmo trabalho.</p>					<p>Diferenças regionais Quando é observada a divisão de salários a depender do estado brasileiro onde foi realizado o ensino superior, é possível notar que os maiores salários, em particular de quem fez o ensino superior em instituição pública, estão no Distrito Federal, em São Paulo e no Rio de Janeiro.</p>
<p>O estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por <b>raça e gênero</b> no País, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2016 e 2018.</p>	<p>O estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por <b>raça e gênero</b> no País, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2016 e 2018.</p>	<p>O estudo publicado em julho deste ano apurou o <b>salário por raça e gênero no País</b>, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2016 e 2018.</p>					<p>Enquanto isso, os menores salários estão no <b>Acre, em Tocantins, no Maranhão, no Piauí, no Ceará e na Paraíba</b> (Gráfico 4). No <b>Ceará</b>, o levantamento mostra que as remunerações de quem cursou o ensino superior público ou privado não chegam a superar a média de R\$ 3 mil.</p>
<p>Cinco profissões foram analisadas: <b>engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais</b>. Em todas, as <b>mulheres negras</b> recebem menos do que <b>homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas</b>.</p>	<p>Cinco profissões foram analisadas: <b>engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais</b>. Em todas, as <b>mulheres negras</b> recebem menos do que <b>homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas</b>.</p>	<p><b>Cinco profissões foram analisadas: engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais.</b> Em todas, as mulheres negras recebem menos do que homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas.</p>					
<p>No topo da remuneração, os <b>homens brancos</b> formados em universidades públicas têm um salário médio de R\$ 7.891,78, e os que possuem ensino superior privado alcançam um ganho médio de R\$ 6.626,84. Portanto, uma diferença em relação às <b>mulheres negras</b> de 159% e 128%, respectivamente.</p>	<p>No topo da remuneração, os <b>homens brancos</b> formados em universidades públicas têm um salário médio de R\$ 7.891,78, e os que possuem ensino superior privado alcançam um ganho médio de R\$ 6.626,84. Portanto, uma diferença em relação às <b>mulheres negras</b> de 159% e 128%, respectivamente.</p>	<p>No topo da remuneração, os <b>homens brancos</b> formados em universidades públicas têm um salário médio de R\$ 7.891,78, e os que possuem ensino superior privado alcançam um ganho médio de R\$ 6.626,84. Portanto, <b>uma diferença em relação às mulheres negras de 159% e 128%, respectivamente.</b></p>					
<p>Um dos abismos mais evidentes revelado pela pesquisa foi observado na Medicina. Entre os formados em universidade pública, as <b>mulheres negras</b> têm um salário médio de R\$ 6.370,30, enquanto os <b>homens brancos</b> ganham R\$ 15.055,84. No grupo de <b>médicos</b> que cursou Medicina em instituições privadas, a remuneração é de R\$ 3.723,49 e R\$ 8.638,68, respectivamente.</p>	<p>Um dos abismos mais evidentes revelado pela pesquisa foi observado na Medicina. Entre os formados em universidade pública, as <b>mulheres negras</b> têm um salário médio de R\$ 6.370,30, enquanto os <b>homens brancos</b> ganham R\$ 15.055,84. No grupo de <b>médicos</b> que cursou Medicina em instituições privadas, a remuneração é de R\$ 3.723,49 e R\$ 8.638,68, respectivamente.</p>	<p><b>Um dos abismos mais evidentes revelado pela pesquisa foi observado na Medicina.</b> Entre os formados em universidade pública, as mulheres negras têm um salário médio de R\$ 6.370,30, enquanto os homens brancos ganham R\$ 15.055,84. No grupo de médicos que cursou Medicina em instituições privadas, a remuneração é de R\$ 3.723,49 e R\$ 8.638,68, respectivamente.</p>					
<p>Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um <b>homem branco</b> formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A <b>mulher negra</b> recebe R\$ 4.141,69.</p>	<p>Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um <b>homem branco</b> formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A <b>mulher negra</b> recebe R\$ 4.141,69.</p>	<p><b>Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um homem branco formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A mulher negra recebe R\$ 4.141,69.</b></p>					
<p>O trabalho foi conduzido pelos pesquisadores do Inspser <b>Beatriz Ribeiro, Bruno Komatsu e Naercio Menezes Filho</b>. "Mesmo entre os que estão na mesma profissão, sempre há um diferencial alto de salário em função da cor ou do sexo, em que os <b>homens brancos</b> estão sempre ganhando mais", diz o coordenador da Cátedra Ruth Cardoso no Inspser, Naercio Menezes Filho ao portal G1. "Isso aponta para a existência de discriminação no mercado de trabalho." Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um <b>homem branco</b> formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A <b>mulher negra</b> recebe R\$ 4.141,69.</p>	<p>O trabalho foi conduzido pelos pesquisadores do Inspser <b>Beatriz Ribeiro, Bruno Komatsu e Naercio Menezes Filho</b>. "Mesmo entre os que estão na mesma profissão, sempre há um diferencial alto de salário em função da cor ou do sexo, em que os <b>homens brancos</b> estão sempre ganhando mais", diz o coordenador da Cátedra Ruth Cardoso no Inspser, Naercio Menezes Filho ao portal G1. "Isso aponta para a existência de discriminação no mercado de trabalho." Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um <b>homem branco</b> formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A <b>mulher negra</b> recebe R\$ 4.141,69.</p>	<p>O trabalho foi conduzido pelos pesquisadores do Inspser <b>Beatriz Ribeiro, Bruno Komatsu e Naercio Menezes Filho</b>. "Mesmo entre os que estão na mesma profissão, sempre há um diferencial alto de salário em função da cor ou do sexo, em que os <b>homens brancos</b> estão sempre ganhando mais", diz o coordenador da Cátedra Ruth Cardoso no Inspser, Naercio Menezes Filho ao portal G1. "Isso aponta para a existência de discriminação no mercado de trabalho." Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um homem branco formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A mulher negra recebe R\$ 4.141,69.</p>					
		<p>Diferenças regionais Quando é observada a divisão de salários a depender do estado brasileiro onde foi realizado o ensino superior, é possível notar que os maiores salários, em particular de quem fez o ensino superior em instituição pública, estão no Distrito Federal, em São Paulo e no Rio de Janeiro.</p>					
		<p>Enquanto isso, os menores salários estão no <b>Acre, em Tocantins, no Maranhão, no Piauí, no Ceará e na Paraíba</b> (Gráfico 4). No <b>Ceará</b>, o levantamento mostra que as remunerações de quem cursou o ensino superior público ou privado não chegam a superar a média de R\$ 3 mil.</p>					

## APÊNDICE Q – VISÃO GERAL – COM IDENTIFICAÇÕES INDIRETAS

DN	HASTES DA ROLETA INTERSECCIONAL						OPRESSÕES INTERSECCIONAIS										IMAGEM(S) DE CONTROLE	
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	R	C	H	Cap	G	X	E		
Texto 1																		Mommy, Matriarca e Mãe dependente do Estado
Texto 2										Ind.								Mommy, Matriarca, Mãe dependente do Estado, Dama negra e Mommy moderna
Texto 3										Ind.	Ind.	Ind.					Ind.	Mommy, Matriarca e Dama negra
Texto 4							Ind.											Matriarca, Jezebel e Dama negra
Texto 5																		Dama negra
Texto 6										Ind.		Ind.						Mommy, Matriarca e Dama negra
Texto 7										Ind.	Indiretamente, todas as imagens de controle							
Texto 8							Ind.			Ind.	Ind.	Ind.					Ind.	Mommy, Jezebel e Dama negra
Texto 9										Ind.	Ind.	Ind.					Ind.	Indiretamente, todas as imagens de controle
Texto 10										Ind.	Ind.	Ind.						Dama negra
Texto 11							Ind.											Mommy e Matriarca
Texto 12							Ind.		Ind.	Ind.	Ind.	Ind.						Jezebel, Dama negra e Mommy moderna
Texto 13										Ind.		Ind.						Dama negra
Texto 14										Ind.		Ind.				Ind.	Ind.	Dama negra
Texto 15										Ind.		Ind.						Dama negra
Texto 16						Ind.	Ind.			Ind.	Dama negra							
Texto 17										Ind.	Ind.	Ind.						Dama negra
Texto 18										Ind.	Ind.	Ind.					Ind.	Dama negra e Pretty baby
<b>Fig. Q2</b>																		
Texto 1										Ind.	Ind.	Ind.						Dama negra
Texto 2										Ind.		Ind.			Ind.	Ind.		Dama negra
Texto 3							Ind.			Ind.	Ind.	Ind.						Jezebel
Texto 4										Ind.	Ind.	Ind.				Ind.		Indiretamente, todas as imagens de controle
Texto 5							Ind.			Ind.	Ind.	Ind.						Dama negra
Texto 6										Ind.		Ind.						Dama negra
Texto 7										Ind.		Ind.						Mat., Mãe dep. do Est., Dama negra e Rainha da As. Social
Texto 8										Ind.	Ind.	Ind.						Dama negra
Texto 9										Ind.	Ind.	Ind.						Dama negra e Mommy moderna
Texto 10										Ind.	Ind.	Ind.				Ind.		Dama negra e Mommy moderna

## APÊNDICE R – RESUMO DAS NOTÍCIAS – DN

DN	RESUMO DA NOTÍCIA	DATA	IMAGENS DE CONTROLE IDENTIFICADAS
Texto 1	Mulheres nordestinas e negras sofrem mais; Pnad 2001/IBGE; Banco Mundial/BIRD; A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial; Ela lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza"; "O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema".	04 de Fev./2003	Mammy   Matriarca   Mãe dependente do Estado
Texto 2	Mulher negra é mais discriminada; é quem mais sofre no mercado de trabalho. A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas ficam mais tempo desocupadas. Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários; Pesquisa "Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos"; Véspera do Dia da Consciência Negra/Dieese; Dados de 2001 e 2002; Pior taxa em Salvador.	19 de Nov./2003	Mammy   Matriarca   Mãe dependente do Estado   Dama negra   Mammy moderna
Texto 3	Mulher negra tem pior renda, dizem estudos; Foram divulgadas três pesquisas: Levantamento IPEA com dados de 2003; Pesquisa do Dieese com destaque para dados da Bahia; Levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da Organização Internacional do Trabalho (OIT); As mulheres negras sofrem tripla discriminação no mercado de trabalho: racial, de classe e de gênero; "as mulheres negras são a base da pirâmide social do país"; a discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras.	18 de Nov./2005	Mammy   Matriarca   Dama negra
Texto 4	"Mulher, negra, africana..."; Reportagem com jovem africana de Guiné Bissau; nome fictício; IFCE Igatu; IFCE Fortaleza; "neta de escravos"; assédio; Pâmela Gáio; "guerreira corajosa"; dados do Pnad/IBGE; A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a 'base da base' da classificação social brasileira; "Desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço"; "[...] são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele"; "O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe".	01 de Maio/2014	Matriarca   Jezebel   Dama negra
Texto 5	Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA; aprovada por 56 votos a 43 - apenas dez republicanos votaram a seu favor; acabou desagradando os republicanos ao defender, em audiência no mês de janeiro, as ações executivas de Obama sobre imigração; "denegrir o Congresso"; "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder"; Barack Obama.	23 de Abr./2015	Dama negra
Texto 6	Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco; Dados Ipea; Ministério do Trabalho; "Dia das Mulheres"; Pnads 2004 a 2014; Estudo "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014"; Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas; "lei dos trabalhadores domésticos"; "resqúcio do trabalho escravo".	12 de Mar./2016	Mammy   Matriarca   Dama negra
Texto 7	Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher; Tema "Identidade, Luta e Resistência das Mulheres Negras"; Em 2016, as atenções se voltam ao enfrentamento da violência contra as mulheres negras, uma vez que, conforme dados do Mapa da Violência de 2015, é sobre elas que recaem os maiores índices de agressões. O aumento da violência contra mulheres negras foi de 54% nos últimos 10 anos.	23 de Nov./2016	
Texto 8	Fortaleza da mulher jovem negra; Sarah Nicodemos; tatuadora jovem; Fortaleza; Serviço Social - UECE; "desrespeito a estética negra"; ela faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra); racismo; hipersexualização das mulheres negras; Mês das Mulheres; "[...] entender que outras mulheres, sejam elas jovens ou não, são refúgios".	07 de Mar./2017	Mammy   Jezebel   Dama negra
Texto 9	Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta; Transmissão integracional da violência doméstica (TIVD); terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF); desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com o Instituto Maria da Penha e o Institute for Advanced Study in Toulouse; Uma em cada 4 entrevistadas negras afirmou se lembrar de episódios de violência contra a mãe; as mulheres que ganham menos são as que mais estiveram expostas à violência doméstica na infância.	26 de Nov./2017	
Texto 10	Percurso Urbano aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco; A programação especial para o mês da mulher; Marielle Franco, recém-assassinada; Tema "A história nunca será branca"; Baobá do Passeio Público; Praça da Gentilândia; "cenário preconceituoso e violento da cidade"; "a gente vai continuar resistindo"; "Parem de nos matar"; "Chega de matar nossos jovens" e "É preciso garantir que as favelas também sejam cidades".	17 de Mar./2018	Dama negra
Texto 11	Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista; Árida: O despertar do Sertão; aventura de exploração e sobrevivência; "Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar"; "forte seca"; a função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema"; sistema operacional Windows e Mac OS X.	27 de Dez./2018	Mammy   Matriarca
Texto 12	Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra, diz Cris Vianna; preconceito racial no Brasil; impacto na carreira; TV Vogue; personagem Caiu em O Tempo Não Para; apresentador Matheus Mazzafera; "Vou te falar uma coisa bem triste de ouvir: mulher preta não fica rica rápido. Com o currículo que eu tenho, era para eu estar milionária [...]".	08 de Fev./2019	Jezebel   Dama negra   Mammy moderna
Texto 13	Maju agradece mensagens de apoio após estrear na bancada do Jornal Nacional; "Jornalista é a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil"; 40 anos; "famosos gostaram da estreia"; "Até mesmo William Bonner, o mais longo apresentador, a elogiou"; "Para ela, sua atuação foi simbólica." "Espero que se torne comum".	19 de Fev./2019	Dama negra
Texto 14	Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios; "A cerimônia do Oscar de 2019 foi de surpresas e também de recordes"; o recorde de prêmios para artistas negros pertencia à edição de 2017, com cinco estatuetas; "CONFIRA A LISTA DE ARTISTAS NEGROS PREMIADOS NO OSCAR".	25 de Fev./2019	Dama negra
Texto 15	Espectáculo "Barraca" volta para CineTeatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca; peça une trechos do diário da escritora Carolina Maria de Jesus e os sambas de Cartola; desigualdade social, mulheres negras e periferia; Quarto de Despejo; Favela do Canindé; reflexões sobre o cotidiano da pobreza no Brasil; "a dureza do texto de Carolina se encontra com a poética do sambista carioca Cartola".	20 Mar./2019	Dama negra
Texto 16	Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado; edital do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras; Marielle Franco; Nordeste é região prioritária; Fundo Baobá, primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, à promoção da equidade racial para a população negra do Brasil; luta antirracista, por justiça e equidade social e racial.	26 de Set./2019	Dama negra
Texto 17	Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras; "Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas"; Youtube, 15h; mediada pela coordenadora da Igualdade Racial, Zeina Madeira; além de contar com a participação de mulheres quilombolas, africanas, trans, pesquisadoras e acadêmicas; Mês que comemora o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra; exibido um vídeo para apresentar a história de Preta Simoa; "sistemas de opressão"; Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho; Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela, líder quilombola; Dia Internacional da Mulher Africana, celebrado no dia 31 de julho.	28 de Jul./2020	Dama negra
Texto 18	Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify; carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca; "Quando comecei a cantar, aos 15 anos, fazendo shows em cima de cadeiras - pq não tinha palco para me apresentar"; "Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito".	03 de Set./2020	Dama negra   Pretty baby

## APÊNDICE S – RESUMO DAS NOTÍCIAS – OP

OP			
Texto 1	Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico; BMW; Nova York; Kamillah Brock, de 32 anos, bancária; recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada; "Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro"; Kamillah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes; ninguém da equipe médica acreditava no que falava; Segundo advogado, ela nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.	15 de Set./2015	Dama negra
Texto 2	Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras; Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais; Atriz, escritora e youtuber; nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras; grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes e Camila Pitanga; participou do "TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram" e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil; Representatividade no Youtube; Érico Brás; marido; canal "Tá Bom Pra Você".	31 de Mar./2017	Dama negra
Texto 3	Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo; Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes; denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica; "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uhl Foi mal"; Racismo coloca em risco a vida de mulheres negras; organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras; tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência; Pesquisa OMS; ele ficou afastado das atividades durante o processo e atualmente voltou a dar aulas no ensino médio.	18 de Set./2017	Jezebel
Texto 4	No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas; Fica de fora somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras; relatório índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência; uma jovem negra no Brasil tem risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma jovem branca; estudo realizado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco); Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras.	11 de Dez. 2017	
Texto 5	Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra; Viola Desmond; símbolo da luta contra a segregação racial no seu país; ilustrará as novas cédulas de 10 dólares canadenses; acompanhados pela irmã de Viola Desmond, Wanda Robson, de 91 anos; se recusou a deixar uma área de um cinema da cidade de Nova Glasgow, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas; foi presa e multada; primeira mulher a não pertencer à família real cujo retrato apareceria em uma cédula do país.	09 de Mar./2018	Dama negra
Texto 6	Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro; Data homenageia vereadora Marielle Franco, assassinada em março; incluído no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como o Dia Marielle Franco - Dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra; Lei 8.054/18, sancionada pelo governador Luiz Fernando Pezão; estabelece que instituições públicas e privadas promovam debates e palestras na data, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre o assassinato de mulheres negras no Brasil; Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a possibilidade de jovens negras de 15 a 29 anos serem mortas é o dobro da de brancas na mesma faixa etária; (ONG) Criola, Lúcia Xavier; Dia das Mulheres Negras; Dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra	18 de Jul./2018	Dama negra
Texto 7	Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo; Campanha do candidato divulgou dois vídeos relacionados à mesma temática tentando angariar votos das mulheres; candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), exibe imagens de mulher negra trajando [?], enquanto narração critica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa; "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade"; discussão com a deputada Maria do Rosário.	18 de Set./2018	Matriarca   Mãe dependente do Estado   Dama negra   Rainha da Assistência Social
Texto 8	Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional; fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o jornal nos finais de semana; a informação foi divulgada pela colunista Patrícia Kogut, do O Globo; Em quase 50 anos no ar, o Jornal Nacional teve seu primeiro âncora negro em 2002, quando Heraldo Pereira se juntou ao time. Antes disso, em 1977, Glória Maria também fez uma participação no noticiário, mas como repórter especial; Maju ficou conhecida após começar a noticiar a previsão do tempo nos telejornais da emissora	13 de Fev./2019	Dama negra
Texto 9	Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional; ficou conhecida por apresentar a previsão do tempo, agora ocupa a bancada aos sábados.	16 de Fev./2019	Dama negra   Mammy moderna
Texto 10	Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra; Estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País para cinco profissões: engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais; Em todas, as mulheres negras recebem menos do que homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas; pesquisa "Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas" do Inspier; o diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil; diferenças regionais; os menores salários estão no Acre, em Tocantins, no Maranhão, no Piauí, no Ceará e na Paraíba.	15 de Set./2020	Dama negra   Mammy moderna

## APÊNDICE T – IMAGEM DE CONTROLE POR NARRATIVA JORNALÍSTICA – DN

DN		
Texto 1		
Mammy	Matriarca	Mãe dependente do Estado
<b>Mulheres nordestinas e negras sofrem mais</b>	<b>Mulheres nordestinas e negras sofrem mais</b>	<b>Mulheres nordestinas e negras sofrem mais</b>
Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"
A <b>pobreza</b> no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é <b>negra, feminina</b> e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	A <b>pobreza</b> no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é <b>negra, feminina</b> e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).	A <b>pobreza</b> no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é <b>negra, feminina</b> e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).
Ela lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da <b>miséria</b> mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza".	"No Nordeste, 42% dos <b>chefes de família são extremamente pobres</b> , ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo", disse.	Ela lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da <b>miséria</b> mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza".
Verner disse que a <b>incidência de pobreza atinge em cheio os negros</b> (por questões envoltas tanto com o preconceito social [racismo] quanto com[o] <b>pela própria formação das pessoas da raça negra</b> ), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos.	Ela lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da <b>miséria</b> mas argumentou que, "infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza".	Verner disse que a <b>incidência de pobreza atinge em cheio os negros</b> (por questões envoltas tanto com o preconceito social [racismo] quanto com[o] <b>pela própria formação das pessoas da raça negra</b> ), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos.
A executiva do Bird ressaltou que a <b>pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade</b> da população.	Verner disse que a <b>incidência de pobreza atinge em cheio os negros</b> (por questões envoltas tanto com o preconceito social [racismo] quanto com[o] <b>pela própria formação das pessoas da raça negra</b> ), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos.	
	Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são <b>chefiados por mulheres</b> , contra 18% em 1991	
	A executiva do Bird ressaltou que a <b>pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade</b> da população.	

Texto 2				
Mammy	Matriarca	Mãe dependente do Estado	Dama negra	Mammy moderna
<b>Mulher negra é mais discriminada</b>	<b>Mulher negra é mais discriminada</b>	<b>Mulher negra é mais discriminada</b>	<b>Mulher negra é mais discriminada</b>	<b>Mulher negra é mais discriminada</b>
Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"	A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas ficam mais tempo desocupadas	Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"
A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, <b>ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários</b>	A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, <b>ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários</b>		A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. <b>A taxa de desemprego no grupo é maior</b> , e elas ficam mais tempo desocupadas	A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. <b>A taxa de desemprego no grupo é maior</b> , e elas ficam mais tempo desocupadas
O estudo também mostra que a <b>situação da mulher negra não é melhor quando consegue uma vaga no mercado</b>	O estudo também mostra que a <b>situação da mulher negra não é melhor quando consegue uma vaga no mercado</b>		Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, <b>ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários</b>	Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, <b>ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários</b>
Na região metropolitana de São Paulo, <b>72% das mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no <b>setor de serviços e de emprego doméstico</b>	Na região metropolitana de São Paulo, <b>72% das mulheres</b> que estão no mercado de trabalho estão no <b>setor de serviços e de emprego doméstico</b>		O estudo também mostra que a <b>situação da mulher negra não é melhor quando consegue uma vaga no mercado</b>	O estudo também mostra que a <b>situação da mulher negra não é melhor quando consegue uma vaga no mercado</b>
Os resultados fazem parte da pesquisa " <b>Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho</b> metropolitanos", divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos).	Os resultados fazem parte da pesquisa " <b>Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho</b> metropolitanos", divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos).		Os resultados fazem parte da pesquisa " <b>Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho</b> metropolitanos", divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos).	Os resultados fazem parte da pesquisa " <b>Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho</b> metropolitanos", divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Econômicos).
As mulheres negras também são <b>as que mais demoram para encontrar emprego</b> : em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, <b>12 semanas</b> para procurar trabalho, as mulheres negras levam <b>14</b> .	As mulheres negras também são <b>as que mais demoram para encontrar emprego</b> : em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, <b>12 semanas</b> para procurar trabalho, as mulheres negras levam <b>14</b> .		A pior <b>taxa de desemprego</b> foi em Salvador, onde chegou a <b>31,3% entre as mulheres negras</b> , enquanto entre as não-negras foi de 22,2%. Em São Paulo, a taxa foi de <b>26,2% entre as negras</b> e de 18,8% entre as não-negras.	A pior <b>taxa de desemprego</b> foi em Salvador, onde chegou a <b>31,3% entre as mulheres negras</b> , enquanto entre as não-negras foi de 22,2%. Em São Paulo, a taxa foi de <b>26,2% entre as negras</b> e de 18,8% entre as não-negras.
			As mulheres negras também são <b>as que mais demoram para encontrar emprego</b> : em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, <b>12 semanas</b> para procurar trabalho, as mulheres negras levam <b>14</b> .	As mulheres negras também são <b>as que mais demoram para encontrar emprego</b> : em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, <b>12 semanas</b> para procurar trabalho, as mulheres negras levam <b>14</b> .

Texto 3 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais.		
Mammy	Matriarca	Dama negra
<b>Mulher negra tem pior renda, dizem estudos</b>	<b>Mulher negra tem pior renda, dizem estudos</b>	<b>Mulher negra tem pior renda, dizem estudos</b>
Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"

As mulheres negras sofrem <b>tripla discriminação no mercado de trabalho</b> : racial, de classe e de gênero.	As mulheres negras sofrem <b>tripla discriminação no mercado de trabalho</b> : racial, de classe e de gênero.	As mulheres negras sofrem <b>tripla discriminação no mercado de trabalho</b> : racial, de classe e de gênero.
As <b>empregadas domésticas</b> são o <b>grupo mais vulnerável</b> .	As <b>empregadas domésticas</b> são o <b>grupo mais vulnerável</b> .	Assim como as outras trabalhadoras negras, elas <b>ganham menos</b> e a maioria não tem proteção social.
Assim como as outras trabalhadoras negras, elas <b>ganham menos e a maioria não tem proteção social</b> .	Assim como as outras trabalhadoras negras, elas <b>ganham menos e a maioria não tem proteção social</b> .	Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que <b>as mulheres negras são a base da pirâmide social do país</b> .
Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que <b>as mulheres negras são a base da pirâmide social do país</b> .	Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que <b>as mulheres negras são a base da pirâmide social do país</b> .	A <b>renda média mensal das mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os homens negros, R\$ 554,60 para mulheres brancas e R\$ 931,10 para homens brancos.
A <b>renda média mensal das mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os homens negros, R\$ 554,60 para mulheres brancas e R\$ 931,10 para homens brancos.	A <b>renda média mensal das mulheres negras no Brasil</b> , segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os homens negros, R\$ 554,60 para mulheres brancas e R\$ 931,10 para homens brancos.	Maior <b>Estado negro</b> do país, 80% da população, <b>a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra</b> . Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.
Maior <b>Estado negro</b> do país, 80% da população, <b>a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra</b> . Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.	Maior <b>Estado negro</b> do país, 80% da população, <b>a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra</b> . Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.	
A <b>discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras</b> . Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o <b>número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras</b> .	A <b>discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras</b> . Segundo o primeiro levantamento "Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça" da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o <b>número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do número de domésticas não-negras</b> .	
No geral, <b>há mais domésticas não-negras com carteira assinada do que negras</b> nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT.	No geral, <b>há mais domésticas não-negras com carteira assinada do que negras</b> nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT.	
Curiosamente, o <b>Distrito Federal</b> , que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o <b>menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras</b> .	Curiosamente, o <b>Distrito Federal</b> , que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o <b>menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras</b> .	
A capital perde apenas para <b>Salvador, onde 30,8% das domésticas negras possuem carteira assinada</b> .	A capital perde apenas para <b>Salvador, onde 30,8% das domésticas negras possuem carteira assinada</b> .	
Oficialmente há <b>6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras</b> , mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, <b>apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%</b> .	Oficialmente há <b>6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras</b> , mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, <b>apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%</b> .	
<b>Texto 4</b>		
<b>Matriarca</b>	<b>Jezebel</b>	<b>Dama negra</b>
Uma mulher <b>precisa suar por</b> dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou <b>três</b> , se for <b>negra</b> .	Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do <b>assédio indiscreto</b> com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países	Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do <b>assédio indiscreto com foco no sonho de estudar</b> para reconstruir seus países
A mulher negra, <b>em oposição ao homem branco, ocupa a "base da base" da classificação social brasileira</b> . E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda <b>carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra</b> .	<b>Joana</b> (nome fictício) <b>chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra</b> - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também <b>nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela</b> .	A mulher negra, <b>em oposição ao homem branco, ocupa a "base da base" da classificação social brasileira</b> . E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda <b>carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra</b> .

Desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), <b>as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</b>	Desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), <b>as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</b>	Não é fácil deixar seu país, seguir para outro diferente, mesmo que <b>para estudar pensando em seu retorno, com um diploma na mão</b> , mas especialmente ideias e conhecimentos para reconstruir um dos mais jovens países da África. Um <b>retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país.</b>
Um retorno de quem tem a <b>responsabilidade de reconstruir o país.</b>	"Neta de escravos"	Não é fácil, mesmo que cresça sabendo que um dia arrumará as malas, num <b>movimento estudantil de quem vai embora</b> sem deixar de dizer na partida "mas eu volto". Um <b>retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país.</b>
"Neta de escravos"	Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser <b>despercebida. É exatamente o contrário.</b>	As primeiras semanas do lado de cá são dores de parto. <b>Joana chora, arruma a bolsa, vai para a faculdade, volta. Chora de novo.</b> Mas a gota salgada como o Atlântico não é só o estranhamento com o novo. É o distanciamento do velho, em novas percepções de vida que acabava de construir em Bissau, capital de seu país.
Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser <b>despercebida. É exatamente o contrário.</b>	Assustada com o "novo" (depois dá a ele outros nomes), <b>é objeto de comentários</b> no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu. <b>Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como "neta de escravos". Que todos queriam ver, alguns, até tocar.</b>	"Neta de escravos"
Assustada com o "novo" (depois dá a ele outros nomes), <b>é objeto de comentários</b> no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu. <b>Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como "neta de escravos". Que todos queriam ver, alguns, até tocar.</b>	No Estado em que <b>imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos</b> , Joana era como bicho raro em exposição.	Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser <b>despercebida. É exatamente o contrário.</b>
No Estado em que <b>imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos</b> , Joana era como bicho raro em exposição.	Pelas ruas de Fortaleza, <b>tem que ouvir assobios, e mais: "Ei, morena gostosa"</b> . Mesmo com medo, devolve com "não sou o que <b>ocê está pensando"</b> .	No Estado em que <b>imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos</b> , Joana era como bicho raro em exposição.
Nas primeiras semanas de sua travessia, relembra vozes: "é uma cultura diferente, longe de todo mundo... Você acha que aguenta?"; Os amigos de Bissau com a mesma preocupação dela. <b>A força de vontade para vir, não. Nela era mais. "Estou determinada.</b> Não é fácil. Nunca é. Só eu sei. Pensei muito em voltar, principalmente depois que um amigo que veio estudar também não aguentou e voltou".	Nos diversos diálogos para compor esta série "Travessias da Cor", <b>mulheres africanas ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas</b> , bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. <b>É o mesmo relato de muitas mulheres brasileiras negras.</b>	Nas primeiras semanas de sua travessia, relembra vozes: "é uma cultura diferente, longe de todo mundo... Você acha que aguenta?"; Os amigos de Bissau com a mesma preocupação dela. <b>A força de vontade para vir, não. Nela era mais. "Estou determinada.</b> Não é fácil. Nunca é. Só eu sei. Pensei muito em voltar, principalmente depois que um amigo que veio estudar também não aguentou e voltou".
Achou que era um sinal para ela também voltar. <b>E ao se perceber única que a bissau-guineense mais levanta a cabeça.</b> "Preciso saber me defender"	No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar o <b>condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>	O curso de Serviço Social dá lugar ao de Gestão Ambiental, sem esquecer o mercado de trabalho do seu país; Mas <b>sem esquecer que é mulher, negra e africana - ou por lembrar exatamente disso, Joana Té vai à luta.</b>
O curso de Serviço Social dá lugar ao de Gestão Ambiental, sem esquecer o mercado de trabalho do seu país; Mas <b>sem esquecer que é mulher, negra e africana - ou por lembrar exatamente disso, Joana Té vai à luta.</b>	No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a <b>condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>	No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a <b>condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>
No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a <b>condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.</b>	Na <b>solidão do passo apressado</b> , olha para o celular como quem recarrega as baterias numa tomada. É rotina. <b>Inúmeras fotos conectam o olhar ao amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade:</b> Celso. Por ele, veio e por ele quer voltar. <b>O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, ela torna menor do que o desejo para não desistir.</b> "Ele me dá forças".	<b>Mulher, negra, africana, mãe, estudante</b> , agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: <b>"guerreira corajosa"</b> .
<b>Mulher, negra, africana, mãe, estudante</b> , agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: <b>"guerreira corajosa"</b> .		
<b>Texto 5</b>		
<b>Dama negra</b>		
Loretta Lynch é confirmada como a <b>1ª secretária de Justiça negra dos EUA</b>		

Lynch, 55, será a <b>primeira mulher negra a ocupar o posto</b> . Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - <b>apenas dez republicanos votaram a seu favor</b> .
<b>Após cinco meses de espera, a indicação de Loretta Lynch</b> , procuradora federal de Nova York, para ser a nova secretária de Justiça dos EUA <b>foi aprovada</b> pelo Senado americano nesta quinta-feira (23).
Ela <b>substituirá</b> Eric Holder, que anunciou sua renúncia no ano passado, após cinco anos no cargo.
Com os <b>congressistas preocupados em aprovar indicações que consideravam mais problemáticas</b> diante de um Senado republicano - o que ocorreria a partir de janeiro deste ano - a votação acabou adiada para 2015.
À época de sua nomeação, o nome de Lynch agradou à <b>oposição, que a considera qualificada para ocupar o cargo de secretária da Justiça</b> e é crítica ferrenha de Holder.
Mas <b>ela acabou desagradando os republicanos</b> ao defender, em audiência no mês de janeiro, as ações executivas de Obama sobre imigração.
"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: <b>nós não precisamos confirmar alguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso</b> ."
O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, <b>afirmou que, sob o comando de Lynch, "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder"</b> .
Na semana passada, Obama criticou a demora na votação. "Isso já foi longe demais. <b>Chega. Coloquem Loretta Lynch na votação, confirmem seu nome. Deixem ela fazer seu trabalho</b> ", afirmou.

Texto 6		
Mammy	Matriarca	Dama negra
Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"	Editoria "Negócios"
São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.	São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.	Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco
Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. <b>A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro.</b>	Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. <b>A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro.</b>	Considerando as mulheres de um modo geral, a pesquisa do Ipea constatou que elas ainda <b>ganham, em média, 30% menos que os homens.</b>
Elas <b>não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.</b>	Elas <b>não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.</b>	Brasil. A mulher brasileira <b>conquistou espaço no mercado de trabalho.</b> É mais bem qualificada, <b>gasta mais tempo que os homens estudando</b> e ainda dá conta dos trabalhos no lar.
O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as <b>camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira</b> são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego.	O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as <b>camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira</b> são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego.	Mas a mulher <b>ganha em média 30% menos que o homem.</b>
"Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que <b>são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores</b> os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.	"Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que <b>são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores</b> os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.	Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. <b>A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro.</b> Elas não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.
As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. <b>Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.</b>	As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. <b>Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.</b>	Elas <b>não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.</b>
Domésticas - <b>No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra.</b> Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.	Domésticas - <b>No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra.</b> Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.	O estudo, chamado "Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014", pontua que as <b>camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira</b> são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego.
Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz. <b>"A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel."</b>	Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz. <b>"A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel."</b>	"Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que <b>são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores</b> os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos", diz o estudo.
"É um <b>resquício do trabalho escravo.</b> Muitos não querem aceitar a lei", afirma.	"É um <b>resquício do trabalho escravo.</b> Muitos não querem aceitar a lei", afirma.	As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. <b>Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.</b>
		"É um <b>resquício do trabalho escravo.</b> Muitos não querem aceitar a lei", afirma.

Texto 7		
Sem imagens de controle identificadas diretamente.		

Texto 8 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais.		
Mammy	Jezebel	Dama negra

O Inegra é espaço de troca. É ponto de encontro de diversas mulheres de todas as idades. Um dos desafios da organização, reflete ela, é alcançar, dentre outras, <b>mulheres donas de casas, que no cotidiano são sentenciadas pelas violações de inúmeros direitos.</b>	Fortaleza da <b>mulher jovem negra</b>	Recém-formada em <b>Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará</b> (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra).
Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfiâncias.</b>	Das adversidades específicas relacionadas à sua identidade negra e ao gênero, Sarah enfatiza " <b>o nosso corpo é extremamente sexualizado</b> ".	Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfiâncias.</b>
	Ser tatuadora, aos 26 anos. Ser <b>mulher negra, jovem</b> e cearense.	
	Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a <b>desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfiâncias.</b>	
<b>Texto 9</b>		
Sem imagens de controle identificadas diretamente.		
<b>Texto 10 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais.</b>		
<b>Dama negra</b>		
Percurso Urbanos aborda a mulher negra e <b>homenageia Marielle Franco</b>		
Aconteceu na tarde deste sábado (17) mais uma edição do Percursos Urbanos, desta vez com <b>discussões acerca da atuação das mulheres negras</b> em Fortaleza.		
Com o tema "A história nunca será branca", as participantes ouviram e compartilharam experiências a partir da temática, ainda mais fortalecida com a morte recente da <b>ativista negra Marielle Franco</b> , que também foi homenageada no evento.		
Mediada pela <b>assistente social, educadora popular</b> e feminista negra Francisca Sena, o percurso saiu do Centro Cultural Banco do Nordeste e percorreu o Passeio Público e a Praça da Gentilândia.		
Nas partilhas, o grupo pode conhecer mulheres negras que resistem ao cenário preconceituoso e violento da cidade, rompendo com o silêncio de suas trajetórias: "Na vida da população negra, e <b>isso recai muito sobre as mulheres negras, é presente essa questão da violência, do encarceramento, a falta de oportunidade, de emprego, a dificuldade de conviver com o preconceito</b> ", disse Sena.		
A participante e também feminista Louise Anne de Santana ressalta como movimentos assim são importantes para conquistar espaço para as minorias: "Aqui em Fortaleza, se nós dermos uma rápida olhada em quem são nossos representantes, a gente pode perceber a ausência de alguns debates. E aí não é a gente reivindicar simplesmente o lugar de fala. Ter <b>uma mulher negra nesse espaço, uma mulher que conhece a realidade da periferia</b> , é entender que nós vamos ter voz e nossas pautas colocadas. A gente vai continuar resistindo."		
<b>Texto 11</b>		
<b>Mammy</b>		<b>Matriarca</b>
Uma aventura de <b>exploração e sobrevivência</b> no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo Árida, criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. <b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cicera</b> , uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.		Uma aventura de <b>exploração e sobrevivência</b> no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo Árida, criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. <b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cicera</b> , uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.
No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. <b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>		No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. <b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>
<b>Texto 12 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais</b>		
<b>Jezebel</b>	<b>Dama negra</b>	<b>Mammy moderna</b>
Cris, que recentemente deu vida à personagem Cairu em O Tempo Não Para, ressaltou já ter atuado em 12 novelas em sua carreira. O apresentador Matheus Mazafera, então, afirmou que esperava que a atriz tivesse ficado "muito rica" com seu trabalho	"Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra", diz Cris Vianna	"Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra", diz Cris Vianna
	A atriz Cris Vianna afirmou que o <b>preconceito racial no Brasil tem impacto na sua carreira</b> em entrevista à TV Vogue nesta sexta-feira	
	Cris, que recentemente deu vida à personagem Cairu em O Tempo Não Para, ressaltou já ter atuado em 12 novelas em sua carreira. O apresentador Matheus Mazafera, então, afirmou que esperava que a atriz tivesse ficado "muito rica" com seu trabalho.	
	"Vou te falar uma coisa bem triste de ouvir: <b>mulher preta não fica rica rápido. Com o currículo que eu tenho, era para eu estar milionária</b> se eu talvez não fosse uma mulher negra", respondeu Cris.	
<b>Texto 13</b>		
<b>Dama negra</b>		

<p>A jornalista é a <b>primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil</b>. Em suas redes sociais, <b>classificou a chance como "imensurável"</b> <b>Até mesmo William Bonner</b>, o mais longo apresentador, <b>a elogiou</b>.</p> <p>Maria Júlia Coutinho foi a <b>primeira mulher negra a comandar o JN em quase 50 anos</b>. Para ela, sua atuação foi simbólica. <b>"Espero que se torne comum"</b>.</p>	
<p><b>Texto 14</b> <b>Dama negra</b></p> <p><b>Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios</b></p> <p>Ao todo, foram <b>7 estatuetas para pessoas negras e 15 para mulheres</b></p> <p>A cerimônia do Oscar de 2019 foi de surpresas e também de recordes. Neste ano, <b>profissionais negros e mulheres receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação</b>, com sete e 15 estatuetas respectivamente.</p>	
<p><b>Texto 15</b> <b>Dama negra</b></p> <p>Peça trechos do diário da <b>escritora Carolina Maria de Jesus</b> e os sambas de Cartola em obra cênica que discute a desigualdade social, mulheres negras e jovens da periferia</p> <p>Com <b>direção de Andréia Pires</b>, o <b>espetáculo foi construído a partir de trechos do livro "Quarto de Despejo"</b> (1960), escrito por Carolina Maria de Jesus.</p> <p>O <b>diário da escritora Carolina Maria de Jesus</b> e os sambas de Cartola voltam a se reencontrar nos palcos em nova apresentação do espetáculo "Barracal"</p> <p>Na <b>obra cênica</b>, a dureza do texto de Carolina se encontra com a poética do sambista carioca Cartola</p> <p>O <b>espetáculo levanta discussões a partir de temas como desigualdade social</b>, jovens negros, <b>mulheres na periferia</b> e estrutura de moradia das cidades.</p>	
<p><b>Texto 16</b> <b>Dama negra</b></p> <p>Se você é mulher negra cis gênero ou transgênero, residente no Brasil, de área urbana ou rural, independentemente do nível de escolaridade ou filiação religiosa, e com faixa etária a partir de 18 anos, seu perfil está enquadrado no <b>editai do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras</b>: Marielle Franco.</p> <p>O objetivo deste edital, com inscrições abertas até o dia 4 de outubro, é <b>ampliar o número de líderes negras em posições estratégicas no setor público, privado</b>, nas organizações da sociedade civil nacionais e internacionais.</p> <p>Para elas, serão oferecidas bolsas individuais, <b> cursos em diversas áreas</b>, apoio psicossocial, coaching e construção de redes de relacionamento (networking).</p> <p>A organização espera que até 2024, <b>mulheres negras de diversas áreas de atuação</b> possam ter seu desenvolvimento acelerado, acessando espaços estratégicos de tomada de decisão.</p>	
<p><b>Texto 17</b> <b>Dama negra</b></p> <p>Aberta ao público, a roda de conversa <b>"Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas"</b> ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube</p> <p>[...] será mediada pela <b>coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira</b>, além de contar com a participação de mulheres quilombolas, africanas, trans, <b>pesquisadoras e acadêmicas</b>.</p> <p>Entre as convidadas estão Patrícia Adjóké, <b>assessora pedagógica</b> da Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Kátia Alves, <b>historiadora</b> e fundadora do grupo Pretas Simoa; Diana Maia, representante do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; Joëlma Gentil, do Movimento Negro Unificado; Aurilia Maria, liderança quilombola; Dediane Souza, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; Adriana de Maria, Balana de Acarajé e Mulher de Candomblé e Rosalina Tavares Semeado, <b>professor[a] da Universidade</b> da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.</p> <p>Outro marco importante é o Dia Internacional da Mulher Africana, celebrado no dia 31 de julho, data instituída em 1962, durante a Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia. A comemoração é feita a partir das lutas e conquistas que <b>essas mulheres vêm, ao longo dos anos, ultrapassando para conseguir visibilidade e respeito perante a sociedade</b>.</p>	
<p><b>Texto 18</b></p>	
<p><b>Dama negra</b></p> <p>Ludmilla se torna <b>primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify</b></p> <p>A cantora <b>Ludmilla</b> atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, <b>a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca</b>.</p> <p><b>"Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito</b>. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona e me lembra que, sim, <b>somos possíveis e cada vez mais estamos sendo mais e mais possíveis"</b>, finalizou Ludmilla.</p>	<p><b>Pretty baby</b></p> <p><b>"Quando comecei a cantar, aos 15 anos, fazendo shows em cima de cadeiras</b> - pq não tinha palco para me apresentar - jamais poderia imaginar que eu teria milhões de visualizações [...]"</p>

## APÊNDICE U – IMAGEM DE CONTROLE POR NARRATIVA JORNALÍSTICA – OP

OP			
<b>Texto 1 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais</b>			
<b>Dama negra</b>			
Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico			
Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso", disse o advogado.			
Kamillah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de Nova York depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. <b>O motivo? Um policial não acreditou que a BMW que estava dirigindo era dela.</b>			
Além disso, a mulher recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada.			
Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o carro.			
Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. "Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro", disse.			
No entanto, Kamillah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o site Pix 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.			
"Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava".			
Oito dias após ser liberada, Kamillah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.			
Kamillah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.			
<b>Texto 2</b>			
<b>Dama negra</b>			
Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras			
Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais.			
A atriz, escritora e youtuber Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.			
Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.			
Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camila Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.			
<b>Texto 3 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais</b>			
<b>Jezebel</b>			
Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo			
A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamônica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura.			
Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: "Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente". E acrescentou: "Nega gostosa. Uh! Foi mal".			
Para Justiça Federal, a declaração do professor sugere desprezo pela população negra e se encaixa em discriminação pela cor de pele. Na denúncia, o MPF reforça que o racismo não está apenas na comparação entre a cerveja e as mulheres negras, mas também na ironia.			
A coordenadora da organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras, que tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência.			
<b>Texto 4</b>			
Sem imagens de controle identificadas diretamente.			
<b>Texto 5 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais</b>			
<b>Dama negra</b>			
Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra			
Viola Desmond morreu em 1965, aos 50 anos. Ela foi símbolo da luta contra a segregação racial no seu país			
Símbolo da luta da segregação racial no Canadá na década de 1940, a ativista canadense Viola Desmond será a primeira mulher negra a estampar uma cédula de banco. Ela ilustrará as novas cédulas de 10 dólares canadenses [...]			
A ativista fez história no Canadá em 1946, quando se recusou a deixar uma área de um cinema da cidade de Nova Glasgow, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas. Viola foi presa e multada pela sua atitude de desafiar as leis que discriminavam os negros no País.			
A canadense foi condenada por evasão de impostos e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos 50 anos de idade. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real cujo retrato apareceria em uma cédula do país.			
<b>Texto 6</b>			
<b>Dama negra</b>			
Na justificativa do pedido, a deputada Enfermeira Rejane, autora do projeto de lei, lembra que Marielle foi uma mulher negra, mãe e cria da Favela da Maré que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré.			
Eleita vereadora pelo PSOL, Marielle exercia o primeiro mandato na Câmara Municipal do Rio de Janeiro.			
Ela foi a quinta parlamentar mais votada na cidade e presidia a Comissão de Defesa da Mulher da Câmara Municipal.			
Para a presidente da organização não governamental (ONG) Crioula, Lúcia Xavier, esta é uma homenagem justa, apesar de Marielle ter morrido, mas é também sinal de que as autoridades têm que estar cada vez mais comprometidas com o Dia das Mulheres Negras.			
<b>Texto 7</b>			
<b>Matriarca</b>	<b>Mãe dependente do Estado</b>	<b>Dama negra</b>	<b>Rainha da Assistência Social</b>
No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. [...]"	Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exhibe imagens de mulher negra trajando, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa.	Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exhibe imagens de mulher negra trajando [roupas de médica], enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa.	Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exhibe imagens de mulher negra trajando, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa.

	No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. <b>Quem pede tudo ao Estado</b> , tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade."	No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: "MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. <b>Quem pede tudo ao Estado</b> , tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade."
<b>Texto 8 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais</b>		
<b>Dama negra</b>		
Maju Coutinho será a <b>primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional</b>		
Ela <b>fará parte do rodízio de apresentadores</b> que comandam o jornal nos finais de semana e sua estreia está marcada para este sábado, 16.		
A jornalista Maria Júlia Coutinho foi anunciada como um <b>novo reforço para o time de apresentadores</b> do Jornal Nacional.		
Maju será a <b>primeira mulher negra a fazer parte da bancada do noticiário, que é considerado o principal do País</b> . Ela fará parte do <b>rodízio de apresentadores que comandam o telejornal nos finais de semana</b> . A estreia está marcada para este sábado, 16.		
Em quase 50 anos no ar, o Jornal Nacional teve seu primeiro âncora negro em 2002, quando Heraldo Pereira se juntou ao time. Antes disso, em 1977, <b>Glória Maria também fez uma participação no noticiário, mas como repórter especial</b> .		
Na Globo desde 2007, Maria Júlia Coutinho ficou conhecida após começar a noticiar a previsão do tempo nos telejornais da emissora. Desde 2017, <b>ela fazia parte do rodízio de apresentadores que comandavam o "Jornal Hoje" nos sábados</b> .		
<b>Texto 9 - Permite identificar imagens de controle, mas não reproduz opressões interseccionais</b>		
<b>Dama negra</b>		<b>Mammy moderna</b>
Maju Coutinho é <b>primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional</b>		Maju chegou a realizar <b>testes assumindo a apresentação do Jornal Hoje, em dias de folgas do âncoras Sandra Annenberg e Dony De Nuccio</b>
As <b>ofensas aconteceram enquanto Maju ainda apresentava o quadro de previsão meteorológica</b> do Jornal Nacional		Carreira - <b>Maju estreou na televisão em 2005, na TV Cultura, onde integrou o time do Jornal da Cultura</b> . Em 2007, a jornalista foi para a Globo e se tornou repórter. Alguns anos depois, foi convidada para cuidar do quadro de previsão do tempo dos jornais da emissora.
A jornalista Maria Júlia Coutinho estreou neste sábado, 16, como apresentadora do Jornal Nacional, da Rede Globo. <b>Maju, que tem 40 anos, é a primeira mulher negra a ocupar a bancada do programa que tem quase 50 anos</b> .		
Maju <b>substituiu a jornalista Renata Vasconcellos</b> , que na noite da última sexta-feira, 15, desejou boas vindas para a nova apresentadora do jornal.		
<b>A divulgação de que Maju seria a nova apresentadora do JN rendeu muitas publicações nas redes sociais</b> .		
<b>Texto 10</b>		
<b>Dama negra</b>		<b>Mammy moderna</b>
Pesquisa: <b>na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra</b>		<b>O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil</b> . É o que evidencia um levantamento do Inesper, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. Dependendo da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que as mulheres negras recebem para executar o mesmo trabalho.
<b>O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil</b> . É o que evidencia um levantamento do Inesper, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. <b>Dependendo da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que as mulheres negras recebem para executar o mesmo trabalho</b> .		
<b>Cinco profissões foram analisadas</b> : engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais. <b>Em todas, as mulheres negras recebem menos do que homens - tanto brancos como negros e do que mulheres brancas</b> .		
No topo da remuneração, os homens brancos formados em universidades públicas têm um salário médio de R\$ 7.891,78, e os que possuem ensino superior privado alcançam um ganho médio de R\$ 6.626,84. Portanto, <b>uma diferença em relação às mulheres negras de 159% e 128%, respectivamente</b> .		

**APÊNDICE V – OPRESSÕES INTERSECCIONAIS POR NARRATIVA  
JORNALÍSTICA – DN**

<b>DN</b>		
<b>Texto 1</b>		
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>	<b>Xenofobia</b>
Editoria " <b>Negócios</b> "	Editoria " <b>Negócios</b> "	Editoria " <b>Negócios</b> "
Dorte Verner: "No Nordeste, 42% dos <b>chefes de família</b> são extremamente pobres"	Ela lembrou a <b>eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria</b> [...].	Dorte Verner, <b>executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região</b> , ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)
	Verner disse que a <b>incidência de pobreza atinge em cheio os negros [...]</b> pela própria formação das pessoas da raça negra [...].	Verner disse que a <b>incidência de pobreza atinge em cheio os negros [...]</b> pela própria formação das pessoas da raça negra [...].
	"O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema", disse.	Longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a <b>pobreza nordestina</b> [...].
		"As pessoas que <b>trabalham na atividade agrícola têm alto risco de serem pobres</b> ".
<b>Texto 2</b>		
<b>Racismo</b>		<b>Classismo</b>
Editoria " <b>Negócios</b> "		Editoria " <b>Negócios</b> "
O levantamento foi divulgado às vésperas do Dia da Consciência Negra, <b>comemorado</b> amanhã.		O levantamento foi divulgado às vésperas do Dia da Consciência Negra, <b>comemorado</b> amanhã.
<b>Texto 3</b>		
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.		
<b>Texto 4</b>		
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>	<b>Xenofobia</b>

<p>[...] africanas fogem do <b>assédio indiscreto</b> com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países</p>	<p>[...] africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar <b>para reconstruir seus países</b></p>	<p>[...] africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar <b>para reconstruir seus países</b></p>
<p>E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega <b>somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.</b></p>	<p>E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega <b>somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.</b></p>	<p><b>Desavisadas</b> pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), <b>as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</b></p>
<p><b>Desavisadas</b> pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), <b>as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</b></p>	<p><b>Desavisadas</b> pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), <b>as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.</b></p>	<p><b>Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário.</b></p>
<p><b>Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário.</b></p>	<p><b>Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário.</b></p>	<p>Joana (nome fictício) <b>chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra</b> - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela.</p>
<p>Joana (nome fictício) <b>chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra</b> - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela.</p>	<p>Joana (nome fictício) <b>chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra</b> - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela.</p>	<p>Um retorno de quem tem a responsabilidade de <b>reconstruir o país</b></p>
<p>Um retorno de <b>quem tem a responsabilidade de reconstruir o país</b></p>	<p>Um retorno de <b>quem tem a responsabilidade de reconstruir o país</b></p>	<p>[...] <b>é objeto de comentários</b> no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu; <b>Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como "neta de escravos". Que todos queriam ver, alguns, até tocar.</b></p>

<p>[...] <b>é objeto de comentários</b> no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu; <b>Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como "neta de escravos". Que todos queriam ver, alguns, até tocar.</b></p>	<p>[...] <b>é objeto de comentários</b> no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu; <b>Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como "neta de escravos". Que todos queriam ver, alguns, até tocar.</b></p>	
<p><b>No Estado em que imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos, Joana era como bicho raro em exposição</b></p>	<p><b>No Estado em que imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos, Joana era como bicho raro em exposição</b></p>	<p><b>No Estado em que imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos, Joana era como bicho raro em exposição</b></p>
<p>[...] amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: Celso. <b>O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe</b>, ela torna menor do que o desejo para não desistir.</p>	<p>[...] amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: Celso. <b>O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe</b>, ela torna menor do que o desejo para não desistir.</p>	<p><b>Mulher, negra, africana</b>, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: <b>"guerreira corajosa"</b>.</p>
<p><b>Mulher, negra, africana</b>, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: <b>"guerreira corajosa"</b>.</p>	<p><b>Mulher, negra, africana</b>, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: <b>"guerreira corajosa"</b>.</p>	
<b>Texto 5</b>		
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>	<b>Xenofobia</b>
<p>Lynch, 55, será a <b>primeira mulher negra a ocupar o posto</b>. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - <b>apenas dez republicanos votaram a seu favor</b></p>	<p>Lynch, 55, será a <b>primeira mulher negra a ocupar o posto</b>. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 - <b>apenas dez republicanos votaram a seu favor</b></p>	<p>Mas <b>ela acabou desagradando os republicanos ao defender</b>, em audiência no mês de janeiro, <b>as ações executivas de Obama sobre imigração</b>.</p>

<p>Após <b>cinco meses de espera</b> [...]. Com os <b>congressistas preocupados em aprovar indicações que consideravam mais problemáticas</b> diante de um Senado republicano - o que ocorreria a partir de janeiro deste ano - a votação acabou adiada para 2015.</p>	<p>Após <b>cinco meses de espera</b> [...]. Com os <b>congressistas preocupados em aprovar indicações que consideravam mais problemáticas</b> diante de um Senado republicano - o que ocorreria a partir de janeiro deste ano - a votação acabou adiada para 2015.</p>	<p><b>"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas</b> e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.</p>
<p>Mas <b>ela acabou desagradando os republicanos ao defender</b>, em audiência no mês de janeiro, <b>as ações executivas de Obama sobre imigração.</b></p>	<p>Mas <b>ela acabou desagradando os republicanos ao defender</b>, em audiência no mês de janeiro, <b>as ações executivas de Obama sobre imigração.</b></p>	<p>"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: <b>nós não precisamos confirmar alguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso.</b>"</p>
<p><b>"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas</b> e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.</p>	<p><b>"A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas</b> e está comprometida em defendê-las na Justiça", afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.</p>	<p>O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, <b>afirmou que, sob o comando de Lynch, "infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder"</b>.</p>
<p>"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: <b>nós não precisamos confirmar alguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso.</b>"</p>	<p>"Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: <b>nós não precisamos confirmar alguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso.</b>"</p>	

O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, <b>afirmou que, sob o comando de Lynch, “infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder”</b> .	O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, <b>afirmou que, sob o comando de Lynch, “infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder”</b> .	
<b>Texto 6</b>		
<b>Racismo</b>		
Editoria " <b>Negócios</b> "		
A publicação dá <b>destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro</b>		
[...] são, portanto, preocupantes na medida em que <b>são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores</b> os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos"		
<b>Texto 7</b>		
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.		
<b>Texto 8</b>		
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.		
<b>Texto 9</b>		
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.		
<b>Texto 10</b>		
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.		
<b>Texto 11</b>		
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>	<b>Xenofobia</b>
<b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina</b> que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar	<b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina</b> que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar	<b>Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina</b> que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar
<b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>	<b>A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>	A função da protagonista é construir itens e <b>auxiliar os moradores a superarem o problema.</b>

<p>No enredo, a <b>forte seca afetou a área que a protagonista mora</b>. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos</p>	<p>No enredo, a <b>forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos</b></p>	<p>Uma <b>aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX</b> é o mote do jogo Árida, criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab</p>
<b>Texto 12</b>		
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.		
<b>Texto 13</b>		
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>	
<p>Feliz com a <b>oportunidade</b> de apresentar o Jornal Nacional, a jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).</p>	<p>Feliz com a <b>oportunidade</b> de apresentar o Jornal Nacional, a jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).</p>	
<p>Em suas redes sociais, classificou a <b>chance</b> como "imensurável".</p>	<p>Em suas redes sociais, classificou a <b>chance</b> como "imensurável".</p>	
<p><b>Até mesmo William Bonner</b>, o mais longo apresentador, <b>a elogiou</b>.</p>	<p><b>Famosos gostaram</b> da estreia e apoiaram a jornalista. "Parabéns, querida, você merece", postou a apresentadora Ana Furtado. "Sorrisão diz tudo", publicou Marcos Mion, apresentador da Record. "Viva Maju. Espetacular", escreveu o jornalista César Tralli.</p>	
	<p><b>Até mesmo William Bonner</b>, o mais longo apresentador, <b>a elogiou</b>.</p>	
<b>Texto 14</b>		
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>	
<p>Mulheres e <b>negros</b> ganham número recorde de prêmios</p>	<p><b>Mulheres</b> e negros ganham número recorde de prêmios</p>	
<p>Ao todo, foram 7 estatuetas para <b>pessoas negras</b> e 15 para mulheres.</p>	<p>Ao todo, foram 7 estatuetas para pessoas negras e 15 para <b>mulheres</b>.</p>	

<p>Neste ano, <b>profissionais negros</b> e mulheres receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação, com sete e 15 estatuetas respectivamente</p>	<p>Neste ano, profissionais negros e <b>mulheres</b> receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação, com sete e 15 estatuetas respectivamente</p>
<p>CONFIRA A <b>LISTA DE ARTISTAS NEGROS</b> PREMIADOS NO OSCAR 2019</p>	<p>CONFIRA A <b>LISTA DE ARTISTAS MULHERES</b> PREMIADAS NO OSCAR 2019</p>
<b>Texto 15</b>	
<b>Sexismo</b>	
<p>Na obra cênica, <b>a dureza do texto de Carolina se encontra com a poética do sambista carioca</b> Cartola.</p>	
<b>Texto 16</b>	
<b>Classismo</b>	
<p>[...] independentemente do nível de escolaridade [...] cursos em diversas áreas, apoio psicossocial, <b>coaching</b> [uma mulher negra de escolaridade baixa não vai entender essa expressão] e construção de redes de relacionamento (networking)</p>	
<b>Texto 17</b>	
<b>Classismo</b>	
<p>Roda de conversa <b>online</b> discute lutas e conquistas das mulheres negras</p>	
<p>Aberta ao público, a roda de conversa "Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas" ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, <b>no Youtube</b></p>	
<b>Texto 18</b>	
<b>Classismo</b>	
<p>Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de <b>streams no Spotify</b></p>	

**APÊNDICE W – OPRESSÕES INTERSECCIONAIS POR NARRATIVA  
JORNALÍSTICA – OP**

<b>OP</b>	
<b>Texto 1</b>	
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.	
<b>Texto 2</b>	
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>
Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras; <b>Sua função é apoiar</b> os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais	Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras; <b>Sua função é apoiar</b> os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais
<b>Sua função é apoiar</b> os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.	<b>Sua função é apoiar</b> os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.
<b>Texto 3</b>	
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.	
<b>Texto 4</b>	
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.	
<b>Texto 5</b>	
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.	
<b>Texto 6</b>	
<b>Racismo</b>	
O assassinato de Marielle e do motorista Anderson, que <b>ainda não foi esclarecido</b> , repercutiu internacionalmente e gerou protestos em diversos países	
<b>Texto 7</b>	
<b>Sexismo</b>	<b>Racismo</b>

<p>Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que <b>exibe imagens de mulher negra trajando [roupas de médica]</b>, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa.</p>	<p>Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que <b>exibe imagens de mulher negra trajando [roupas de médica]</b>, enquanto narração crítica "vitimismo" e declara voto no militar, é falsa.</p>
<p>Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que <b>a personagem</b> da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares.</p>	<p>Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que <b>a personagem</b> da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares.</p>
<p><b>A imagem</b> nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente</p>	<p><b>A imagem</b> nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente</p>
<p>No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: <b>"MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade."</b>; Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos</p>	<p>No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: <b>"MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade."</b>; Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos</p>
	<p><b>O foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT).</b></p>

### Texto 8

Não reproduz opressões interseccionais diretamente.

<b>Texto 9</b>
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.
<b>Texto 10</b>
Não reproduz opressões interseccionais diretamente.

**APÊNDICE X – ANÁLISE QUANTITATIVA PERCENTUAL POR IMAGEM DE CONTROLE – DN**

<b>Diário do Nordeste</b>
<b>Mammy (6x) 6/18: 33.33%</b>
Texto 1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais
Texto 2 - Mulher negra é mais discriminada
Texto 3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos
Texto 6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco
Texto 8 - Fortaleza da mulher jovem negra
Texto 11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista
<b>Matriarca (6x) 6/18: 33.33%</b>
Texto 1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais
Texto 2 - Mulher negra é mais discriminada
Texto 3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos
Texto 4 - Mulher, negra, africana...
Texto 6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco
Texto 11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista
<b>Mãe dependente do Estado (2x) 2/18: 11.11%</b>
Texto 1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais
Texto 2 - Mulher negra é mais discriminada
<b>Rainha da Assistência Social (0)</b>
Imagem de controle não identificada diretamente.
<b>Dama negra (14x) 14/18: 77.77%</b>
Texto 2 - Mulher negra é mais discriminada
Texto 3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos
Texto 4 - Mulher, negra, africana...
Texto 5 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA
Texto 6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco
Texto 8 - Fortaleza da mulher jovem negra
Texto 10 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco
Texto 12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna
Texto 13 - Maju agradece mensagens de apoio após estreiar na bancada do Jornal Nacional

Texto 14 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios
Texto 15 - Espetáculo "Barracal" volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca
Texto 16 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado
Texto 17 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras
Texto 18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify
<b>Mammy moderna (2x) 2/18: 11.11%</b>
Texto 2 - Mulher negra é mais discriminada
Texto 12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna
<b>Jezebel/Prostituta/Hoochie (3x) 3/18: 16.66%</b>
Texto 4 - Mulher, negra, africana...
Texto 8 - Fortaleza da mulher jovem negra
Texto 12 - Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra', diz Cris Vianna
<b>Pretty baby (1x) 1/18: 5.55%</b>
Texto 18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify

**APÊNDICE Y – ANÁLISE QUANTITATIVA PERCENTUAL POR IMAGEM DE  
CONTROLE – OP**

<b>O Povo</b>
<b>Mammy (0)</b>
Imagem de controle não identificada diretamente.
<b>Matriarca (1x) 1/10: 10%</b>
Texto 7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
<b>Mãe dependente do Estado (1x) 1/10: 10%</b>
Texto 7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
<b>Rainha da Assistência Social (1x) 1/10: 10%</b>
Texto 7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
<b>Dama negra (8x) 8/10: 80%</b>
Texto 1 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico
Texto 2 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras
Texto 5 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra
Texto 6 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro
Texto 7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo
Texto 8 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional
Texto 9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional
Texto 10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra
<b>Mammy moderna (2x) 2/10: 20%</b>
Texto 9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional
Texto 10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra
<b>Jezebel/Prostituta/Hoochie (1x) 1/10: 10%</b>
Texto 3 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo
<b>Pretty baby (0)</b>
Imagem de controle não identificada diretamente.

## APÊNDICE Z – RELATÓRIO DE ATIVIDADES

### Disciplinas cursadas

<b>Componente Curricular</b>	<b>Conteúdo programático</b>	<b>Instituição</b>	<b>Créditos</b>	<b>Carga horária</b>
Qualificação	Exame de Qualificação previsto nas normas.	PPGCOM/UFC	01	16h
Proficiência 1	Língua estrangeira – Espanhol – Casa de Cultura Hispânica da Universidade Federal do Ceará.	CCH/UFC	01	16h
Proficiência 2	Língua estrangeira – Inglês – Casa de Cultura Britânica da Universidade Federal do Ceará.	CCB/UFC	01	16h
Cultura, Política e Mídia	Processos midiáticos de produção simbólica possibilitados com a reprodutibilidade técnica. Mutações nos campos da cultura, da sociabilidade e da política contemporâneas. Inter-relações entre o público e o privado na sociedade contemporânea. Natureza e configuração das esferas públicas midiáticas contemporâneas e suas dimensões política e cultural.	PPGCOM/UFC	04	64h
Fundamentos Epistemológicos da Comunicação	Noções de epistemologia, história e filosofia da ciência. Teorias do conhecimento e o conceito como ferramenta cognitiva. Método científico e relatividade do objeto. Matrizes constitutivas	PPGCOM/UFC	04	64h

	<p>do campo da comunicação.</p> <p>Emergência e desenvolvimento do objeto de estudo da comunicação.</p> <p>Aspectos interdisciplinares e transdisciplinares do campo da Comunicação. Os processos comunicacionais.</p>			
Recepção e Mediações Socioculturais	<p>Abordagens teórico-metodológicas dos processos de recepção.</p> <p>Indivíduos, grupos e instituições no campo comunicacional.</p> <p>Processos de interpretação e apropriação das formas simbólicas.</p> <p>Mediações individual, situacional, institucional e tecnológica.</p>	PPGCOM/UFC	04	64h
Tópicos Especiais em Sociologia III – Racismo e Branquitude	<p>Abordagens de raça e racismo no Brasil.</p> <p>Dimensões comparativas do racismo nas Américas.</p> <p>Raça como construção social e processos de racialização contemporâneos.</p> <p>Autoclassificação e heteroclassificação racial. Dimensões interseccionais da branquitude.</p> <p>Branquitude como categoria analítica e como categoria política.</p> <p>Performance, habitus, corpo e raça.</p> <p>Urbanismo branco.</p> <p>Intelectuais negros/as/es e as epistemologias da</p>	Programa de Pós-Graduação em Sociologia/PPGS/UFC	04	64h

	branquitude. Ascensão de Supremacistas Brancos no mundo contemporâneo. Os limites da branquitude crítica/progressista. Brancos/as nos movimentos antirracistas.			
Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Comunicação	Sociedade, cultura e comunicação contemporâneas. Paradigmas e teorias da Comunicação. Dimensões estruturais, institucionais, materiais, interacionais, técnicas e de linguagem dos processos comunicacionais contemporâneos. Metodologia de pesquisa e sua aplicação ao estudo da comunicação.	PPGCOM/UFC	04	64h
Narrativas em Suportes Visuais	Conceito de narrativa. A narratologia como campo de estudos. A narrativa em diferentes suportes visuais. Os recursos narrativos visuais. Textos e adaptações.	PPGCOM/UFC	04	64h
Tópicos Especiais em Comunicação V – Produtos e Processos Comunicacionais em Tecnologias Digitais	Aplicação das tecnologias digitais nos processos e produtos comunicacionais contemporâneos. O trabalho dos comunicadores em um contexto convergente, midiático e multimídia. Produção em novas plataformas midiáticas, tais como os dispositivos móveis. Inovações relacionadas ao jornalismo em contexto digital. Problemáticas do	PPGCOM/UFPI	04	64h

	ambiente mediado pelas novas tecnologias, como a necessidade de legislação mais atual e o combate à desinformação.			
Tópicos Especiais em Comunicação II – Comunicação e Decolonialidade	O colonialismo. A colonialidade do saber, do ser e do poder. O giro decolonial. Insurgência, (re)humanização e (re)existência. Comunicação e colonialidade. Hierarquização, tecnificação e descontextualização. O pensamento comunicacional latino-americano. Comunicação e decolonialidade. Diálogo, humanização e outridade. Outras imagens, outros corpos, mais povos. Jornalismo e decolonialidade. Visão complexa, sensibilidade intuitiva e comportamento solidário. A realidade em movimento, ênfase à celebração. Territórios, periferias e o diálogo necessário.	PPGCOM/UFC	04	64h
Estágio de Docência I – Teorias da Comunicação I	O objeto da Comunicação Social. Formação histórica e transdisciplinar do objeto. Paradigmas e teorias clássicas da comunicação de massa.	Curso de Jornalismo - UFC	04	64h

#### Publicação em anais

1. SALES, S. C.; NUNES, P. S. **Mulheres Negras nas Imagens de Controle: Da Construção de Imaginários Racistas à Imposição de Lugares Subalternos na Mídia.** In: 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2021, Recife - PE. 44º Congresso Brasileiro de

Ciências da Comunicação.	Disponível em:
<a href="https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/suewellyn-cassimiro-sales.pdf">https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/resumos/dt7-ep/suewellyn-cassimiro-sales.pdf</a> .	
2. SALES, S. C.; NUNES, P. S. <b>Mídia Feminista Negra: Uma Análise das Narrativas Interseccionais Produzidas no Kilombas Podcast</b> . In: V Seminário Internacional Desfazendo Gênero, 2021, São Paulo - SP. V Seminário Internacional Desfazendo Gênero. Campina Grande - PB: Editora Realize. Disponível em: <a href="https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_08122021170317.pdf">https://editorarealize.com.br/editora/anais/desfazendo-genero/2021/TRABALHO_COMPLETO_EV168_MD_SA_ID_08122021170317.pdf</a> .	
3. SALES, S. C.; NUNES, P. S. <b>Mulheres Negras e Opressões Interseccionais: Racismo, Sexismo e Classismo no Big Brother Brasil</b> . In: XVI Congresso ALAIC - Associação Latino-americana de Investigadores em Comunicação, 2022, Buenos Aires, Argentina. XVI Congresso ALAIC. Disponível em: <a href="https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/521/518">https://alaic2022.ar/memorias/index.php/2022/article/view/521/518</a> .	

### Publicação em periódicos

1. SALES, S. C.; LIMA, M. E. O. <b>Representação da mulher negra no jornalismo cearense: análise dos jornais O Povo e Diário do Nordeste</b> . Revista Encontros Universitários da UFC – Publicação da Universidade Federal do Ceará - UFC, v. 6, n. 1, p. 2291, 2021. ISSN: 2526-6578. Disponível em: <a href="http://periodicos.ufc.br/eu/article/view/75530/208619">http://periodicos.ufc.br/eu/article/view/75530/208619</a> .
2. SALES, S. C.; NUNES, P. S. <b>Mídia feminista negra: uma análise das narrativas interseccionais produzidas no Kilombas Podcast</b> . Temática - Revista eletrônica de publicação mensal da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, v. 18, p. 64-80, 2022. Disponível em: <a href="https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/62354/35118">https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/62354/35118</a> .
3. SALES, S. C.; NUNES, P. S. <b>Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia</b> . Temática - Revista eletrônica de publicação mensal da Universidade Federal da Paraíba – UFPB, v. 19, n. 4: Abril, p. 151-166, 2023. Disponível em: <a href="https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/66143">https://periodicos.ufpb.br/index.php/tematica/article/view/66143</a> .
4. NUNES, P. DE S.; CASSIMIRO SALES, S. <b>Mulheres negras e opressões interseccionais: Racismo, sexismo e classismo no Big Brother Brasil</b> . Comunicologia - Revista de Comunicação da Universidade Católica de Brasília, v. 15, n. 3, 21 dez. 2023. Disponível em: <a href="https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/14399">https://portalrevistas.ucb.br/index.php/RCEUCB/article/view/14399</a> .

### Apresentação em eventos

1. 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, sob o tema “Comunicação e resistência: práticas de liberdade para a cidadania”, realizado virtualmente de 4 a 9 de outubro de 2021. Apresentação do artigo “ <b>Mulheres Negras nas Imagens de Controle: Da Construção de Imaginários Racistas à Imposição de Lugares Subalternos na Mídia</b> ”, produzido em parceria com Patrícia de Souza Nunes (Doutoranda do PPGCOM/UFPE), no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gênero (Intercom). Disponível em: <a href="https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/index.htm">https://portalintercom.org.br/anais/nacional2021/index.htm</a> .
2. V Seminário Internacional Desfazendo Gênero, sob o tema “Conhecimento dissidente, cura coletiva e novas modulações da experiência”, realizado virtualmente de 22 a 25 de novembro de 2021. Apresentação do artigo “ <b>Mídia Feminista Negra: Uma Análise das Narrativas</b> ”

Interseccionais Produzidas no Kilombas Podcast”, produzido em parceria com Patrícia de Souza Nunes (Doutoranda do PPGCOM/UFPE), no Simpósio Temático nº 04 – Arte, Gênero e Sexualidade: Gramáticas de Resistência e Existências Dissidentes. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/edicao/detalhes/anais-do-v-seminario-internacional-desfazendo-genero>.

3. EU2021/UFC – Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará, XIV Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação realizado virtualmente de 01 a 03 de dezembro de 2021. Apresentação do trabalho “**Representação da mulher negra no jornalismo cearense: análise dos jornais O Povo e Diário do Nordeste**”, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima. Disponível em: <http://periodicos.ufc.br/eu/issue/view/1123>.

4. XVI Congresso ALAIC 2022 (Associação Latino-americana de Investigadores em Comunicação), sob o tema “La comunicación como bien público global: Nuevos lenguajes críticos y debates hacia el porvenir”, em Buenos Aires, de 26 a 30 de setembro de 2022, apresentado virtualmente. Apresentação do artigo “**Mulheres negras e opressões interseccionais: racismo, sexismo e classismo no Big Brother Brasil**”, produzido em parceria com Patrícia de Souza Nunes (Doutoranda do PPGCOM/UFPE/realiza estágio doutoral/Capes na UAB/Espanha), no GI 3 - Comunicación, Género y Diversidad Sexual. Mais em: <https://www.alaic.org/congressos/congreso-alaic-2022/>.

5. EU2022/UFC – Encontros Universitários da Universidade Federal do Ceará, XV Encontro de Pesquisa e Pós-Graduação realizado virtualmente de 23 a 25 de novembro de 2022. Apresentação de pôster em fórum da pesquisa “**Mulheres negras em jornais: uma análise de imagens de controle e opressões interseccionais nos periódicos O Povo e Diário do Nordeste (2018 a 2020 em Fortaleza-CE)**”, sob a orientação da Profa. Dra. Maria Érica de Oliveira Lima. Disponível em: <https://eu2022.ufc.br/fortaleza/mulheres-negras-em-jornais-uma-analise-de-imagens-de-controle-e-opressoes-interseccionais-nos-periodicos-o-povo-e-diario-do-nordeste-2018-a-2020-em-fortaleza-ce>.

6. II CIJOII/UFPI – II Congresso Internacional Jornalismo, Inovação e Igualdade da Universidade Federal do Piauí, realizado virtualmente e com transmissão ao vivo pelo YouTube, no dia 25 de maio de 2023. Apresentação da pesquisa “**Mulheres negras em jornais: uma análise interseccional dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste**”, desenvolvida no PPGCOM/UFC, na mesa “Repensando o jornalismo digital a partir das interseccionalidades”. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/JAXgQMq1H2U?feature=share>.

7. II Seminário CAPA/Intercom – Seminário do Grupo de Pesquisa Comunicação Afrodiaspórica e Pensamento Antirracista da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado virtualmente e com transmissão ao vivo pelo YouTube, no dia 06 de junho de 2023. Certificado em elaboração. Apresentação da pesquisa “**Mulheres negras em jornais: uma análise interseccional dos periódicos O Povo e Diário do Nordeste**”, desenvolvida no PPGCOM/UFC. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/FTOsOzsQOW4?feature=share>.

### Participação em eventos

<p>1. <b>I Congresso Nacional de Jornalistas Negras e Negros</b>, promovido pelo Coletivo Lena Santos (MG). Participação como ouvinte no evento realizado virtualmente nos dias 14, 15 e 16 de maio de 2021. Carga horária de 20 (vinte) horas. Mais informações em: <a href="https://www.sympla.com.br/i-congresso-nacional---coletivo-lena-santos-de-jornalistas-negras-e-negros__1190204">https://www.sympla.com.br/i-congresso-nacional---coletivo-lena-santos-de-jornalistas-negras-e-negros__1190204</a>.</p>
<p>2. <b>II PesquisaCom</b>: Seminário Interprogramas das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, realizado virtualmente de 16 a 18 de junho de 2021. Participação como ouvinte na Sessão 01 – “<u>Comunicação, Tecnologia e Inovação</u>”, promovida no dia 16 de junho de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Carga horária de 4 (quatro) horas. Mais informações em: <a href="https://www.even3.com.br/pesquisacom2/">https://www.even3.com.br/pesquisacom2/</a>.</p>
<p>3. <b>II PesquisaCom</b>: Seminário Interprogramas das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, realizado virtualmente de 16 a 18 de junho de 2021. Participação como ouvinte na Sessão 02 – “<u>Comunicação, Política e Movimentos Sociais</u>”, promovida no dia 16 de junho de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Carga horária de 4 (quatro) horas. Mais informações em: <a href="https://www.even3.com.br/pesquisacom2/">https://www.even3.com.br/pesquisacom2/</a>.</p>
<p>4. <b>II PesquisaCom</b>: Seminário Interprogramas das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, realizado virtualmente de 16 a 18 de junho de 2021. Participação como ouvinte na Sessão 04 – “<u>Estudos em Jornalismo</u>”, promovida no dia 17 de junho de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Carga horária de 4 (quatro) horas. Mais informações em: <a href="https://www.even3.com.br/pesquisacom2/">https://www.even3.com.br/pesquisacom2/</a></p>
<p>5. <b>II PesquisaCom</b>: Seminário Interprogramas das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, realizado virtualmente de 16 a 18 de junho de 2021. Participação como ouvinte na Roda de Conversa “<u>Comunicação e Decolonialidade</u>”, promovida no dia 18 de junho de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Carga horária de 2 (duas) horas. Mais informações em: <a href="https://www.even3.com.br/pesquisacom2/">https://www.even3.com.br/pesquisacom2/</a>.</p>
<p>6. <b>II PesquisaCom</b>: Seminário Interprogramas das Regiões Norte, Nordeste e Centro-Oeste, realizado virtualmente de 16 a 18 de junho de 2021. Participação como ouvinte na Sessão 07 – “<u>Comunicação, Estética, Narrativas e Audiovisual</u>”, promovida no dia 19 de junho de 2021 pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (PPgEM/UFRN). Carga horária de 3 (três) horas. Mais informações em: <a href="https://www.even3.com.br/pesquisacom2/">https://www.even3.com.br/pesquisacom2/</a>.</p>
<p>7. <b>Palestra “Por Quê As Epistemologias do Sul Agora?”</b>, com Boaventura de Sousa Santos, promovida pelo Ministério da Educação e pelo Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow, Cefet/RJ, em formato virtual, no dia 16 de junho de 2021. Participação como ouvinte. Carga horária de 2 (duas) horas. Disponível em: <a href="https://youtu.be/YOBMwuBBIMw">https://youtu.be/YOBMwuBBIMw</a>.</p>
<p>8. <b>30º Encontro Anual Compós</b> – Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, sob o tema “Sobre Constelações e Observatórios: A Pesquisa em Comunicação e Suas Transversalidades”, realizado de 27 a 30 de julho de 2021 pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Comunicação e Semiótica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Participação como ouvinte no GT 08 – Comunicação, Gêneros e Sexualidade. Mais informações em: <a href="https://eventos.galoa.com.br/compos-2021/page/728">https://eventos.galoa.com.br/compos-2021/page/728</a>.</p>
<p>9. <b>Evento de Extensão “Encontros Dialógicos Decoloniais: Vidas e Vozes que Importam – Encuentros Dialogicos Decoloniales: Vidas y Voces que Importan</b>”, da Universidade Federal</p>

do Rio Grande do Norte (UFRN). Mediação da mesa bilíngue intitulada “Corpos do Sul: Gênero, Direitos Sexuais e Reprodutivos na América Latina – Cuerpos del Sur: Género, Derechos Sexuales y Reproductivos en América Latina”, realizada em 06 de agosto de 2021 no ambiente virtual Google Meet e com transmissão ao vivo pelo YouTube. Disponível em: <https://ufrn.br/imprensa/noticias/49829/encontros-dialogicos-decoloniais-discutem-direitos-sexuais-e-reprodutivos-na-america-latina> e [https://youtu.be/\\_Xwd5gfxNiI](https://youtu.be/_Xwd5gfxNiI).

10. **SIPPPGCOM/UFC 2022** - Seminário Interno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, realizado presencialmente em Fortaleza-CE. Participação como ouvinte do GT 1 – Linha 2 – Mídias e Práticas Socioculturais. Certificado em elaboração. Mais informações em: <https://www.instagram.com/sipppgcomufc/>.

11. **II CIJOII/UFPI** – II Congresso Internacional Jornalismo, Inovação e Igualdade da Universidade Federal do Piauí, realizado virtualmente e com transmissão ao vivo pelo YouTube, no dia 25 de maio de 2023. Participação na mesa “Repensando o jornalismo digital a partir das interseccionalidades”, junto às Profas. Doutoradas Fernanda Carrera (UFRJ) e Leila Sousa (UFMA), dentro da programação do II CIJOII, realizado pelo Grupo de Pesquisa em Jornalismo, Inovação e Igualdade da Universidade Federal do Piauí (JOII-UFPI), com transmissão ao vivo pelo YouTube, no dia 25 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/live/JAXgQMQ1H2U?feature=share>.

12. **SIPPPGCOM/UFC 2023** - Seminário Interno de Pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará, realizado em formato híbrido – presencial e virtualmente – em Fortaleza-CE. Participação como ouvinte nos GTs: 5 - Práticas, Discursos e Produções Jornalísticas (virtualmente), dia 01 de junho de 2023; 6 - Mídias e Territorialidade (virtualmente), também no dia 01 de junho de 2023; e 8 - Comunicação, Gênero, Raça e Memória (presencialmente), no dia 02 de junho de 2023. Certificados em elaboração. Mais informações em: <https://www.instagram.com/sipppgcomufc/>.

### Cursos de extensão

1. **Interseccionalidade:** Tudo que você sempre quis saber e nunca teve coragem de perguntar, realizado virtualmente nos dias 23 e 24 de julho de 2021, ministrado por Winnie de Campos Bueno, e com carga horária de 10 (dez) horas.

2. **Comunicação, Raça e Racismo:** Questões Conceituais e Agendas de Pesquisa, realizado pela Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, de 20 de outubro a 19 de novembro de 2021, ministrado pelos professores Zulu Araújo, Tâmara Terso, Zilda Martins, Tarcízio Silva, sob a coordenação de Paulo Vitor Melo e com carga horária de 20 (vinte) horas.

### Participação em grupos de pesquisa

Nome	Instituição
1. Comunicação Antirracista e Pensamento Afrodiaspórico - <a href="https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-comunicacao-antirracista-e-pensamento-afrodiasporico">https://www.portalintercom.org.br/eventos1/gps1/gp-comunicacao-antirracista-e-pensamento-afrodiasporico</a>	Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
2. Comunicación, Género y Diversidade Sexual	ALAIC – Associação Latino-Americana de Pesquisadores em Comunicação
3. EMERGE - Centro de Pesquisa e Produção em Comunicação e Emergência da Universidade Federal Fluminense - <a href="http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4211">http://dgp.cnpq.br/dgp/espelhogrupo/4211</a>	UFF/CNPq – Universidade Federal Fluminense/Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

### Publicação de capítulo de livro

SALES, S. C.; LIMA, M. E. O. **Representação das mulheres negras no jornalismo cearense: uma análise interseccional dos jornais O Povo e Diário do Nordeste.** In: Jorge Pedro Sousa. (Org.). *Jornalismo e Estudos Mediáticos - Memória V.* 1 ed. Porto: Publicações Fundação Fernando Pessoa, 2022, v. 5, p. 89-103. Disponível em: <https://bdigital.ufp.pt/handle/10284/10974>.

## APÊNDICE Z-1 – MAIS ACHADOS DA REVISÃO DE LITERATURA: PESQUISAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO RELACIONADAS A REPRESENTAÇÃO DE MULHERES NEGRAS

Já com todas as disciplinas obrigatórias e optativas cumpridas, me dediquei, especialmente nos últimos meses de 2022, a dar continuidade ao processo de revisão de literatura. Porém, dessa vez, o novo objetivo me exigiu mais atenção e tempo: realizei uma busca em todos os Repositórios Institucionais de Programas de Pós-Graduação em Comunicação do Brasil, lendo título a título e identificando alguma pista de similitude com a minha pesquisa, como negritude, povo negro, com marcadores de gênero, raça e classe entrecruzados, ou seja, pesquisas que não contêm diretamente os termos de busca *mulher negra* ou *mulheres negras*, mas que possuem relação indireta. Quando identificados, li seus resumos para tentar encontrar, explicitamente, relação com minhas palavras-chave e/ou semelhanças com os objetivos do estudo.

Desse modo, fiz um apanhado de todas as pesquisas de Pós-Graduação em Comunicação relacionadas a narrativas/representação de mulheres negras na mídia, com atenção especial aos jornais, pois foram meus objetos de pesquisa. Nessa busca, incluí as produções de Mestrado Profissional e Acadêmico, bem como de Doutorado Acadêmico das bibliotecas dos programas registrados e listados no *site* da COMPÓS.

Vale ressaltar que, antes mesmo de identificar essa lista de PPGs de Comunicação, pesquisei separadamente os Programas, avaliando inclusive produções acadêmicas de PPGs inativos, mas que ainda mantém seus trabalhos disponíveis para consulta pública.

Explico, finalmente, que a busca foi consolidada enfatizando os marcadores “mulheres negras”, “mulheres”, “negras” e os radicais “mulh” e “negr”, que contemplam, por exemplo, as palavras mulher; mulheres e negra; negras. Foram descartadas as pesquisas cujo termo de busca “mulher”, um marcador expresso de gênero, não estivesse associado ao marcador de raça, pois a pesquisa estuda a realidade das mulheres negras. E com foco em jornais, já que meus objetos de pesquisa são os jornais O Povo e Diário do Nordeste, que circulam no estado do Ceará, região Nordeste do Brasil.

### *Metodologias aplicadas em estudos anteriores*

Após realizar uma Revisão Sistemática de Literatura (Sampaio; Lycarião, 2021) afinada ao presente estudo, pude observar, no rol de resultados, metodologias anteriormente utilizadas

para pesquisar jornais – neste caso, OP e DN – como Análise de Conteúdo (Bardin, 1977); Teoria do Enquadramento; Teoria do Agendamento (*Agenda Setting*); Teoria do Imaginário (Durand, 1974); Teoria do Núcleo Central (TNC) ou Teoria Estrutural; Cartografia; Análise Crítica do Discurso; Pesquisa bibliográfica e documental; e Teoria Fundamentada.

#### *Resultados com o mesmo objeto*

A partir da RSL, detectei 9 (nove) pesquisas com afinidade temática (critério de relevância) e com resultados diretos com as minhas palavras de busca (mulher negra, mulheres negras) e que têm como objeto de estudo jornais e suas narrativas:

#### **Tabela – Pesquisas com afinidade temática**

1. As representações midiáticas dos/as estudantes africanos/as nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, de 2010 a 2018 (PPGCOM/UFC/2020);
2. Enquadramento midiático e interseccionalidade: o caso Marielle Franco nos *sites* Folha de S. Paulo, O Antagonista e Pragmatismo Político (PPGC/UFPB/2021);
3. “Era só mais um Silva que a estrela não brilha”: a legitimação do racismo institucional do Caso Cláudia Silva Ferreira no jornalismo *online* (PPGC/UFPB/2018);
4. Entre a Cordialidade e o Branquíssimo: o discurso racista na representação social da pessoa negra no jornal Folha de S. Paulo (PPGCOM/UFG/2019);
5. Mulher, Mulata e Migrante: modalidades representativas de uma tripla alteridade em jornais da Europa (EcoPós/UFRJ/2015);
6. A Imprensa na Construção da Realidade Racial no Brasil - Um estudo de análise crítica do discurso jornalístico (EcoPós/UFRJ/2005);
7. Imprensa Negra na Internet: enquadramentos dos conteúdos produzidos pelos *sites* Correio Nagô, Mundo Negro e Nação Z (EcoPós/UFRJ/2019);
8. Dados e narrativas sobre a violência contra mulheres negras: uma análise da cobertura noticiosa da Folha de São Paulo e do conteúdo produzido pelo Portal Geledés (PPGCOM/FAAC-UNESP/2018);
9. Um olhar sobre os negros: a reprodução de estereótipos e estigmas sociais no jornal Estrella Mariannense (PPGCOM/UFOP/2018).

Fonte: Elaboração da autora, 2022.

#### *Resultados desconsiderados*

Desse total, inicialmente, a ideia era contemplar 7 (sete) destes trabalhos, excluindo apenas 2 (dois) dos 9 (nove) pelos seguintes motivos: um não contém o resumo nem o arquivo

para *download* disponível em seu repositório (PPGCOM/UFOP/2018) e o outro estuda jornais do continente Europeu (EcoPós/UFRJ/2015), logo, aborda a cultura e a produção jornalística a partir de vieses distintos de pensamentos sociais e políticos brasileiros. São eles: 1. Mulher, Mulata e Migrante: modalidades representativas de uma tripla alteridade em jornais da Europa (EcoPós/UFRJ/2015); e 2. Um olhar sobre os negros: a reprodução de estereótipos e estigmas sociais no jornal Estrella Mariannense (PPGCOM/UFOP/2018).

No entanto, as primeiras pesquisas de Revisão de Literatura se mostraram suficientes para dar sustentação à pesquisa e, por isso, estes dados foram incluídos aqui nos Apêndices como contribuição para outras pesquisas.

#### *Resultados com o mesmo método*

Desde o princípio, pretendi realizar a coleta buscando trabalhos que também tivessem como metodologia a Análise de Conteúdo. Dos 7 (sete) trabalhos remanescentes, 2 (dois) utilizaram este aporte metodológico. São eles: As representações midiáticas dos/as estudantes africanos/as nos jornais O Povo e Diário do Nordeste, de 2010 a 2018 (PPGCOM/UFC/2020); e “Era só mais um Silva que a estrela não brilha”: a legitimação do racismo institucional do Caso Cláudia Silva Ferreira no jornalismo *online* (PPGC/UFPB/2018).

Acrescento, por último, que estes resultados contém afinidade temática com a pauta da representação das mulheres negras, da teoria interseccional, das relações étnico-raciais no Brasil e que entrecruzam, em seus títulos, resumos ou ideias gerais esses fundamentos e características.

**ANEXO A – E EU NÃO SOU UMA MULHER? ÍNTEGRA DO DISCURSO DA  
ABOLICIONISTA NEGRA SOJOURNER TRUTH NA CONVENÇÃO DOS  
DIREITOS DA MULHER, NA CIDADE DE AKRON, OHIO, ESTADOS UNIDOS, EM  
1851**

Bem, minha gente, quando existe tamanha algazarra é que alguma coisa deve estar fora da ordem. Penso que espremidos entre os negros do sul e as mulheres do norte, todos eles falando sobre direitos, os homens brancos, muito em breve, ficarão em apuros. Mas em torno de que é toda essa falação? Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher? E daí eles falam sobre aquela coisa que tem na cabeça, como é mesmo que chamam? (uma pessoa da plateia murmura: “intelecto”). É isto aí, meu bem. O que é que isto tem a ver com os direitos das mulheres ou os direitos dos negros? Se minha caneca não está cheia nem pela metade e se sua caneca está quase toda cheia, não seria mesquinho de sua parte não completar minha medida? Então aquele homenzinho vestido de preto diz que as mulheres não podem ter tantos direitos quanto os homens porque Cristo não era mulher! Mas de onde é que vem seu Cristo? De onde foi que Cristo veio? De Deus e de uma mulher! O homem não teve nada a ver com Ele. Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam. Obrigada por me ouvir e agora a velha Sojourner não tem muito mais coisas para dizer.

Fonte: Djamila Ribeiro (2017).

**ANEXO B – ESTRUTURA DOS GRUPOS MIDIÁTICOS DO CEARÁ E A  
INFLUÊNCIA POLÍTICO-MIDIÁTICA**

Grupo Cidade de Comunicação	Acionistas: Família Dias de Souza. Obs.: Ex-presidente do grupo, Miguel Dias de Souza (falecido), foi suplente do ex-senador Eunício de Oliveira.
Sistema Jangadeiro de Comunicação	Acionista: Tasso Jereissati (senador)
Sistema Verdes Mares de Comunicação	Acionistas: Família Queiroz; Renata Queiroz Jereissati (esposa do senador Tasso Jereissati).
Grupo O Povo de Comunicação	Acionistas: Família Rocha Dummar
Rádio Assunção (Fortaleza)	Acionista: Moésio Loiola (Prefeito de Campos Sales; cinco vezes deputado do Estado).
Rádio: Tempo FM (Juazeiro do Norte); Canal de TV: Fundação Cultural Vicentina Lucena (Maracanaú)	Acionistas: Gaudêncio Lucena (ex-vice-prefeito de Fortaleza); Gaudêncio Lucena Júnior; e Mônica Paes de Andrade de Oliveira (esposa do ex-senador e presidente do Senado Eunício de Oliveira).

Fonte: Rebouças (2018) adaptado por Jeronimo (2021).

# ANEXO C – CAPA DA PRIMEIRA EDIÇÃO DO O POVO



Fonte: Arquivo do Jornal O Povo (Jeronimo, 2021).

## ANEXO D – CORPUS FINAL – DN

### Texto 1 – DN

#### 1 - Mulheres nordestinas e negras sofrem mais

“Negócios”

Mulheres nordestinas e negras sofrem mais

Escrito por Redação, 04:14 - 04 de Fevereiro de 2003.

Legenda: Dorte Verner: “No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres”

Foto: Paulo Rocha

A pobreza no Brasil tem raça, gênero e localização. Ela é negra, feminina e está concentrada no Nordeste, segundo avaliação de Dorte Verner, executiva do Banco Mundial (Bird) para a Região, ao analisar os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2001, elaborada pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). “No Nordeste, 42% dos chefes de família são extremamente pobres, ou seja, a região concentra o dobro do percentual de pobres do País como um todo”, disse. Ela lembrou a eficácia dos planos de estabilização econômica Cruzado e Real no enfrentamento da miséria mas argumentou que, ‘infelizmente, acabar com a inflação não acaba com a pobreza’.

Verner disse que a incidência de pobreza atinge em cheio os negros (por questões envoltas tanto com o preconceito social quanto com pela própria formação das pessoas da raça negra), as mulheres (que também enfrentam preconceitos no mercado de trabalho) e os analfabetos. Conforme a Pnad, hoje 25% dos domicílios brasileiros são chefiados por mulheres, contra 18% em 1991. ‘As mulheres são mais vulneráveis em relação à pobreza, no País inteiro’. Longe de promover um determinismo social, climático e econômico para a pobreza nordestina, ela argumentou que a região não é diferente do resto do Brasil. ‘O destino de uma família nordestina não é viver na pobreza. O capital das pessoas é que é determinante para contornar o problema’, disse.

A executiva do Bird ressaltou que a pobreza também está relacionada com o mercado de trabalho e o setor de atividade da população. ‘As pessoas que trabalham na atividade agrícola têm alto risco de serem pobres’. Segundo ela, o trabalho com carteira assinada reduz esses riscos, mas não no Nordeste, onde o emprego formal com baixos salários não tem auxiliado na equiparação de renda entre ricos e pobres. Para Verner, ‘a educação é a chave para eliminar a pobreza no País’, e, portanto, a área que vai precisar de mais ênfase na área social do novo governo. Ela cita dados da Pnad: ‘os pobres estudam, em média, quatro anos, enquanto que os não-pobres passam seis anos e meio na escola. Ou seja, há uma defasagem de dois anos e meio entre eles. E essa diferença não está diminuindo’. (SC)

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em:

<https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mulheres-nordestinas-e-negras-sofrem-mais-1.479289>.

### Texto 2 – DN

#### 2 - Mulher negra é mais discriminada

“NEGÓCIOS”

Mulher negra é mais discriminada

Escrito por Redação, 03:38 - 19 de Novembro de 2003.

São Paulo - A mulher negra é quem mais sofre no mercado de trabalho. A taxa de desemprego no grupo é maior, e elas ficam mais tempo desocupadas. Quando conseguem entrar no mercado de trabalho, ocupam as posições mais desvalorizadas e ganham os piores salários.

Os resultados fazem parte da pesquisa “Mulher negra: dupla discriminação nos mercados de trabalho metropolitanos”, divulgada pelo Dieese (Departamento Intersindical de Estudos Sócio-Ecônomicos).

O estudo levou em conta dados de 2001 e 2002 das pesquisas mensais de emprego do Dieese em seis regiões metropolitanas do país: Belo Horizonte (MG), Porto Alegre (RS), Distrito Federal, Recife (PE), Salvador (BA) e São Paulo. O levantamento foi divulgado às vésperas do Dia da Consciência Negra, comemorado amanhã.

A pior taxa de desemprego foi em Salvador, onde chegou a 31,3% entre as mulheres negras, enquanto entre as não-negras foi de 22,2%. Em São Paulo, a taxa foi de 26,2% entre as negras e de 18,8% entre as não-negras.

“Os dados de Salvador surpreendem porque lá a população negra é maior, portanto, era de se esperar uma situação de menor desigualdade. Mas o que se verifica é justamente o contrário, o que torna ainda mais explícita a discriminação racial e a desigualdade social”, diz Solange Sanchez, coordenadora da pesquisa.

As mulheres negras também são as que mais demoram para encontrar emprego: em São Paulo, enquanto os homens não-negros levam, em média, 12 semanas para procurar trabalho, as mulheres negras levam 14.

O estudo também mostra que a situação da mulher negra não é melhor quando consegue uma vaga no mercado. Na região metropolitana de São Paulo, 72% das mulheres que estão no mercado de trabalho estão no setor de serviços e de emprego doméstico.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mulher-negra-e-mais-discriminada-1.95253>.

### Texto 3 – DN

#### 3 - Mulher negra tem pior renda, dizem estudos

“NEGÓCIOS”

Mulher negra tem pior renda, dizem estudos

Escrito por Redação, 04:33 - 18 de Novembro de 2005.

NEGÓCIOS

Brasília - As mulheres negras sofrem tripla discriminação no mercado de trabalho: racial, de classe e de gênero. As empregadas domésticas são o grupo mais vulnerável. Assim como as outras trabalhadoras negras, elas ganham menos e a maioria não tem proteção social. Na semana em que o país comemora o Dia Nacional da Consciência Negra, no domingo, foram divulgadas três pesquisas que dão números a um fato já bem conhecido dos brasileiros, o de que as mulheres negras são a base da pirâmide social do país.

A renda média mensal das mulheres negras no Brasil, segundo levantamento do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), com base em dados de 2003, é de R\$ 279,70, contra R\$ 428,30 para os homens negros, R\$ 554,60 para mulheres brancas e R\$ 931,10 para homens brancos.

Maior Estado negro do país, 80% da população, a Bahia é também o que mais discrimina a trabalhadora negra. Lá chegam a ganhar só 40% do salário de um homem branco que ocupa a mesma função, conforme dados do Dieese (Departamento Intersindical de Estudos e Estatísticas Sócio-Econômicas) divulgados ontem.

A discriminação é ainda maior com relação às empregadas domésticas negras. Segundo o primeiro levantamento “Trabalho Doméstico e Igualdade de Gênero e Raça” da OIT (Organização Internacional do Trabalho), o número de mulheres negras que trabalham como domésticas é pelo menos o dobro do

número de domésticas não-negras. O levantamento foi feito em São Paulo, Belo Horizonte, Distrito Federal, Porto Alegre, Recife e Salvador, onde a diferença é de quase quatro vezes.

No geral, há mais domésticas não-negras com carteira assinada do que negras nas seis regiões metropolitanas pesquisadas pela OIT. Curiosamente, o Distrito Federal, que tem o maior índice de formalização do emprego do país, por causa da concentração de funcionários públicos, e a maior renda média do Brasil, é um dos lugares onde há o menor número de domésticas com carteira assinada, com 35% das domésticas não-negras registradas e 34,2% das domésticas negras. A capital perde apenas para Salvador, onde 30,8% das domésticas negras possuem carteira assinada.

Oficialmente há 6 milhões de empregadas domésticas no Brasil, negras ou não-negras, mas o Ministério do Trabalho estima que haja mais 2 milhões que não entraram no último levantamento, em 2003. Desse total, apenas 25% possuem carteira assinada. No caso das negras, são 23%.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mulher-negra-tem-pior-renda-dizem-estudos-1.430720>.

#### Texto 4 – DN

#### 4 - Mulher, negra, africana...

“METRO”

Mulher, negra, africana...

Vítimas do preconceito de cor e origem, africanas fogem do assédio indiscreto com foco no sonho de estudar para reconstruir seus países

Escrito por Redação, 00:00 - 01 de Maio de 2014.

METRO

Uma mulher precisa suar por dois homens para ter o direito de ficar no mesmo patamar socioeconômico. Ou três, se for negra. A mulher negra, em oposição ao homem branco, ocupa a “base da base” da classificação social brasileira. E mesmo que chegue ao sonhado patamar, ainda carrega somados estigmas: exatamente ser mulher e negra.

Joana (nome fictício) chegou em janeiro de 2011 sem saber que era negra - mulher, sim. Nunca teve dúvida de sua cor, também nunca, em toda a sua vida, precisou pensar nela. Desavisadas pela propaganda do Brasil mestiço (teoricamente, sem discriminação de cor), as africanas que atravessam para esta margem do Atlântico são convidadas ao andar de baixo. Ou melhor, abaixo dele.

Não é fácil deixar seu país, seguir para outro diferente, mesmo que para estudar pensando em seu retorno, com um diploma na mão, mas especialmente ideias e conhecimentos para reconstruir um dos mais jovens países da África. Não é fácil, mesmo que cresça sabendo que um dia arrumará as malas, num movimento estudantil de quem vai embora sem deixar de dizer na partida “mas eu volto”. Um retorno de quem tem a responsabilidade de reconstruir o país.

As primeiras semanas do lado de cá são dores de parto. Joana chora, arruma a bolsa, vai para a faculdade, volta. Chora de novo. Mas a gota salgada como o Atlântico não é só o estranhamento com o novo. É o distanciamento do velho, em novas percepções de vida que acabava de construir em Bissau, capital de seu país.

‘Neta de escravos’

Joana vir para baixo do andar de baixo não significa ser despercebida. É exatamente o contrário. Assustada com o “novo” (depois dá a ele outros nomes), é objeto de comentários no campus do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará (IFCE) na cidade de Iguatu. Em pouco tempo, ficou conhecida na cidade como “neta de escravos”. Que todos queriam ver, alguns, até tocar.

No Estado em que imaginava, sim, que as pessoas pudessem se reconhecer como descendentes de escravos, Joana era como bicho raro em exposição. Nas primeiras semanas de sua travessia, relembra vozes: “é uma cultura diferente, longe de todo mundo... Você acha que aguenta?”. Os amigos de Bissau com a mesma preocupação dela. A força de vontade para vir, não. Nela era mais. “Estou determinada. Não é fácil. Nunca é. Só eu sei. Pensei muito em voltar, principalmente depois que um amigo que veio estudar também não aguentou e voltou”. Achou que era um sinal para ela também voltar. É ao se perceber única que a bissau-guineense mais levanta a cabeça. “Preciso saber me defender”.

Já com os dias contados para ter que sair de um internato onde dormia em um colchonete entre as camas das jovens internas, Joana se depara, em sua sala de aula, com uma jovem palestrante brasileira cujo sonho era conhecer a África. “O sonho dela me tocou”. Jovens brasileiras sonham conhecer a Europa. Pâmela Gaíno sonha com a África.

Da amizade surgida, um conselho de Pamela que virou atitude: Joana muda-se para Fortaleza, onde encontra muitos africanos em associações das quais ela depois vai participar. Não está mais sozinha. O curso de Serviço Social dá lugar ao de Gestão Ambiental, sem esquecer o mercado de trabalho do seu país.

Mas sem esquecer que é mulher, negra e africana - ou por lembrar exatamente disso, Joana Té vai à luta. Pelas ruas de Fortaleza, tem que ouvir assobios, e mais: “Ei, morena gostosa”. Mesmo com medo, devolve com “não sou o que você está pensando”.

Nos diversos diálogos para compor esta série “Travessias da Cor”, mulheres africanas ouvidas pela reportagem relatam ser confundidas com prostitutas, bastando que parem numa esquina, mesmo que seja para atravessar a rua, ou sentem na calçada de casa. É o mesmo relato de muitas mulheres brasileiras negras.

Joana continua caminhando. Espera que os comentários passem, e com eles, o medo. Não importa o que faça, de onde venha. Se feliz ou triste. No caminho pedestre entre um destino e outro, por ruas e calçadas, alguém pode lembrar a condição da sua cor e gênero nesta margem do Atlântico.

Na solidão do passo apressado, olha para o celular como quem recarrega as baterias numa tomada. É rotina. Inúmeras fotos conectam o olhar ao amor maior de sua vida, hoje com sete anos de idade: Celso. Por ele, veio e por ele quer voltar. O seu confesso sentimento de culpa, por estar longe, ela torna menor do que o desejo para não desistir. “Ele me dá forças”.

Mulher, negra, africana, mãe, estudante, agora Joana acrescentou ao nome (e foi como a encontramos) mais duas palavras para se definir: “guerreira corajosa”. (MJ)

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mulher-negra-tem-pior-renda-dizem-estudos-1.430720>.

## Texto 5 – DN

### 5 - Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA

“MUNDO”

Loretta Lynch é confirmada como a 1ª secretária de Justiça negra dos EUA

Escrito por Redação, 18:11 / 23 de Abril de 2015.

Lynch, 55, será a primeira mulher negra a ocupar o posto. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 -apenas dez republicanos votaram a seu favor

Após cinco meses de espera, a indicação de Loretta Lynch, procuradora federal de Nova York, para ser a nova secretária de Justiça dos EUA foi aprovada pelo Senado americano nesta quinta-feira (23).

Ela substituirá Eric Holder, que anunciou sua renúncia no ano passado, após cinco anos no cargo.

Lynch, 55, será a primeira mulher negra a ocupar o posto. Sua indicação foi aprovada por 56 votos a 43 -apenas dez republicanos votaram a seu favor.

O presidente Barack Obama nomeou Lynch para o cargo em novembro, quando o Senado ainda era controlado pelo Partido Democrata.

Com os congressistas preocupados em aprovar indicações que consideravam mais problemáticas diante de um Senado republicano -o que ocorreria a partir de janeiro deste ano- a votação acabou adiada para 2015.

À época de sua nomeação, o nome de Lynch agradou à oposição, que a considera qualificada para ocupar o cargo de secretária da Justiça e é crítica ferrenha de Holder.

Mas ela acabou desagradando os republicanos ao defender, em audiência no mês de janeiro, as ações executivas de Obama sobre imigração.

“A senhora Lynch disse com todas as letras que defende essas políticas e está comprometida em defendê-las na Justiça”, afirmou o senador republicano Jeff Sessions (Alasca) durante a sessão desta quinta.

“Então eu acho que o Congresso tem um papel importante aqui: nós não precisamos confirmar alguém para o mais importante posto judicial nos EUA se essa pessoa está publicamente empenhada em denegrir o Congresso.”

O senador pelo Texas, Ted Cruz, que já anunciou sua pré-candidatura à Presidência em 2016, afirmou que, sob o comando de Lynch, “infelizmente veremos mais e mais ilegalidade, mais imprudência e mais abuso de poder”.

Na semana passada, Obama criticou a demora na votação. “Isso já foi longe demais. Chega. Coloquem Loretta Lynch na votação, confirmem seu nome. Deixem ela fazer seu trabalho”, afirmou.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/ultima-hora/mundo/loretta-lynch-e-confirmada-como-a-1-secretaria-de-justica-negra-dos-eua-1.1275454>.

## Texto 6 – DN

### 6 - Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco

“NEGÓCIOS”

Mulher negra ganha menos de 40% que homem branco

[Imagem]

Legenda: Considerando as mulheres de um modo geral, a pesquisa do Ipea constatou que elas ainda ganham, em média, 30% menos que os homens

FOTO: EVERTON LEMOS

Brasília. A mulher brasileira conquistou espaço no mercado de trabalho. É mais bem qualificada, gasta mais tempo que os homens estudando e ainda dá conta dos trabalhos no lar. São 25 horas por semana dedicadas a roupa, louça, vassoura e outras tarefas de casa. Os homens gastam 10 horas.

Mas a mulher ganha em média 30% menos que o homem. Estudo do Ipea (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada) divulgado ontem (11) pelo Ministério do Trabalho, no âmbito do Dia das Mulheres, dá a noção dessa realidade, que já foi pior. Há uma década, a mulher tinha um desfalque de 37% nos seus rendimentos, aponta o estudo. A publicação dá destaque à posição da mulher negra e pobre nas franjas do mercado de trabalho brasileiro. Elas não chegam a ganhar 40% do valor do contracheque de um homem branco.

Os dados do estudo vieram das Pnads (Pesquisas Nacionais por Amostra de Domicílios, do IBGE) de 2004 a 2014, último ano para o qual se tem informações disponibilizadas.

O estudo, chamado “Mulheres e trabalho: breve análise do período 2004 - 2014”, pontua que as camadas mais marginalizadas da força de trabalho brasileira são justamente as mais penalizadas em momentos de crise econômica e desemprego. “Os sinais de reversão de um ciclo de crescimento do emprego formal são, portanto, preocupantes na medida em que são as franjas mais frágeis da massa de trabalhadores os mais propensos a sentir primeiro os efeitos de uma conjuntura desfavorável, cujos contornos ainda não estão muito bem definidos”, diz o estudo.

As mulheres negras têm a maior taxa de desocupação. Estão submetidas às situações mais precárias de trabalho, com baixos salários e sem carteira assinada.

#### Domésticas

No Brasil, a maior parte do contingente de domésticas é negra. Mas há muito mais trabalhadoras domésticas brancas com carteira assinada.

Creuza Oliveira, presidente da Federação Nacional das Trabalhadoras Domésticas, veio de Salvador para Brasília para o lançamento do estudo. Ela citou a regulamentação da lei dos trabalhadores domésticos como um avanço. Infelizmente, muitos patrões estão demitindo para se livrar dos impostos, diz. “A sociedade brasileira estava acostumada a ter dois, três empregadas em casa e não se preocupar em assinar um papel. É um resquício do trabalho escravo. Muitos não querem aceitar a lei”, afirma.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/negocios/mulher-negra-ganha-menos-de-40-que-homem-branco-1.1509309>.

### Texto 7 – DN

#### **7 - Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura**

“METRO”

Campanha Fortaleza Diz Não à Violência contra a Mulher é lançada pela Prefeitura

O foco da ação deste ano será as mulheres negras

Escrito por Redação, 10:24 - 23 de Novembro de 2016.

METRO

A Prefeitura de Fortaleza lança, nesta quarta-feira (23), a 4ª edição da Campanha Fortaleza Diz Não à Violência Contra a Mulher. O evento será às 15h, no auditório do Paço Municipal. O objetivo da campanha é sensibilizar a sociedade para a necessidade de prevenção e de enfrentamento à violência contra as mulheres. Neste ano, o tema será “Identidade, Luta e Resistência das Mulheres Negras”.

Em 2016, as atenções se voltam ao enfrentamento da violência contra as mulheres negras, uma vez que, conforme dados do Mapa da Violência de 2015, é sobre elas que recaem os maiores índices de agressões. O aumento da violência contra mulheres negras foi de 54% nos últimos 10 anos. A campanha trará diversas atividades para a cidade, como ciclo de oficinas, seminários, exposição, passeio ciclístico e caminhada pelas ruas de Fortaleza.

Serviço

Lançamento Campanha Fortaleza diz não à violência contra a mulher

Data: Quarta-feira (23/11)

Horário: 15h

Local: Paço Municipal (Auditório)

Endereço: Rua São José, 01 – Centro – Fortaleza

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/campanha-fortaleza-diz-nao-a-violencia-contra-a-mulher-e-lancada-pela-prefeitura-1.1656191>.

## Texto 8 – DN

### 8 - Fortaleza da mulher jovem negra

“METRO”

Fortaleza da mulher jovem negra

Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor.

Escrito por Redação, 00:00 - 07 de Março de 2017. Atualizado às 09:23

“Desenhar” e “colorir” corpos que, em geral, têm o mesmo gênero que o seu. Ser tatuadora, aos 26 anos. Ser mulher negra, jovem e cearense. Condições que já fizeram Sarah Nicodemos sentir e saber quais os gargalos têm de superar, o racismo é apenas um deles. “Muitos homens não confiam quando chegam ao estúdio. Eles preferem esperar os tatuadores homens”, relata ao contar sobre seu trabalho, realizado há quase três.

Recém-formada em Serviço Social pela Universidade Estadual do Ceará (Uece), a jovem também faz parte do Fórum de Cearense de Mulheres Negras (Inegra). Foi na academia, ao cursar Serviço Social, que “despertou” para a possibilidade e necessidade de “organizar-se”, justamente para combater os males que ela e tantas outras negras – próximas ou não – padecem no dia a dia.

Das adversidades específicas relacionadas à sua identidade negra e ao gênero, Sarah enfatiza “o nosso corpo é extremamente sexualizado”. Filha de pai negro e de uma mãe que nunca se opôs a esta militância, pelo contrário, explica ela, “apoia e vai inclusive nos atos que eu participo”, Sarah parece ter sido criada, de alguma forma, para não decair frente à necessidade de se impor.

Aparentemente tímida, explica que seu processo e sua consciência a impulsionam para a superação das desigualdades de gênero e combate ao racismo. O Inegra é espaço de troca. É ponto de encontro de diversas mulheres de todas as idades. Um dos desafios da organização, reflete ela, é alcançar, dentre outras, mulheres donas de casas, que no cotidiano são sentenciadas pelas violações de inúmeros direitos.

Violências, infelizmente, naturalizadas pelas vítimas, agressores e testemunhas. Superar a desvalorização no trabalho, o desrespeito a estética negra, as agressões e as desconfianças. Manter-se firme e quando pesar, dividir, porque organizar-se em coletivo é, de alguma maneira, também entender que outras mulheres, sejam elas jovens ou não, são refúgios.

LEIA AINDA:

- . Trajetórias de lutas e conquistas femininas em 8 histórias
- . A história da médica Zenilda Bruno na prevenção à gravidez na adolescência
- . “As ameaças de morte são diárias”, relata professora Lola Aronovich
- . Luma Andrade, a luta pelo direito de ser mulher: “não era aceita no banheiro feminino”
- . Violência combatida pelo feminino: Rena Gomes, delegada há 17 anos
- . Regina Márcia, coragem que arrisca na periferia do Canindezinho
- . Maria de Lurdes, a 1ª cacique de uma tribo indígena no CE
- . Sem medo de acusar: Alice Iracema, a 1ª mulher titular de um Vara do Júri em Fortaleza

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/fortaleza-da-mulher-jovem-negra-1.1715297>.

## Texto 9 – DN

### 9 - Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta

“METRO”

Crianças de lares violentos têm mais chance de sofrer violência doméstica na vida adulta

Levantamento constata ainda que o peso da violência doméstica é maior entre as mulheres negras e com renda mais baixa

Escrito por Redação, 09:26 - 26 de Novembro de 2017. Atualizado às 09:32

METRO

Quatro em cada 10 mulheres que cresceram em um lar violento disseram sofrer o mesmo tipo de violência na vida adulta. A constatação faz parte do terceiro relatório da Pesquisa de Condições Socioeconômicas e Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (PCSVDF), divulgado na última quinta-feira (23), em Brasília. O dado indica que há repetição de padrão no próprio lar.

A chamada transmissão integracional da violência doméstica (TIVD) é definida como um mecanismo de perpetuação do problema, que, de acordo com a pesquisa, sugere maior incidência em lares onde a mulher, seu parceiro ou ambos estiveram expostos à agressão física na infância.

Crescer em um lar violento também gera forte impacto no comportamento masculino. De acordo com o levantamento, os parceiros que cresceram com essas condições familiares também cometeram agressões contra suas parceiras.

O levantamento, desenvolvido pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em parceria com o Instituto Maria da Penha e o Institute for Advanced Study in Toulouse, revela ainda que uma em cada cinco mulheres teve contato com algum tipo de violência doméstica na infância ou adolescência: 23% afirmaram ter lembranças da mãe sendo agredida e 13% sabem que a mãe do parceiro também sofreu algum tipo de agressão.

O Prof. José Raimundo Carvalho, coordenador-geral da pesquisa e integrante do Programa de Pós-Graduação em Economia da UFC, destaca que os resultados são oriundos de um trabalho inédito de pesquisadores nacionais e internacionais. “Pela primeira vez na América Latina, estamos comprovando que há um link entre as gerações. Se nós conseguirmos diminuir a violência hoje, vamos não só melhorar a vida das mulheres que estão vivendo agora como também das pessoas que viverão daqui a 15, 20 anos”, afirma.

Violência na gestação

Outros dados apresentados pelo estudo revelam os percentuais da violência doméstica contra gestantes. Segundo a pesquisa, essa é a realidade para 6,2% das mulheres entrevistadas que já engravidaram. As cidades de Natal, Salvador, Recife e Fortaleza apresentam taxas maiores que a média.

A pesquisa revela que mais do que ameaçar a saúde e o bem-estar da mulher, a violência durante a gestação pode trazer graves consequências para as futuras gerações e mostram ainda que há 10 vezes mais incidência na gestação em casos de mulheres com menor grau de instrução. Além disso, negras e pardas representam 77,4% dessas mulheres que sofreram agressão durante a gravidez.

“Ficamos extremamente chocados com os dados que mostram que 6,2% das mulheres nordestinas já tiveram alguma experiência de violência durante a gravidez. A violência doméstica não é um problema só de mulheres, que deva ser tratado só por mulheres e apenas na esfera social. É um problema de todos e todas que deve ser amplamente discutido se quisermos realmente enfrentar esse

mal que mata nossas mulheres e deixa órfãs nossas crianças”, frisa Maria da Penha, fundadora do Instituto que leva seu nome.

#### Desigualdade

O peso da violência doméstica também é maior entre as mulheres negras. Uma em cada 4 entrevistadas negras afirmou se lembrar de episódios de violência contra a mãe. Já entre as entrevistadas brancas, 1 em cada 5 afirmou ter presenciado algo.

Além disso, a mesma pesquisa apontou que, quando divididas por faixa de renda, as mulheres que ganham menos são as que mais estiveram expostas à violência doméstica na infância. À medida que a faixa de renda aumenta, diminui a probabilidade de ter ocorrido violência contra sua mãe, quando criança.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/criancas-de-lares-violentos-tem-mais-chance-de-sofrer-violencia-domestica-na-vida-adulta-1.1856566>.

### Texto 10 – DN

#### 10 - Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco

“METRO”

Percursos Urbanos aborda a mulher negra e homenageia Marielle Franco

A programação especial para o mês da mulher aconteceu neste sábado (17)

Escrito por Redação, 18:09 - 17 de Março de 2018. Atualizado às 17:34 - 18 de Março de 2018

Aconteceu na tarde deste sábado (17) mais uma edição do Percursos Urbanos, desta vez com discussões acerca da atuação das mulheres negras em Fortaleza. Com o tema “A história nunca será branca”, as participantes ouviram e compartilharam experiências a partir da temática, ainda mais fortalecida com a morte recente da ativista negra Marielle Franco, que também foi homenageada no evento.

Mediada pela assistente social, educadora popular e feminista negra Francisca Sena, o percurso saiu do Centro Cultural Banco do Nordeste e percorreu o Passeio Público e a Praça da Gentilândia. Nas partilhas, o grupo pode conhecer mulheres negras que resistem ao cenário preconceituoso e violento da cidade, rompendo com o silêncio de suas trajetórias: “Na vida da população negra, e isso recai muito sobre as mulheres negras, é presente essa questão da violência, do encarceramento, a falta de oportunidade, de emprego, a dificuldade de conviver com o preconceito”, disse Sena.

A participante e também feminista Louise Anne de Santana ressalta como movimentos assim são importantes para conquistar espaço para as minorias: “Aqui em Fortaleza, se nós dermos uma rápida olhada em quem são nossos representantes, a gente pode perceber a ausência de alguns debates. E aí não é a gente reivindicar simplesmente o lugar de fala. Ter uma mulher negra nesse espaço, uma mulher que conhece a realidade da periferia, é entender que nós vamos ter voz e nossas pautas colocadas. A gente vai continuar resistindo.”

#### Manifesto

Como protesto e homenagem à Marielle Franco, vereadora do Rio de Janeiro morta na última quarta (14), o grupo se uniu em volta de cartazes com frases da luta negra e feminista no Baobá do Passeio Público. Enunciando frases da própria Marielle, como “Parem de nos matar”, “Chega de matar nossos jovens” e “É preciso garantir que as favelas também sejam cidades”, os participantes bradaram ainda “Marielle, presente!” após discursos denunciando a violência sofrida pela população negra no Brasil.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/metro/percursos-urbanos-aborda-a-mulher-negra-e-homenageia-marielle-franco-1.1910165>.

### Texto 11 – DN

#### **11 - Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista**

“VERSO”

Game brasileiro tem sertão nordestino como cenário e mulher negra como protagonista

Escrito por Redação, 18:34 / 27 de Dezembro de 2018.

O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Árida: O Despertar do Sertão”, deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019

Uma aventura de exploração e sobrevivência no sertão brasileiro do século XIX é o mote do jogo Árida, criado pela desenvolvedora baiana Aoca Game Lab. Para enfrentar as tarefas e dificuldades está Cícera, uma jovem nordestina que mora com o avô e luta para contra as adversidades do lugar.

No enredo, a forte seca afetou a área que a protagonista mora. Isso gera perda nas plantações, gado morto e migração de sertanejos. A função da protagonista é construir itens e auxiliar os moradores a superarem o problema.

O jogo será dividido em quatro capítulos. O primeiro, “Árida: O Despertar do Sertão”, deve ser lançado no primeiro trimestre de 2019 e será disponibilizado apenas para jogar em computador com sistema operacional Windows e Mac OS X.

Veja trailer do jogo

ARIDA: BACKLAND'S AWAKENING - Debut Trailer

[<https://www.youtube.com/watch?v=hvLTjYTojGU>]

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento/games]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/game-brasileiro-tem-sertao-nordestino-como-cenario-e-mulher-negra-como-protagonista-1.2042955>.

### Texto 12 – DN

#### **12 - ‘Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra’, diz Cris Vianna**

“VERSO”

‘Era para estar milionária se eu não fosse uma mulher negra’, diz Cris Vianna

Escrito por Redação, 19:06 / 08 de Fevereiro de 2019.

Declaração foi dada durante uma entrevista ao apresentador Matheus Mazzafera

A atriz Cris Vianna afirmou que o preconceito racial no Brasil tem impacto na sua carreira em entrevista à TV Vogue nesta sexta-feira (8).

Cris, que recentemente deu vida à personagem Cairu em O Tempo Não Para, ressaltou já ter atuado em 12 novelas em sua carreira. O apresentador Matheus Mazzafera, então, afirmou que esperava que a atriz tivesse ficado “muito rica” com seu trabalho.

“Vou te falar uma coisa bem triste de ouvir: mulher preta não fica rica rápido. Com o currículo que eu tenho, era para eu estar milionária se eu talvez não fosse uma mulher negra”, respondeu Cris.

“Você acha que se fosse loira do olho azul já estaria lá?”, questionou o apresentador. “Não sei se loira, mas branca, com certeza”, concluiu Cris sobre o assunto.

[ASSUNTOS RELACIONADOS

cris vianna

atriz

preconceito racial]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/era-para-estar-milionaria-se-eu-nao-fosse-uma-mulher-negra-diz-cris-vianna-1.2061008>.

### Texto 13 – DN

#### 13 - Maju agradece mensagens de apoio após estreiar na bancada do Jornal Nacional

“VERSO”

Maju agradece mensagens de apoio após estreiar na bancada do Jornal Nacional

Escrito por Redação, 16:40 / 19 de Fevereiro de 2019.

A jornalista é a primeira mulher negra a apresentar o telejornal de maior audiência do Brasil.

Feliz com a oportunidade de apresentar o Jornal Nacional, a jornalista Maria Júlia Coutinho, a Maju, 40, falou pela primeira vez após subir na bancada do jornal em sua estreia no sábado (16).

Em suas redes sociais, classificou a chance como “imensurável”. “A intensidade do que vivi nos últimos dias é tão imensurável que por enquanto só me resta agradecer todo o acolhimento que recebi. Talvez, um dia, depois de digerir tudo isso, eu deixe um textão aqui”, disse ela.

Famosos gostaram da estreia e apoiaram a jornalista. “Parabéns, querida, você merece”, postou a apresentadora Ana Furtado. “Sorrisão diz tudo”, publicou Marcos Mion, apresentador da Record. “Viva Maju. Espetacular”, escreveu o jornalista César Tralli. “Maravilhosa”, opinou a atriz Sheron Menezes.

Até mesmo William Bonner, o mais longo apresentador, a elogiou. Acostumado a vê-la sempre do outro lado da tela, já que por muito tempo Maju apresentou a previsão do tempo, Bonner desta vez foi enfático ao aprovar a colega na bancada. “Na estreia na bancada, Maria Júlia Coutinho foi Maju. Segurança, tranquilidade e o talento de sempre”, escreveu. Até mesmo William Bonner, o mais longo apresentador, a elogiou.

Maria Júlia Coutinho foi a primeira mulher negra a comandar o JN em quase 50 anos. Para ela, sua atuação foi simbólica. “Espero que se torne comum”.

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento/televisão

jornal nacional

maju-coutinho]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/maju-agradece-mensagens-de-apoio-apos-estreiar-na-bancada-do-jornal-nacional-1.2065295>.

### Texto 14 – DN

#### 14 - Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios

“VERSO”

Oscar 2019: Mulheres e negros ganham número recorde de prêmios

Escrito por Redação, 10:13 / 25 de Fevereiro de 2019. Atualizado às 10:28 / 25 de Fevereiro de 2019

Ao todo, foram 7 estatuetas para pessoas negras e 15 para mulheres

A cerimônia do Oscar de 2019 foi de surpresas e também de recordes. Neste ano, profissionais negros e mulheres receberam mais prêmios do que em qualquer outra edição da premiação, com sete e 15 estatuetas respectivamente.

O recorde de prêmios para artistas negros, até então, pertencia à edição de 2017, com cinco estatuetas entregues, inclusive ao ator Mahershala Ali, que na noite de ontem venceu na categoria de Melhor Ator Coadjuvante, por “Green Book - O Guia”.

Já o recorde anterior de mulheres premiadas era o das edições de 2007 e 2015, com 12 estatuetas cada.

CONFIRA A LISTA DE ARTISTAS NEGROS PREMIADOS NO OSCAR 2019:

- Regina King (Atriz Coadjuvante, “Se a rua Beale falasse”)
- Mahershala Ali (Ator Coadjuvante, “Green Book: O Guia”)
- Spike Lee A(Roteiro adaptado, “Infiltrado na Klan”)
- Kevin Willmott (Roteiro adaptado, “Infiltrado na Klan”)
- Hannah Beachler (Direção de arte, “Pantera Negra”)
- Ruth Carter (Figurino, “Pantera Negra”)
- Peter Ramsey (Animação, “Homem-Aranha no Aranhaverso”)

CONFIRA A LISTA DE ARTISTAS MULHERES PREMIADAS NO OSCAR 2019:

- Ruth Carter, figurino por “Pantera Negra”
- Elizabeth Chai Vasarhelyi e Shannon Dill, documentário por “Free Solo”
- Rayka Zehtabchi e Melissa Berton, documentário curta-metragem por "Absorvendo Tabu"
- Kate Biscoe e Patricia DeHaney, maquiagem por “Vice”
- Hannah Beachler, direção de arte por “Pantera Negra”)
- Domee Shi e Becky Neiman-Cobb, curta de animação por “Bao”
- Jaime Ray Newman, curta por “Skin”
- Nina Hartstone, edição de som por “Bohemian Rhapsody”
- Lady Gaga, canção original por “Shallow” de "Nasce uma estrela"

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento

Artes Cultura e Entretenimento/oscar

Recorde

Mulheres

Negros]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diarionordeste.verdesmares.com.br/verso/oscar-2019-mulheres-e-negros-ganham-numero-recorde-de-premios-1.2067720>.

Texto 15 – DN

**15 - Espetáculo “Barracal” volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca**

“VERSO”

Espetáculo “Barracal” volta para Cineteatro São Luiz neste sábado (23) com entrada franca

Escrito por Redação, 15:51 / 20 de Março de 2019.

Peça une trechos do diário da escritora Carolina Maria de Jesus e os sambas de Cartola em obra cênica que discute a desigualdade social, mulheres negras e jovens da periferia

[Imagem]

Legenda: Espetáculo estreou no ano passado e volta em cartaz, em única apresentação, no Cineteatro São Luiz

Foto: FOTO: LUA ALENCAR/DIVULGAÇÃO

O diário da escritora Carolina Maria de Jesus e os sambas de Cartola voltam a se reencontrar nos palcos em nova apresentação do espetáculo “Barracal”. A peça, que estreou no ano passado, volta a ser encenada em Fortaleza no próximo sábado (23) no Cineteatro São Luiz com entrada franca.

Com direção de Andréia Pires, o espetáculo foi construído a partir de trechos do livro “Quarto de Despejo” (1960), escrito por Carolina Maria de Jesus.

Moradora da favela do Canindé, em São Paulo, a escritora mineira mantinha um diário pessoal com relatos e reflexões sobre o cotidiano de pobreza no Brasil. Na obra cênica, a dureza do texto de Carolina se encontra com a poética do sambista carioca Cartola, outro artista que surge da periferia.

O espetáculo levanta discussões a partir de temas como desigualdade social, jovens negros, mulheres na periferia e estrutura de moradia das cidades.

Com canções interpretadas ao vivo, sob direção musical de Pedro Madeira, “Barracal” conta com a atuação de Luiza Nobel, Vinícius Cafer e Izaura Lila. Ao todo, o espetáculo envolve 23 pessoas, entre atores, bailarinos, músicos e pesquisadores.

Serviço

Espetáculo “Barracal”. Sábado (23), às 19 horas, no Cineteatro São Luiz (Rua Major Facundo, 500, Centro). Entrada gratuita.

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento

teatro]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/espetaculo-barracal-volta-para-cineteatro-sao-luiz-neste-sabado-23-com-entrada-franca-1.2077350>.

**Texto 16 – DN**

**16 - Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado**

“VERSO”

Edital exclusivo para mulheres negras investirá entre R\$40 e R\$170 mil em cada perfil selecionado

Escrito por Redação, 10:28 / 26 de Setembro de 2019.

Interessadas devem fazer a inscrição até o dia 4 de outubro de 2019

[Imagem]

Legenda: Lançamento do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco

Foto: FOTO: FERNANDO PORTELLA

Se você é mulher negra cis gênero ou transgênero, residente no Brasil, de área urbana ou rural, independentemente do nível de escolaridade ou filiação religiosa, e com faixa etária a partir de 18 anos, seu perfil está enquadrado no edital do Programa de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras: Marielle Franco. O Nordeste é região prioritária para investimento.

O objetivo deste edital, com inscrições abertas até o dia 4 de outubro, é ampliar o número de líderes negras em posições estratégicas no setor público, privado, nas organizações da sociedade civil nacionais e internacionais.

No Programa, o investimento financeiro terá teto de R\$ 40 mil para pessoa física e R\$ 170 mil para organizações, variando de acordo com o projeto e edital. As parcelas serão distribuídas ao longo de 18 meses.

O Fundo Baobá, primeiro e único fundo dedicado, exclusivamente, à promoção da equidade racial para a população negra do Brasil, investirá ao longo de cinco anos no projeto. Nesse período, pretende apoiar cerca de 20 organizações, grupos e coletivos, e 120 mulheres.

Investimento nas lideranças negras será feito até 2024

Para elas, serão oferecidas bolsas individuais, cursos em diversas áreas, apoio psicossocial, coaching e construção de redes de relacionamento (networking). Já para as organizações, grupos e coletivos será oferecido apoio financeiro e técnico focado na ampliação de suas capacidades coletivas para: garantir a sistematização da memória e a transmissão de conhecimentos e práticas; comunicação, mobilização e engajamento de novas atrizes e atores para defender a causa; formação de novos quadros; uma gestão democrática e transparente.

A organização espera que até 2024, mulheres negras de diversas áreas de atuação possam ter seu desenvolvimento acelerado, acessando espaços estratégicos de tomada de decisão, transformando o mundo a partir de suas experiências e mobilizando mais pessoas para a luta antirracista, por justiça e equidade social e racial.

Só serão aceitas propostas cadastradas por meio do aplicativo do Fundo Baobá. Aproveite para fazer o download também do manual de instalação e preenchimento do aplicativo.

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/edital-exclusivo-para-mulheres-negras-investira-entre-r-40-e-r-170-mil-em-cada-perfil-selecionado-1.2154282>.

## Texto 17 – DN

### 17 - Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras

“VERSO”

Roda de conversa online discute lutas e conquistas das mulheres negras

Escrito por Redação, 17:36 / 28 de Julho de 2020. Atualizado às 17:59 / 28 de Julho de 2020

Aberta ao público, a roda de conversa “Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas” ocorre nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube

[Imagem]

Legenda: A conversa será mediada pela coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira

Foto: Divulgação

No mês em que se comemora datas como o Dia Nacional de Tereza de Benguela e da Mulher Negra, faz-se ainda mais necessária a reflexão sobre o lugar da mulher negra na sociedade. Para discutir as lutas e as conquistas dessas mulheres, a roda de conversa online “Com a Palavra as Mulheres Negras e Africanas” acontece nesta quarta-feira (29), a partir das 15h, no Youtube.

Aberta ao público, a conversa é promovida pela Secretaria da Proteção Social, Justiça, Cidadania, Mulheres e Direitos Humanos (SPS) e será mediada pela coordenadora da Igualdade Racial, Zelma Madeira, além de contar com a participação de mulheres quilombolas, africanas, trans, pesquisadoras e acadêmicas.

Após o debate, será exibido um vídeo para apresentar a história de Preta Simoa, mulher negra que liderou a “Greve dos Jangadeiros”, onde se decretou o fim do embarque de escravizados naquele porto, definindo os rumos para a abolição da escravidão na Província do Ceará.

Entre as convidadas estão Patrícia Adjoké, assessora pedagógica da Coordenadoria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial; Karla Alves, historiadora e fundadora do grupo Pretas Simoa; Diana Maia, representante do Conselho Estadual de Promoção da Igualdade Racial; Joelma Gentil, do Movimento Negro Unificado; Aurila Maria, liderança quilombola; Dediane Souza, coordenadora da Diversidade Sexual de Fortaleza; Adriana de Maria, Baiana de Acarajé e Mulher de Candomblé e Rosalina Tavares Semedo, professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira.

Zelma Madeira destaca que a força de resistência e a potência das mulheres negras se ancora nos seus ancestrais. “Nesta roda de conversa nós vamos ouvir mulheres negras que ocupam diferentes espaços contando suas experiências, suas lutas e conquistas. A ideia é que possamos juntos entender como a mulher negra, mesmo diante de sistemas tão pesados de opressão, como o racismo e o machismo, conseguem levar adiante sua militância, sustentar sua família e ainda propor mudanças para sociedade em que vivem”, ressalta.

A programação faz alusão ao Dia Internacional da Mulher Afro-Latina, Americana e Caribenha, celebrado em 25 de julho. A data inspirou o Dia Nacional da Mulher Negra e de Tereza de Benguela, líder quilombola que, junto à comunidade negra e indígena, resistiu à escravidão por duas décadas no Quilombo de Quariterê, no Mato Grosso, sobrevivendo até 1770.

Outro marco importante é o Dia Internacional da Mulher Africana, celebrado no dia 31 de julho, data instituída em 1962, durante a Conferência das Mulheres Africanas na Tanzânia. A comemoração é feita a partir das lutas e conquistas que essas mulheres vêm, ao longo dos anos, ultrapassando para conseguir visibilidade e respeito perante a sociedade.

[ASSUNTOS RELACIONADOS

Artes Cultura e Entretenimento]

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/verso/roda-de-conversa-online-discute-lutas-e-conquistas-das-mulheres-negras-1.2971245>.

### Texto 18 – DN

#### 18 - Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify

“É HIT”

Ludmilla se torna primeira mulher negra e latina a atingir um bilhão de streams no Spotify

Escrito por Redação, 00:04 / 03 de Setembro de 2020. Atualizado às 00:27 / 03 de Setembro de 2020

“Eu tenho os melhores fãs do mundo”, disse a cantora, que anunciou o recorde nesta quarta-feira (2) nas redes sociais.

[Imagem da Ludmilla]

Legenda: “A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor”, declarou a cantora.

Foto: Reprodução/Twitter

A cantora Ludmilla atingiu um bilhão de streams (reproduções) na plataforma de música Spotify. Com isto, a carioca se torna a primeira mulher negra e nascida na América do Sul a atingir esta marca.

Ludmilla anunciou o feito para os fãs nesta quarta-feira (2) em publicações feitas no perfil oficial dela do Twitter. “A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor”, declarou a cantora.

LUDMILLA 🎤

@Ludmilla

Eu pisquei e vocês me deram um presente incrível: chegamos a marca de 1 BILHÃO DE STREAMS 🎉 A todos os meus fãs, muito obrigada do fundo do meu coração, vocês me fizeram chegar até aqui e são vocês que me impulsionam a fazer cada dia mais e melhor.

8:31 AM · 2 de set de 2020

[Texto+Vídeo da Ludmilla em seu perfil no Twitter]

Ludmilla agradeceu o apoio dos fãs e lembrou sobre o começo da carreira. “Quando comecei a cantar, aos 15 anos, fazendo shows em cima de cadeiras – pq não tinha palco para me apresentar – jamais poderia imaginar que eu teria milhões de visualizações, muito menos que chegaria a um BILHÃO”, comentou a artista.

“Pra uma mulher preta, que veio da baixada, isso é muito. E saber que sou a primeira negra latina a fazer isso só me impulsiona e me lembra que, sim, somos possíveis e cada vez mais estamos sendo mais e mais possíveis”, finalizou Ludmilla.

Fonte: Diário do Nordeste, 2022. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/entretenimento/e-hit/ludmilla-se-torna-primeira-mulher-negra-e-latina-a-atingir-um-bilhao-de-streams-no-spotify-1.2984539>.

**ANEXO E – CORPUS NA ÍNTEGRA – OP****Texto 1 – OP****1 - Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico**

“Notícias”

Policiais não acreditam que mulher negra é dona de carro de luxo e a internam em hospital psiquiátrico

“Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso”, disse o advogado.

13:48 | 15/09/2015

[Foto]

Kamilah Brock, de 32 anos, bancária, está processando a cidade de **Nova York** depois de ter sido forçada a passar oito dias em um estabelecimento de saúde mental. O motivo? Um policial não acreditou que a **BMW** que estava dirigindo era dela.

Além disso, a mulher recebeu uma conta de quase R\$ 50 mil para pagar o período que ficou internada.

Em entrevista ao site de notícias Pix 11, Kamilah disse que havia parado em um semáforo vermelho quando um policial se aproximou e perguntou o motivo de suas mãos não estarem ao volante. “Eu estava dançando”.

[SAIBAMAIS2]

Em seguida, o policial pediu que a bancária descesse do veículo para ser levada a uma delegacia onde ficou por várias horas até ser liberada. Ela foi comunicada que voltasse no dia seguinte para retirar o carro.

Mas, ao retornar ao local, os guardas não acreditaram que ela era a proprietária do veículo. “Eles me algemaram e disseram que me levariam ao meu carro”, disse.

No entanto, Kamilah foi encaminhada para um hospital psiquiátrico. Segundo o site Pix 11, ela foi forçada a tomar lítio e sedativos potentes.

“Eu estava sendo vista como mentirosa, disse, ao perceber que ninguém da equipe médica acreditava no que falava”.

Oito dias após ser liberada, Kamilah procurou seu advogado, o qual afirmou que a bancária nunca teve histórico de problemas mentais e que o incidente foi provocado por racismo.

“Se uma mulher branca estivesse tentando recuperar sua BMW apreendida pela polícia, ela teria se tornado uma vítima? Será que ela teria sido questionada? Será que ela teria sido objeto de comentários sarcásticos? Eu não penso assim. Acho que a etnia teve uma parte nisso”, disse o advogado.

Kamilah está processando a polícia de Nova York por ter seus direitos violados, bem como por ter sido vítima de racismo.

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2015/09/policiais-nao-acreditam-que-mulher-negra-e-dona-de-carro-de-luxo-e-a-i.html>.

## Texto 2 – OP

### 2 - Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras

“Brasil”

Kenia Maria é eleita defensora dos Direitos das Mulheres Negras

Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões e normas globais

22:25 | Mar. 31, 2017

Autor O POVO

Notícia

A atriz, escritora e youtuber Kenia Maria foi nomeada pela Organização das Nações Unidas (ONU) Mulheres do Brasil, a primeira defensora dos Direitos das Mulheres Negras.

Sua função é apoiar os organismos intergovernamentais sobre o status da mulher negra na formulação de políticas, padrões, normas globais e ajudar os Estados-membros na implementação destas normas.

Com a nomeação, Kenia entra no grupo de mulheres públicas em favor da igualdade de gênero no Brasil, composto por Juliana Paes, defensora para a prevenção e a eliminação da violência contra as mulheres, e Camila Pitanga, embaixadora nacional da ONU Mulheres.

Em 2016, Kenia participou do “TEDxSãoPaulo - Mulheres que inspiram” e apresentou o evento da ONU Mulheres Brasil - Por um planeta 50-50, no Museu do Amanhã, no Rio de Janeiro. Como escritora, ela vai lançar dois livros infantis neste ano.

Representatividade no YouTube

Há quatro anos, ela e seu marido, o ator Érico Brás, criaram o programa, no YouTube, “Tá Bom Pra Você”. No canal, eles recriam peças publicitárias a fim de propor a criação de novas imagens e questionar a ausência do negro na publicidade.

Redação O POVO Online

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/03/kenia-maria-e-eleita-defensora-dos-direitos-das-mulheres-negras.html>.

## Texto 3 – OP

### 3 - Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo

“Brasil”

Tipo “Notícia”

Professor que comparou cerveja escura a mulher negra se torna réu por racismo

15:03 | Set. 18, 2017

Autor O POVO

O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

[Foto1]

Um professor do Instituto Federal Fluminense (IFF), em Campos dos Goytacazes, no norte do estado, será investigado pelo crime de racismo. A 2ª Vara Federal de Campos aceitou denúncia feita pelo Ministério Público Federal contra o docente Maurício Nunes Lamonica. Em março do ano passado, o professor postou mensagem nas redes sociais comparando a mulher negra a uma cerveja escura. Em uma foto segurando uma cerveja, ele disse: “Para ninguém achar que eu não gosto de afrodescendente”. E acrescentou: “Nega gostosa. Uh! Foi mal”.

Para Justiça Federal, a declaração do professor sugere desprezo pela população negra e se encaixa em discriminação pela cor de pele. Na denúncia, o MPF reforça que o racismo não está apenas na comparação entre a cerveja e as mulheres negras, mas também na ironia. Na denúncia apresentada à Justiça, os procuradores destacam também o fato de a agressão ter sido feita por um professor, que tem o papel de educar, e ter sido disseminada pela internet, com rápida repercussão. Na época, o professor foi denunciado pela Comissão de Igualdade Racial da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) de Campos, que elaborou uma notícia-crime contra Lamonica.

Racismo coloca em risco a vida de mulheres negras

O movimento de mulheres negras chama atenção para a relação entre machismo e racismo, que reforça estereótipos de gênero e contribui para aprofundar desigualdades. A coordenadora da organização não governamental Criola, Lúcia Xavier, vem alertando para a sexualização de mulheres negras, que tem um fundo histórico, e é responsável pela desvalorização da vida delas. O resultado, afirma, está no crescente índice de violência. Pesquisa da Organização Mundial de Saúde (OMS) constatou, por exemplo, que o número de mortes violentas de mulheres negras aumentou 54% em dez anos, entre 2003 e 2013, chegando a 2.875 vítimas. No mesmo período, homicídios de mulheres brancas caiu 9,8%.

Defesa

O advogado do professor do IFF, Amyr Moussalem, afirmou que Lamonica não foi notificado e prefere não se pronunciar. Ele adiantou, no entanto, que o acusado vem participando de diversas audiências sobre o tema e inclusive já se retratou publicamente. Por meio da assessoria de imprensa, o Instituto Federal Fluminense informou que na época do ocorrido abriu um processo administrativo disciplinar para apurar a conduta do professor e decidiu pela aplicação de uma advertência. Segundo o instituto, ele ficou afastado das atividades durante o processo e atualmente voltou a dar aulas no ensino médio.

Agência Brasil

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/09/professor-que-comparou-cerveja-escura-a-mulher-negra-se-torna-reu-por.html>.

#### Texto 4 – OP

**4 - No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas**  
“Brasil”

“Brasil”

No Ceará, mulheres negras são assassinadas 4,43 vezes mais do que mulheres brancas

Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras

15:14 | Dez. 11, 2017

Autor O POVO

O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

Mulheres na luta(foto: Arquivo)

[Foto1]

O relatório índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência, divulgado nesta segunda-feira, 11, revelou que uma jovem negra no Brasil tem risco 2,2 vezes maior de ser morta do que uma jovem branca. O estudo foi realizado pela Secretaria Nacional de Juventude (SNJ) e pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco). O índice foi calculado tomando como base a análise de dados de 304 municípios do Brasil com número superior a 100 mil habitantes. A informação é do Uol. No Ceará, a taxa de homicídios de jovens negras por 100 mil habitantes é de 7,2. Já a taxa de homicídios de jovens brancas é de 1,6. Assim, o risco de morte de mulheres negras é 4,43 maior do que a morte de mulheres brancas.

As informações estão organizadas em quatro dimensões: violência entre jovens, frequência à escola e situação de emprego, pobreza no município e desigualdade. Em 26 estados do País, o número de homicídios entre mulheres de 15 a 29 anos é maior entre as negras. No Rio Grande do Norte, por exemplo, as mulheres negras morrem 8,11 vezes mais do que as brancas. Fica de fora desse contexto somente o estado do Paraná, que teve número de mulheres brancas mortas superior às negras.

A representante interina da Unesco no Brasil, Marlova Neto, diz que o ponto forte da pesquisa é a questão de gênero. Ela entende que os dados mostraram, mais uma vez, o genocídio dos jovens negros. Outro apontamento é referente a jovens de ambos os sexos. De acordo com a pesquisa, a violência contra o jovem negro foi agravada nos últimos dois anos.

O primeiro estudo, realizado em 2015, mostrou que os negros - de 12 a 29 anos - tinham 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos. Agora, a atual pesquisa mostra um risco de 2,7. Para Marlova, o aumento, embora pequeno, é significativo do ponto de vista social e mostra que o Brasil falhou em acabar ou amenizar a situação. O secretário nacional de Juventude, Francisco de Assis Costa Filho, comenta que os resultados mostrados vão possibilitar o desenvolvimento de ações mais direcionadas e focadas principalmente nos negros. Para ele, isso contribuirá para a redução das desigualdades de gênero e para combater o racismo.

Redação O POVO Online

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2017/12/ser-negra-no-brasil-duplica-risco-de-morte-aponta-relatorio.html>.

## Texto 5 – OP

### 5 - Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra

“Mundo”

Tipo “Notícia”

Canadá apresenta a sua primeira cédula com imagem de uma mulher negra

Viola Desmond morreu em 1965, aos 50 anos. Ela foi símbolo da luta contra a segregação racial no seu país

18:36 | Mar. 09, 2018

Autor O POVO

O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

Símbolo da luta da segregação racial no Canadá na década de 1940, a ativista canadense Viola Desmond será a primeira mulher negra a estampar uma cédula de banco. Ela ilustrará as novas cédulas de 10 dólares canadenses, que entrarão em circulação no final deste ano. As informações são do G1. [FOTO1]

Nessa quinta-feira, 8, a nota foi apresentada em Halifax pelo ministro das finanças do Canadá, Bill Morneau, e o governador do Banco do Canadá, Stephen Poloz, que estavam acompanhados pela irmã de Viola Desmond, Wanda Robson, de 91 anos. O museu dos Direitos Humanos construído recentemente na cidade de Winnipeg ilustra o verso da nota.

A ativista fez história no Canadá em 1946, quando se recusou a deixar uma área de um cinema da cidade de Nova Glasgow, no litoral do país, que era reservada para pessoas brancas. Viola foi presa e multada pela sua atitude de desafiar as leis que discriminavam os negros no País.

A canadense foi condenada por evasão de impostos e decidiu se mudar para os Estados Unidos, onde morreu em 1965, aos 50 anos de idade. Apenas em 2010 o governo canadense decidiu conceder-lhe um perdão póstumo e em 2016, o Banco do Canadá anunciou que Viola seria a primeira mulher a não pertencer à família real cujo retrato apareceria em uma cédula do país. [VIDEO1]

Redação O POVO Online

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/mundo/2018/03/canada-apresenta-a-a-sua-primeira-cedula-com-imagem-de-uma-mulher-negr.html>.

## Texto 6 – OP

### 6 - Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro

“Brasil”

Tipo “Notícia”

Lei institui o Dia de Luta contra Genocídio da Mulher Negra no Rio de Janeiro

Data homenageia vereadora Marielle Franco, assassinada em março

19:30 | Jul. 18, 2018,

Autor O POVO

O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

[FOTO1]O dia 14 de março, data em que a vereadora Marielle Franco e o motorista Anderson Gomes, foram assassinados, vítimas de uma emboscada, no Estácio, centro do Rio, será incluído no calendário oficial do estado do Rio de Janeiro como o Dia Marielle Franco - Dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra. É o que determina a Lei 8.054/18, sancionada pelo governador Luiz Fernando Pezão e publicada no Diário Oficial do Poder Executivo desta quarta-feira (18).

A lei estabelece que instituições públicas e privadas promovam debates e palestras na data, com o objetivo de incentivar a reflexão sobre o assassinato de mulheres negras no Brasil. Segundo o Índice de Vulnerabilidade Juvenil à Violência de 2017, elaborado pela Secretaria Nacional de Juventude em parceria com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a possibilidade de jovens negras de 15 a 29 anos serem mortas é o dobro da de brancas na mesma faixa etária.

Na justificativa do pedido, a deputada Enfermeira Rejane, autora do projeto de lei, lembra que Marielle foi uma mulher negra, mãe e cria da Favela da Maré que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré.

Na justificativa do pedido, a deputada Enfermeira Rejane, autora do projeto de lei, lembra que Marielle foi uma mulher negra, mãe e cria da Favela da Maré que iniciou a militância em direitos humanos após ingressar no pré-vestibular comunitário e perder uma amiga, vítima de bala perdida, em um tiroteio entre policiais e traficantes no Complexo da Maré.

O assassinato de Marielle e do motorista Anderson, que ainda não foi esclarecido, repercutiu internacionalmente e gerou protestos em diversos países.

Para a presidente da organização não governamental (ONG) Crioula, Lúcia Xavier, esta é uma homenagem justa, apesar de Marielle ter morrido, mas é também sinal de que as autoridades têm que estar cada vez mais comprometidas com o Dia das Mulheres Negras, por causa do grande número de mulheres e jovens negros assassinados no Estado.

Com a criação do Dia de Luta contra o Genocídio da Mulher Negra, Lúcia Xavier disse esperar que o governo do estado e a Assembleia Legislativa criem espaços, debates e ações que contribuam para apurar e punir esses crimes contra a população negra.

Agência Brasil

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em: <https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2018/07/lei-institui-o-dia-de-luta-contragenocidio-da-mulher-negra-no-rio-de.html>.

## Texto 7 – OP

### 7 - Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo

“Política”

Tipo “Notícia”

Imagem de mulher negra em campanha de Bolsonaro foi usada indevidamente; veja vídeo

Shutterstock denunciou o caso no Twitter. Campanha do candidato divulgou dois vídeos relacionados à mesma temática tentando angariar votos das mulheres após enxurrada de críticas feitas pela campanha de Geraldo Alckmin (PSDB).

16:10 | Set. 18, 2018

Autor O POVO

Notícia

Atualizada às 18h45min

[FOTO1] Uma peça de campanha do candidato à Presidência, Jair Bolsonaro (PSL), que exibe imagens de mulher negra trajando, enquanto narração critica “vitimismo” e declara voto no militar, é falsa. Horas depois da divulgação do vídeo, na internet, foi compartilhada a informação de que a personagem da campanha, na verdade, faz parte de imagem de banco de dados da empresa Shutterstock e custa 79 dólares. A imagem nem chegou a ser comprada pela campanha do candidato e foi usada indevidamente. Caso foi denunciado pela empresa Shutterstock.

[VIDEO1] Respondendo um tweet denunciando o caso, a empresa afirmou que o setor jurídico da empresa está atuando e “todas as medidas necessárias” serão tomadas pela empresa.

[VIDEO3] O vídeo chegou a ser compartilhado inclusive pelo filho do candidato, Eduardo Bolsonaro (PSL), e em páginas de apoio ao presidencial. No Twitter, Eduardo publicou o vídeo e ainda escreveu: “MULHER NEGRA E DE FAMÍLIA POBRE. Somente a verdade nos liberta. Quem pede tudo ao Estado, tudo lhe é retirado, inclusive a liberdade.” Somente no Facebook, a publicação do vídeo já tem mais de 8,9 mil curtidas e 5,6 mil compartilhamentos.

[SAIBAMAIS] Outro vídeo

Ainda nessa segunda-feira, 17, foi divulgado outro vídeo no qual o próprio Bolsonaro aparece falando sobre a sua única filha.

Na gravação, o candidato chega a ficar emocionado e pausar a fala. Bolsonaro conta no vídeo que era vasectomizado, mas, depois de pedido da atual esposa, desfez o procedimento. “Mudou, sim, muito a minha vida a chegada da Laura”.

O candidato foi criticado após ter dito que a filha foi uma “fraquejada”. “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”, afirmou, em 2017.

[VIDEO2]

A ofensiva pró-mulheres da campanha de Bolsonaro vem no momento em que ele é bastante criticado em campanhas de Geraldo Alckmin (PSDB), que explora confusões em que o militar da reserva se envolveu com relação às mulheres. O foco maior é a discussão pública com a deputada federal Maria do Rosário (PT).

Redação O POVO Online

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em:  
<https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2018/09/imagem-de-mulher-negra-usada-em-campanha-de-bolsonaro-e-falsa.html>.

## Texto 8 – OP

### 8 - Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional

“Divirta-se”

Tipo “Notícia”

Maju Coutinho será a primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional

Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o jornal nos finais de semana e sua estreia está marcada para este sábado, 16.

22:38 | Fev. 13, 2019

Autor O POVO

O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

Maju fará sua estreia no próximo sábado.

A jornalista Maria Júlia Coutinho foi anunciada como um novo reforço para o time de apresentadores do Jornal Nacional. A informação foi divulgada pela colunista Patrícia Kogut, do O Globo.

Maju será a primeira mulher negra a fazer parte da bancada do noticiário, que é considerado o principal do País. Ela fará parte do rodízio de apresentadores que comandam o telejornal nos finais de semana. A estreia está marcada para este sábado, 16.

Em quase 50 anos no ar, o Jornal Nacional teve seu primeiro âncora negro em 2002, quando Heraldo Pereira se juntou ao time. Antes disso, em 1977, Glória Maria também fez uma participação no noticiário, mas como repórter especial.

Na Globo desde 2007, Maria Júlia Coutinho ficou conhecida após começar a noticiar a previsão do tempo nos telejornais da emissora. Desde 2017, ela fazia parte do rodízio de apresentadores que comandavam o “Jornal Hoje” nos sábados.

Redação O POVO Online

[Tags

maju coutinho

jornal nacional

bancada

apresentadora

globo

primeira mulher negra]

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em: [https://www.opovo.com.br/divirta\\_se/2019/02/32739-maju-coutinho-sera-a-primeira-mulher-negra-a-apresentar-o-jornal-nacional.html](https://www.opovo.com.br/divirta_se/2019/02/32739-maju-coutinho-sera-a-primeira-mulher-negra-a-apresentar-o-jornal-nacional.html).

### Texto 9 – OP

#### 9 - Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional

“Brasil”

Tipo “Notícia”

Maju Coutinho é primeira mulher negra a apresentar o Jornal Nacional

A jornalista, que ficou conhecida por apresentar a previsão do tempo, agora ocupa a bancada aos sábados

20:30 | Fev. 16, 2019

Autor O POVO

O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

As ofensas aconteceram enquanto Maju ainda apresentava o quadro de previsão meteorológica do Jornal Nacional(foto: (Foto: Divulgação/TV Globo)

A jornalista Maria Júlia Coutinho estreou neste sábado, 16, como apresentadora do Jornal Nacional, da Rede Globo. Maju, que tem 40 anos, é a primeira mulher negra a ocupar a bancada do programa que tem quase 50 anos.

Maju substitui a jornalista Renata Vasconcellos, que na noite da última sexta-feira, 15, desejou boas vindas para a nova apresentadora do jornal.

Maju chegou a realizar testes assumindo a apresentação do Jornal Hoje, em dias de folgas dos âncoras Sandra Annenberg e Dony De Nuccio. Dessa bancada, foi ela quem ancorou a manhã de cobertura ao vivo do dia seguinte à tragédia de Brumadinho (MG). A divulgação de que Maju seria a nova apresentadora do JN rendeu muitas publicações nas redes sociais.

Carreira

Maju estreou na televisão em 2005, na TV Cultura, onde integrou o time do Jornal da Cultura. Em 2007, a jornalista foi para a Globo e se tornou repórter. Alguns anos depois, foi convidada para cuidar do quadro de previsão do tempo dos jornais da emissora.

Redação O POVO Online

[Tags

MAJU COUTINHO

JORNAL NACIONAL

BRASIL

JORNALISTA]

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2019/02/34448-maju-coutinho-e-primeira-mulher-negra-a-apresentar-o-jornal-nacional.html>.

### Texto 10 – OP

**10 - Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra**

“Brasil”

Tipo “Notícia”

Pesquisa: na mesma profissão, homem branco chega a ganhar mais que o dobro que mulher negra

Estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País para cinco profissões.

11:25 | Set. 15, 2020

Autor Redação O POVO

Redação O POVO

Autor

Ver perfil do autor

Tipo

Notícia

[Imagem]

Alguns dos gráficos da pesquisa “Diferenciais Salariais por Raça e Gênero para Formados em Escolas Públicas ou Privadas”, do Insper. (foto: Reprodução/Insper)

O diploma de ensino superior ainda não garante uma inserção justa das mulheres negras no mercado de trabalho do Brasil. É o que evidencia um levantamento do Insper, instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino e à pesquisa. Dependendo da profissão, um homem branco chega a ganhar mais que o dobro do que as mulheres negras recebem para executar o mesmo trabalho.

O estudo publicado em julho deste ano apurou o salário por raça e gênero no País, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), entre 2016 e 2018.

Cinco profissões foram analisadas: engenheiros e arquitetos, médicos, professores, administradores e cientistas sociais. Em todas, as mulheres negras recebem menos do que homens - tanto brancos como negros - e do que mulheres brancas.

Em todas as ocupações, a pesquisa revela que o salário médio de uma mulher negra com diploma universitário de instituição pública é de R\$ 3.047,51, enquanto as que cursaram universidades privadas têm uma remuneração média de R\$ 2.902,55.

No topo da remuneração, os homens brancos formados em universidades públicas têm um salário médio de R\$ 7.891,78, e os que possuem ensino superior privado alcançam um ganho médio de R\$ 6.626,84. Portanto, uma diferença em relação às mulheres negras de 159% e 128%, respectivamente.

Um dos abismos mais evidentes revelado pela pesquisa foi observado na Medicina. Entre os formados em universidade pública, as mulheres negras têm um salário médio de R\$ 6.370,30, enquanto os homens brancos ganham R\$ 15.055,84. No grupo de médicos que cursou Medicina em instituições privadas, a remuneração é de R\$ 3.723,49 e R\$ 8.638,68, respectivamente.

Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um homem branco formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A mulher negra recebe R\$ 4.141,69.

O trabalho foi conduzido pelos pesquisadores do Insper Beatriz Ribeiro, Bruno Komatsu e Naercio Menezes Filho. “Mesmo entre os que estão na mesma profissão, sempre há um diferencial alto de salário em função da cor ou do sexo, em que os homens brancos estão sempre ganhando mais”, diz o coordenador da Cátedra Ruth Cardoso no Insper, Naercio Menezes Filho ao portal G1. “Isso aponta para a existência de discriminação no mercado de trabalho.” Na área de Ciências Sociais, uma outra diferença gritante: um homem branco formado em universidade pública tem um salário de R\$ 8.814,05. A mulher negra recebe R\$ 4.141,69.

Diferenças regionais

Quando é observada a divisão de salários a depender do estado brasileiro onde foi realizado o ensino superior, é possível notar que os maiores salários, em particular de quem fez o ensino superior em instituição pública, estão no Distrito Federal, em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Enquanto isso, os menores salários estão no Acre, em Tocantins, no Maranhão, no Piauí, no Ceará e na Paraíba (Gráfico 4). No Ceará, o levantamento mostra que as remunerações de quem cursou o ensino superior público ou privado não chegam a superar a média de R\$ 3 mil.

Confira a pesquisa na íntegra aqui.

Com informações do portal G1

[Tags

estudo isper salario genero brasil

salario genero estudo brasil

raça genro salarios brasil

mulheres negras salarios brasil]

Fonte: Redação O Povo Online, 2022. Disponível em:

<https://www.opovo.com.br/noticias/brasil/2020/09/15/pesquisa--na-mesma-profissao--homem-branco-chega-a-ganhar-mais-que-o-dobro-que-mulher-negra.html>.